



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE TECNOLOGIA E RECURSOS NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RECURSOS NATURAIS**

TESE

**POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL (PNEA) NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-PB: CONCEPÇÕES
E PRÁTICAS NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**

Doutoranda: Catyelle Maria de Arruda Ferreira

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Murilo Santos de Araújo

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE E RECURSOS NATURAIS

LINHA DE PESQUISA: GESTÃO DE RECURSOS NATURAIS

CAMPINA GRANDE – PB

2018

CATYELLE MARIA DE ARRUDA FERREIRA

**POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL (PNEA) NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-PB: CONCEPÇÕES E
PRÁTICAS NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais do Centro de Tecnologia e Recursos Naturais da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Doutora em Recursos Naturais.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Murilo Santos de Araújo.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE E RECURSOS NATURAIS

LINHA DE PESQUISA: GESTÃO DE RECURSOS NATURAIS

CAMPINA GRANDE – PB

2018

F383p

Ferreira, Catyelle Maria de Arruda.

Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) na Universidade Federal de Campina Grande-PB : concepções e práticas no ensino, pesquisa e extensão / Catyelle Maria de Arruda Ferreira. - Campina Grande, 2018.
177 f : il. color.

Tese (Doutorado em Recursos Naturais) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, 2018.
"Orientação: Prof. Dr. Sérgio Murilo Santos de Araújo".
Referências.

1. Ensino Superior. 2. Formação Profissional. 3. Políticas Ambientais.
4. Políticas Educacionais. I. Araújo, Sérgio Murilo Santos de. II. Título.

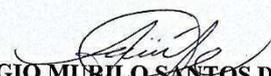
CDU 502.14:378.4(043)

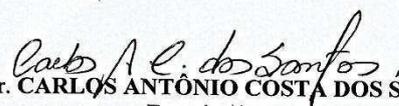
CATYELLE MARIA DE ARRUDA FERREIRA

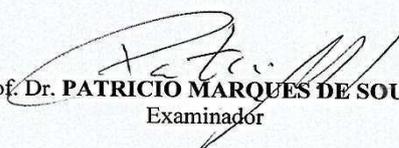
“POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL (PNEA), NA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-PB: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NO ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO”.

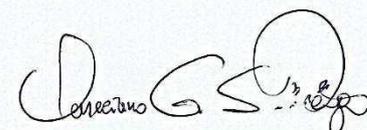
APROVADA EM: 2008 2018

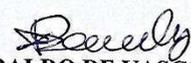
ASSINATURA DA BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. **SÉRGIO MURILO SANTOS DE ARAÚJO**
Orientador principal


Prof. Dr. **CARLOS ANTÔNIO COSTA DOS SANTOS**
Examinador


Prof. Dr. **PATRÍCIO MARQUES DE SOUZA**
Examinador


Prof. Dr. **VENEZIANO GUEDES DE SOUSA RÊGO**
Examinador


Prof. Dr. **JOSÉ GERALDO DE VASCONCELOS BARACUHY**
Examinador

À minha mãe, Maria Eunice, minha eterna gratidão, meu imenso amor és minha mais linda e doce sabedoria.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

A Deus, que abençoou e protegeu toda minha trajetória de vida, minha fortaleza e meu amparo, ao meu santo anjo guardador que sempre foi e será meu alento nas horas mais difíceis!

Ao meu filho, João Guilherme, no meu ventre já sinto um amor maior! Ao meu esposo, Bruno, obrigada pela compreensão, pelas alegrias, pelos sorrisos na hora certa, pelo amor, pela paciência (em alguns momentos), por não deixar desistir, e sobretudo, obrigada pela vida construída juntos nestes quase 13 anos!

A minha mãe, Maria Eunice de Arruda Ferreira, que tudo me proporcionou para que eu chegasse até aqui, a ela decido tudo que realizei, fiz e ainda vou conquistar, sempre!

A minha irmã, Catyenne que acompanha e reza por mim sempre, és um bem muito precioso em minha vida, aos meus amores, Pedro Arruda e Thiago, sobrinhos muito amados, amor de tia! ao meu cunhado Wanderley Gonçalves obrigada pela ajuda ao longo dos anos;

A minha tia Terezinha Pereira, obrigada pelo incentivo e carinho na minha caminhada ao longo da vida; Ao meu tio Clóvis, por acreditar e ajudar sempre!

Agradeço a minha sogra Maria de Lourdes, cunhadas Pollyanna e Priscila, aos queridos Arthur Bruno, Ayla e Theo, estendo a José Heriston e Virgílio Neto;

A Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, universidade que sou aluna desde o ano de 2006, minha vivência acadêmica e minha vida profissional iniciou nesta instituição e é com muito orgulho que a partir deste trabalho devolvo a comunidade acadêmica um estudo que servirá para melhorar cada vez mais! Grata, a Coordenação da Pós-Graduação em Recursos Naturais (CTRN), coordenação, secretaria e professores;

Ao meu orientador Sérgio Murilo, um agradecimento muito especial, grata a Deus por sua vida, grata a Deus por ter tido a oportunidade de aprender com o senhor o significado de ser MESTRE, mestre na educação, mestre como ser humano, mestre na atenção, mestre no respeito, mestre no escutar, mestre no querer ajudar, mestre na simplicidade, mestre no compromisso, mestre na dedicação, mestre na superação, mestre nas palavras certas na hora certa, mestre em ser mestre, nestes quatro anos construindo um trabalho, tive o privilégio em ter ao meu lado um MESTRE que servirá de espelho por toda minha vida, obrigada, muito obrigada, por tudo!

Aos membros da banca, obrigada pelas valiosas arguições prestadas;

Ao CNPq/ CAPES por ter me dado condições para realização deste trabalho;

E todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”. (Marthin Luther King)

FERREIRA, Catyelle Maria de Arruda. **POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL (PNEA) NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-PB: AÇÕES E PRÁTICAS NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO.** 2018, 177 p. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Campina Grande, Paraíba.

RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar a efetivação da Política Nacional de Educação Ambiental na Universidade Federal de Campina Grande-PB, *campi* Campina Grande, visando promover o debate da Educação Ambiental nos processos do ensino formal como determina a Política Nacional de Educação Ambiental. A pesquisa pretendeu despertar na comunidade acadêmica a importância e a necessidade da institucionalização da Educação Ambiental na Universidade, cabendo à mesma, desenvolver ações, projetos, metodologias e práticas em todos seus setores e unidades acadêmicas. Neste contexto, e com base no tripé Ensino, Pesquisa e a Extensão, o estudo em um primeiro momento analisou os fluxogramas dos 105 cursos de graduação da instituição. Posteriormente, foram aplicados questionários com discentes, técnicos administrativos e docentes dos cursos de Graduação de Licenciaturas em História, Letras, Pedagogia, Ciências Sociais, Filosofia e Geografia, de Engenharia Agrícola e Enfermagem, que também subsidiaram a identificação do nível de percepção ambiental dos entrevistados. No tocante as atividades de Pesquisa e Extensão foram analisados os projetos desenvolvidos na instituição no período entre 2004 a 2015, bem como o quantitativo das dissertações e teses que abordaram a temática ambiental em seus estudos. Sabe-se que, deste ambiente educacional, saíram profissionais de diversas formações e competências, e, portanto, faz-se necessário a solidificação de conhecimentos e aplicabilidades dos princípios de Educação Ambiental em sua prática profissional cotidiana. Foi identificado que a Lei 9.795, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental não está presente nas atividades voltadas para o Ensino, Pesquisa e Extensão. Por fim, mesmo com o nível de percepção ambiental dos entrevistados atingindo um índice de 93,69%, sendo este considerado altíssimo, a Instituição carece de uma maior inserção da temática ambiental nas práticas de sua conjuntura. Importante enfatizar que, este estudo permitiu uma visualização panorâmica da realidade da Universidade e ao mesmo tempo, demonstrou a necessidade de um olhar institucional mais acentuado na temática ambiental, possibilitando também, o embasamento e direcionamento de estudos futuros que tenham como base o que é preconizado na PNEA.

Palavras-chave: Ensino Superior; Formação Profissional; Políticas Ambientais; Políticas Educacionais;

FERREIRA, Catyelle Maria de Arruda Ferreira. **NATIONAL POLICY OF ENVIRONMENTAL EDUCATION (PNEA) IN THE UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-PB: ACTIONS AND PRACTICES IN TEACHING, RESEARCH AND EXTENSION**. 2018, 177 p. PhD Thesis – Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Campina Grande, Paraíba.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the effectiveness of the National Environmental Education Policy at the Universidade Federal de Campina Grande in Campina Grande campus, aiming to promote the debate of Environmental Education in the processes of formal education as determined by the National Environmental Education Policy. The research aimed to awaken in the academic community the importance and necessity of the institutionalization of Environmental Education in the University, being the same, to develop actions, projects, methodologies and practices in all its sectors and academic units. In this context, and based on the Tripod Teaching, Research and Extension, the study at first analyzed the flowcharts of the 105 undergraduate courses of the institution. Subsequently, questionnaires were applied with students, administrative technicians and teachers of undergraduate courses in History, Literature, Pedagogy, Social Sciences, Philosophy and Geography, Agricultural Engineering and Nursing, which also subsidized the identification of the level of environmental perception of the interviewees. Regarding the activities of Research and Extension, the projects developed in the institution between 2004 and 2015 were analyzed, as well as the quantitative of dissertations and theses that addressed the environmental theme in their studies. It is known that, from this educational environment, professionals from different backgrounds and skills will emerge, and therefore, it is necessary to solidify the knowledge and applicability of the principles of Environmental Education in their daily professional practice. It was identified that Law 9,795, which establishes the National Policy for Environmental Education, is not present in activities related to Teaching, Research and Extension. Finally, even with the level of environmental perception of the interviewees reaching an index of 93.69%, which is considered to be very high, the Institution needs a greater insertion of the environmental theme in the practices of its conjuncture. It is important to emphasize that this study allowed a panoramic view of the reality of the University and, at the same time, demonstrated the need for a more intense institutional look at the environmental theme, also allowing the foundation and direction of future studies based on what is advocated in the PNEA.

Keywords: Higher Education; Professional Qualification; Environmental Policies; Educational Policies;

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. Dados Quantitativos da Universidade Federal de Campina Grande, período 2017.....	46
Tabela 02. Categorização e intervalos de classes.....	58
Tabela 03. Estratificação da amostra em categorias de análise.....	61
Tabela 04: Quantitativo de entrevistados por categorias e áreas.....	62
Tabela 05: Faixa etária dos entrevistados.....	63
Tabela 06. Grau de instrução dos entrevistados.....	63
Tabela 07: Renda familiar dos entrevistados.....	64
Tabela 08: Tempo de anos de convivência no campus de Campina Grande da UFCG.....	65
Tabela 09: Participação dos entrevistados em ações ambientais.....	67
Tabela 10: Distribuição de Cursos no Campi da UFCG.....	68
Tabela 11: Quantitativo de dissertações e teses que abordam a PNEA.....	77
Tabela 12: Forma de abordagem da temática ambiental e salas de aula.....	78
Tabela 13: Participação em Atividades de Pesquisa.....	80
Tabela 14: Participação em Atividades de Extensão.....	80
Tabela 15. Meios de obtenção de informações sobre a temática ambiental na localidade.....	89
Tabela 16. Frequência dos itens indicados como parte integrante do meio ambiente.....	91
Tabela 17. Reconhecimento de ações que alteram o meio ambiente.....	91
Tabela 18. Ações praticadas para reversão dos problemas ambientais globais.....	92
Tabela 19. Atitudes cotidianas que contribuem com uma melhoria ambiental.....	94
Tabela 20: Variáveis de análise sobre o perfil da instituição.....	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Descrição dos Parâmetros das Correntes de Educação Ambiental mais antigas..	41
Quadro 02: Descrição dos Parâmetros das Correntes de Educação Ambiental mais recentes	42
Quadro 03: Quantitativo de entrevistados – previstos e realizados.....	53
Quadro 04: Categorias, variáveis, temas e número de questões.....	54
Quadro 05: Fatores, variáveis, categorias entrevistada e número de questões.....	55
Quadro 06. Temas abordados no questionário para avaliação da percepção ambiental.....	56
Quadro 07: Distribuição dos componentes curriculares obrigatórios entre os cursos da UFCG.....	69
Quadro 08: Temática ambiental em componentes curriculares	70
Quadro 09: Quantitativo e tipologias de componentes que abordam a temática ambiental....	72

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Correntes da Educação Ambiental: recentes e antigas.....	40
Figura 02: Localização geográfica dos <i>campus</i> da Universidade Federal de Campina Grande: Cajazeiras, Patos, Pombal, Sousa, Sumé e Cuité.....	47
Figura 03: Imagens dos 6 outros <i>campi</i> da Universidade Federal de Campina Grande: Cajazeiras, Patos, Pombal, Sousa, Sumé e Cuité.....	48
Figura 04: Mapa da Universidade Federal de Campina Grande, <i>campus</i> Campina Grande...	48
Figura 05: Fluxograma da pesquisa.....	50
Figura 06: Reta da Percepção Ambiental.....	97

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Nº de Cursos com componentes obrigatórios com nomenclatura remetendo à temática ambiental.....	70
Gráfico 02: Gráfico 02: Categorias de distribuição de publicações nos projetos de extensão – 2007- 2014.....	74
Gráfico 03: <i>Campi</i> Campina Grande: Total de projetos de extensão que preconizam PNEA de 2007 a 2014.....	76
Gráfico 04: Abordagem da temática ambiental por área do conhecimento.....	78
Gráfico 05: Abordagem da temática ambiental nos componentes por área do conhecimento.....	79
Gráfico 06: Abordagem sobre Educação Ambiental nos projetos de pesquisa e extensão.....	81
Gráfico 07: Avaliação das atividades de pesquisa e extensão na área ambiental.....	82
Gráfico 08: Abordagem de ensino em sala de aula, por área pesquisa.....	83
Gráfico 09: Conhecimento sobre educação ambiental.....	85
Gráfico 10: Percepção dos funcionários sobre ações ambientais na instituição.....	87
Gráfico 11: Frequência de como os entrevistados percebem o meio ambiente.....	90
Gráfico 12: Principal responsável para cuidar do meio ambiente.....	93
Gráfico 13: Principal causador dos danos ambientais na atualidade.....	93
Gráfico 14: Existência de diálogo sobre a temática ambiental na família.....	95
Gráfico 15: Nível de Percepção Ambiental.....	97

LISTA DE SIGLAS

APP - Áreas de Proteção Ambiental

CETESB - Companhia Estadual de Tecnologia e Saneamento Ambiental

EA – Educação Ambiental

ITA - Instituto Tecnológico da Aeronáutica

JICA – Japan International Cooperation Agency

LBD – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério de Educação e Cultura

Parfor - Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica

PNEA – Política nacional de Educação Ambiental

PNMA - Política Nacional do Meio Ambiente

PNUMA - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente

PROPEX - Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão

RITA- Rural Industrial Technical Administration

SEMA - Secretaria Especial do Meio Ambiente

UC – Unidade Acadêmica

UFMG – Universidade Federal de Campina Grande

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UNEP - United Nations Environment Programme

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
LISTA DE TABELAS	9
LISTA DE QUADROS	10
LISTA DE FIGURAS	11
LISTA DE GRÁFICOS	12
LISTA DE SIGLAS	13
SUMÁRIO	14
1. INTRODUÇÃO	16
1.1 Contextualização do tema e do problema	16
1.2 Justificativa	18
1.3 Objetivos	21
1.3.1 Geral.....	21
1.3.2 Específicos.....	20
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1 A Sociedade de Consumo e a Questão Ambiental	22
2.2 A Questão Ambiental e os Caminhos de Desenvolvimento	26
2.3 Sociedade, natureza e cultura	29
2.4. Contextualizando a Educação Ambiental	31
2.4.1 Concepções de Educação Ambiental.....	32
2.4.2 Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA).....	34
2.4.3 Educação Ambiental e sustentabilidade.....	37
2.4.4 Educação Ambiental na Universidade.....	38
2.4.5 Correntes de Educação Ambiental.....	40
2.5. Percepção Ambiental	44
3. METODOLOGIA	46
3.1 Características da Área de Estudo	46
3.2 Procedimentos	49
3.2.1 Primeira Etapa: revisão de literatura.....	51
3.2.2 Segunda Etapa: identificação da área de estudo.....	51

3.2.3 Terceira Etapa: análise de fluxogramas.....	51
3.2.4 Quarta Etapa: quantificação dos projetos de extensão e pesquisa.....	51
3.2.5 Quinta Etapa: definição da amostra e análise dos questionários.....	52
3.2.5.1 Elaboração, seleção e aplicação do questionário.....	53
3.2.6 Sexta Etapa: determinação da percepção ambiental.....	55
3.2.7 Sétima etapa: Concepções prioritárias de Educação Ambiental.....	58
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	61
4.1. Definição da amostra.....	61
4.2. Perfil Socioeconômico e Vivência no campus da Comunidade Acadêmica UFCG..	61
4.2.1. Caracterização dos Entrevistados.....	62
4.2.2. Vivência no campus de Campina Grande da UFCG.....	64
4.3. Educação Ambiental: Uma análise à luz das práticas do Ensino, Pesquisa e	
Extensão na UFCG	67
4.3.1. Distribuição dos Cursos de Graduação da UFCG.....	68
4.3.2. Análise dos Fluxogramas dos Cursos de Graduação da UFCG.....	68
4.3.3. Atividades de Pesquisa e Extensão.....	74
4.3.3.1. Atividades de Extensão.....	74
4.3.3.2. Atividades de Pesquisa.....	76
4.4. A questão ambiental no ensino, pesquisa e extensão sob a perspectiva de discentes,	
docentes e funcionários técnicos administrativos da UFCG.....	77
4.4.1. A questão ambiental na perspectiva dos discentes.....	77
4.4.2. A questão ambiental na perspectiva dos docentes	83
4.4.3. A questão ambiental na perspectiva de funcionários técnicos administrativos.....	87
4.5. Percepção Ambiental.....	88
4.6 Concepções prioritárias de Educação Ambiental.....	98
5. CONCLUSÃO.....	101
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	103
APÊNDICES.....	109
ANEXOS.....	114

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização do Tema e do Problema

No final do século XX e início do século XXI a humanidade vivenciou o fenômeno de esgotamento dos recursos naturais e da degradação do meio ambiente, o que tem levado vários intelectuais, ambientalistas, políticos e educadores a defenderem que, esta época, encontra-se marcada por uma “crise ambiental” sem precedentes na história.

O entendimento supracitado, gradativamente veio fomentando a realização de Conferências que abordaram a temática ambiental em várias partes do mundo, a exemplo da Conferência de Tbilisi que ocorreu em 1977, na qual seus integrantes defenderam os princípios estratégicos da EA e a viabilização, nos diversos países, de um processo educativo que relacionasse Educação Ambiental com Interdisciplinaridade.

Esta possibilidade de interligar campos do conhecimento, vistos antes da década de 1970 como dissociados, está diretamente ligada à amplitude assumida pela problemática ambiental no contexto contemporâneo, o qual Beck (2011) denomina de “*Sociedade de riscos*”, ao afirmar que os efeitos da sociedade industrial clássica têm afetado diversos países, ultrapassando o tempo e o espaço, pois os efeitos nocivos da industrialização não obedecem a fronteiras, a exemplo do possível aquecimento global, chuvas ácidas, desertificação, degradação dos solos, poluição atmosférica, doenças causadas pelo uso dos agrotóxicos nas plantações, entre outros.

Conforme o autor, a “*Sociedade de riscos*” pode ser vista como “um estágio da modernidade em que começam a tomar corpo as ameaças produzidas até então no caminho da sociedade industrial” (BECK, 2011, p.24). Trata-se de uma segunda modernidade ou “modernidade reflexiva”, decorrente do processo de globalização e também da difusão dos riscos ambientais em amplitude mundial.

Esta modernização: “ocorre de forma indesejada, despercebida e compulsiva no despertar do dinamismo autônomo da modernização, seguindo o padrão dos efeitos colaterais latentes” (BECK, op. cit., p. 26), desconstruindo as visões de certezas que prevaleciam na modernidade industrial clássica, em que se basearam as decisões de economistas, governantes e intelectuais de forma geral, fundamentadas na visão consensual de progresso das sociedades por meio do modelo de crescimento convencional, sobretudo no pós Segunda Guerra Mundial.

As crises socioambientais que tem afetado o mundo atual, colocam em pauta nas reuniões de governantes de diversos países a necessidade de repensar o modelo de

crescimento convencional que dilapidou os recursos naturais e degradou parte substancial da natureza, em favor da construção de estratégias para o desenvolvimento sustentável.

Nesta perspectiva, de acordo com Beck (2011) o tema da sustentabilidade defronta-se diretamente com a “*Sociedade de riscos*”, na medida em que as formas de abordar a temática implica numa constante busca de restabelecer relações mais equilibradas do homem com o meio ambiente. Tal confronto requer a participação dos diversos setores das sociedades, sobretudo aquelas que ainda não dilapidaram, de maneira ampla e irredutível, os seus recursos naturais e precisam educar as populações para protegê-los ou conservá-los, a exemplo do caso brasileiro, em que determinadas regiões ainda apresentam áreas passíveis de planejamento e manejo ecologicamente equilibrado.

O “problema ambiental”, de acordo com Egri (1998, p.364) decorre da estruturação da sociedade, e de: “Como múltiplas organizações perseguem seus interesses próprios, os pequenos espaços, os interstícios da sociedade tornam-se um residual cada vez mais degradado”.

Neste contexto, destacaram-se também as Conferências que abordaram essa temática, a exemplo a ECO-92, em que foi elaborada a AGENDA 21, documento que recomendou para as instituições governamentais e não governamentais o incentivo e apoio de práticas educativas dirigidas ao processo de conscientização das populações, sobretudo aquelas que residem em situações de vulnerabilidades socioambientais. Neste documento a Educação Ambiental foi considerada como um relevante instrumento de conscientização na construção de um ambiente ecologicamente equilibrado, no sentido de preservar os recursos naturais.

Sendo assim, a Agenda 21 e os Tratados das ONGs, ratificados na RIO-92 se contrapõem ao modelo de crescimento econômico convencional na medida em que defenderam o manejo sustentável dos recursos naturais, o processo de igualdade social e de participação democrática de vários segmentos sociais nas tomadas de decisões em relação aos territórios, conduzindo governantes, educadores, intelectuais e populações a enfrentarem desafios éticos, técnicos, políticos sociais e culturais.

Neste sentido, a: “Ecologia se transforma em um convite à participação para a conquista da cidadania local e planetária, para assegurar direitos, como o de um meio ambiente equilibrado definido pela Constituição do Brasil” (GUERRA, 2007, p. 68).

Diante deste cenário de indagações e debates, a questão problema da presente tese, que se refere ao universo institucional/ambiental da UFCG foi formulada a partir da seguinte indagação: *Existe na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG uma política*

institucional fundamentada na Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), seja no ensino e/ou na pesquisa e/ou extensão?

Com intuito de verificar este questionamento, a presente tese foi dividida em fundamentação teórica, onde foi abordada a contextualização sobre Educação Ambiental (EA), da sociedade, passando pela PNEA até as correntes de EA atuais. Na metodologia, foi apresentada a área de estudo, os instrumentos de coleta de dados e os processos de análise, em seguida, os resultados e discussões, que foram norteados pelos objetivos e etapas propostos.

1.2 Justificativa

A EA é um instrumento dentro do contexto geral de mudança. Educar desde a base infanto-juvenil é importante, porém, adentrar nos lares, nas escolas em todos os níveis de escolaridade, usando uma linguagem adequada para cada nível, se fazer presente nas universidades e nas instituições públicas, também faz parte desta EA.

Estudar a temática meio ambiente e seus recursos naturais nos dias atuais é de suma importância, principalmente no modelo capitalista em que vivemos, onde o egoísmo, o individualismo, o consumismo e o materialismo estão imbuídos nos seres humanos. Combater todo esse sistema é difícil, no entanto, cabe sermos “formiguinhas”, e individualmente, aos poucos mudarmos nossa forma de agir e pensar nesta nova era tida como “moderna”.

Na busca de uma nova forma de racionalidade do sistema capitalista frente às contradições do mundo moderno, Becker traz o seguinte conceito de desenvolvimento sustentável explicitando que:

A noção de desenvolvimento sustentável tem como uma de suas premissas fundamentais o reconhecimento da “insustentabilidade” ou inadequação econômica, social e ambiental do padrão de desenvolvimento das sociedades contemporâneas. Esta noção surge da compreensão da finitude dos recursos naturais e das injustiças sociais provocadas pelo modelo de desenvolvimento vigente na maioria dos países (BECKER, 1999, p. 21)

Por uma sociedade sustentável surgiu a Educação Ambiental em meados dos anos 70, tendo como preocupação a problemática ambiental e provocando uma conscientização das pessoas, de modo a gerar novos conceitos sobre a importância da preservação do meio ambiente desenvolvendo uma consciência de respeito com a natureza.

Assim, um marco para a EA no Brasil foi o surgimento da Lei nº 9.795, de 27 de Abril de 1999, que dispõe sobre a educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), que em seu Art.2º, aborda a EA como sendo um “componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”.

Educar é construir, é libertar o ser humano das cadeias do determinismo social, reconhecendo no processo histórico um tempo de possibilidades inesgotáveis. Desta forma, podemos dizer que o processo educativo se configura como um "ensinar a pensar de forma autônoma". É um "que fazer dialogado, co-participado", integrado e por isso não pode de modo algum tornar-se produto de uma mente burocratizada e estagnada, ao contrário exige dos seus participantes uma reflexão crítica reflexiva da prática e do contexto histórico, político e cultural no qual encontra-se inserido (FREIRE, 1987).

As instituições de ensino são imprescindíveis não apenas no estudo do relacionamento do homem com o seu ambiente, como também na formação de pessoas que assumam o compromisso em direcionar seus conhecimentos e habilidades em prol da vida e da proteção do meio ambiente.

Por fim, como inquietação, a pesquisa de tese se justificou uma vez que propõe investigar as concepções e práticas no ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas na Universidade Federal de Campina Grande frente aos desafios da PNEA instituída pela Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999, bem como conhecer o nível de percepção ambiental da comunidade acadêmica objeto de estudo.

O período temporal da pesquisa se deu entre abril de 2002 a dezembro de 2015, uma vez que a Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, foi criada a partir do desmembramento da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, pela Lei 10.419, de 09 de abril de 2002 e o término sendo Dezembro de 2015 devido ao prazo de finalização e defesa do projeto de qualificação. No que se concerne ao ensino, a partir da análise dos fluxogramas dos cursos, e utilizou-se o período de 2017.1, ano vigente da finalização da pesquisa.

No tocante aos projetos de pesquisa e extensão houveram diferenciações nos períodos de análise: Os dados para os projetos de pesquisa levaram em consideração o período entre 2002 a 2015 e para os projetos de extensão entre 2007 a 2014. Isso ocorreu devido a indisponibilidade de algumas informações, uma vez que, com o desmembramento da instituição, alguns dados continuaram unificados, o que impossibilitou a precisão das análises da pesquisa.

No tocante a percepção ambiental, as áreas para aplicação dos questionários foram: Educação (cursos de licenciaturas - História, Letras, Pedagogia, Ciências Sociais, Filosofia e Geografia), Exatas (Engenharia Agrícola) e Saúde (Enfermagem).

É de suma importância destacar que a área da Educação proporciona “ensinar a ensinar”, é o campo de conhecimento onde profissionais tornam-se licenciados e aptos para exercer o magistério, assim serão futuros formadores e/ou multiplicadores do que aprendeu na universidade.

Na área de Exatas dentre os cursos existentes a Engenharia Agrícola é o que mais se aproxima da relação homem e meio ambiente, com isso, espera-se que o ensino, pesquisa e extensão ofereçam aos discentes debates críticos acerca do tema.

Por fim, na área de Saúde, foi analisado o Curso de Enfermagem, visto que na Universidade Federal de Campina Grande *campi sede* existe três cursos de saúde: Medicina, Psicologia e Enfermagem, sendo que este último, possui elementos cotidianos de caráter social que auxiliam e contribuem para sensibilização ambiental da sociedade.

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

Analisar como a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) está sendo implantada e efetivada na Universidade Federal de Campina Grande-PB *campi sede*, considerando as concepções e práticas de Educação Ambiental ou socioambiental no ensino, pesquisa e extensão no período de 2002 a 2015, bem como verificar a concepção e o nível de percepção ambiental da comunidade universitária.

1.3.2 Específicos

- a) Contextualizar a PNEA - Lei 9795/1999;
- b) Identificar os projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos na UFCG que preconizam a PNEA, Lei 9795/1999;
- c) Listar e analisar os fluxogramas, planos e projetos dos cursos de graduação oferecidos na instituição *campi* de Campina Grande, nas áreas de Educação (cursos de licenciaturas), Exatas (Engenharia Agrícola) e Saúde (Enfermagem);
- d) Realizar um levantamento e avaliar os projetos de pesquisa e extensão desenvolvidas na universidade no período de 2002 a 2015 que abordam a temática da EA e Meio Ambiente;
- e) Identificar as ações e práticas construídas no período de 2002 a 2015 na UFCG, *campi sede*, que envolviam a temática ambiental através dos sujeitos/atores;
- f) Considerar a(s) concepção(ões) prioritária(s) de Educação Ambiental que esteja presente na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG;
- g) Traçar o perfil socioeconômico e ambiental, bem como o nível de percepção ambiental da comunidade acadêmica.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Sociedade de Consumo e a Questão Ambiental

Historicamente, observou-se, na segunda metade do século XVII, o surgimento na Europa dos primeiros movimentos que se preocupavam com as questões ligadas a preservação de áreas naturais, como reação à degradação do meio ambiente promovida pela revolução industrial na busca da modernização da humanidade (ABREU, 2013).

De acordo com Zioni (2005), a partir do século XVIII, esse processo de modernização obteve maior visibilidade na organização capitalista das relações de produção e consumo, sobretudo com o advento das revoluções científicas.

Segundo Lima (2002), a partir do século XX, a aceleração deste processo de modernização foi se apropriando de instrumentais das ciências comportamentais e das recentes técnicas de persuasão onde através dos meios de comunicação específicos, se transformaram definitivamente em uma prática global, passando a caracterizar a chamada sociedade de consumo, sendo esta caracterizada pela aquisição desenfreada de produtos materiais, quer sejam estes necessários ou supérfluos que muitas vezes se transformam equivocadamente em símbolos de riqueza e qualidade de vida.

Sinteticamente, a sociedade de consumo se caracteriza por ações solitárias e egoístas dos seres humanos. Tais comportamentos podem ser explicados pela Sociologia e pela Psicologia, onde cada vez mais o ser humano vem agindo no ambiente de forma individual e egocêntrica. Assim, o mesmo passa a ter compulsão para satisfazer suas necessidades, e ao mesmo tempo buscar *status*, estilo de vida e poder, fazendo-o acreditar que isto o diferencia dos demais indivíduos (ANGELIS NETO, 1999).

Segundo Leff (2001) grande parte dos problemas ambientais que estamos vivenciando hoje é consequência de tais atitudes, que colocam a humanidade nos extremos dos limites, assim, para o autor:

A crise ambiental é a crise do nosso tempo. O risco ecológico questiona o conhecimento do mundo. Esta crise apresenta-se a nós como um limite no real, que ressignifica e reorienta o curso da história: limite do crescimento econômico e populacional; limite dos desequilíbrios ecológicos e das capacidades de sustentação da vida; limite da pobreza e da desigualdade social. (Leff, 2001, p.191)

A partir de então, a preocupação com o meio ambiente, deu origem às primeiras articulações de movimentos ambientalistas referentes à preservação ambiental, tendo como contrapartida os reais interesses e ideais da atual forma de desenvolvimento econômico e

social do sistema capitalista vigente, refletindo em uma série de conflitos existentes entre a expansão do sistema capitalista e seus efeitos devastadores sobre os ecossistemas naturais centrando sua forma de desenvolvimento unicamente em teorias econômicas, não contabilizando suas externalidades para com o meio ambiente.

Brown (2003, p.4), sobre essa passagem, afirma que:

A teoria econômica e os indicadores econômicos não explicam como a economia está perturbando e destruindo os sistemas naturais da Terra. A teoria econômica não explica por que o gelo do Mar Ártico está derretendo. Não explica por que os prados estão se transformando em desertos no noroeste da China, por que os recifes de coral estão morrendo no Pacífico Sul ou por que os pesqueiros de bacalhau em Terra Nova entraram em colapso. Também não explica por que estamos vendo o início da maior extinção de plantas e animais desde o desaparecimento dos dinossauros, há 65 milhões de anos. Entretanto, a economia é essencial para se medir o custo destes excessos para a sociedade.

Collados Baines (1999) salienta que os bens e serviços ambientais dos ecossistemas que nos rodeiam e afetam nossas vidas foram inicialmente o primeiro e único componente da qualidade de vida, promovendo, por um lado, materiais, energia e alimentos e, por outro, diversos serviços, como manutenção da composição da atmosfera, operação do ciclo das águas, assimilação de dejetos, reciclagem de nutrientes, regeneração de solos e manutenção da biodiversidade e a produção de Oxigênio.

Ainda, o processo de construção do capital ao longo de sua história foi estabelecendo uma tendência progressiva de separar as pessoas da lógica intrínseca da natureza e suas forças de reprodução, fazendo com que, na atualidade, os serviços ambientais não fossem considerados na maioria das decisões sociais como indicadores da melhoria da qualidade de vida.

No decorrer do tempo, segundo Abreu (2013) a maneira como vem evoluindo o pensamento acerca dos problemas ambientais deixa transparecer gradativamente de um lado, um grande interesse social no que se refere à busca de alternativas que possibilitem a redução de tais problemas e do outro, a forma maquiavélica, excludente e ludibriadora com que os atuais interesses capitalistas lidam com tais questões, fazendo-se necessário o desenvolvimento de um arcabouço histórico que possibilite a união e um melhor entendimento de ambas as situações.

Barbieri (1997), com relação à origem, a evolução e a maneira de pensar os problemas ambientais mostra-nos que no decorrer da história da humanidade:

A preocupação com problemas ambientais decorrentes dos processos de crescimento e desenvolvimento deu-se lentamente e de modo muito diferenciado entre os indivíduos, governos, organizações internacionais, entidade da sociedade civil, etc. Pode-se pensar numa evolução que seguiu as seguintes etapas: a primeira etapa os problemas ambientais localizados são atribuídos à ignorância e negligência ou indiferença das pessoas e dos agentes produtores e consumidores de bens e serviços. Numa segunda etapa, a degradação ambiental é percebida como um problema generalizado, porém confinado nos limites territoriais dos Estados nacionais, gestão inadequada dos recursos, além das causas básicas dos problemas percebidos. Na terceira etapa, a degradação é percebida como um problema planetário que atinge a todos e que decorre do tipo de desenvolvimento praticado pelos países. (Barbieri, 1997, p.15),

No século XX, a partir dos anos 60, as informações sobre as ameaças que o planeta vem sofrendo, difundiu-se rapidamente entre sociedades, fazendo com que populações de diversas partes do globo terrestre começassem a adquirir a noção de equilíbrio ecológico e de consciência sobre a necessidade de preservar os recursos naturais e os ecossistemas, para que problemas futuros não viessem abalar a humanidade como um todo.

Nos anos 1970, o termo “ambiente” passou a constituir agenda mundial no bojo da crise econômica na maioria das nações do planeta, quer sejam estas desenvolvidas ou não, sendo observado a partir de então um novo comportamento na crise e que esta tinha relação direta com o avanço técnico-científico e a redução do índice de qualidade de vida de uma grande parte da população mundial.

Segundo Corazza (2005) no início dos anos 70, já prevalecia uma ideia de que o progresso tecnológico serviria como um paliativo, capaz de conter a situação de degradação eminente, mas não de fornecer meios para ultrapassar os limites que o crescimento econômico e populacional estaria traçando para o meio ambiente.

A consequência destes acontecimentos coloca para as gerações presentes algumas questões de soluções bastante difíceis: se o desenvolvimento realmente é necessário, então que preços terão que ser pagos para que ele ocorra? Ao se buscar o desenvolvimento não estarão colocando em risco a vida, se não de todos, mas pelo menos de grande parte dos seres vivos que habitam o planeta?

Dessa maneira, visando respostas para tais indagações, ainda na década de 70, mais precisamente em 1972, durante a Conferência de Estocolmo, com a crescente preocupação do futuro da humanidade, surge o conceito de desenvolvimento sustentável que na ocasião foram firmados 27 princípios norteadores da relação homem-natureza tratando o desenvolvimento de forma interligada e interdependente às variáveis econômicas, sociais e ambientais, de

maneira estável e equilibrada, garantindo melhor qualidade de vida para as gerações futuras e presentes, pois, até então, a produção material e a conservação dos recursos naturais não eram corrigidas pela economia de mercado.

De acordo com Leis (1999), aquela Conferência não apresentou soluções para os problemas que foram apresentados, mas, teve seu papel centrado na legitimação política mundial da questão ambiental.

Considerando-se que, a natureza é a base necessária e indispensável da economia moderna, assim como da vida das gerações presentes e futuras, “desenvolvimento sustentável” significava fornecer qualificação ao crescimento e reconciliar o desenvolvimento econômico com a necessidade de se preservar o meio ambiente.

Nos anos 80, após a publicação em vários idiomas do “Relatório de Brundtland”, a noção de desenvolvimento sustentável apresentada foi se tornando bastante usual em múltiplos espaços sociais até nos dias atuais, valendo salientar que, tal desenvolvimento passou a ser utilizado somente a partir do início da década de 90 como um novo projeto de desenvolvimento da sociedade capitalista, com o intuito de garantir no futuro e também agora no presente a sobrevivência da espécie humana e do meio ambiente.

Segundo Sachs (1993), a ideologia do relatório Brundtland sobre “desenvolvimento sustentável” trazia a tona as questões elencadas pelo ecodesenvolvimento, que priorizavam um dever de solidariedade para com as gerações futuras, aliando a eficiência econômica, equidade social e prudência ecológica.

Hammes (2007) acrescenta ainda que todas as formas existentes de relação do homem com a natureza deveriam resultar em um menor dano possível ao ambiente, e que, concomitantemente, às políticas públicas, os sistemas de produção e consumo, deveriam preservar a biodiversidade para que ocorresse uma gestão voltada para preservação da vida e sustentabilidade no planeta.

A transição que é mostrada nas várias dimensões de uma crise proveniente do esgotamento dos recursos naturais já nos anuncia a necessidade de um novo protótipo sendo este embasado na sustentabilidade, adquirindo formas mais claras, passando a constituir agenda importante em vários fóruns internacionais. Assim, o desenvolvimento sustentável busca uma nova forma de racionalidade do sistema capitalista frente às contradições do mundo moderno (ABREU, ABREU e MORAIS, 2009).

Assim, segundo Vilas-Boas (2002) a degradação reside no crescimento econômico e:

Partindo do pressuposto, compartilhado por vários autores, de que a problemática da degradação ambiental reside no modelo econômico, cultural e antropocêntrico adotado na modernidade, que caminhos poderemos trilhar para um novo modelo de desenvolvimento? Como conscientizar a humanidade para a necessidade da mudança nos hábitos de produção e de consumo? A complexidade da problemática ambiental poderá conduzir o ser humano a uma nova forma de ver e compreender as relações estabelecidas entre sociedade e natureza? (Vilas-Boas, 2002, p.6).

Neste sentido, faz-se importante além de reconhecer que a proteção dos sistemas naturais do planeta tanto é essencial para a manutenção da vida, bem como para a seguridade econômica de muitos que dependem de seus recursos para própria sobrevivência, demandando uma análise acerca dos caminhos percorridos pelo desenvolvimento e das interferências que suas ações causaram e causam ao meio.

2.2 A Questão Ambiental e os Caminhos de Desenvolvimento

A utilização inconsciente de recursos naturais pelo homem sem um prévio conhecimento de suas interações com o meio vem gradativamente acentuando os impactos ambientais negativos nos ambientes urbanos e rurais.

Historicamente, a forma irracional adotada na busca do crescimento socioeconômico a “qualquer preço” vem causando danos alarmantes não apenas ao meio ambiente, que sofre grandes alterações em seus sistemas naturais, mas também na humanidade como um todo (ABREU, ABREU e MORAIS, 2009).

Concomitantemente, as inovações tecnológicas trouxeram à humanidade muitos benefícios, mas, ao mesmo tempo, esta passou também a ser responsável por grandes problemas e incertezas. No entanto, mesmo com o acesso a toda tecnologia existente na atualidade, ainda não é possível se conter o processo de degradação e transformação do meio, sem modificarmos os padrões de produção e consumo que são ditados por uma necessidade de desenvolvimento industrial e antrópica que continua em andamento em escala acelerada e que não poupam os recursos naturais do planeta.

Sabe-se que os recursos naturais existentes no planeta encontram-se intimamente correlacionados tanto nos sistemas socioeconômicos como nos sistemas ambientais. De fato, cabe observar que a economia não apenas recebe matérias-primas e energia da natureza, mas também influencia diretamente a mesma a partir da utilização irracional de recursos e geração de resíduos, que mudam de forma significativa, o comportamento do meio.

A título de exemplificação, ao ampliarem suas fronteiras, os seres humanos utilizam artefatos químicos na agricultura, constroem estradas de ferro, estradas asfálticas, grandes reservatórios, etc., gerando grandes impactos ambientais onde grandes partes destes poderiam ser definitivamente minimizados caso fossem reconhecidos os processos ambientais naturais com o intuito de se obter uma utilização mais racional dos materiais que do meio ambiente são extraídos.

De acordo com Volochen e Bonato (2007), as sociedades humanas atualmente exploram muitos recursos naturais sem se preocuparem com o tempo de sua renovação, nem tampouco com a sustentabilidade ambiental dos sistemas.

Christofolletti (1999) evidencia que os sistemas ambientais representam entidades organizadas na superfície terrestre, de modo que a espacialidade se torna uma das suas características inerentes. A organização desses sistemas vincula-se com a estruturação e funcionamento de e entre seus elementos, assim como a dinâmica evolutiva é resultada. Ainda, os ecossistemas e os geossistemas são tidos como entidades representativas de sistemas ambientais pelo fato do primeiro corresponder aos sistemas ambientais biológicos, estando estes constituídos em função dos seres vivos e sob a perspectiva ecológica.

O segundo corresponde aos sistemas ambientais para as sociedades humanas, sendo compostos principalmente pelos elementos químicos, físicos e biológicos da natureza e analisados sob uma perspectiva geográfica, onde tais perspectivas, tanto biológica quanto geográfica surgem como bases norteadoras no campo conceitual e analítico para o estudo das características e complexidade desses sistemas.

Segundo Sotchava (1977), os geossistemas são tidos como fenômenos naturais. No entanto, todos os fatores econômicos e sociais influenciam sua estrutura e peculiaridades espaciais. Tais formações naturais incorporam o impacto dos ambientes tecnológicos, econômicos e sociais. Assim, para o autor, a principal concepção do geossistema é a conexão existente entre a sociedade humana com a natureza, estando os sistemas ambientais biofísicos constituídos na base das sociedades humanas como fornecedores de recursos naturais.

Como os sistemas ambientais, de acordo com Christofolletti (1999), são responsáveis pelo fornecimento de materiais e energia aos sistemas socioeconômicos e deles recebem os seus produtos (insumos, edificações, dejetos, emissões, etc.) que causam de fato mudanças ambientais, isto vem implicar evidentemente em alterações na qualidade dos componentes e nas características do sistema ambiental biofísico, que tem relevância e incidências para a

vivência das comunidades humanas, tais como a poluição atmosférica, perda da biodiversidade, poluição hídrica, etc.

De acordo com Brasil (1981) na Lei 6.938, de 31 de agosto de 1981, em seu Art.3º para os fins previstos nesta Lei, entende-se por “poluição, a degradação da qualidade ambiental resultante de atividades que direta ou indiretamente:

- a) prejudiquem a saúde, a segurança e o bem-estar da população;
- b) criem condições adversas às atividades sociais e econômicas;
- c) afetem desfavoravelmente a biota;
- d) afetem as condições estéticas ou sanitárias do meio ambiente;
- e) lancem matérias ou energia em desacordo com os padrões ambientais estabelecidos.”

Por poluição, Mano, Pacheco e Bonelli (2005) a definem como sendo a alteração das propriedades naturais do meio ambiente que venha prejudicar a saúde, o bem-estar ou a segurança da população sujeita aos seus efeitos, causadas por agente de qualquer espécie.

Sabendo-se que os recursos naturais – ar, solo, água, vegetação, fauna e flora - considerados elementos componentes de uma bacia hidrográfica, e que interagem entre si de forma dinâmica, também respondem às interferências naturais e antrópicas que os modificam, observa-se que o modelo de desenvolvimento socioeconômico atual vem contribuindo de forma significativa com alterações nos sistemas naturais de suporte a vida no planeta os transformando como um todo.

Reconhecendo-se que a Terra é um sistema que é regido por um equilíbrio dinâmico existente entre os subsistemas biosfera, atmosfera, litosfera e hidrosfera, ao mesmo tempo para manter o atual padrão de vida, o homem vem modificando de fato tal equilíbrio, contribuindo com o desencadear de uma crise social, econômica e ambiental global sem precedentes.

Suarez (2000, p. 1) corrobora com essa passagem afirmando que:

Na crise atual que a sociedade humana vem enfrentando, a mudança ambiental global tem se manifestado com preponderância. Para entender essa mudança, é preciso concentrar-se nas interações entre os sistemas ambientais, (que incluem atmosfera, biosfera, geosfera e hidrosfera) e os sistemas humanos (incluindo os econômicos, políticos, socioculturais e tecnológicos). Esses sistemas encontram-se em dois pontos: naqueles onde as ações humanas causam mudanças ambientais alterando diretamente sistemas ecológicos, e naqueles onde as mudanças ambientais afetam diretamente aspectos que os seres humanos valorizam.

Portanto, é de convir que, além do equilíbrio global do planeta depender da interação que ocorre entre os subsistemas acima mencionados, a alteração em qualquer um desses pode afetar significativamente os demais, modificando o ambiente global como um todo.

Ao tomar como ponto de partida a atual forma de desenvolvimento socioeconômico capitalista dentro de seus conceitos e ideais pré-estabelecidos, pode-se indagar ou até mesmo afirmar que dentro desse sistema, que vem de forma gradativa alterando as condições do meio, a ideia de um desenvolvimento sustentável já não se transformou por si só em insustentável.

Tratar do “desenvolvimento sustentável”, - aqui explícito de forma crítica - e das questões ambientais, abordando apenas o comportamento individual e as questões relacionadas aos avanços tecnológicos sem repensar na forma como atua o sistema de nada adiantará na busca de prosperidade para a humanidade, enfim, de nada adianta atacar único e exclusivamente os efeitos se não formos objetivos quanto às reais causas dos verdadeiros problemas.

É sabido que mudanças rápidas precisam ser adotadas por toda a humanidade para a resolução de tais dificuldades, tendo como grande vilão a busca de um crescimento inconsequente, que por si só não é capaz de solucionar os problemas quer sejam estes sociais, econômicos ou ambientais por ele mesmo criado, fazendo-se necessário a criação de novos modelos de gestão que prime por um saber que busca articular as ações dos diferentes agentes sociais que mantêm interações em um determinado espaço visando garantir adequações no meio de suas inter-relações.

2.3. Sociedade, Natureza e Cultura

A questão ambiental vem sendo inserida nos diversos campos do conhecimento ao mesmo tempo em que se torna uma preocupação de caráter eminentemente mundial em decorrência dos problemas socioambientais que afetam as sociedades.

A visão de progresso, adotada pela humanidade nos últimos tempos, baseada no modelo convencional de crescimento econômico, provocou a utilização irracional dos recursos naturais, comprometendo as gerações presentes e futuras, conduzindo a necessidade de uma reorientação comportamental da humanidade em relação ao meio ambiente.

Segundo Leff (2001) grande parte dos problemas ambientais que estamos vivenciando hoje é consequência de nossas atitudes, situando a humanidade nos extremos dos limites.

Sendo assim, a crise ambiental que vivenciamos revela-se a “nós como um limite no real, que ressignifica e reorienta o curso da história: limite do crescimento econômico e populacional; limite dos desequilíbrios ecológicos e das capacidades de sustentação da vida; limite da pobreza e da desigualdade social” (LEFF, op. cit, p.191).

Ao longo do tempo, a questão da sobrevivência humana esteve ligada aos recursos existentes na natureza, mas o modelo de crescimento convencional baseado na acumulação e concentração de capital provocou a apropriação dos recursos naturais de forma inadequada, onde se retira da natureza muito além das necessidades humanas em favor do capitalismo que visa apenas o lucro, provocando desequilíbrio na relação do homem com o meio natural, onde o processo de degradação tem aumentado cada vez mais, comprometendo a qualidade de vida da sociedade.

Neste contexto a EA é uma ferramenta metodológica que contribui para minimizar os conflitos ambientais, uma vez que, de acordo com a PNEA é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo a mesma está articulada e presente em todos os níveis e modalidades do processo educativo. Assim caberá:

I - ao Poder Público, nos termos dos Arts. 205º e 225º da Constituição Federal, definir políticas públicas que incorporem a dimensão ambiental, promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e o engajamento da sociedade na conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente (BRASIL, 1999);

Além de definir as políticas públicas como diretriz eficaz, a PNEA estabelece que a EA deva ser desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal. Assim caberá

II - as instituições educativas, promover a educação ambiental de maneira integrada aos programas educacionais que desenvolvem; V – às empresas, entidades de classe, instituições públicas e privadas, promover programas destinados à capacitação dos trabalhadores, visando à melhoria e ao controle efetivo sobre o ambiente de trabalho, bem como sobre as repercussões do processo produtivo no meio ambiente.

Por fim, no Art 8º as atividades vinculadas à PNEA devem ser desenvolvidas na educação em geral e na educação escolar seguindo algumas linhas de atuação: I – capacitação de recursos humanos; II – desenvolvimento de estudos, pesquisas e experimentações; III – produção e divulgação de material educativo e IV – acompanhamento e avaliação.

Portanto, a instituição pública de educação a partir da PNEA segue os princípios e diretrizes estabelecidas em lei.

2.4. Contextualizando a Educação Ambiental

A EA surgiu no contexto da “crise ambiental”, numa tentativa de encontrar um instrumento eficaz no enfrentamento dos graves problemas que assolam a “*Sociedade de riscos*”. Este termo foi utilizado pela primeira vez na Inglaterra, porém ficou mais conhecido em âmbito mundial a partir da realização das Conferências mundiais sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Em 1972, na capital da Suécia reuniram-se representantes de 113 países para sediar a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, que ficou reconhecida mundialmente como a Conferência de Estocolmo. No documento elaborado neste contexto, em sua recomendação nº 96, versando sobre a Educação e Meio Ambiente, apresentou-se a importância da realização de um Programa de Educação Ambiental como estratégia essencial de combate à crise ambiental e melhoria da qualidade de vida.

Em 1973, foi criado o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente - PNUMA (United Nations Environment Programme - UNEP), objetivando coordenar políticas e viabilizar um “Plano de Ação Mundial”, através de ações dirigidas aos processos de avaliação ambiental, gestão ambiental e medidas de apoio neste campo do meio ambiente em nível mundial.

No término de 1975, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), realizou em Belgrado, Iugoslávia, o Encontro Internacional de Educação Ambiental, produzindo a Carta de Belgrado, um dos mais importantes documentos elaborados na década, dirigindo a atenção mundial à necessidade de construção de uma nova ética ambiental. Sendo assim, considerou-se que a EA deve apresentar características multidisciplinar, continuada e integrada às diferenças regionais e voltada aos interesses nacionais.

Tais eventos foram preparatórios para a Conferência de Tbilisi, realizada em Outubro de 1977, designado “Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental”, organizada pela UNESCO em colaboração com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. Ressaltou-se nesta Conferência, dentre outros aspectos, a obrigação da interdisciplinaridade para resgatar a percepção ambiental por meio da visão da totalidade, distanciando-se da fragmentação ocorrida nas diversas áreas do conhecimento.

No Brasil foram realizados diversos encontros, seminários e debates preparatórios a fim de elaborar o primeiro documento oficial do governo brasileiro sobre Educação Ambiental, assinado em 1975 pela Secretaria Especial do Meio Ambiente e pelo Ministério

do Interior, intitulado: “Educação Ambiental”. Este documento foi apresentado na Conferência de Tbilisi.

Após a Conferência de Tbilisi, o Ministério de Educação e Cultura (MEC) e a Companhia Estadual de Tecnologia e Saneamento Ambiental (CETESB) promulgaram o documento “Ecologia: uma Proposta para o ensino de 1º e 2º graus”, que tinha a finalidade de auxiliar a prática pedagógica.

A Conferência Rio-92 em 1992, realizada no Rio de Janeiro elaborou a Agenda 21, ou seja, um plano de ação para o século XXI, visando a sustentabilidade da vida na terra (DIAS, 2004). Através dos diferentes fóruns e grupos de trabalhos, representados por 170 países, foram elaborados vários documentos além da Agenda 21 tivemos:

1. Convenção do Clima ou das Mudanças Climáticas;
2. Convenção da Biodiversidade;
3. Declaração de Princípios da Floresta;
4. Carta da Terra.

Observa-se que as discussões e os encontros/conferências acerca da EA praticamente iniciaram em 1975 e até os dias atuais continuam sendo um debate em construção, uma vez que a EA é um conjunto de conteúdos e práticas ambientais, orientadas para a resolução dos problemas concretos do ambiente, de forma interdisciplinar e de uma participação ativa e responsável de cada indivíduo da comunidade, onde, de acordo com Dias (2004), a EA passou a ser um instrumento metodológico utilizado por diversos educadores.

2.4.1 Concepções de Educação Ambiental

Após a década de 1970 os educadores interessados na questão ambiental elaboraram diversas concepções de EA que nortearam várias práticas educativas no Brasil. Estes consideram a EA como um componente relevante na reflexão e construção de diferentes visões de mundo que fundamentam as ações educativas, quer nos contextos formais ou informais.

Neste sentido, segundo alguns educadores, a EA necessita apresentar características interdisciplinares, sendo orientada para solução dos problemas presentes na realidade local, adequando-os ao público alvo e a realidade dos mesmos; pois de acordo com Dias (2004), os problemas ambientais devem ser compreendidos primeiramente em seu contexto local, e depois em nível global.

Em consonância com essa visão, Silva (1998, p.106) afirma que a EA pode ser considerada como: “um processo de construção de conhecimento, baseado na afetividade e na solidariedade, e que a preservação da natureza é decorrência de uma identidade cultural com a terra que escolhemos para viver”.

Esta modalidade educativa também pode ser entendida como um ramo da educação cujo objetivo é a disseminação do conhecimento sobre o ambiente a fim de contribuir no processo de preservação reutilização sustentável dos seus recursos naturais. Trata-se de uma metodologia de análise que surge a partir do crescente interesse do homem em assuntos como o ambiente devido às grandes catástrofes naturais que têm assolado o mundo nas últimas décadas (GUIMARÃES et al., 2004).

A cerca desse assunto, Pereira (1993) considera a EA como um processo de adaptação contínua do homem ao ambiente onde ele vive e seu nicho ecológico. O autor chama a atenção necessidade da participação ativa do aluno durante as aulas, seja seguindo a educação formal ou não-formal. Segundo Sato (2002) a EA:

É um processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. A Educação Ambiental também está relacionada com a prática das tomadas de decisões e a ética que conduzem para a melhoria da qualidade de vida.

Para Dias (2004) ela pode ser vista como um: “processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente, adquirindo novos conhecimentos, valores, experiências”, tornando-os aptos a resolver problemas socioambientais.

Segundo Silva (2011, p. 81), ela se constitui num processo educativo contínuo,

permanente, dinâmico, criativo, interativo, com enfoque interdisciplinar, que permite aos seres humanos conhecer as leis que regem a natureza, compreender as relações e interações existentes entre eles, os seres vivos e o ambiente, reconhecer os problemas ambientais globais e locais e valorizar os aspectos sociais, históricos, éticos e culturais do ambiente onde estão inseridos; adquirindo assim, habilidades e competências para solucionar os seus problemas e construir uma consciência ambiental pautada na mudança de atitudes e de comportamentos, na solidariedade e no exercício da cidadania.

Conforme Abreu & Morais (2009), a EA pode ser vista como um dos possíveis instrumentos interdisciplinar capaz de capacitar e, ao mesmo tempo, sensibilizar a população

em geral acerca dos problemas ambientais nos quais se deparam a humanidade. Através dela torna-se possível a elaboração de métodos e técnicas que facilitam a tomada de consciência das pessoas a respeito da gravidade e necessidade da implementação de providências urgentes no que diz respeito aos problemas ambientais globais.

Neste contexto, a EA torna-se uma ferramenta de grande importância quando atrelado a formação acadêmica capacita o profissional a analisar o mundo de forma sistêmica e dinâmica, uma vez que a temática possibilita reflexões e análises no contexto social, econômico e ambiental. E quando o debate se transforma em ações durante a pesquisa e extensão, a comunidade também é favorecida pelo conhecimento adquirido e divulgado.

2.4.2 Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA)

No início do século XX, foram iniciados os projetos de EA com o Código Civil Brasileiro de 1916 que tratava apenas de questões voltadas à vizinhanças com o uso de água de poço e de fonte, e também o Código Florestal, que tratava de questões voltadas apenas para florestas. Inclusive foi justamente este código, que foi o primeiro instrumento de EA, e criou-se o “Festa da árvore” no mesmo ano, surgiu o Código das águas, que inclusive, ainda é vigente até os dias atuais, e não se trata especificamente de EA, mas, caminha lado a lado já que trata de situações voltadas à o uso adequado e do aproveitamento dos recursos hídricos de domínio público e privado.

Em 1937 foi criado diversos Parques Nacionais, como o de Itatiaia, o de Foz de Iguaçu e também o Parque nacional de Serra dos órgãos. Naquela época, os parques não eram criados com os objetivos que são vistos nos dias atuais, com intuito de preservar, conservar e de estimular até mesmo atividades recreativas.

Em 1965, o Código Florestal criou a Semana Florestal, que era obrigatoriamente comemorada em diversos setores públicos, e até mesmo em escolas e estabelecimentos educacionais, com o intuito de mostrar o riquíssimo valor que as florestas têm em relação ao nosso meio ambiente.

No ano de 1967, foi imposta a Lei que visava a proteção e estímulo nas atividades de pesca, e também foi promulgado que em dois anos, nenhuma autoridade poderia disponibilizar livros de doações que não tivessem textos e projetos que visassem a importância e proteção da Fauna brasileira ao meio ambiente, os livros teriam que ser aprovados pelo Conselho Federal de Educação. Marcos que foram importantes e essenciais para a conscientização das pessoas.

Outro fato importante ocorreu no ano de 1973, quando foi criada a Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA) que já começou a ser importante e ativa 3 anos depois, em 1976, onde junto com a Fundação Educacional do Distrito Federal e a Universidade de Brasília, criaram e realizaram o primeiro curso de Extensão para professores do 1º Grau do curso de Ecologia, 1 ano depois, em 1977, vários seminários, debates e encontros foram realizados na Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente do Estado do Rio de Janeiro.

No mesmo ano, foi imposto um decreto que coloca como parte integrante da Segurança Nacional, o controle ambiental voltado a atividades em empresas públicas e privadas que pudessem ocasionar riscos ao meio ambiente caso não fossem praticadas e fiscalizadas da forma correta, são exemplos: empresas que trabalhassem com produtos químicos, de armamentos, de petróleo, fertilizantes dentre outros;

Após a conferência de Tbilisi, realizada no mesmo ano de 1977, foi importante para influenciar e ser colocada de forma obrigatória em ensinos acadêmicos do curso de Engenharia a disciplina de Ciências Ambientais.

Em 1981, a Lei 6.902 em seu primeiro artigo, impôs criação de Estações Ecológicas e Áreas de Proteção Ambiental, limitando as áreas de APP apenas para projetos de pesquisas e estudos de ecologia, desde que estes estudos não colocassem em risco a sobrevivência não só das árvores, mas também de espécies que viviam e sobreviviam naquele local.

Já no seu artigo 4º, a Lei impôs que deveriam ser feitos estudos comparativos com as áreas preservadas e as áreas que sofreram modificações e degradações feitas pelo homem, para que fosse possível obter informações importantes para o planejamento regional e o uso racional dos Recursos Naturais.

Ainda em 1981, foi promulgada pela Lei 6.938, que criou a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA) e pela primeira vez na história da legislação brasileira, a EA foi prevista em dois termos que mostravam que a PNMA buscava a melhoria e conservação ambiental, visando o desenvolvimento socioeconômico.

A EA seria imposta em todos os níveis de ensino, inclusive nas comunidades, para capacitar e instruir as pessoas o conhecimento de forma ativa na proteção e defesa do meio ambiente. Era notável que nos anos 80 o Brasil ainda sentia resquícios do regime militar, que durou até 1985, mas podíamos perceber que as coisas estavam mudando, e a EA ganhava cada vez mais força no cenário brasileiro.

Em 1988, que houve a redemocratização política no Brasil surgiu a Constituição Federal da República do Brasil de 1988, justamente por meio da mesma que podemos

perceber que o dever do homem em respeitar e aprender a defender o nosso meio ambiente, está imposta na nossa lei maior. A Constituição de 1988, determinou pela primeira vez na história do nosso País, um tratamento especial não só de forma jurídica, como também de forma social, ao meio ambiente.

E que seria importante notar como seria a valorização desta vigência em todos os níveis de ensino, visando a conscientização da sociedade neste processo. Nosso País, foi o primeiro na América Latina, a ter uma Lei específica voltada apenas para a EA.

De 1999 a 2002, a constituição pregou algumas mudanças na Lei, agregando ainda mais vantagens em relação ao processo de defesa ao meio ambiente e dos recursos naturais. É notório a importância de uma EA, que nos traz vantagens em relação a vários aspectos não só sociais, como econômicos e até mesmo em relação à nossa saúde, que é totalmente dependente das condições em que o meio ambiente se encontra, se o degradamos, sentiremos isso com o passar do tempo, assim como as próximas gerações.

O Brasil foi o primeiro país na América Latina, em 1999, a ter uma política nacional específica para a EA, a Lei Nº 9.765, de 27 de Abril, contendo 27 artigos com disposições gerais, aplicações para a EA formal e não-formal, bem como normas de execução da PNEA, regulamentada pelo Decreto Lei Nº. 4.281 de 25 de junho de 2002.

Princípios básicos da Educação Ambiental

Descritos no Art. 4º. É interdependente de outros fatores.

I - O enfoque humanista, holístico, democrático e participativo.

II- A Concepção do meio ambiente e sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade.

Objetivos da Educação Ambiental

Definidos no Art. 5º desta Lei, alguns de seus objetivos partem de uma compreensão integrada do meio ambiente com o homem, desejando também a existência de uma consciência crítica sobre a realidade do nosso planeta.

Atividade Educacional

As atividades de educação ambiental devem ser desenvolvidas na educação em geral e na educação escolar, por meio da capacitação de recursos humanos; desenvolvimento de estudos; pesquisas e experimentações; produção e divulgação de material educativo e acompanhamento de avaliação.

Educação Ambiental no ensino formal

A EA, sob o aspecto formal, é o ensino programado das escolas, no ensino público e no ensino privado.

Art. 5º do Decreto Nº 4.281/02:

- Na inclusão da EA em todos os níveis e modalidades de ensino, recomenda-se como referência os Parâmetros e as Diretrizes Curriculares Nacionais, observando-se:

I – a integração da EA às disciplinas de modo transversal, contínuo e permanente;

II – a adequação dos programas já vigentes de formação continuada de educadores.

A EA não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino. Mas, nos cursos de Pós-Graduação, extensão e nas áreas voltadas aos aspectos metodológicos da EA pode ser realizada como disciplina específica, devendo ainda constar nos currículos de formação de professores de todos os níveis, para isto, devem receber formação complementar em suas áreas de atuação.

Educação Ambiental não formal

Entende-se por EA não-formal (fora do ambiente) as ações e práticas educativas direcionadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais, bem como a sua organização e participação da qualidade do meio ambiente. Esse tipo de organização tem grande aplicação nas comunidades, bairros, casas de cultura, associações, igrejas, devendo ser incentivadas por todas as esferas do Poder Público, Estadual e Municipal, assim como a participação de empresas públicas e privadas.

2.4.3 Educação Ambiental e Sustentabilidade

A EA para a sustentabilidade é um processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida. A preservação ecológica e a formação de sociedades mais justas e equilibradas pressupõem uma pedagogia baseada no diálogo de saberes e orientada para a construção de consciências críticas.

Agrupadas à garantia de preservação dos recursos naturais e determinadas espécies animais e vegetais, é prioritário que sejam focadas também as questões econômicas e culturais entre a humanidade e a natureza e entre os homens, fazendo-nos entender a EA como formadora de cidadania nacional e planetária, fundamentando as relações sociais e com a natureza na ética, portanto, uma EA como educação política (REIGOTA, 1995).

Ainda segundo o autor a EA crítica discute as relações que hoje conhecemos, tanto entre a humanidade, como entre esta e a natureza. Trata-se, deste modo, de uma educação de natureza política, onde se ressalta antes a questão: “por que” fazer do que “como” fazer.

Conforme Barbosa (2007), propor um desenvolvimento é educar, modificando comportamentos antigos que vem agredindo o meio ambiente, sendo necessário se adotar um modelo de desenvolvimento sustentável que, por sua vez, se define como sendo um modelo econômico, político, social, cultural e ambiental equilibrado, que satisfaça as necessidades das gerações atuais, sem comprometer a capacidade de satisfação das gerações futuras.

Silva (2003) explicita que a EA tem um importante papel na busca por hábitos mais sustentáveis. A autora afirma que a EA deve ser inserida de forma interdisciplinar e/ou transdisciplinar nas escolas, descartando as práticas tradicionais de ensino, em que os alunos ficam confinados no ambiente escolar juntamente com o professor que é tido como “detentor do saber”, e os transformando em cidadãos capazes de agir de modo responsável e consciente, sabendo cumprir as suas obrigações, exigindo e respeitando os direitos próprios e os de toda uma comunidade.

De acordo com Minnini (1994), a EA enfatiza o desenvolvimento de valores e comportamentos diferentes na inter-relação homem e meio ambiente, defendendo a necessidade de um conhecimento integrado da realidade e procedimentos baseados na investigação dos problemas ambientais, utilizando estratégias interdisciplinares.

Em se tratando do universo acadêmico faz-se necessário a adoção de práticas educacionais que versem sobre as características locais e/ou regionais na busca de uma mudança comportamental e aquisição de um modelo sustentável baseado nos princípios da EA.

2.4.4 Educação Ambiental na Universidade

Um instrumento essencial no processo de construção do conhecimento é a educação. Atualmente, a educação é uma das maiores preocupações da sociedade, uma vez quando isolada não apresenta o mesmo resultado quando atrelado à prática. Está se apresenta como forte aliada no processo de conservação do meio ambiente e, até mesmo, vem tendo destaque em relatórios, documentos técnicos nacionais e internacionais, explicitando que a temática em questão é de suma importância na desenvoltura de um processo de conservação e gerenciamento dos recursos naturais com vista a um desenvolvimento social, econômico e ambiental equilibrado, equitativo e sustentados de forma global.

A EA é componente essencial para a construção escolar e acadêmica, desde que, presente em todos os níveis a temática é caminho didático-metodológico que poderá ser utilizado por todos que compõe o cenário escolar. Referindo-se a universidade, a temática deve ser implementada como política institucional, integrada e permanente nos setores da instituição, e as informações e práticas ambientais repassadas a todos, desde os recursos humanos, passando pelo ensino, pela pesquisa e extensão.

É de suma importância que sejam constituídas equipes multidisciplinares, constituídas por professores e/ou educadores ambientais de diferentes formações, e que tenham acesso a um apoio técnico quando se fizer necessário (BRASIL, 2001). Uma vez que, a EA é componente interdisciplinar necessitando de informações especializadas para atingir determinados públicos.

Acredita-se que a EA tem o grande desafio de desenvolver novos conhecimentos e habilidades, valores e atitudes, objetivando a melhoria da qualidade ambiental e, efetivamente, a elevação da qualidade de vida para as gerações presentes e futuras. Por isso, é indispensável tratá-la a partir de sua vinculação direta com a ética e a cidadania, situando-a numa reflexão mais ampla que envolve uma visão sociológica e uma visão política de mundo.

Reigota (2006, p.10) afirma que: “a EA deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza”. A EA deve ser considerada como uma alternativa e/ou instrumento no processo de aprendizagem permanente entre os indivíduos, estes deverão adquirir consciência da importância e dos cuidados que o meio ambiente necessita.

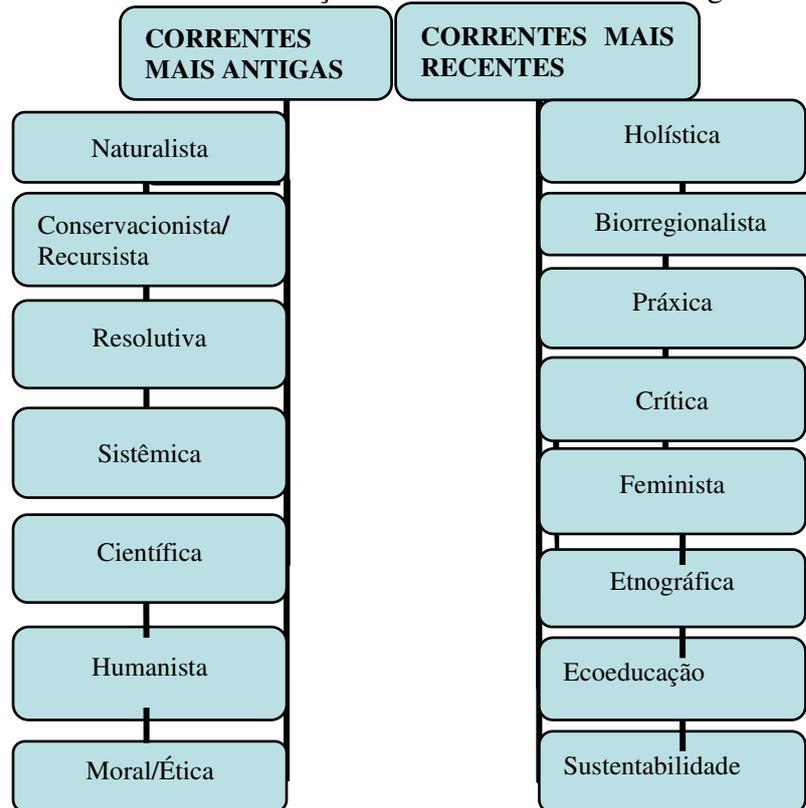
A universidade, neste contexto, tem importante papel na formação e construção de um ser humano conhecedor e modificador da realidade, baseado nos princípios da sustentabilidade e da EA torna-se um educador ambiental capaz de pensar e agir sobre sua própria realidade.

Por fim, baseado no texto “As organizações e a biosfera: Ecologia e Meio Ambiente” de Egrin (1998) existem três paradigmas da filosofia ambiental: o paradigma social dominante, ambientalismo radical e ambientalismo renovado. Trata-se, portanto, respectivamente, “visão tradicional de mundo da sociedade”, “visão de mundo que defendem a mudança transformacional” e “ocupa a área intermediária na filosofia e na prática ambiental – modificação de valores antropocêntricos”.

2.4.5 Correntes de Educação Ambiental

Diferentes autores delimitam seus discursos sobre a EA seguindo princípios, teorias ou práticas diversas, dependendo apenas das suas convicções. Nesse contexto a autora Lucie Sauv  (2011) aborda em seu texto *“Uma cartografia das correntes em educa o ambiental”* no es sobre os tipos de correntes existentes na EA. Ela prop  diferentes maneiras de conceber e de praticar a a o educativa neste campo. A mesma classifica os tipos de correntes como “correntes mais antigas” e “correntes mais recentes”.

Figura 01 – Correntes da Educa o Ambiental: recentes e antigas.



Fonte: Adaptado pelo autor

Sauv  (2011) apresenta os parâmetros norteadores do seu estudo: Concep o dominante do meio ambiente; Inten o central da EA; Enfoques privilegiados; Exemplo(s) de estratégia(s) ou de modelo(s) que ilustra(m) a corrente. A seguir apresentamos um quadro que descreve sucintamente todas as correntes da EA de acordo com os parâmetros elencados pela autora(Quadros01e02)

Quadro 01 - Descrição dos Parâmetros das Correntes de Educação Ambiental mais antigas.

PARÂMETROS CORRENTES	Concepção dominante do meio ambiente	Intenção central da Educação Ambiental	Enfoques privilegiados	Exemplo(s) de estratégia(s) ou de modelo(s) que ilustra(m) a corrente
Naturalista	Natureza	Reconstruir uma ligação com a natureza;	Educativo pode ser cognitivo, experimental, afetivo, espiritual e artístico	Imersão, Interpretação, Jogos sensoriais e atividades de descoberta
Conservacionista/ recursista	Recurso	Adotar comportamentos de conservação e desenvolver atividades relativas à gestão ambiental	Programa de EA centrado nos três “R” ou aqueles centrados em preocupação com Gestão	Guia ou código de comportamento; Projeto de gestão/conservação
Resolutiva	Problema	Desenvolver habilidades de resolução de problema: do diagnóstico à ação	Surge com o crescimento dos problemas ambientais	Estudos de casos: análise de situações problema e experiência de resolução de problema associada a um projeto
Sistêmica	Sistema	Desenvolver o pensamento sistêmico e compreender as realidades ambientais, tendo em vista decisões apropriadas	O enfoque sistêmico permite conhecer e compreender adequadamente as realidades e as problemáticas ambientais	Estudos de casos: análise de sistemas ambientais
Científica	Objeto de estudo	Adquirir conhecimentos em ciências ambientais e desenvolver habilidades relativas à experiências científicas	Cognitivo e experimental	Estudos de fenômenos, Observação, Demonstração, etc.
Humanista	Meio de Vida (Ênfase à dimensão humana do meio ambiente, construído no cruzamento da natureza e da cultura)	Conhecer seu meio de vida e conhecer-se melhor em relação a ele e desenvolver um sentimento de pertença	Cognitivo, sensorial, afetivo e experimental	Estudos do meio Itinerário ambiental e leitura de paisagem
Moral/Ética	Objeto de valores	Dar prova de ecocivismo; desenvolver um sistema ético.	Cognitivo, afetivo e moral.	Análise de valores; Definição de valores e Crítica de valores sociais.

Quadro 02 - Descrição dos Parâmetros das Correntes de Educação Ambiental mais recentes.

PARÂMETROS CORRENTES	Concepção dominante do meio ambiente	Intenção central da Educação Ambiental	Enfoques privilegiados	Exemplo(s) de estratégia(s) ou de modelo(s) que ilustra(m) a corrente
Holística	Total, todo, O ser	Desenvolver as dimensões do ser em interação com o meio ambiente	Holístico, Intuitivo, orgânico e criativo;	Exploração livre, Visualização, Oficinas de criação, etc.
Biorregionalista	Lugar de pertença; Projeto comunitário.	Desenvolver competências em eco desenvolvimento comunitário, local e regional;	Cognitivo, afetivo, experimental, pragmático e afetivo.	Exploração do meio, Projeto comunitário e criação de eco empresas.
Prática	Cadinho de ação/reflexão	Operar uma mudança em um meio	Apresenta uma dinâmica participativa, envolvendo os diferentes atores de uma situação por transformar.	Pesquisa-ação
Crítica	Objeto de transformação, Lugar de Emancipação.	Desconstruir as realidades socioambientais visando transformar o que causa problemas	-	Análise de discurso; Estudo de casos; Debates e Pesquisa-ação
Feminista	Objeto de solicitude	Integrar os valores feministas à relação com o meio ambiente	-	Estudos de casos; Oficina de criação; Atividades de intercâmbio, de comunicação.
Etnográfica	Território; Lugar de identidade; Natureza/cultura.	Reconhecer a estreita ligação entre natureza e cultura; valorizar a dimensão cultural de sua relação com o meio ambiente;	-	Contos, narrações e lendas; Estudos de caso; Imersão.
Ecoeducação	Polo de interação para a formação pessoal; Cadinho de identidade.	Experimentar o meio ambiente para experimentar-se e formar-se em e pelo meio ambiente; construir uma melhor relação com o mundo.	-	Relato de vida; Imersão; Brincadeiras...
Sustentabilidade	Recursos para o desenvolvimento econômico; Recursos compartilhados;	Promover um desenvolvimento econômico respeitoso dos aspectos sociais e do meio ambiente; Contribuir para esse desenvolvimento.	-	Estudo de caso; Experiência de resolução de problemas; Projeto de

A EA ao longo de trajetória histórica vem construindo seu esboço teórico metodológico fundamentado em estudiosos que buscaram na temática, elementos para consolidar seu estudo. Com isso, autores adotam diferentes discursos sobre a EA e propõem várias maneiras de conceber e de praticar a ação educativa neste campo.

As Correntes Ambientais, propostas por Sauv  (2011) refere-se a uma maneira geral de conceber e de praticar a EA, não sendo assim a única abordagem de EA, o destaque são as diversas tipologias da temática.

Além das correntes mencionadas acima, a pesquisa está fundamentada também no autor Sachs (1993) que apresenta seis dimensões de sustentabilidade:

- 1- Social** - abrange a necessidade de recursos materiais e não-materiais, objetivando maior equidade na distribui o da renda, de modo a melhorar substancialmente os direitos e as condi es da popula o, ampliando-se a homogeneidade social; a possibilidade de um emprego que assegure qualidade de vida e igualdade no acesso aos recursos e serviços sociais;
- 2- Econômica** - eficácia econômica avaliada em termos macrosociais e não apenas na lucratividade empresarial, desenvolvimento econômico intersetorial equilibrado; capacidade de moderniza o contínua dos instrumentos de produ o; razoável nível de autonomia na pesquisa científica e tecnológica; inser o soberana na economia internacional;
- 3- Ecológica** - preserva o dos recursos naturais na produ o de recursos renováveis e na limita o de uso dos recursos não-renováveis; limita o do consumo de combustíveis fósseis e de outros recursos esgotáveis ou ambientalmente prejudiciais, substituindo-os por recursos renováveis e inofensivos; redu o do volume de resíduos e de polui o;
- 4- Espacial** – busca de equilíbrio na configura o rural-urbana e melhor distribui o territorial dos assentamentos humanos e atividades econômicas; melhorias no ambiente urbano; supera o das disparidades inter-regionais e elabora o de estratégias ambientalmente seguras para áreas ecologicamente frágeis a fim de garantir a conserva o da biodiversidade;
- 5- Cultural** - respeito   cultura de cada local; garantindo continuidade e equilíbrio entre a tradi o e a inova o;
- 6- Política:** no âmbito nacional baseia-se na democracia, apropria o universal dos direitos humanos; desenvolvimento da capacidade do Estado para implementar o projeto nacional em parceria com empreendedores e em coesão social. No aspecto internacional tem sua eficácia na preven o de guerras, na garantia da paz e na promo o da coopera o internacional e na aplica o do princípio da precau o na gestão do meio ambiente.

2.5 Percepção Ambiental

A percepção ambiental será um importante elemento na investigação para a pesquisa, atrelado às dimensões apresentada por Sachs (1993). Bergmam (2007), define percepção ambiental como objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento, a exemplo da psicologia, antropologia, geografia, biologia e meio ambiente, cujo intuito maior deleita-se na busca em entender os fatores, mecanismos e processos que levam as pessoas a terem opiniões e atitudes em relação ao meio em que vive.

Neste sentido, de acordo com Fernandes *et al.* (2004), a percepção ambiental é definida como o produto da reação dos sentidos diante do meio que cerca o indivíduo, possibilitando o seu raciocínio, a definição de valores, sentimentos, reações e interações positivas ou negativas sobre o ambiente em que estes encontram-se inseridos, fazendo com que a partir dessa, o indivíduo interaja com o mundo, influenciando seus pares, intervindo no ambiente, caminhando na direção do processo de conhecimento e do exercício da cidadania ambiental.

De acordo com Villar *et al.* (2008), percepção pode ser definida como sendo uma tomada de consciência das problemáticas ligadas ao ambiente, ou seja, o ato de perceber o ambiente em que se está inserido, aprendendo a proteger e a cuidar do mesmo.

Para Silva e Leite (2008) a percepção ambiental contempla a maneira de olhar o ambiente, consistindo no modo de como o ser humano compreende as leis que o regem, onde este entendimento ocorre através de uma imagem resultante de conhecimentos, experiências, crenças, emoções, cultura e ações.

Para Faggionato (2015), existem várias maneiras de se estudar a percepção ambiental. Esta poderá ser levantada a partir da aplicação de questionários, mapas mentais ou contorno, representação fotográfica, etc. Segundo o autor, ainda existem trabalhos que versam sobre percepção ambiental que buscam não apenas entender como o indivíduo percebe, mas também promover a sensibilização, bem como o desenvolvimento do sistema de percepção e compreensão do ambiente.

Assim, de acordo com Abreu (2013), em qualquer modelo de gestão ou planejamento, a adoção de um estudo de percepção socioambiental se faz indispensável no intuito que este possibilita uma melhor compreensão das inter-relações existentes entre o homem e o ambiente, enfocando seus anseios, expectativas, satisfações e condutas comportamentais.

Segundo Amorim Filho (2014), planejadores e gestores ambientais rotulam o ser humano em função de seu romantismo, racionalidade ou necessidades materiais, onde seus comportamentos, percepções, valores e imagens são essenciais à capacidade de elaboração da mente humana.

Ainda segundo o autor, os estudos das percepções ambientais dos indivíduos na atualidade, constituem uma importante ferramenta no processo de uma gestão mais harmoniosa e eficiente onde a busca de decisões e ações em relação ao meio como indivíduo ou coletividade podem ser avaliadas através da análise das atitudes, das preferências e do ambiente, servindo esta também na identificação e avaliação da degradação ambiental de uma determinada localidade.

Para Gasparetto (2004), através das percepções é possível verificar que o espaço não é simplesmente um elemento exterior a nós mesmos, mas uma dimensão da nossa interação com ele. Através de nossa vivência sensório-motora e interações sociais, temos a possibilidade de construir avaliações, impressões e significados sobre uma determinada realidade.

De acordo com Fernandes *et al.* (2005), mesmo a sociedade aparentando reconhecer os problemas ambientais que a rodeia, na sua grande maioria as pessoas não conhecem a origem, consequências e formas de enfrentar tais problemas. Ainda segundo o autor, não desenvolvendo o senso crítico sobre o assunto, a sociedade não percebe os impactos sociais e ambientais na qual se encontra submetida e ainda reproduz ideias distorcidas e errôneas dos mesmos.

Segundo Faggionato (2010), cada indivíduo tem a capacidade de perceber, reagir e responder diferentemente às ações sobre o meio. Suas respostas ou manifestações são, portanto, resultado das percepções, dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada um possuem. Mesmo que nem todas as manifestações psicológicas sejam evidentes, estas sempre são constantes, e afetam nossa conduta muitas vezes de forma inconscientemente.

Whyte (1978) ressaltava que projetos de percepção ambiental contribuem para uma utilização mais racional dos recursos naturais, ao mesmo tempo em que possibilita a participação da comunidade no desenvolvimento e planejamento regional, proporcionando uma interação harmônica do conhecimento local com o conhecimento do exterior enquanto instrumento educativo e de transformação.

As ações decorrentes de tais processos permitem catalisar a conscientização ambiental frente aos vários aspectos da problemática ambiental. Esta ação deve ser estimulada e capaz de preparar o indivíduo para diagnosticar, enfrentar e mudar paradigmas, e, desta forma, contribuir para formação de uma sociedade mais feliz e sustentável.

Com base na percepção ambiental dos entrevistados, a presente tese nos traz uma metodologia de análise, onde, através de categorias criadas com base na Política Nacional de EA foi possível estabelecer as concepções preponderantes das ações e práticas da instituição.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Caracterização da Área de Estudo

A Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), originada pelo desmembramento da Universidade Federal de Paraíba, foi criada a partir da Lei ° 10.419 de 09 de Abril de 2002. Estende-se por sete *campus* localizados nos municípios de Pombal, Patos, Souza, Cajazeiras, Cuité, Sumé e Campina Grande, o último como *campi* sede conforme apresentado na Tabela 01.

Tabela 01 - Dados Quantitativos da Universidade Federal de Campina Grande, período 2017.1

Descrição	Quantitativo	<i>Campi</i> Campina Grande
Total de alunos matriculados	14.968	7.230
Total de servidores técnicos- administrativos	1.449	1.162
Total de docentes	1.454	1.067
Total de campi	07	01
Total de cursos de graduação	105	54
Total de Cursos de Pós-Graduação	30	21

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017.

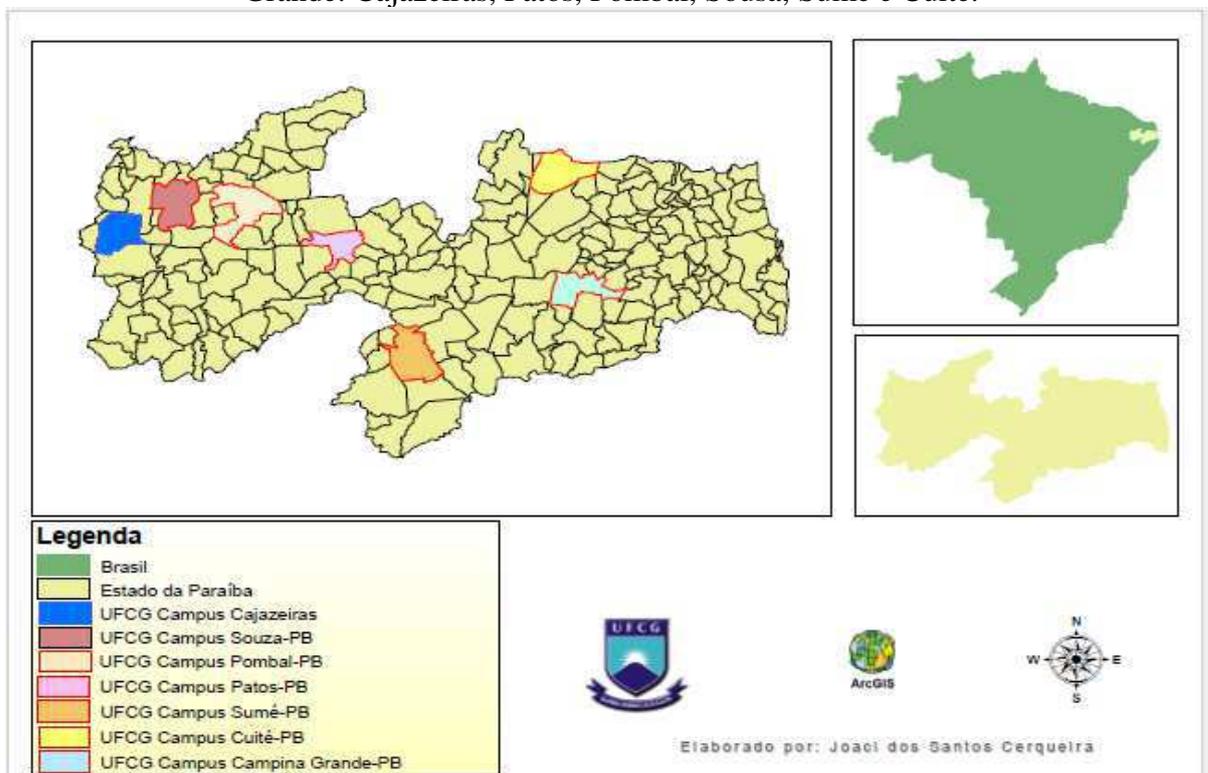
Considerada como um Polo Tecnológico da região Norte e Nordeste, em 2013, a UFCG foi reconhecida como o 8º lugar na avaliação de ensino para o curso de Ciência da Computação, e em 2015, a instituição ficou em 38º lugar no ranking universitário, ambos pela pesquisa realizada do jornal Folha de São Paulo.

A UFCG destaca-se em parcerias, como por exemplo, entre o Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), segundo site institucional, o Projeto R.I.T.A. em 1964 com o governo

americano por intermédio da Universidade da Califórnia. Outros se sucederam, como os convênios com o Conselho Britânico, acordos de cooperação com agências, como a japonesa J.I.C.A., alemãs, holandesas, francesas, e um acordo de cooperação com a agência canadense, a universidade realiza importantes convênios com outras instituições de ensino, nacionais e internacionais, ao longo dos anos de existência.

A Figura 02 apresenta a localização dos *campi* da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, no mapa do Estado da Paraíba, cujo campus sede localiza-se no município de Campina Grande. A Figura 3 dar-se-á as fotos das entradas de cada *campi*.

Figura 02 – Localização geográfica dos *campus* da Universidade Federal de Campina Grande: Cajazeiras, Patos, Pombal, Sousa, Sumé e Cuité.



Fonte: CERQUEIRA, J.S., 2015.

Considerada pioneira na região, por ser a primeira universidade federal do interior nordestino, a sua história tem início em 1952, como a Escola Politécnica do Estado da Paraíba. Em 1970, tornou-se parte da UFPB (Universidade Federal de Paraíba); e, em 2002, desmembrou-se, tornando-se a UFCG, com sede em Campina Grande e hoje possui mais 6 campi no Estado da Paraíba (Figura 03).

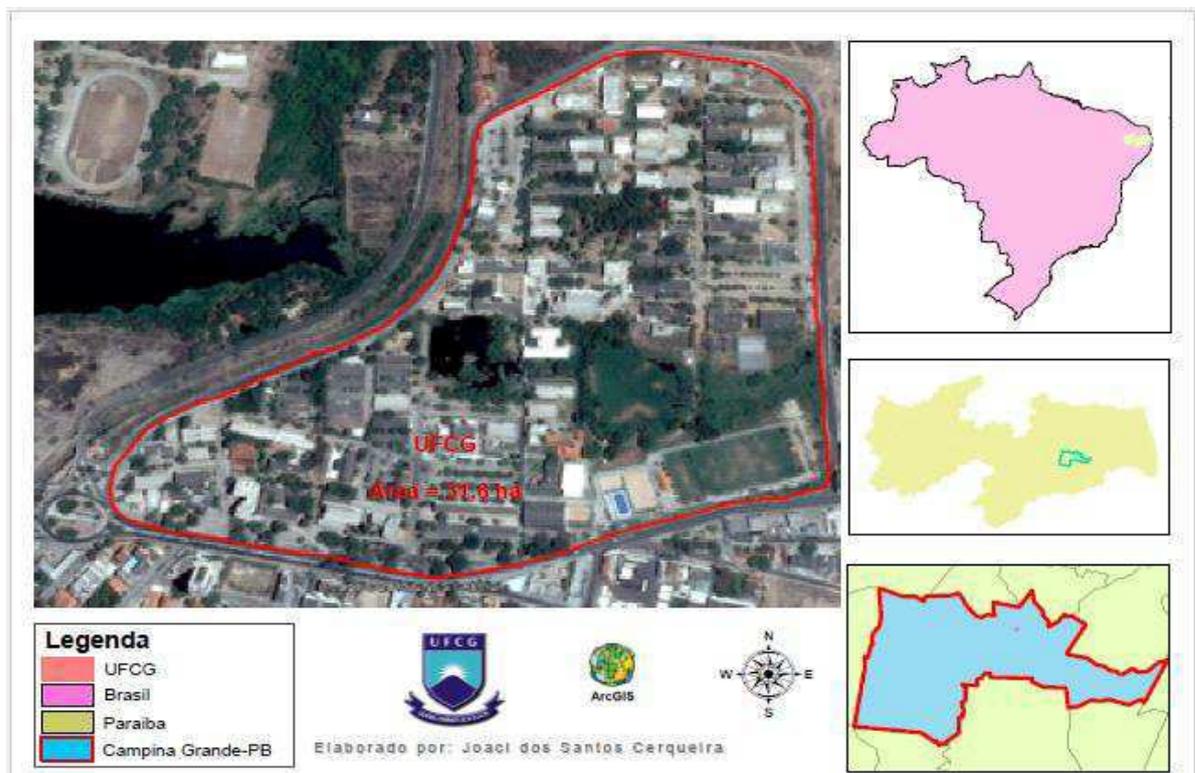
Figura 03 – Imagens dos 6 outros *campi* da Universidade Federal de Campina Grande: Cajazeiras (a), Patos (b), Pombal (c), Sousa (d), Cuité e Sumé (f).



Fonte: Google imagens, 2015

A proposta de pesquisa teve como amostra o campus sede da Universidade Federal de Campina Grande que se localiza no Município de Campina Grande – PB segue na Figura 04 o mapa da localização do campus sede.

Figura 04 – Mapa da Universidade Federal de Campina Grande, *campus* Campina Grande.



Fonte: CERQUEIRA, J.S., 2015.

3.2. Procedimentos

A fim de atender aos objetivos propostos, a foi utilizada uma abordagem qualitativa como também a quantitativa para melhor esclarecer o objeto de estudo, a última devido a utilização de dados estatísticos fornecidos pela instituição, bem como das análises descritivas acerca de documentos e projetos.

Para os autores Lüdke e André (1986) a metodologia qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizando mais o processo do que o produto e se preocupando em retratar a perspectiva dos participantes.

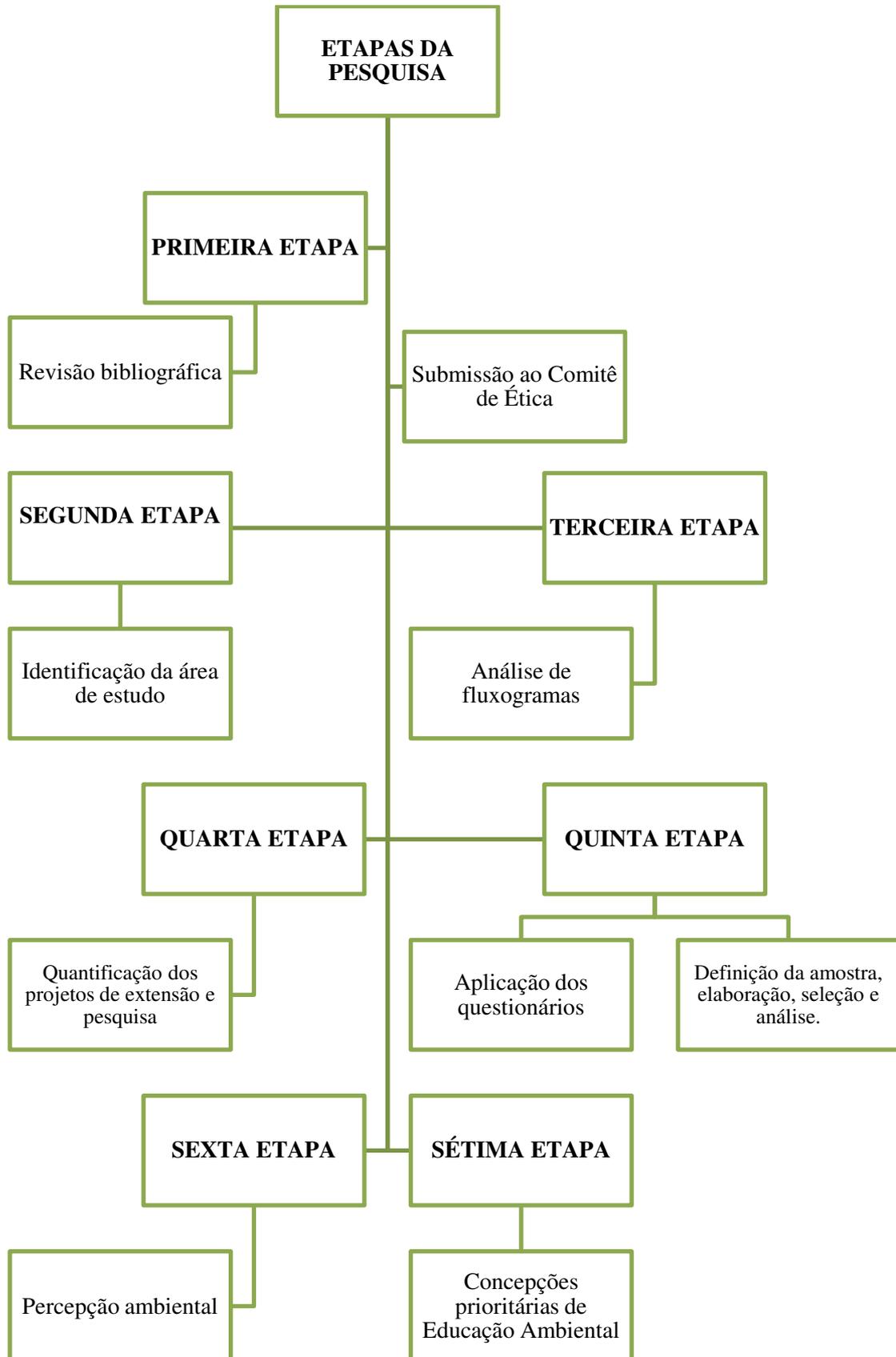
Ainda sobre a metodologia qualitativa, Minayo (1999, p.21) descreve que esta metodologia de pesquisa: “responde a questões muito particulares, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”, ressaltando que o pesquisador, ao mergulhar na realidade que pretende pesquisar, deve preocupar-se do instrumental teórico, levando em consideração ao mesmo tempo, os conhecimentos adquiridos e as informações do campo.

O projeto inicialmente foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa – CEP, número CAAE: 67107417.3.0000.5182, Número do Parecer: 2.065.100, no ANEXO I segue a declaração de aprovação de projeto.

Para obtenção dos dados iniciais da pesquisa foi necessária uma investigação preliminar denominada de pesquisa exploratória que de acordo com Lakatos (2010) enquadra-se como levantamento de dados. Nesse momento, o pesquisador busca através de documentos, pesquisa de campo ou até um contato direto com os pesquisados dados preliminares que serviram de subsídios para o desenvolvendo do seu trabalho.

Também foi elaborado um questionário e posteriormente aplicado com o intuito de se obter dados quantitativos para elaboração do perfil socioeconômico e do nível de percepção ambiental da comunidade objeto de estudo e, por fim, foi realizado um estudo documental e institucional da Universidade Federal de Campina Grande com o objetivo de investigar a efetivação da Política Nacional da Educação Ambiental na instituição. Sendo assim, para que os objetivos propostos fossem alcançados os procedimentos metodológicos consistiram nas seguintes etapas descritas na figura 05 referente ao fluxograma abaixo e, em seguida o detalhamento:

Figura 05: Fluxograma da pesquisa



Fonte: Dados da Pesquisa, 2017.

3.2.1 Primeira Etapa: revisão de literatura

A primeira etapa da pesquisa consistiu da realização de uma ampla revisão de literatura, onde de acordo com Gil (1995) esta revisão deve ser realizada a partir de consultas a materiais já elaborados, constituídos principalmente de livros, artigos de periódicos, bem como de materiais disponibilizados na rede mundial de computadores.

Para Silva e Menezes (2005) a partir da revisão de literatura é que se torna possível elaborar uma fundamentação teórica voltada para tratar o tema e o problema da pesquisa em questão, dando-se a possibilidade de se traçar um quadro teórico que resultará na estruturação conceitual que, por sua vez, dará sustentação ao desenvolvimento do estudo.

3.2.2 Segunda Etapa: identificação da área de estudo

Nesta etapa, a área de estudo se deu primeiramente mediante a importância da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG para região do Estado da Paraíba e o mundo, como também a vivência da pesquisadora como aluna da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, campus sede, desde o ano de 2006, foi possível definir a área onde seria realizado o estudo.

Silva e Menezes (2005) explicitam que a pesquisa de campo deriva à observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no real, à coleta de dados referentes aos mesmos e, finalmente, à análise e interpretação desses dados, com base numa fundamentação teórica consistente, objetivando compreender e explicar a realidade pesquisada, corroborando com o intuito principal desta pesquisa

3.2.3 Terceira Etapa: análise de fluxogramas

A pesquisa investigou os 105 fluxogramas dos cursos de Graduação da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG observando se as nomenclaturas das disciplinas obrigatórias na matriz curricular disponibilizadas no site da instituição apresentaram a inserção das temáticas Meio Ambiente/ Educação Ambiental do período 2017.1, justifica-se o período por ser o ano vigente da finalização da pesquisa.

3.2.4 Quarta Etapa: quantificação dos projetos de extensão e pesquisa

Foram catalogados os projetos de extensão desenvolvidos na Instituição no período entre 2007 a 2014, dados obtidos na Pró-reitora de Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Campina Grande -UFCG, este período se deu por que os anos iniciais da UFCG de

2002 a 2006 encontravam-se confusos com dados da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, muitas informações de projetos internos da Instituição continuaram a ser da UFPB, então por esta questão, em busca de veracidade e confiabilidade da pesquisa, deixamos uma “margem” de período de transição para assim utilizarmos apenas dados da UFCG.

Justifica-se o trabalho ser voltado para a Pós-Graduação, no tocante a pesquisa, pois a Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão unificou os dados e informações, assim, com objetivo de apresentar dados apenas sobre “pesquisa”, julgou-se analisar a Pós-Graduação.

Listado o quantitativo das dissertações e teses desenvolvidos na Instituição que aborda a temática da EA no período entre 2002 a 2015, este período é justificado, primeiramente, por ser o ano inicial da constituição da UFCG e ainda, porque a pesquisa sobre teses e dissertações se deu através de sites e plataforma de pesquisa. Assim o cadastro foi nacional, atualizado e disponível para a sociedade. O ano final foi devido ao período da qualificação do projeto no Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais.

3.2.5 Quinta Etapa: definição da amostra e análise dos questionários

Obtido informações através do site institucional da Universidade (www.ufcg.edu.br) foi definido o tamanho da amostra da aplicação assim, alunos, professores efetivos por curso e Unidade Acadêmica (UC). Com os funcionários técnicos administrativos efetivos a busca foi aleatória, uma vez que na maioria das pesquisas científicas é praticamente impossível se avaliar todos os elementos que compõem uma população de interesse de estudo.

Com isso, e baseado nos dados disponibilizados na Instituição referente ao período 2017.1, total de alunos 14.968 sendo que destes 7.230 alunos regularmente matriculados na campi de Campina Grande, total de servidores de 1449 no campus de Campina Grande trabalham 1.162, já para docentes a UFCG tem em seu quadro de funcionários 1454 e deste 1.067 estão lotados em Campina Grande.

Baseado na fórmula de Rocha (1997) cujo cálculo da amostra foi dados por uma equação:

Em que:

n é o número de entrevistados

3,841 é a constante adimensional com valor Tabelado proveniente do Qui-Quadrado

0,25 é o grau de variância máxima para um desvio 0,5

0,1 é o erro de 10% indicado

N é o número total da amostra

O universo passível de ser entrevistado, totalizou 9.459 pessoas: 7.230 alunos, correspondendo a 76,44% do universo, 1.162 professores, ou seja, 12,28% e 1.067 técnicos administrativos, 11,28%.

Para a amostra, respectivamente em números, o quantitativo de entrevistados foi de 74 alunos (76,29%), 11 professores (11,34%) e 12 funcionários (12,37%) totalizando 97 entrevistados.

Com o intuito de garantir uma maior representatividade na coleta de dados, bem como a aceitação e interesse de alguns indivíduos em participar da pesquisa, o número de entrevistados foi expandido conforme explicitado no Quadro 03 abaixo:

Quadro 03: Quantitativo de entrevistados – previstos e realizados

Número de entrevistados Previstos		
Alunos	Professores	Técnicos administrativos
74	11	12
Número de entrevistas Realizadas		
101	40	25

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017.

Para a análise dos dados coletados nos questionários aplicados aos alunos, funcionários administrativos e professores foi desenvolvida com base no método de Laurence Bardin (2011), organizado em três etapas:

1) A pré-análise: foi realizada a leitura geral das respostas dos questionários, tendo em vista “a organização propriamente dita” do material coletado, foram organizadas as ideias iniciais consideradas principais para realização da análise;

2) A exploração do material: foi realizada a codificação e decomposição das respostas dos questionários;

3) O tratamento dos resultados: foram tratados os resultados que estavam “brutos”, tornando-os significativos para realização de inferências e interpretações. Posteriormente, foram elaborados gráficos e tabelas com utilização do Microsoft Office Excel 2010.

3.2.5.1 Elaboração, seleção e aplicação do questionário

O questionário foi elaborado com base nas diretrizes da PNEA para as instituições de ensino educacional no âmbito da educação formal. Como plataforma de envio aos entrevistados, foi utilizado e-mail, através do Google Formulário contendo as perguntas e ao concluir o envio das respostas, os dados foram imediatamente encaminhados para um banco de dados.

A escolha por esta modalidade de aplicação de questionário se deu em decorrência de três motivos:

- 1- Facilidade, comodidade para os entrevistados e rapidez nas respostas;
- 2- Utilização do tempo dos entrevistados de forma eficiente e ajustada de acordo com a disponibilidade;
- 3- Ausência de impressão e uso de papel.

Os e-mails foram previamente coletados com as unidades acadêmicas e departamentos, bem como a partir de preenchimento da ficha de contatos pessoalmente com a pesquisadora através da realização de visitas aos locais de trabalho, sala de aula e laboratórios.

O questionário supracitado, encontra-se no APÊNDICE A, e é constituído por 76 perguntas que abrangeram fatores Sociais, Econômicos, Vivência no campus, Meio Ambiente e UFCG, Percepção Ambiental, Ensino, Pesquisa e Extensão.

Os 76 questionamentos, abordaram diversas variáveis, sendo 40 destas, foram comuns a todos os entrevistados. Posteriormente, o questionário passou a ser direcionado para cada categoria de entrevistados: alunos de graduação a partir do 2º período; professores efetivos dos cursos de Graduação de Licenciaturas (História, Letras, Pedagogia, Ciências Sociais, Filosofia e Geografia), Bacharelados de Engenharia Agrícola e Enfermagem e funcionários técnicos administrativos efetivos das coordenações e departamentos dos cursos já mencionados acima, como também de outros setores (quadro 04).

Quadro 04: Categorias, variáveis, temas e número de questões

CATEGORIAS ENTREVISTADAS	VARIÁVEIS	TEMAS PESQUISADOS	Nº DE QUESTÕES
Alunos	Ensino; Pesquisa; Extensão.	Sala de aula; Participação em projeto; Ações ambientais no campus; Grau de conhecimento adquirido; Cuidado ambiental; Comissão Institucional.	16
Funcionários	Institucional.	Conhecimento ambiental; Ações ambientais; Comissão Institucional.	4
Professores	Ensino; Pesquisa; Extensão.	Formação continuada; Sensibilização ambiental; Sala de aula; Ensino e ações ambientais; Cuidado ambiental; Comissão Institucional.	14
	Coordenador de projeto de pesquisa ou extensão	Educação ambiental.	2
Total			36

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Para os professores entrevistados, a pesquisa foi direcionada, durante a aplicação, para uma subcategoria destinada aos coordenadores de projetos de pesquisa e extensão. Assim, segue abaixo no Quadro 05, o detalhamento das questões:

Quadro 05: Fatores, variáveis, categorias entrevistada e número de questões

FATOR	VARIÁVEIS	CATEGORIAS ENTREVISTADAS	Nº DE QUESTÕES
Social	Idade; Sexo; Estado Civil; Grau de instrução;	Alunos Professores Funcionários	4
Econômico	Renda familiar;	Alunos Professores Funcionários	1
Vivência no campus	Anos de vivencia; Dias por semana;	Alunos Professores Funcionários	2
Meio Ambiente e UFCG	Ações ambientais; Questões ambientais institucionais Sensibilização ambiental	Alunos Professores Funcionários	6
Percepção ambiental	Questões gerais; Ação Ambiental; Qualidade ambiental; Educação Ambiental. Outro.	Alunos Professores Funcionários	27
TOTAL		3	40

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

3.2.6 Sexta Etapa: determinação da Percepção ambiental

A pesquisa se deu a partir de uma adaptação das metodologias propostas por Abreu (2013), Rocha (1997) e Rocha e Kurtz (2001), na qual foi inspirada em algumas metodologias usadas na Venezuela no Centro Interamericano de Desarrollo Integral de Aguas y Tierras - CIDIAT e utilizada por alguns autores como Baracuhy (2001), Lima (2004), Pereira e Barbosa (2009), Santos (2009), Araújo (2010), Melo (2010) e Sousa Rêgo (2010) na região semiárida, que utilizaram questionários semelhantes, porém, adaptados do modelo proposto por Rocha (1997), podendo de fato não representar comparação íntegra e absoluta.

Para inserir o índice de percepção ambiental, foram utilizadas variáveis específicas e geradas classes de categorização de percepção o que possibilitou elencar os principais problemas e prioridades que devem ser implementados ou resolvidos na localidade. Para tanto, foi elaborado um questionário onde cada questão possuía “n” alternativas de respostas, estando estas ponderadas com valores que variavam de acordo com sua significância.

É de suma importância ressaltar que, além de uma estatística descritiva, a adaptação da metodologia direcionando-a para parâmetros relacionados ao nível de Percepção Ambiental, buscou possibilitar a aquisição de um conhecimento mais aprofundado da realidade local, o que acarretou em um melhor entendimento dos níveis de percepção e sua relação com a qualidade de vida da população acadêmica.

Para elaboração do questionário utilizado na pesquisa, foram evidenciados aspectos qualitativos relacionados à percepção ambiental e os impactos vivenciados pela população local, visando reconhecer as relações existentes entre a população e a área de estudo.

Segundo Henriques (2007), esta percepção é resultante do impacto das condições reais sobre o indivíduo e da forma como sua intervenção social e seus valores culturais interagem na vivência desses impactos.

A técnica empregada para coleta de dados nesta etapa também foi obtida através da realização de entrevistas e aplicação de um questionário composto por 27 perguntas objetivas, com temáticas diversas, estando todas estas voltadas para a realidade local (Quadro 06).

Quadro 06. Temas abordados no questionário para avaliação da percepção ambiental

	Composição dos temas	Nº de questões
Percepção Ambiental	Questões gerais; Ação Ambiental; Qualidade ambiental; Educação Ambiental. Outro.	27
TOTAL		27

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Neste contexto, buscou-se interpretar, a partir de aspectos qualitativos e quantitativos, a percepção dos atores participantes da pesquisa, acerca das práticas sociais associadas à questão ambiental, possibilitando se obter uma abordagem ampla sobre os diversos aspectos que norteiam a relação entre os atores e a área em estudo.

Assim, a finalidade da aplicação deste questionário foi identificar as práticas sociais existentes, sob o enfoque socioambiental existente na comunidade acadêmica bem como suas influências e consequências tanto para a identificação de problemas complexos, como para as soluções destes problemas.

Os dados obtidos foram tabulados em uma planilha eletrônica do *Microsoft Office Excel 2010*, que por sua vez determinou o nível percentual de percepção ambiental de cada fator analisado.

De acordo com a metodologia proposta por Abreu (2013), baseado em Rocha e Kurtz (2001), é possível se gerar uma equação linear atribuindo-se no eixo X o somatório do valor obtido em cada resposta com ocorrência mais frequente, ou seja, a moda de cada questão, juntamente com seus valores mínimos e máximos, ponderados conforme magnitude de impacto, sendo o valor mínimo correspondente a menor nível de percepção e o valor máximo ao seu maior nível encontrando-se assim o valor da percepção (Y). Para tanto, se faz necessário obter o coeficiente angular (a) e o coeficiente linear (b) através de um sistema de equações.

Assim, a equação (1), possibilita a elaboração da equação da reta para se utilizada no cálculo do índice de percepção ambiental conforme proposto por Abreu (2013) e foi dada por:

$$y = ax + b$$

Em que, Eq. (01)

$$\text{Quando } y = 0 \rightarrow ax + b = 0 \rightarrow x = \text{valor mínimo}$$

$$\text{Quando } y = 100 \rightarrow ax' + b = 100 \rightarrow x' = \text{valor máximo}$$

y é a unidade de percepção do fator

x é o valor significativo encontrado

a e b são os coeficientes angular e linear respectivamente da equação da reta

Para definição do número de classes e posterior categorização do nível de percepção, utilizou-se a definição de classes proposta por Sturges (1926) cuja equação (02) foi definida por:

$$k = 1 + 3,3 \log_{10}(n) \quad \text{Eq. (02)}$$

Em que,

k é o número de classes

n é o tamanho da amostra.

A amplitude (A) de cada fator analisado foi obtida a partir da subtração dos valores máximos dos valores mínimos encontrados cuja fórmula foi definida pela Equação (03):

$$A = V_{\text{máx}} - V_{\text{min}}$$

Em que, Eq. (03)

A é a amplitude de cada fator

$V_{\text{máx}}$ é o somatório dos valores máximos encontrados para o fator

V_{min} é o somatório dos valores mínimos encontrados para o fator

A amplitude do intervalo de classes em cada fator analisado foi determinada pela equação (04):

$$h = A/k \quad \text{Eq. (04)}$$

Onde,

h é a amplitude do intervalo de classes

k é o número de classes

A é a amplitude do fator analisado.

Utilizando a definição de classes proposta por Sturges (1926), se obteve um número de aproximadamente sete classes, cujos intervalos de classes giravam em torno de 14,28 unidades.

Para expressar um melhor entendimento, Abreu (2013) ao invés de atribuir sete classes, optou pela utilização de apenas cinco classes, com intervalo de 20 unidades cada, sendo estas categorizadas como de Baixíssima Percepção, Baixa Percepção, Média Percepção, Alta Percepção e de Altíssima Percepção conforme exposto na Tabela 02.

Tabela 02. Categorização e intervalos de classes

Classes	Intervalo de classes (%)
Baixíssima Percepção	0 – 20
Baixa Percepção	20 – 40
Média Percepção	40 – 60
Alta Percepção	60 – 80
Altíssima Percepção	80 - 100

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

3.2.7 Sétima etapa: Concepções prioritárias de Educação Ambiental

Após a análises dos fluxogramas dos cursos de graduação, dos projetos de pesquisa e extensão, elaboração do perfil socioeconômico e determinação do nível de percepção ambiental da comunidade universitária da UFCG, a presente tese, baseando-se nas leituras da PNEA, e em autores como Sauv  (2005), Moraes (1997), Thiollent (1992), Sachs (2002), Veiga (2005), Pernambuco (2002), Loureiro (2005) e Paulo Freire (1987, 2001, 2005, 2006),

realizaram uma subdivisão da pesquisa em categorias de análise com o intuito de possibilitar um entendimento dos resultados obtidos a partir das variáveis selecionadas.

Além dos autores mencionados, o levantamento de dados ainda foi baseado na metodologia criada por Ferreira e Ribeiro (2013), que corresponde em categorizar textos em “variáveis”, de acordo com a predominância encontrada. No caso deste trabalho, foram consideradas as percepções, de acordo com o questionário utilizado e as análises realizadas sobre ensino, pesquisa e extensão.

Para a Concepção Prioritária utilizou-se de uma metodologia de análise dos fluxogramas, pesquisa, extensão e dados quantitativos, além dos questionários onde foram inseridos questionamentos chaves para possibilitar uma para melhor interpretação e quantificação das respostas, bem como a elaboração de “variáveis” que serviram para categorizar a universidade nas Concepções Prioritárias de Educação Ambiental.

Foram atribuídas o total de 5 variáveis com o intuito de auxiliar na análise da instituição, a saber:

1- EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CURRÍCULO (DISCIPLINAS) – a EA está contemplada, uma vez que, conforme Thiollent (1992), Pernambuco (2002), Loureiro (2005) as dimensões de análise da EA consiste na elaboração e desenvolvimento de abordagens teórico-metodológicas que consiste na “pesquisa em EA” e “ação em EA” partindo, sobretudo, na efetivação do ensino baseado no currículo, assim, baseado nos temas geradores (Freire, 1987) que consiste em compreender o fazer e o pensar, o agir e o refletir, a teoria e a prática.

2- EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ENSINO (SALA DE AULA) – Foi indagado se haveria o ensino da EA, sendo assim possível o grau de conhecimento adquirido na Instituição, potencializando abordagens e contribuições em diversas áreas, ainda com base em (Freire, 1987), Pernambuco (2002), Loureiro (2005), faz parte dos temas geradores como elemento permanente e essencial abordando práticas curriculares e didático-pedagógica.

3- EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CAPACITAÇÃO – foi verificado se a UFCG apresenta ações/atividades que buscam capacitar os profissionais na perspectiva da EA, baseado na política nacional que determina no artigo 10º parágrafo único “Os professores em atividade devem receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o propósito de atender adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da Política Nacional de Educação Ambiental”.

4- EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL – foi investigado o nível de sensibilização ambiental nas ações desenvolvidas na instituição, em especial, nas ações realizadas no campus se poderá ser considerada como prioritárias na universidade, uma vez que, como define a lei nº 9.795/99 caberá as instituições educacionais promover a EA de maneira integrada aos programas educacionais que desenvolvem, complementando com Freire (2005), a mudança de conhecimento baseado no senso comum para o científico é melhor absorvido e aplicado pelos alunos quando se origina da problematização local (realidade do receptor)

5- EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PRÁTICA – foi averiguado a dinâmica de participação da comunidade acadêmica através da formação de uma comissão institucional, neste aspecto é importante destacar a reflexão acerca da perspectiva de mudança de realidade, mudança de hábitos e comportamento utilizando os princípios do desenvolvimento sustentável abordado por Sachs (2002), Veiga (2005) onde abordam as dimensões de sustentabilidade e entendimentos sobre sustentabilidade apresentando tópicos como satisfação das necessidades essenciais; solidariedade com as gerações futuras; participação da população envolvida; preservação dos recursos naturais e do meio ambiente, entre outros.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Definição da amostra

Após levantamento sobre o número total de estudantes, docentes e funcionários técnicos administrativos efetivos da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, obtido através do site institucional, referentes ao período 2017.1, obteve-se um quantitativo correspondendo a 14.968 discentes, 1454 docentes e 1449 funcionários técnicos administrativos.

Visto que a presente pesquisa se limitou apenas ao campus de Campina Grande o universo de alunos regularmente matriculados no período supracitado correspondeu a 7.230. Com relação ao quantitativo docente atuando no período em questão, foram identificados 1.162 profissionais lotados no campus e 1.067 técnicos administrativos.

Após a quantificação realizada, utilizou-se a metodologia de Rocha (1997) para determinar o universo previsto de indivíduos a serem entrevistados. É de suma importância destacar que, com o intuito de garantir uma maior representatividade nos dados, em decorrência da aceitação e interesse de alguns indivíduos em participarem da pesquisa, o número de entrevistados foi expandido conforme explicitado na Tabela 03 abaixo:

Tabela 03. Estratificação da amostra em categorias de análise

Nº de Entrevistas Previstas		
Alunos	Professores	Técnicos administrativos
74	11	12
Nº de Entrevistas Realizadas		
101	40	25

Fonte: Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

4.2. Perfil Socioeconômico e Vivência no campus da Comunidade Acadêmica da UFCG

Visando alcançar os objetivos propostos na pesquisa, após a definição da amostra, que totalizou 166 participantes, subdivididos em alunos e professores das áreas Educação, Exatas e Saúde, e funcionários técnicos administrativos efetivos, foram aplicados questionários de cunho social e econômico que por sua vez, possibilitaram a elaboração do Perfil Socioeconômico da Comunidade Acadêmica do Campus de Campina Grande.

Destaca-se aqui que, as análises e discussão apresentadas foram baseadas em dados comuns perguntados a todos os entrevistados da pesquisa e as discussões fundamentadas na PNEA e em alguns teóricos.

Ainda, ressalta-se que, o questionário aplicado foi constituído por 76 perguntas, 40 comuns a todos os entrevistados e 36 direcionados para uma categoria específica e abrangeram fatores Sociais, Econômicos, Vivência no campus, Meio Ambiente, Percepção Ambiental, Ensino, Pesquisa e Extensão nos quais os dados foram tabulados e utilizados de acordo com as necessidades do campo de análise.

A Tabela 04 apresenta a distribuição do quantitativo dos entrevistados levando em consideração as áreas de lotação. Destaca-se aqui que, os funcionários técnicos administrativos foram escolhidos de forma aleatória dentro do campus de Campina Grande.

Tabela 04: Quantitativo de entrevistados por categorias e áreas

CATEGORIAS	ALUNOS			PROFESSORES			TÉCNICOS
	ÁREAS			ÁREAS			
	EDUC.	EXATAS	SAÚDE	EDUC.	EXATAS	SAÚDE	
Nº DE ENTREVISTADOS	36	31	34	17	10	13	25
SUB-TOTAL		101			40		25
TOTAL				166			

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

4.2.1. Caracterização dos Entrevistados

Para entender a realidade e as especificidades dos entrevistados sobre os aspectos sociais foram elencadas algumas variáveis, tais como: Idade, Sexo, Estado Civil e Grau de instrução dentre outras.

Do universo de 166 entrevistados, 36,14% eram do sexo masculino e 63,86 do sexo feminino. Em se tratando do estado civil, 57,83% dos entrevistados se declararam solteiros, 32,53% casados e 9,64% não declararam seu estado civil.

A Tabela 05 abaixo apresenta a faixa etária dos entrevistados. Conforme observado, a maior frequência, ocorreu com os indivíduos de idade entre 19 a 30 anos, (49,40%), fato este que ocorreu em virtude da maior parte da amostra se concentrar na categoria discente.

Tabela 05: Faixa etária dos entrevistados

Faixa Etária (%)	
Menor que 18 anos	9,04
19 a 30 anos	49,40
31 a 40 anos	15,66
41 a 50 anos	7,23
51 a 60 anos	10,24
61 a 70	7,23
Acima de 70 anos	1,20

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Tomando como base parâmetros que referem ao nível de instrução, Abreu (2013) explicita que diante a nova conjuntura socioeconômica mundial, o conhecimento passou a ser considerado o fator preponderante na busca de um desenvolvimento social, econômico e ambiental, na medida em que este é capaz de transformar o cotidiano de uma sociedade como um todo, introduzindo assim, uma nova visão de mundo.

Ainda, segundo Capra (1982, p.49), “a visão do mundo e o sistema de valores que estão na base de nossa cultura, devem ser cuidadosamente reexaminados uma vez que a nova percepção do cosmo e a nova mentalidade social propiciaram à nossa civilização ocidental aspectos que são tidos como característicos da era moderna”.

Em se tratando de escolaridade, o número de entrevistados com o curso superior em andamento também destacou-se pelo fato da maioria dos entrevistados serem estudantes. A Tabela 06 demonstra a distribuição de frequência dos entrevistados na comunidade acadêmica.

Tabela 06. Grau de instrução dos entrevistados

Grau de Instrução	Frequência (%)
Pós-doutorado	4,22
Doutorado	13,86
Mestrado	10,24
Pós-graduação Lato-sensu	4,82
Superior Completo	7,23
Superior em andamento	57,82
Ensino Médio Incompleto	1,81

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Destaca-se que após a análise, foi identificado que dos 96 alunos que estavam cursando o ensino superior, 4 destes já possuíam um outro curso superior completo e 1 aluno era mestre. Quanto aos docentes, 7 possuíam pós-doutorado, 20 professores eram Doutores e 13 Mestres. Já os Técnicos Administrativos, 14 possuíam pós-graduação lato-sensu, 8 superior completo e 3 apenas o ensino médio completo.

Em se tratando de aspectos econômicos, a Tabela 07 demonstra o nível de renda familiar dos Entrevistados:

Tabela 07: Renda familiar dos entrevistados

Faixa de renda familiar	Frequência (%)
Menor que R\$ 937,00	7,23
R\$ 937,00	15,66
de R\$ 1874,00 a R\$ 2811,00	18,67
de R\$ 2812,00 a R\$ 3748,00	12,05
de R\$ 3749,00 a R\$ 4685,00	5,42
de R\$ 4686,00 a R\$ 6559,00	14,46
Acima de R\$ 6559,00	26,51

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Como a pesquisa utilizou três categorias, (alunos, professores e técnicos administrativos), foi possível observar uma disparidade de remuneração. Do total de entrevistados, 12 ainda possuíam uma renda familiar inferior à um salário mínimo e uma outra parcela, 44 entrevistados com rendas superiores à R\$ 6.559,00.

Neste contexto, o Perfil socioeconômico da comunidade acadêmica do campus de Campina Grande, encontra-se relativamente satisfatório. Ainda, é importante ressaltar que a elaboração de um perfil socioeconômico é de extrema necessidade para a consolidação de um desenvolvimento econômico e social sustentável de uma localidade.

4.2.2 Vivência no campus de Campina Grande da UFCG

Para esta variável, utilizou-se das análises e leitura do autor Paulo Freire que discute em suas obras a capacidade do indivíduo em desenvolver uma “curiosidade epistemológica” levando a buscar conhecimento, curiosidade e aprendizagem através do ambiente e o meio que convive. Assim, levando em consideração o pensamento do autor, o saber torna-se

contrário ao entendimento da educação “bancária” e sim um instrumento de mudança, investigação e sensibilização sobre as questões ambientais.

Neste sentido, foram realizados questionamentos com o intuito de investigar a frequência de permanência dos entrevistados na UFCG, *campus* Campina Grande. A Tabela 08 mostra a distribuição de frequência levando em consideração a quantidade de anos que estes convivem no campus de Campina Grande da UFCG.

Tabela 08: Tempo de anos de convivência no campus de Campina Grande da UFCG

Tempo de Vivência no Campus (%)	
Acima de 15 anos	18,67
entre 1 a 3 anos	25,90
entre 10 e 15 anos	4,82
entre 3 a 6 anos	19,28
entre 6 e 10 anos	13,25
menos de 1 ano	18,07

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Deste modo, pode-se inferir que, conviver é um exercício diário de cidadania. Viver em sociedade é, acima de tudo, uma necessidade humana. Torna-se simples quando se depende uns dos outros para viver melhor. Esse exercício social se inclina, principalmente, ao respeito, às diferenças e ao ato de obedecer às regras de conduta moral, ética, normas e valores.

Ajuíza-se que não há como se falar de normas sem falar em valores. Juridicamente falando, as normas se exprimem por meio de regras ou princípios. Os princípios expressam valores e as normas têm caráter eminentemente instrumental, não que elas não expressem valores também.

São esses valores, que, quando regados de bom senso comum e sabedoria, valorados como positivos, que acabam por normatizar um modelo de conduta, convertendo-se em normas morais, se tornando fonte de direitos e deveres.

Neste sentido, por se tratar de uma comunidade acadêmica, a Lei 9.795/99 que dispõe sobre a PNEA afirma no Art. 3º inciso VI que:

Cabe à sociedade como um todo, manter atenção permanente à formação de valores, atitudes e habilidades que propiciem a atuação individual e coletiva voltada para a prevenção, a identificação e a solução de problemas ambientais. (BRASIL, 1999, p.2)

Ainda, de acordo com a Lei supracitada, cabe em todos os níveis de ensino promover a EA buscando o “engajamento da sociedade na conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente”. Neste sentido, com este intuito a pesquisa buscou investigar como a UFCG é vista pelos entrevistados com relação ao meio ambiente.

Foram realizados 6 questionamentos envolvendo temas como ações ambientais, questões ambientais institucionais e sensibilização ambiental.

Ao serem indagados se saberiam informar sobre a existência de alguma ação, prática de conservação, recuperação ou melhoria ambiental na UFCG, 32,53% responderam que sim, 19,88% afirmaram que não e 47,59% não souberam informar se ocorreram ações de cunho ambiental na instituição.

Com relação ao questionamento sobre os meios de divulgação das informações ambientais que acontecem na UFCG, 44,58% dos entrevistados responderam que não há comunicação/divulgação de informações no campus, 3,01% afirmaram que a comunicação acontece via e-mail, 29,52% responderam que acontece através de conversas informais nos corredores da universidade e 22,89% desconhecem os meios de divulgação.

Como visto, o estudo demonstrou que a difusão de informações de cunho ambiental na instituição é limitado, indo contra o que preconiza a PNEA (capítulo II art8º § 3º) que coloca a comunicação, difusão de conhecimentos e a produção de material educativo e informativo como ações de estudos, pesquisa e experimentações. Reconhece que o processo de EA em sua vertente transformadora acontece no momento em que a população, ao olhar de forma crítica para os aspectos que influenciam sua qualidade de vida, reflete sobre os fatores sociopolíticos e econômicos que originaram o atual panorama e busca atuar no seu enfrentamento (BRASIL, 2009).

Por fim, ainda dentro desta variável, ao serem indagados se saberiam da ocorrência de mudanças que a UFCG sofreu ou sofre dentro da perspectiva ambiental, nos últimos tempos, 58,43% afirmaram que sim, 13,25% não conheciam nenhuma mudança e 28,31% não souberam responder.

A Tabela 09 apresenta dados referentes a participação dos entrevistados em palestras, eventos, debates e atividades de cunho institucional desenvolvidas na instituição.

Tabela 09: Participação dos entrevistados em ações ambientais.

CATEGORIA	Participou de alguma palestra ou evento institucional relacionado ao meio ambiente na UFCG?		Na UFCG questões ambientais são discutidas e/ou debatida entre seus amigos e/ou colegas de trabalho?		Já participou de alguma atividade de sensibilização ambiental no campus da UFCG	
	SIM	NÃO	(%)		SIM	NÃO
TÉCNICO						
ADMINISTRATIVO	16	84	36	64	12	88
ALUNO	30,69	69,31	45,54	54,46	81,19	18,81
PROFESSOR	40	60	42,5	57,5	27,5	72,5

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Conforme Dias (2004) a EA é um conjunto de conteúdos e práticas ambientais, orientadas para a resolução dos problemas concretos do ambiente, de forma interdisciplinar e de uma participação ativa e responsável de cada indivíduo da comunidade.

Neste sentido, tomando como base o pensamento do autor, a intensificação da EA na instituição objeto de estudo desta pesquisa, possibilitaria uma maior difusão da temática ambiental com caráter inter e extra institucional.

4.3. Educação Ambiental: Uma análise à luz das práticas do Ensino, Pesquisa e Extensão na UFCG

Observou-se que atualmente, a interação ensino-aprendizado vem cada vez mais se distanciando das aulas tradicionais e se aproximando de modelos mais atuais e que desenvolvem diversas práticas cognitivas. É sabido que, atividades de pesquisa, ensino e extensão são formas de promover uma maior interação do alunado com os conhecimentos, de assegurar a habilidade de conviver em sociedade e de oportunizar momentos de práticas profissionais, uma vez que estas, colocam o estudante frente a situações-problema e em posição de agente solucionador.

De modo geral, para buscar incutir na comunidade acadêmica o respeito pelo meio ambiente, como espaço em que se desenvolve a vida e o progresso humano. Foi verificado que as atividades de pesquisas, ensino e extensão deveriam ser melhor sistematizadas numa ambiência de participação e responsabilidade da comunidade acadêmica, reafirmando suas intenções e seu compromisso com a efetivação de uma prática pautada na conquista de uma

formação técnico-científica e humana de qualidade, face às demandas econômicas, políticas, sociais e ambientais dos dias atuais.

Neste contexto, para um melhor entendimento de como vem sendo implementada a PNEA nas esferas do ensino, pesquisa e extensão da UFCG, foram feitas análises nas matrizes curriculares dos cursos ofertados pela instituição.

4.3.1. Distribuição dos Cursos de Graduação da UFCG

A Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, no primeiro período de 2017, ofertava 105 cursos de Graduação entre Licenciaturas, Bacharelados e Parfor (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – modalidade presencial), distribuídos em seus 7 campi no período 2017.1 no Estado da Paraíba.

A Tabela 10 apresenta o quantitativo de cursos existentes em cada um dos campus da instituição:

Tabela 10: Distribuição de Cursos no Campi da UFCG

CAMPUS	Nº DE CURSOS
Cajazeiras	16
Campina Grande	54
Cuité	12
Patos	5
Pombal	4
Sousa	6
Sumé	8
TOTAL	105

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

4.3.2. Análise dos Fluxogramas dos Cursos de Graduação da UFCG

Findado o levantamento do quantitativo de todos os cursos distribuídos no *campi* da UFCG, conforme explicitado anteriormente, visando subsidiar informações a partir de uma perspectiva de análise sobre a temática Meio Ambiente, em especial, EA, foi realizada uma análise dos fluxogramas dos cursos, onde foi verificado se a nomenclatura dos componentes curriculares obrigatórios remetiam à temática ambiental em suas matrizes.

É de suma importância destacar que, estruturalmente, os cursos de graduação apresentaram em sua organização curricular as seguintes divisões quanto a tipologia de seus componentes, podendo estes serem: Básicos Obrigatórios; Complementares Obrigatórios; Optativos e Atividades Complementares Flexíveis.

Neste sentido, visando atender aos objetivos da pesquisa, foram listados os cursos nos quais apresentaram em suas matrizes curriculares, componentes curriculares obrigatórios cuja nomenclatura relacionava os mesmos com a temática ambiental conforme explicitado no Quadro 07. É de suma importância ressaltar que, todos os documentos analisados encontram-se no ANEXO V da presente tese.

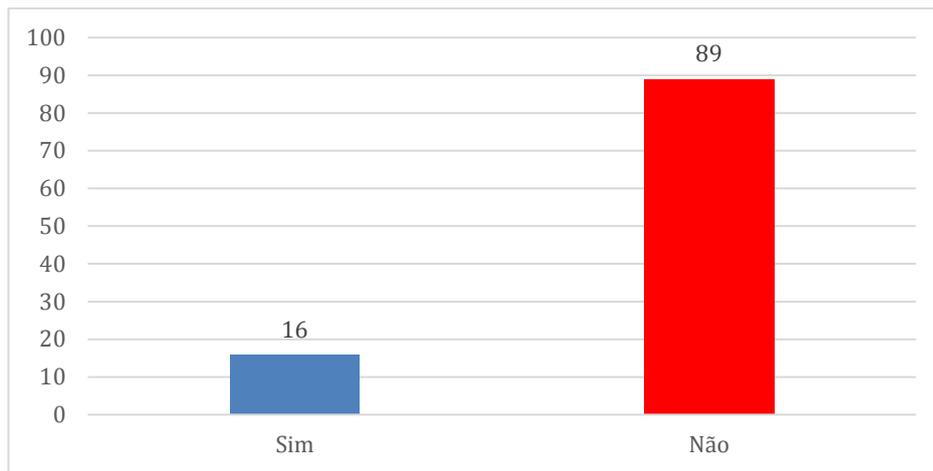
Quadro 07: Distribuição dos componentes curriculares obrigatórios entre os cursos da UFCG.

TEMÁTICA AMBIENTAL PRESENTES NA NOMENCLATURA DOS COMPONENTES CURRICULARES OBRIGATÓRIOS		
CAMPUS	CURSO	COMPONENTES IDENTIFICADOS
CAMPINA GRANDE	Arquitetura e Urbanismo	Ciências do Ambiente
		Conforto Ambiental
	Comunicação Social	Responsabilidade Socioambiental em Educomunicação
	Engenharia Agrícola	Fundamentos de Impactos Ambientais
	Engenharia de Materiais	Ciências do Ambiente
	Engenharia Química	Gestão Ambiental
	Meteorologia	Direito Ambiental
		Mudanças Climáticas
SOUSA	Ciências Contábeis	Contabilidade Educação Ambiental
PATOS	Engenharia Florestal	Educação Ambiental
		Estudo de Impacto Ambiental
		Gestão Urbana e Meio Ambiente
	Medicina Veterinária	Seminários (TEMAS VARIADOS)
CUITÉ	Ciências Biológicas	Ecologia Geral
		Meio Ambiente Físico e Ecossistemas
	Enfermagem	Educação na Saúde
	Química	Saúde Ambiental
SUMÉ	Engenharia de Biosistemas	Ecologia Geral
		Ciências do Ambiente
	Engenharia de Produção	Gestão Ambiental
POMBAL	Engenharia Ambiental	Gestão Ambiental
		Avaliação de Impactos Ambientais
		Ecologia Geral
		Economia Ambiental
		Gerenciamento de Resíduos Sólidos
		Gestão Ambiental
		Introdução a Engenharia Sustentável
		Legislação e Direito Ambiental
		Poluição Atmosférica
		Princípios e Estratégias da Educação Ambiental
		Recuperação de Áreas Degradadas e Biorremediação
	Recursos Naturais e Energias Renováveis	
Saneamento Ambiental		
	Engenharia de Alimentos	Princípios e Estratégias da Educação Ambiental

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Conforme observado, dos 105 cursos de graduação ofertados pela UFCG apenas 16 cursos possuíam componentes obrigatórios em suas matrizes cuja nomenclatura remetia a temática ambiental, o que correspondeu à um percentual de 15,24% conforme explicitado no Gráfico 01.

Gráfico 01: Nº de Cursos com componentes obrigatórios com nomenclatura remetendo à temática ambiental.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

É de suma importância destacar que, nos 16 cursos que possuíam componentes curriculares em suas matrizes com nomenclatura que remetiam à temática ambiental, também foram encontrados componentes complementares obrigatórios e componentes optativos que também continham a temática em seus nomes conforme demonstrado no Quadro 08.

Quadro 08: Temática ambiental em componentes curriculares

CAMPUS	CURSO	COMPONENTES IDENTIFICADOS	TIPOLOGIA (*)		
			(BO)	(OP)	(CO)
CAMPINA GRANDE	Arquitetura e Urbanismo	Arquitetura Sustentável			
		Ciências do Ambiente			
		Conforto Ambiental			
		Desastres Ambientais			
		Direito Ambiental			
		Fundamentos de Impactos Ambientais			
		Gestão Ambiental			
		Planejamento Ambiental			
		Poluição Ambiental			
	Comunicação Social	Resp. Socioambiental em Educomunicação			
	Engenharia Agrícola	Áreas Degradadas			
		Desastres ambientais			
Fontes Renováveis de Energia					

		Fundamentos de Impactos Ambientais				
		Gestão ambiental				
		Manejo de Recursos Naturais				
		Poluição Ambiental				
		Projetos de Impactos Ambientais				
		Recuperação de Áreas Degradadas				
		Saneamento Ambiental				
		Tratamento de Resíduos				
	Engenharia de Materiais	Ciências do Ambiente				
		Reciclagem de Materiais				
	Engenharia Química	Gestão Ambiental				
	Meteorologia	Direito Ambiental				
		Ciências do Ambiente				
		Mudanças Climáticas				
Poluição Atmosférica						
		Radiação Solar e Terrestre				
SOUSA	Ciências Contábeis	Contabilidade Educação Ambiental				
		Ferramentas de Gestão Ambiental				
		Resp. Social e Desenvolvimento Sustentável				
PATOS	Engenharia Florestal	Ecologia				
		Educação Ambiental				
		Estudo de Impacto Ambiental				
		Gestão Urbana e Meio Ambiente				
		Manejo e Conservação do Solo				
		Política e Legislação Ambiental				
	Recuperação de Áreas Degradadas					
	Medicina Veterinária	Ecologia				
CUITÉ	Ciências Biológicas	Ecologia Geral				
		Educação Ambiental				
		Educação para Convivência no Semiárido				
		Gestão e Conservação de Recursos Ambientais				
		Meio Ambiente Físico e Ecossistemas				
	Enfermagem	Sociedade, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável				
		Educação na Saúde				
			Saúde Ambiental			
			Ecologia Geral			
			Legislação da Educação Básica			
Planejamento em Educação						
Química Ambiental						
SUMÉ	Engenharia de Biosistemas	Introdução à Avaliação de Impactos Ambientais				
		Ciências do Ambiente				
		Gestão Ambiental				
		Indicadores de Sustentabilidade				
		Manejo e Conservação do Solo e Água				
	Engenharia de Produção	Tratamento de Resíduos Sólidos				
		Gestão Ambiental				
		Conforto Ambiental				
		Introdução à Avaliação de Impactos Ambientais				
		Biocombustíveis				
		Indicadores de Sustentabilidade				
POMBAL	Engenharia Ambiental	Atividade Agrícola e Meio Ambiente				
		Auditoria Ambiental				
		Avaliação de Impactos Ambientais				

		Desenvolvimento Sustentável			
		Ecologia Geral			
		Economia ambiental			
		Gerenciamento de Resíduos Sólidos			
		Gestão Ambiental			
		Introdução a Engenharia Sustentável			
		Legislação e Direito ambiental			
		Licenciamento Ambiental			
		Manejo de Bacias Hidrográficas			
		Mitigação de Impactos Ambientais			
		Planejamento Ambiental			
		Poluição atmosférica			
		Princípios e Estratégias da Educação Ambiental			
		Recuperação de Áreas Degradadas e Biorremediação			
		Recursos Naturais e Energias Renováveis			
		Saneamento Ambiental			
		Sociologia Ambiental			
	Engenharia de Alimentos	Princípios e Estratégias da Educação Ambiental			

(*) Tipologias: Básicos Obrigatórios (BO); Complementares Obrigatórios (CO) e Optativas (OP)

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

O Quadro 09 apresenta as tipologias e a quantidade de componentes que possuem em sua nomenclatura a temática ambiental nos 16 cursos mencionados.

Quadro 09: Quantitativo e tipologias de componentes que abordam a temática ambiental

Nº	Nº DE COMPONENTES	%
Básico Obrigatório	33	39,29
Optativo	41	48,81
Complementares obrigatórios	10	11,90
TOTAL	84	100

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Os dados obtidos na pesquisa demonstraram que no universo dos 16 cursos, apenas 39,29% dos componentes que traziam a temática ambiental em sua nomenclatura eram obrigatórios. Quando mencionado anteriormente que dos 105 cursos de graduação da UFCG, 89 destes, ou seja, 84,76% não possuíam componentes curriculares obrigatórios abordando a temática ambiental em sua nomenclatura, surgiu a indagação sobre o nível de consciência ambiental dos profissionais egressos desta instituição, fazendo-se necessário a mudança de paradigmas e a averiguação de tal nível conforme disposto mais adiante.

Corroborando, Silva (2007, p.144-149) destacou a urgência da transformação da universidade tradicional em uma “universidade ambientalmente responsável”. O autor explicitou que, torna-se preocupante a lentidão com que essas instituições superiores têm aderido inserção da EA nos cursos superiores. Ainda, o autor destacou que mesmo sendo tímidas as iniciativas, se faz necessário uma maior integração e sistematização das informações nesse campo.

É sabido que, a PNEA, consolida a EA no país como sendo “um componente essencial e permanente da educação nacional”. Além disso, a PNEA recomendou (Art. 8º, § 2º, inciso II), que a capacitação de recursos humanos deve voltar-se para “a incorporação da dimensão ambiental na formação, especialização e atualização dos educadores de todos os níveis e modalidades de ensino”.

Em seu Art. 9º, é dito que no contexto escolar a EA deve ser “desenvolvida no âmbito dos currículos das instituições de ensino públicas e privadas”, englobando a educação básica, a educação superior e a educação especial, profissional e de jovens e adultos.

Para tanto, o Art. 10º da política supracitada, determina que “a educação ambiental será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal”. Em complemento, o Art. 11º, determina que “a dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas” (BRASIL, Lei nº 9.795/99. In: ProNEA, 2005, p.68).

Diante do exposto, tomando como base a PNEA, observou-se que no tocante ao ensino na Universidade Federal de Campina Grande, apenas uma pequena parcela dos cursos de graduação oferecidos na instituição atentem a PNEA, uma vez que esta preconiza que a EA é fundamental para uma sensibilização das pessoas em relação ao mundo em que vivem para que estas possam ter cada vez mais uma melhor qualidade de vida sem desrespeitar o meio ambiente.

Conforme estabelecido em Lei, a PNEA na instituição deveria ser tratada de forma interdisciplinar, articulada, em todos os níveis de ensino e não de forma isolada como uma disciplina ou outra conforme verificado.

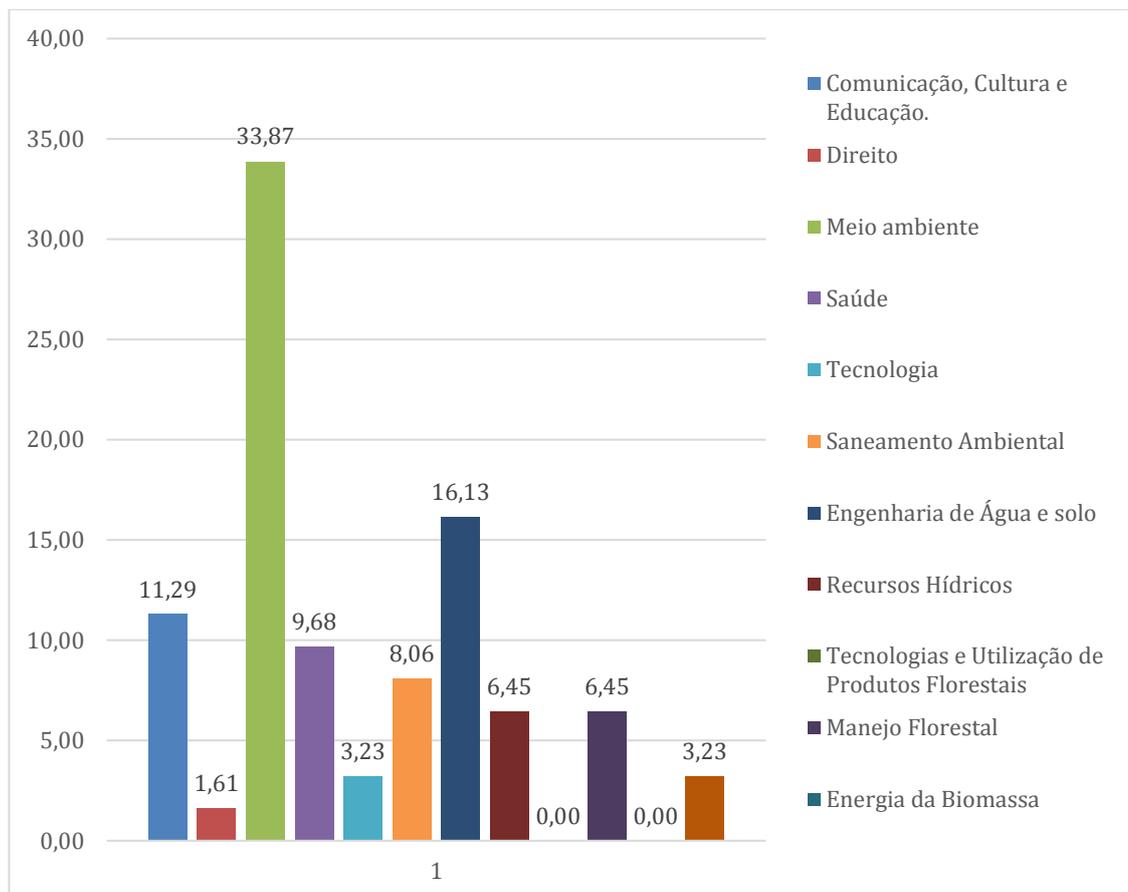
4.3.3. Atividades de Pesquisa e Extensão

4.3.3.1. Atividades de Extensão

No tocante a análise quantitativa e qualitativa das atividades de extensão na UFCG sobre a abordagem da EA, do número total de publicações da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão (PROPEX) no período de 2002 a 2017 em paralelo ao número de trabalhos que contemplam a PNEA, foi observado que apenas 13% dos trabalhos preconizam a PNEA direta e indiretamente distribuído em doze categorias. Ainda, tiveram destaque os trabalhos que abordaram a Lei 9795/1999, ou seja, 30% destes, estiveram concentrados na categoria de Meio Ambiente.

No Gráfico 02, verifica-se as categorias áreas das publicações dos projetos de extensão realizadas na UFCG, que foram as seguintes: Comunicação, Cultura e Educação; Direito; Meio Ambiente; Saúde; Tecnologia; Saneamento Ambiental; Engenharia de água e solo; Recursos Hídricos; Tecnologias e utilização de produtos florestais; manejo florestal; Energia da biomassa e Conservação de natureza.

Gráfico 02: Categorias de distribuição de publicações nos projetos de extensão – 2007-2014.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2017.

Em termos quantitativos, conforme distribuição de frequência, os maiores percentuais dos trabalhos de extensão que abordam a temática ambiental desenvolvidos na UFCG encontram-se na categoria de Meio ambiente conforme mencionado, que representa área interdisciplinar na tabela de conhecimento Capes do ano de 2017. Em seguida, a área de Engenharia de Água e Solo concentrou 16% dos trabalhos Comunicação Cultura e Educação com 11% dos trabalhos e Saúde registrou 9,68%. Vale salientar, que do número total de trabalhos que trataram da EA desenvolvidos nesta instituição apenas 11,29% tiveram continuidade com novos pesquisadores, novos títulos.

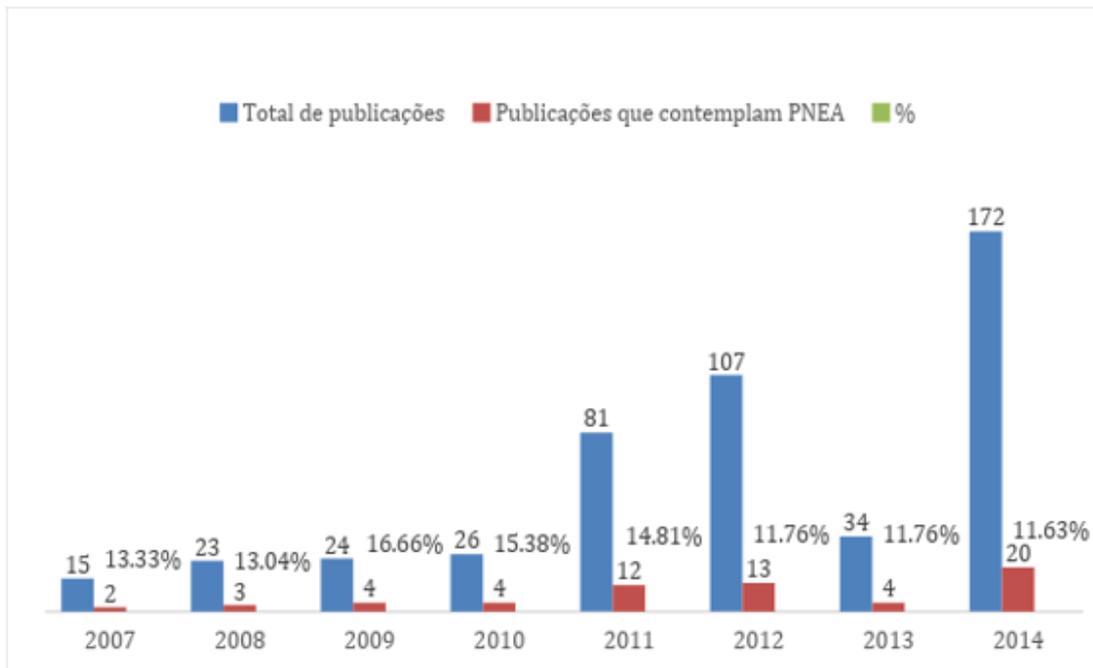
Sabe-se que as extensões universitárias possibilitam aos alunos da graduação aprofundarem o estudo e a compreensão de fatores econômicos, sociais, político, tecnológicos e ambientais cada vez mais juntos à sociedade, ou seja, possibilitam aos mesmos uma troca de valores entre a universidade e o meio, onde cabe à instituição planejar e executar atividades que não violem a cultura dessas comunidades e ao mesmo tempo propiciem melhorias nas mesmas.

Neste sentido, de acordo com Minnini (1994), a EA, deve enfatizar o desenvolvimento de valores e comportamentos diferentes na inter-relação homem e meio ambiente, defendendo a necessidade de um conhecimento integrado da realidade e procedimentos baseados na investigação dos problemas ambientais, utilizando estratégias interdisciplinares e sustentáveis.

Assim, a atuação e participação em projetos de pesquisa e extensão que envolva a EA relacionada com a sustentabilidade pode ser vista como processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito à todas as formas de vida. Neste sentido, a preservação ecológica e a formação de sociedades mais justas e equilibradas pressupõem uma pedagogia baseada no diálogo de saberes e orientada para a construção de consciências críticas.

Ao observar que quando o ensino apresenta falhas e lacunas de conteúdos obrigatórios, conseqüentemente os outros espaços de aprendizagem não são satisfatórios. Conforme verificado na pesquisa, no universo de 482 projetos de extensão desenvolvidos durante o período de 2007 a 2014, apenas 62 projetos, contemplaram de alguma forma quer seja direta ou indiretamente a temática Meio Ambiente (Gráfico 03). Esse dado tornou-se preocupante, uma vez que, a universidade nos dias atuais não assumiu sua responsabilidade socioambiental que no mínimo lhe demanda institucionalizar a dimensão ambiental na Instituição.

Gráfico 03 - Campi Campina Grande: Total de projetos de extensão que preconizam PNEA de 2007 a 2014.



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Pode-se verificar que não foi surpresa diante dos dados verificados que o próprio estatuto da instituição (documento este que contém 59 páginas e foi aprovado pelo Conselho Universitário da Universidade Federal de Campina Grande em 03 de Outubro de 2002) apresenta o termo “meio ambiente” única vez em seu Art. 11º inciso IV estabelecido como um dos princípios “promover a paz, a solidariedade, a defesa dos direitos humanos e a preservação do meio ambiente”, lamentável revelar completa disparidade legal que seguramente legitimam os resultados aqui apreendidos.

4.3.3.2. Atividades de Pesquisa

Ao analisar o material disponível na biblioteca da Instituição em seu banco de teses e dissertações e sites dos programas de Pós-Graduação, a baixa frequência de dissertações que abordam a PNEA chamou bastante atenção. Das 2681 dissertações publicadas entre os anos de 2002 e 2015, apenas 60 destas abordaram a PNEA em sua elaboração, perfazendo um percentual de apenas 2,24%. Com relação as teses publicadas, que se concentram em sua grande maioria nas áreas de Engenharia Agrícola, Recursos Naturais e Engenharia de

Materiais, apenas 60 trabalhos, ou seja, 6,26% abordam a PNEA, conforme explicitado na Tabela 11. Ainda, no anexo II encontram-se os títulos das dissertações e teses defendidas na UFCG no período mencionado.

Tabela 11 – Quantitativo de dissertações e teses que abordam a PNEA

Ano de Publicação	Nº de Dissertações	Nº de dissertações que tratam PNEA	Nº de Teses	Nº de Teses que tratam PNEA
2002	187	6	29	3
2003	155	3	28	4
2004	138	1	39	5
2005	142	3	34	1
2006	154	4	55	1
2007	175	5	59	4
2008	189	7	63	8
2009	220	8	78	5
2010	224	6	70	4
2011	255	1	110	8
2012	226	5	107	7
2013	227	4	115	4
2014	216	3	87	2
2015	173	6	85	4
Total	2681	60	959	60

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Cabe aqui alertar que, foi evidenciado na maioria dos trabalhos publicados e defendidos em nível de Mestrado se repetiram no Doutorado e apresentaram os mesmos objetivos e muitas vezes até mesmo título. Houveram aqueles que só realizaram alterações nos títulos e desenvolveram os mesmos objetivos anteriores, o que é inaceitável e anticientífico, e, nesta perspectiva, pode-se inferir que se houvesse cuidados mais rigorosos com os critérios de cientificidade, teríamos mais trabalhos contemplando a área ambiental, cujos problemas são emergentes e altamente socializados.

4.4. A questão ambiental no ensino, pesquisa e extensão sob a perspectiva de discentes, docentes e funcionários técnicos administrativos da UFCG

4.4.1. A questão ambiental na perspectiva dos discentes

Com o intuito de se identificar a perspectiva dos discentes no âmbito do Ensino, Pesquisa e Extensão, envolvendo a temática ambiental, buscou-se compreender de fato, como

a PNEA e as questões ambientais são ou se são abordadas em salas de aula, projetos, e no campus da Universidade.

Neste sentido, foram realizados 16 questionamentos aos discentes contemplando temas como: ações ambientais no campus; conhecimento adquirido no curso; cuidado ambiental no campus; comissão institucional de EA, entre outros.

Ao serem indagados sobre a existência da abordagem da questão ambiental em sala de aula, ou seja, se assuntos relacionados a temática ambiental estão presentes nos debates, aula, 84,16% do corpo discente afirmaram que sim e 15,84% disseram que não.

A Tabela 12 apresenta a distribuição de frequência no que se refere a forma como é dada a abordagem da temática ambiental em sala de aula.

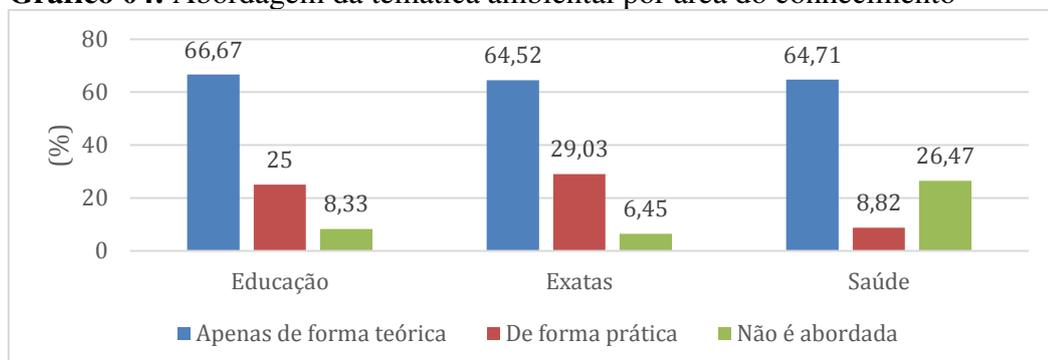
Tabela 12: Forma de abordagem da temática ambiental e salas de aula

Tipo de Abordagem (%)	
Com atividades práticas	18,81
Apenas de forma teórica	65,35
Não é abordada em sala de aula	15,84

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

O Gráfico 04, demonstra em forma de porcentagem, a forma de abordagem levando em consideração área de conhecimento na qual o aluno encontra-se matriculado. O que mais se destaca é a ausência da abordagem da temática ambiental nas salas de aula da área da saúde, cujo percentual chegou a marca de 26,47% do alunado afirmando que está prática é inexistente.

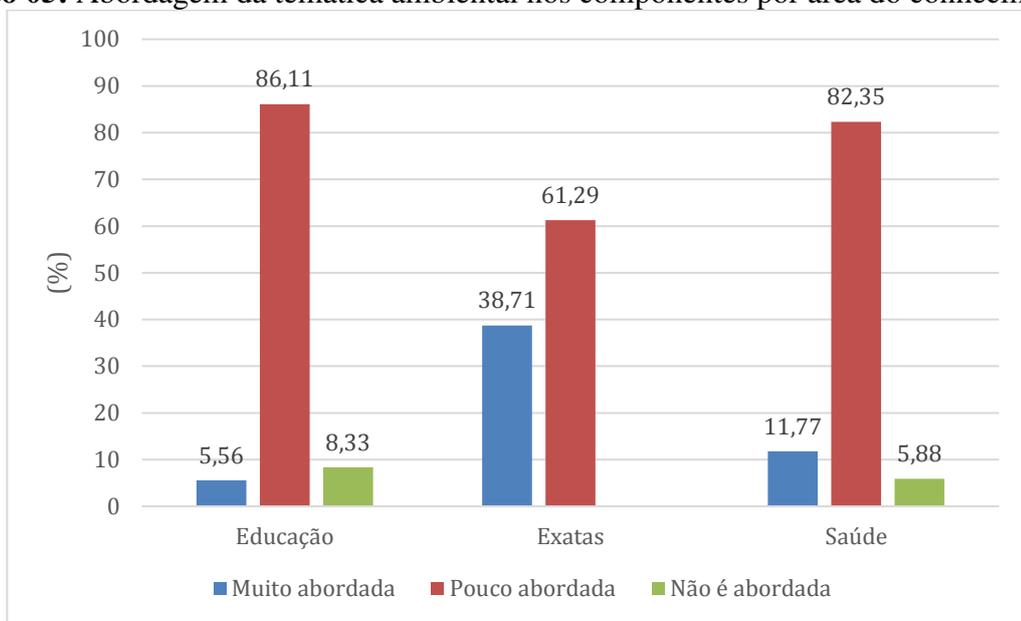
Gráfico 04: Abordagem da temática ambiental por área do conhecimento



Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Levando-se em consideração a existência de abordagem da temática ambiental nos componentes curriculares na UFCG em cada área de conhecimento, a predominância de pouca abordagem encontra-se nas três áreas objeto de estudo desta pesquisa conforme apresentado no Gráfico 05.

Gráfico 05: Abordagem da temática ambiental nos componentes por área do conhecimento



Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Dando continuidade, ao serem questionados sobre seu nível de conhecimento sobre EA, 77,23% se consideram pouco informados sobre o assunto, 15,84% muito informados e 6,93% não possuíam nenhum conhecimento sobre o tema.

No que se concerne ao grau de conhecimento que estes adquiriam na UFCG sobre a EA voltada para sua formação profissional, 83,17% afirmaram estarem sendo pouco informados sobre a inserção da temática em sua vida laboral e 16,83% alegaram estar sendo bem instruídos.

Diante dos dados acima apresentados, justifica-se a importância da EA na sala de aula, pois segundo Silva (2011), ela se constitui num processo educativo contínuo,

permanente, dinâmico, criativo, interativo, com enfoque interdisciplinar, que permite aos seres humanos conhecer as leis que regem a natureza, compreender as relações e interações existentes entre eles, os seres vivos e o ambiente, reconhecer os problemas ambientais globais e locais e valorizar os aspectos sociais, históricos, éticos e culturais do ambiente onde estão inseridos; adquirindo assim, habilidades e competências para solucionar os seus problemas e construir uma consciência ambiental pautada na mudança

de atitudes e de comportamentos, na solidariedade e no exercício da cidadania. (SILVA, 2011, p. 81).

Assim, mesmo sendo abordado em sala de aula de forma apenas teórica, a mesma não conseguirá fazer com que os indivíduos a associe como uma trilha necessária para reversão dos problemas ambientais no cotidiano.

É importante destacar que, uma vez que a EA é tida como uma ferramenta capaz de proporcionar mudanças socioambientais, é através dela que o discente receberá instruções e conhecimentos para transformar sua realidade, o que faz jus que seja imprescindível a utilização da teoria ser abordada em conjunto com a prática, e não de forma isolada.

Com relação ao nível de participação do corpo discente em atividades relacionadas a pesquisa e extensão a Tabela 13 e a Tabela 14, demonstram a frequência de envolvimento dos discentes nestas atividades. Está explícito que o baixo índice de participação nessas modalidades de atividades, contribuem com a ampliação da limitação da busca de novos conhecimentos.

Tabela 13: Participação em Atividades de Pesquisa

Atividades de Pesquisa (%)	
Participou ou participa	46,53
Nunca participou	53,47

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

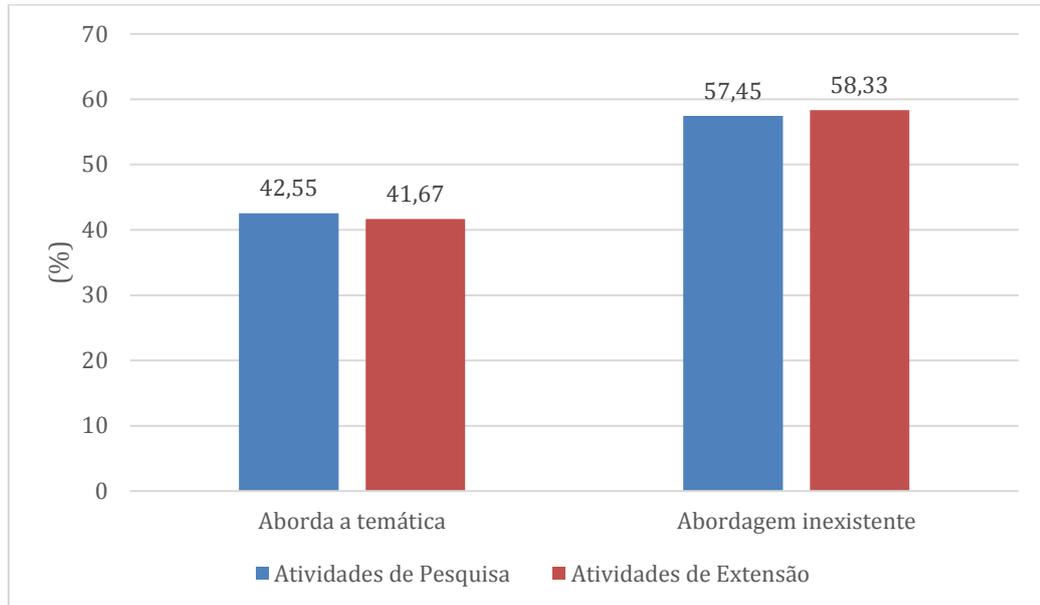
Tabela 14: Participação em Atividades de Extensão

Atividades de Extensão (%)	
Participou ou participa	35,64
Nunca participou	64,36

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Também buscou-se verificar se nas atividades de pesquisa e extensão nos quais o alunado participam ou haviam participado, a questão da EA havia sido abordada. O Gráfico 06 demonstra que a maioria das atividades de pesquisa e extensão não abordam a temática na desenvoltura de suas atividades.

Gráfico 06: Abordagem sobre Educação Ambiental nos projetos de pesquisa e extensão



Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Nesta perspectiva, a Lei estabelece que a EA é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal (BRASIL, 1999).

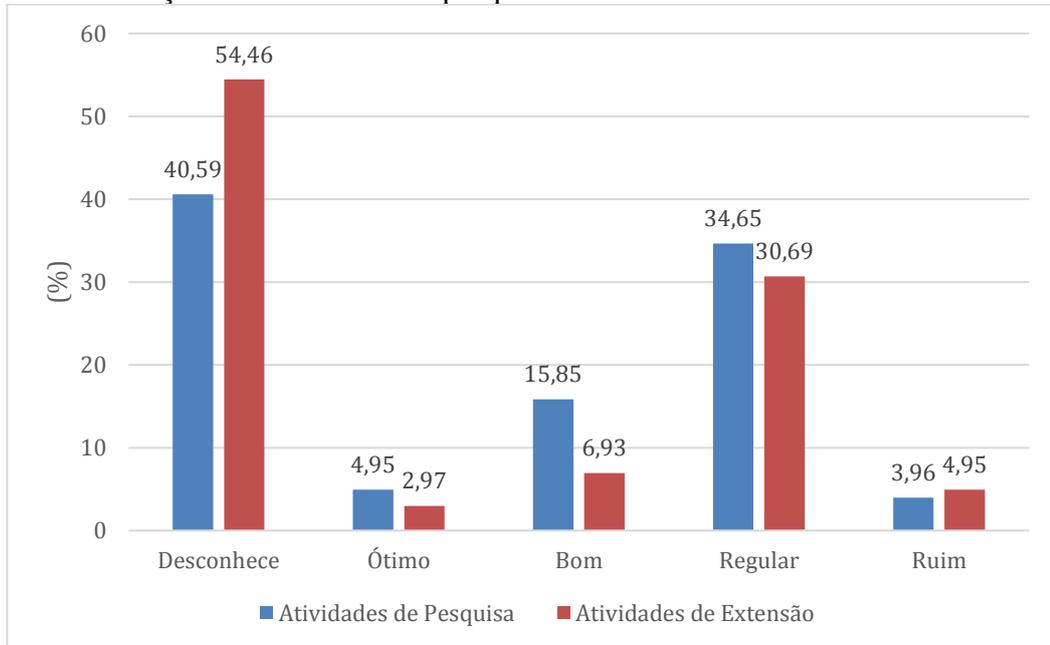
Como as atividades de pesquisa e extensão podem ser categorizadas como sendo um tipo de educação formal que faz uso de um caráter informal, uma vez que o alunado encontra-se desenvolvendo o ensino aprendizagem fora da sala de aula através de ações práticas e sociais, a presença da EA deveria estar presente em todos os projetos e em todas as áreas de formação profissional.

Ainda, no tocante as atividades de pesquisa, um dos princípios da EA que pode ser contextualizado nos mesmas é a interdisciplinaridade, uma vez que, as discussões científicas costumam ressaltar que a utilização do prefixo “inter” não indica apenas uma pluralidade, uma justaposição de disciplinas; ela evoca um espaço comum, fator de coesão entre saberes diferentes que se afetam mutuamente.

Na construção de áreas interdisciplinares, cada pesquisador aceita e se esforça para, fora do seu domínio e de sua linguagem técnica, aventurar-se em outros campos do conhecimento (SILVA *et al.*, 2009). Como isso, as atividades de pesquisa deveriam utilizar-se deste princípio e em todas as áreas terem a EA como um dos elementos norteadores das atividades.

Continuando as análises sobre as atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas na instituição, buscou-se saber dos entrevistados, como estes avaliam tais projetos na área ambiental. O Gráfico 07 apresenta os resultados obtidos.

Gráfico 07: Avaliação das atividades de pesquisa e extensão na área ambiental

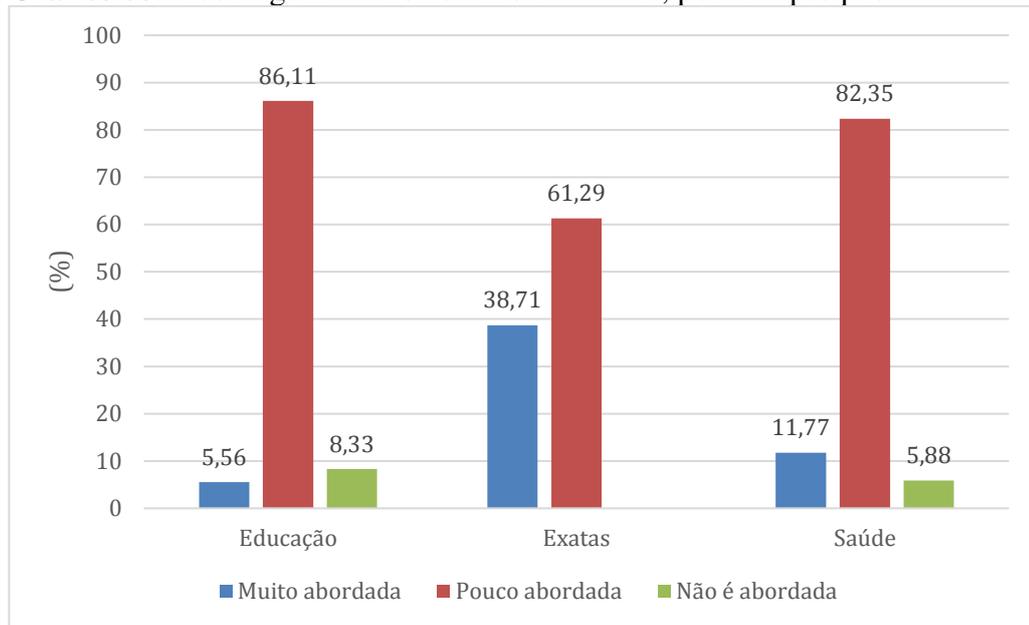


Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

A práxis educativa abordada e discutida por Paulo Freire é pertinente neste contexto, pois é através do fazer, ser crítico, consciente das ações, responsável com o mundo que o cerca e consequentemente com o meio ambiente que a sociedade irá mudar suas atitudes e comportamentos, minimizando as ações antrópicas danosas ao meio ambiente.

Assim, faz necessário da Instituição, através da comunidade acadêmica e administrativa, facilitar e proporcionar uma maior visibilidade das ações ambientais desenvolvidas no campus fortalecendo assim, a atuação de todos.

Ainda sobre o ensino, foi pesquisado qual o grau de intensidade de abordagem ambiental nos componentes curriculares na UFCG em cada área, e o mesmo nas três áreas pesquisadas ainda é pouco abordado, conforme apresentado no Gráfico 08.

Gráfico 08: Abordagem de ensino em sala de aula, por área pesquisa

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

A PNEA (Lei nº 9.795/99) bem como a Política Nacional do Meio Ambiente (Lei nº 6.938/81), determinam, respectivamente, que “as ações de estudos, pesquisas e experimentações voltar-se-ão para: IV- a busca de alternativas curriculares e metodológicas de capacitação na área ambiental” já na PNMA no artigo 2º atente como princípio que “educação ambiental a todos os níveis de ensino, inclusive a educação da comunidade, objetivando capacitá-la para participação ativa na defesa do meio ambiente”.

Assim, e ainda baseado em outra lei que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LBD), Lei nº 9.394/96, tem como objetivo “desenvolver o educando para o exercício e a construção da cidadania, bem como propiciar-lhe os meios para os estudos posteriores”. Com isso, é preocupante que as questões ambientais na UFCG ainda estão sendo pouco abordadas, uma vez que, os discentes sairão da instituição profissionais, e, além disso, cidadãos capazes de modificar a realidade socioambiental.

4.4 2. A questão ambiental na perspectiva dos docentes

A questão ambiental na perspectiva dos docentes foi avaliada a partir da utilização de 14 questionamentos também abrangendo variáveis sobre o ensino, pesquisa e extensão. Destaca-se aqui que, dos 40 docentes entrevistados, 17 eram da área de educação, 10 da área de exatas, mais especificamente do curso de Engenharia Agrícola e 13 da saúde.

Baseado no que preconiza a PNEA, os entrevistados foram questionados sobre a existência de programas de formação continuada na área ambiental na instituição e de forma alarmante, 97,50% afirmaram que não receberam por parte da instituição nenhuma qualificação profissional na área ambiental. Este dado torna-se preocupante, uma vez que na PNEA, Art. 11º Seção II no parágrafo único estabelece que “professores em atividade devem receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o propósito de atender adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da Política Nacional de Educação Ambiental”.

Os docentes foram questionados sobre a realização de atividades de sensibilização ambiental no campus da UFCG com os alunos. 42,50% afirmaram que já realizaram este tipo de atividade, e 57,20% nunca desenvolveram nenhuma atividade de sensibilização ambiental na instituição.

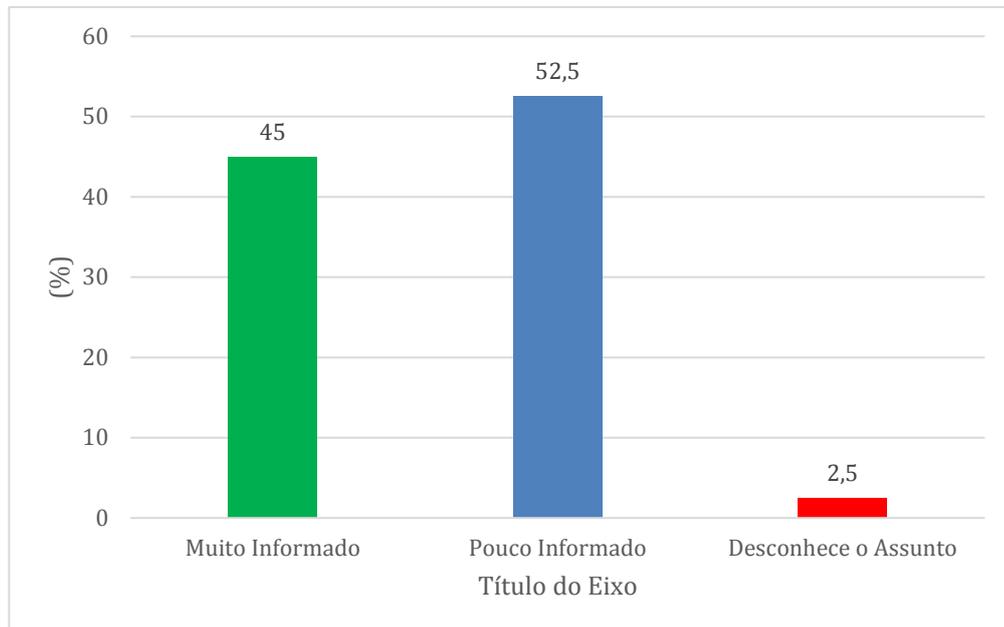
Estes últimos dados apresentados podem ocorrer por diversos motivos, a exemplo dos docentes não terem obtidos em sua formação abordagens em sala de aula sobre o assunto, a desobrigatoriedade de abordar o assunto por parte dos conteúdos obrigatórios, como também desinteresse pela coordenação e/ou instituição em discutir a temática ambiental.

A PNEA estabelece em seu capítulo II, seção I art8º § 2º sobre capacitação que:

I- a incorporação da dimensão ambiental na formação, especialização e atualização dos educadores de todos os níveis e modalidades de ensino; II- a incorporação da dimensão ambiental na formação, especialização e atualização dos profissionais de todas as áreas;

No entanto, na desenvoltura de suas atividades em salas de aula, 65% dos docentes entrevistados afirmam abordar temática ambiental 35% não fazem uso da abordagem. De fato, estes dados foram confirmados com os dados obtidos com o alunado, que afirmam que a temática ambiental é pouco é abordada em sala de aula.

Em se tratando do nível de conhecimento sobre EA o Gráfico 09 apresenta a distribuição de frequência das respostas obtidas.

Gráfico 09: Conhecimento sobre educação ambiental

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Ao ser solicitado aos professores que estes fizessem uma avaliação sobre o ensino da UFCG com relação as questões relacionadas ao Meio Ambiente, 45% professores julgaram como regular, 27,50% ruim, 12,50% péssimo, 12,50% bom e 2,50% ótimo.

O ensino ser avaliado por 85% dos entrevistados como sendo ruim, regular e péssimo é preocupante uma vez que, autores como Reigota (2006), Freire (1999), Assman (2001), Loureiro (2014) e Morin (2005), elegem o ensino como elemento fundamental e primordial para a transformação socioambiental, através desta modalidade utilizando princípios da EA e com uso de novas ferramentas teóricas metodológicas o sujeito será capaz de buscar soluções em suas áreas para minimizar os problemas ambientais.

No tocante ao conhecimento da existência de ações ambientais que são realizadas na instituição, 37,50% dos docentes as classificaram como regular, 32,50% desconhecem alguma ação ambiental no campus, 20% as consideraram ruins, 7,5 péssimas e 2,5% as consideraram como boas.

A pesquisa também buscou investigar sobre a modalidade da EA não-formal, modalidade de ensino também presente na política nacional, com isso, foi questionado se os professores saberiam identificar algum programa e/ou atividade vinculada à EA na modalidade da educação não-formal na Universidade, no total de entrevistados, 32,50%

conseguem identificar alguma atividade, 40% responderam que não saberiam e 27,50% não souberam responder ao questionamento.

A PNEA entende por “*educação ambiental não-formal as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente*”. Assim, é necessária uma ampla participação da escola, da universidade e de organizações não-governamentais na formulação e execução de programas e atividades vinculadas à EA não-formal.

Com isso, entende-se que a universidade tem um papel primordial na sensibilização, nas ações e trocas de conhecimentos entre sociedade e comunidade acadêmica.

Os sinais de cuidado ambiental no campus da UFCG sob a ótica docente foram defendidos por 57,50% dos entrevistados, que afirmaram o campus apresenta cuidado ambiental, e 42,50% responderam que o campus não apresenta cuidado algum.

Quando questionados sobre o interesse em participar da Comissão Institucional de Educação Ambiental, 52,50% dos professores se colocaram à disposição de com o intuito de discutir, buscar soluções e avaliar as ações na UFCG na área ambiental e 47,50% não tinham interesse em ser membro da comissão.

Dando continuidade à pesquisa, tomando como objeto de análise os docentes coordenadores de atividades de pesquisa e extensão, buscou-se identificar a presença da temática EA na desenvoltura de seus projetos. Do total de 40 professores participantes da pesquisa, 90% são ou foram coordenadores de projetos de pesquisa e extensão na instituição.

O que mais chama a atenção é que apenas 47,22% dos projetos de pesquisa desenvolvidos na instituição abordavam a temática da EA e 52,78% não abordavam. Em se tratando de projetos de extensão, apenas 33,33% contemplam a temática.

É sabido que a EA, seja na Universidade ou em outro ambiente educacional, quando relacionada com os princípios da sustentabilidade pode ser vista como processo de aprendizagem permanente, contínuo, integrado e sistêmico com tudo que nos cerca, partindo nos hábitos domésticos e sociais, passando pela formação, profissional e cidadão, baseado em Paulo Freire, não há saber mais nem menos, há saberes diferentes, então com este entendimento a formação de sociedades mais justas e equilibradas pressupõe uma pedagogia baseada no diálogo de saberes e orientada para a construção de consciências críticas.

Neste sentido, com a realização da presente pesquisa, ficou evidenciada a importância cada vez mais presente dos elementos mencionados na PNEA uma vez que, construir valores,

conhecimentos, habilidades, entre outros, só é possível através de uma cadeia de evolução, que vem desde o cotidiano doméstico, passando pela educação formal (em todos os níveis) e continuando na educação profissional.

4.3.3. A questão ambiental na perspectiva dos funcionários técnicos administrativos

A PNEA afirma no Art 3º , inciso V que cabe

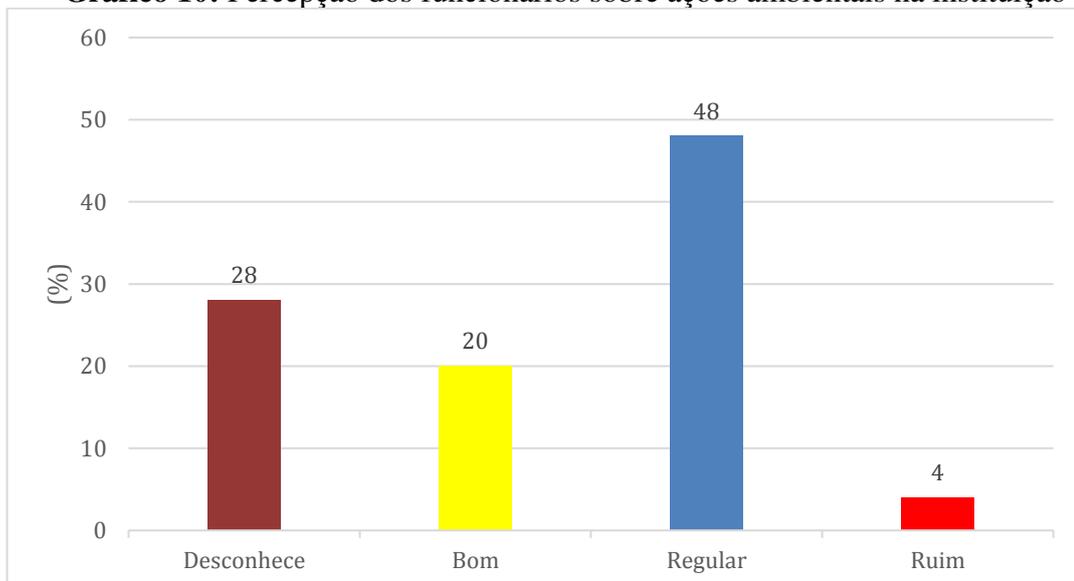
“às empresas, entidades de classe, instituições públicas e privadas, promover programas destinados à capacitação dos trabalhadores, visando à melhoria e ao controle efetivo sobre o ambiente de trabalho, bem como sobre as repercussões do processo produtivo no meio ambiente”.

Com este objetivo, com o quadro efetivo de funcionários técnicos administrativos instituição, buscou-se identificar como estes percebiam as ações da instituição na área ambiental a partir de 4 questionamentos.

Ao serem indagados sobre o nível de seu conhecimento acerca da EA, 72% consideravam-se pouco informados, 24% muito informados e apenas 4% não tinham conhecimento sobre o assunto.

O Gráfico 10 apresenta a distribuição de frequência dos resultados tomando como objeto de análise o nível de satisfação que estes tinham sobre a avaliação das ações ambientais na instituição, considerada como segunda pergunta desta categoria.

Gráfico 10: Percepção dos funcionários sobre ações ambientais na instituição



Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Sobre o cuidado ambiental no campus, 60% dos funcionários consideraram o campus bem cuidado 12% não consideraram bem cuidado e 28% desconhecem qualquer tipo de cuidado ambiental na instituição.

Por fim, sobre o interesse em participar da Comissão Institucional de Educação Ambiental no *campus* de Campina Grande, a sua maioria dos entrevistados alegaram não possuir interesse participar de tal comissão, o que totalizou um percentual de 56% dos entrevistados e 44% se dispuseram em ser membro da comissão. Conforme observado, o desinteresse participar deste tipo de comissão, implica diretamente na redução do potencial de detecção de problemas e melhorias no campus.

4.5. Percepção Ambiental

Com o intuito de se conhecer melhor as interrelações que a comunidade acadêmica possui com o ambiente que os cerca, e como está se relaciona cognitiva e interativamente com esta unidade ecossistêmica, foi realizada a investigação da percepção ambiental de seus indivíduos, buscando-se entender fatores, mecanismos e processos que levam as pessoas a terem opiniões e atitudes sobre as mudanças neste ambiente, tomando como base informações pertinentes a cada indivíduo, o que tornou possível elaborar um diagnóstico da percepção ambiental local como subsídio a ações e projetos a serem posteriormente implementados na localidade.

Para tanto, utilizou-se 27 questionamentos contendo temas como ações ambientais, qualidade ambiental, EA, legislação ambiental, conservação, preservação, divulgação e desenvolvimento sustentável, entre outros onde se buscou levantar dados e informações referentes ao nível de percepção ambiental da população pesquisada na área de estudo.

Segundo Bergman (2011), um estudo de percepção ambiental serve de alicerce para um melhor entendimento das inter-relações existentes entre o homem e o ambiente, bem como suas expectativas, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas. Ao serem indagados sobre a importância da prática de conservação ambiental, 77,71% dos entrevistados a considera muito importante, 20,48% acham importante e apenas 1,81% não souberam responder. Sobre a PNEA, 76,51% afirmaram não conhecer a PNEA e apenas 23,49% a conhecia.

Os dados acima apresentados, nos remete as seguintes indagações: como fazer cumprir a lei se muitos indivíduos não a conhecem? Se não há conhecimento, como promover a prática cotidiana e um diálogo envolvendo a temática?

A partir das indagações supracitadas, é possível observar a importância entre a teoria e prática juntos no processo de ensino aprendizagem. Freire (2005), na sua obra, *Pedagogia do Oprimido* aborda o diálogo entre o educando e o educador, explicitando uma relação baseada na troca de conhecimentos capazes de influenciar nas mudanças de comportamento e atitudes no cotidiano.

Assmann (2001) acrescenta que é necessário que a sociedade possua um olhar de sensibilização social, ou seja, conhecer sua realidade como um ser social, e interferir como cidadão participativo do seu meio.

Sendo assim, o conhecimento da lei ou regras sociais que estão presentes na sociedade é um instrumento de intervenção social e, além disso, de modificação social onde, segundo Henriques (2007), a realidade ambiental de uma população é caracterizada pelas dimensões dos problemas encontrados em âmbito local, dos riscos, da falta de informação que são resultantes principalmente, da má conduta dos serviços públicos e da omissão e/ou negligência do poder público no que se refere a melhorias das condições de vida e ao acesso a informação de uma população.

No que se refere ao nível de informação sobre a temática ambiental, apenas 24,70% dos entrevistados se consideravam bem informados sobre a temática, 69,28% se acharam pouco informados e 6,02% não tem conhecimento sobre o assunto. A Tabela 15 demonstra a distribuição de frequência dos principais meios de informação utilizados para se obter conhecimentos relacionados à temática ambiental na localidade.

Tabela 15. Meios de obtenção de informações sobre a temática ambiental na localidade

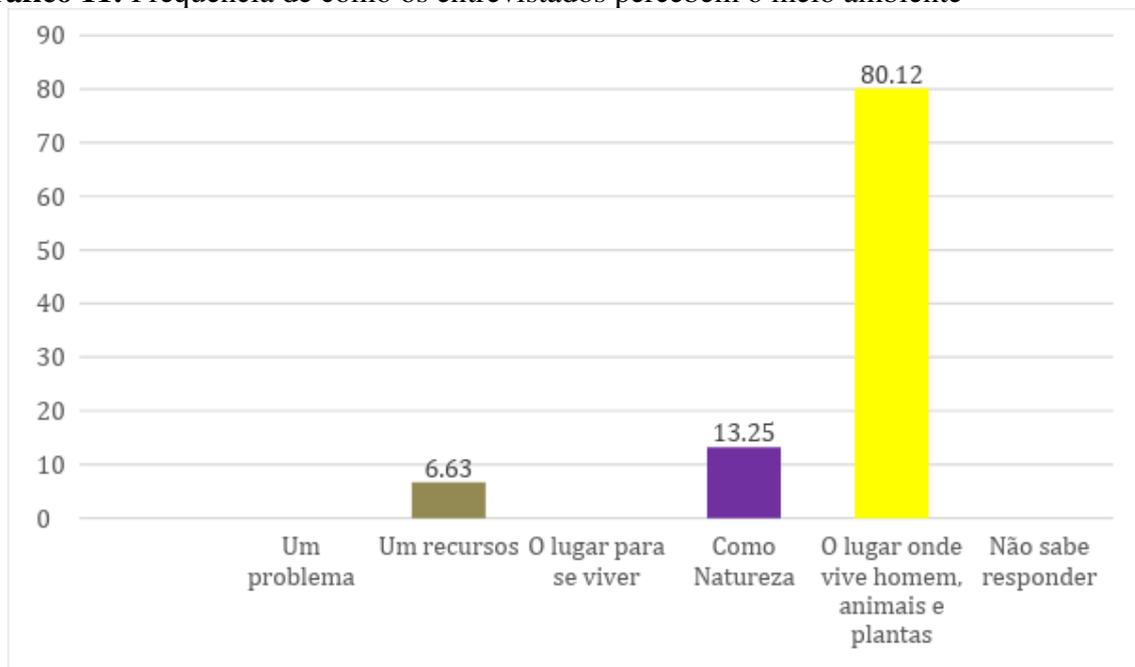
Fonte	Frequência (%)		
	Sim	Não	Não soube responder
Livros	63,86	33,73	2,41
Revistas	59,64	39,60	1,20
Televisão	90,36	9,64	
Jornais	68,67	30,12	1,20
Rádio	43,98	54,22	1,81
Internet	96,39	3,61	
Outros	65,66	27,71	6,63

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Tomando como base aspectos relacionados a legislação ambiental, 26,51% dos entrevistados desconhecem alguma lei ambiental. Da outra parcela restante, ou seja, 73,49%, 21,08%, adquiriram conhecimentos sobre alguma lei ambiental a partir do rádio ou televisão, 24,10% na escola, 24,70% na internet, 3,61% através de revistas, 26,51% desconhece as leis ambientais.

Bergman (2011, p.36) já explicitava que “a percepção ambiental era considerada de fundamental importância para se entender as ligações afetivas e cognitivas dos seres humanos para com o meio ambiente”. O Gráfico 11 demonstra a distribuição de frequência de como os entrevistados percebem o meio ambiente.

Gráfico 11: Frequência de como os entrevistados percebem o meio ambiente



Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

De acordo com o estudo, foi possível verificar a existência de um bom entendimento acerca do que o meio ambiente representa para população, bem como, os itens que o compõe (Tabela 16). Na localidade, as concepções de meio ambiente expressaram a realidade na qual o grupo estava inserido e o ser humano também foi percebido enquanto parte integrante do meio ambiente, semelhantemente aos resultados encontrados por Abreu (2013).

Tabela 16. Frequência dos itens indicados como parte integrante do meio ambiente

Item analisado	Frequência (%)		
	Sim	Não	Não soube responder
O ser humano	97,59	2,41	
Praças e parques	90,36	7,83	
Os animais	100		
Ruas, calçadas e estradas	77,11	16,26	6,63
Construções, casas, prédios	71,08	21,08	7,83
Sítios, chácaras e fazendas	92,17	7,23	0,60
Chuvas e ventos	92,77	3,01	4,22
Vegetação, terra, montanhas	98,80	1,20	

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

O reconhecimento da inserção do domicílio ou locais de vivência como parte integrante do ambiente, é de fundamental importância para estudos de percepção ambiental. Ao se perguntar aos entrevistados se estes consideravam que seu domicílio fazia parte do meio ambiente, 95,81 % afirmaram que sim, 2,41 % que não e 2,41% não souberam responder.

Quanto a identificação de problemas ambientais na UFCG, 89,76% conseguem visualizar algum problema ambiental, 3,01% não identificam e 7,23% não souberam responder. A maior parte dos entrevistados conseguem enxergar situações de desmatamentos, poluições diversas, diminuição da camada de ozônio, etc. como mecanismos promotores da redução da qualidade ambiental (Tabela 17).

Tabela 17. Reconhecimento de ações que alteram o meio ambiente

Indagação	Frequência (%)		
	Sim	Não	Não soube responder
Desmatamento de florestas	100		
Poluição do ar	100		
Poluição de rios, lagos, oceanos, etc.	100		
Aumento da quantidade de resíduos	100		
Crescimento populacional	78,31	13,86	7,83
Construção de rodovias	81,93	15,06	3,01

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Os dados acima demonstram que entendimento dos entrevistados sobre as consequências das ações antrópicas no meio ambiente, foi bastante representativo uma vez que quase todos questionamento obtiveram índices de 100% de entendimento sobre as consequências das ações e seus impactos no meio.

Diante da nova conjuntura mundial, frente aos apelos das grandes conferências realizadas pela Organização das Nações Unidas, o reconhecimento de que as ações antrópicas trazem impactos ao meio, na localidade foi um tanto quanto preocupante. Ao se perguntar aos indivíduos se estes achavam que suas atitudes interferiam na situação ambiental da localidade onde atuavam, 87,95% reconheceram que sim, 7,83% afirmaram que não e 4,22% não souberam responder a indagação.

Mesmo com a constatação de que tais atitudes impactam no meio, bem como, a atenção ao que é dado para mudança de comportamento nesta “era ambiental”, 85,54% dos indivíduos estariam dispostos a mudarem seu estilo de vida para melhorar a situação ambiental da localidade, 6,02% não mudariam e 8,43 % não souberam responder.

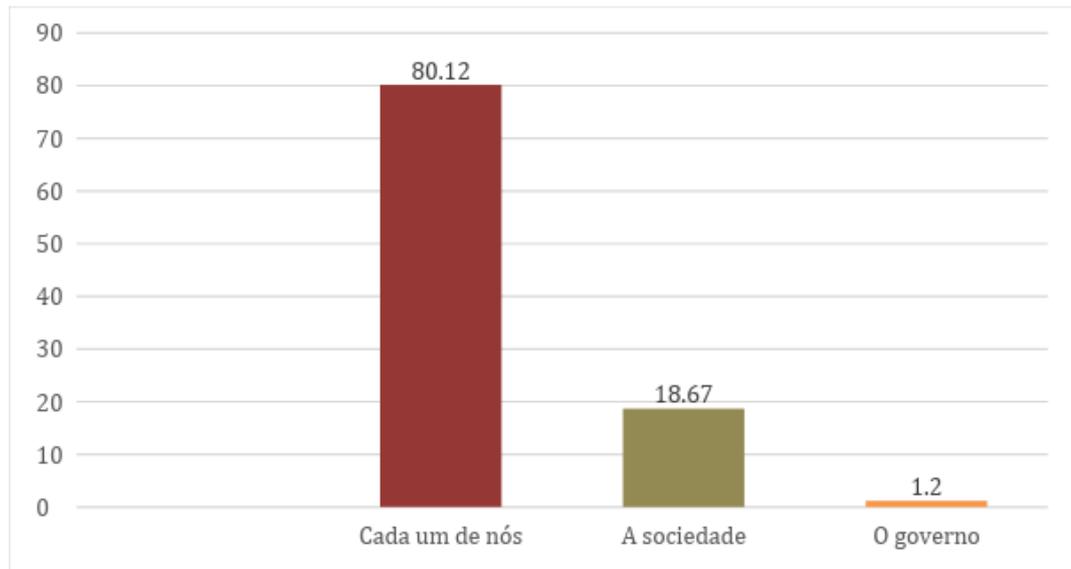
A Tabela 18 retrata a frequência das ações de como os entrevistados contribuíram na reversão dos problemas ambientais em um contexto global.

Tabela 18. Ações praticadas para reversão dos problemas ambientais globais

Ação	Frequência (%)		
	Sim	Não	Não soube responder
Contribuindo com auxílio financeiro	28,31	57,83	13,86
Contribuindo com trabalhos voluntários	82,53	10,24	7,23
Participando de mutirões ambientais	81,33	15,06	3,61
Utilizando práticas conservacionistas	72,29		
Plantando árvores	90,36		
Separaria o lixo em casa	93,37		
Buscaria tecnologias sustentáveis	84,94		
Mudaria hábitos alimentares	71,71		

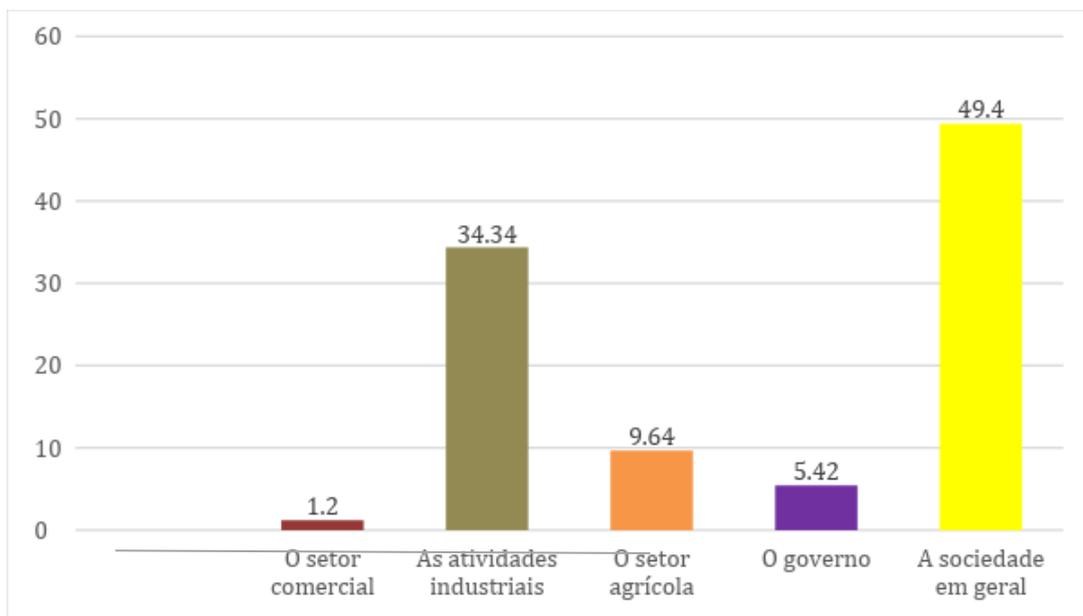
Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Quando questionados sobre quem é o principal responsável para cuidar do meio ambiente houve um destaque significativo no reconhecimento de que cada um de nós é o principal responsável conforme demonstrado no Gráfico 12.

Gráfico 12: Principal responsável para cuidar do meio ambiente

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Já no Gráfico 13 encontra-se apresentada a distribuição de frequência de quem é o principal causador dos danos ambientais na atualidade de acordo com o ponto de vista dos entrevistados.

Gráfico 13: Principal causador dos danos ambientais na atualidade

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

De acordo com os dados obtidos, foi possível verificar a existência de um bom entendimento acerca da responsabilidade para com o meio ambiente, neste contexto, é importante destacar a importância do processo de mudança através da sensibilização ambiental, destacada por Aranha (1996, p.50), neste sentido, a partir da educação acredita-se que é possível transformar qualquer sociedade, e provocar um auto reconhecimento das próprias atitudes.

Partindo do ponto de vista que a água é um elemento vital para a sobrevivência de todos os seres vivos, torna-se imprescindível abordar a importância das matas ciliares em uma determinada região.

É sabido que a vegetação ciliar é de grande importância para redução da erosão nas margens dos rios, manutenção da qualidade das águas, controle do regime hídrico, manutenção da ictiofauna, melhoria dos aspectos paisagísticos, dentre outros fatores.

Mesmo sendo de grande importância na conservação de mananciais, na localidade estudada, 33,73% dos entrevistados não sabiam o que era mata ciliar. Ainda, uma grande parcela dos consultados, ou seja, 88,55% souberam responder o que era uma vegetação nativa.

As práticas conservacionistas e as atitudes do cotidiano também retratam o nível de percepção ambiental de um indivíduo ou de uma coletividade. Baseado em Sauv  (2015), o meio ambiente   entendido como recurso objetivo e simplista, ou seja, não compreendido de forma sist mica e complexa. Neste sentido, a Tabela 19 demonstra a algumas atitudes básicas bem como a distribui o de sua frequência de a o na localidade que preconizam a es preservacionistas.

Tabela 19. Atitudes cotidianas que contribuem com uma melhoria ambiental

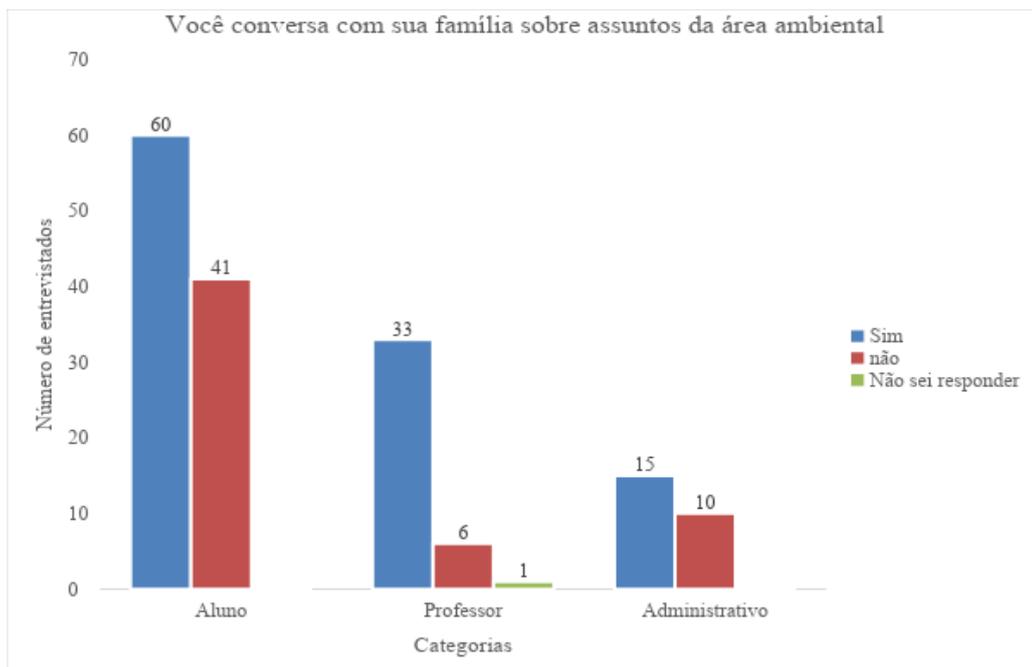
Atitudes Cotidianas	Frequência (%)		
	Sim	Não	Não sabe responder
Acumula louças e roupas para lavar	71,08	27,71	1,20
Aproveita a água da lavagem de roupas	72,29	27,71	
Evita desperdícios de �gua	94,58	4,22	1,20
Guarda �gua de chuva	51,20	48,19	0,60
Verifica se há vazamentos na encana�o doméstica	75,90	18,28	4,82

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Com objetivo de conhecer o cotidiano familiar no que se refere ao diálogo sobre a temática ambiental, uma vez que a PNEA orienta em seus princípios que o entendimento sobre o meio ambiente deverá ser de forma integrada e múltipla, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos, os entrevistados foram indagados sobre a existência ou não de diálogo envolvendo a temática no núcleo familiar.

Assim, o Gráfico 14 abaixo nos mostra que a maioria dos entrevistados vivenciam diálogos envolvendo a temática ambiental em seus domicílios.

Gráfico 14: Existência de diálogo sobre a temática ambiental na família.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Educar, em qualquer ambiente, é um ato pedagógico que pode ser definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais, tanto no nível do interpessoal como no nível da influência do meio, configura numa ação exercida sobre sujeitos ou grupos de sujeitos visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta ação exercida. (ARANHA, 1996).

A educação, é dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Lei nº 9.394/96).

Assim, será que a sociedade está disposta a fazer cumprir a Constituição Federal de 1988 em seu Art. 225º onde afirma que todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado (...) impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações?

De acordo com Gonçalves (2005), a família é uma realidade sociológica e peça fundamental que constitui a base do Estado. É o núcleo fundamental em que repousa toda a organização social. Trata-se de uma instituição sagrada e necessária para o desenvolvimento da sociedade como um todo.

Visto a importância da família no processo educativo voltado para mudança e para o desenvolvimento de uma sociedade, as ações praticadas no núcleo familiar possibilitam o desencadear de uma consciência ambiental que pode ser transportada durante gerações.

Destaca-se que, segundo Gohn (2006), este processo educativo de mudança e de transformação socioambiental pode ocorrer de três maneiras: formal, informal e não-formal. Para o autor, a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados e a educação não-formal que é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas.

Em se tratando de transformação de realidades, a pesquisa identificou que 89,76 % acreditam na reversão dos problemas ambientais, 9,04% desacreditam na reversão de tal quadro e 1,20% não souberam responder. Porém, 94,58% dos entrevistados acham que ainda nos resta tempo para mudarmos nossas ações para com o meio ambiente, garantindo assim a perpetuação da vida no planeta, o que corrobora com o percentual de 100% que já ouviram falar de desenvolvimento sustentável, sendo que deste total, 79,52% acreditam que o desenvolvimento econômico poderá conviver de forma harmoniosa com o meio ambiente.

Finalizadas as análises, os resultados indicam que as distintas concepções sobre a percepção para com o meio ambiente, é de extrema relevância na elaboração de políticas e modelos que versem sobre o desenvolvimento, podendo esta auxiliar na resolução ou mitigação de conflitos que abarcam a utilização de recursos naturais e a questão de um planejamento ambiental, conforme exposto por Hoeffel *et. al.* (2004).

Assim, tomando como base informações acima destacadas, bem como os dados apresentados, a reta da Percepção Ambiental foi dada pela Equação 05:

$$Y = 0,9009x - 47,7477 \quad \text{Eq. (05)}$$

Ao se atribuir o valor significativo para (x), no caso, o somatório das modas encontradas para esta variável obteve-se nível de percepção correspondendo a 93,69%, ou seja, $Y = 93,69$, sendo considerada Altíssima Percepção demonstrado algebricamente na Figura 06 abaixo e no Gráfico 15.

Figura 06: Reta da Percepção Ambiental

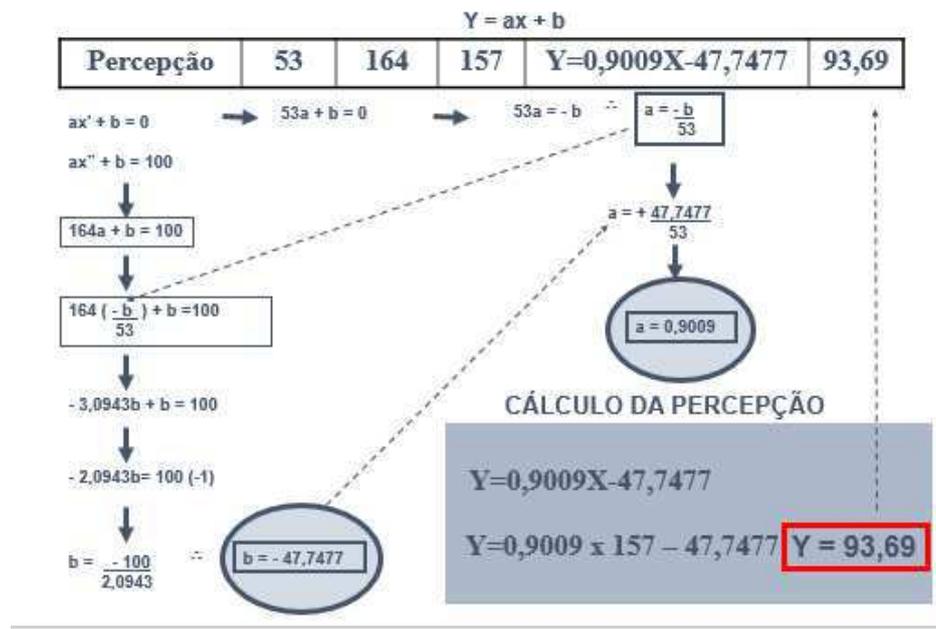
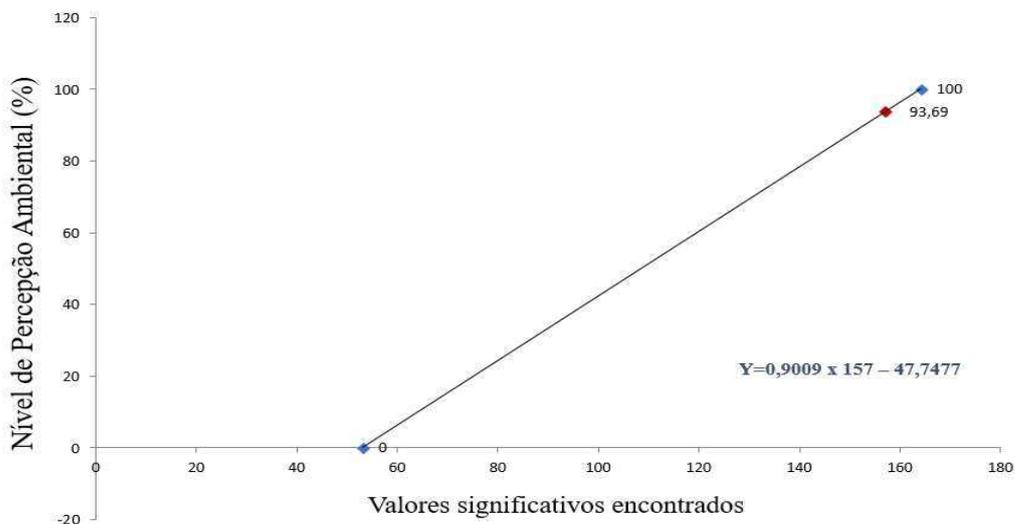


Gráfico 15: Nível de Percepção Ambiental



Assim, observa-se que mesmo com o altíssimo nível de percepção ambiental dos entrevistados, a concepção prioritária, baseado em Sauv  (2005) e Paulo Freire (1987, 2001, 2005, 2006)   a Conservacionista/Tecnicista, que   justificada a partir de três constata es:

- 1- A UFCG possui elementos tradicionais, distantes das temáticas ambientais que envolvem, por exemplos, questões sociais e econômicas, além de não considerar aspectos relacionados ao ambiental local;
- 2- A Institui o, diante do seu ensino, pesquisa e extensão   ínfima a forma o profissional com a visão e entendimento ambiental, além disso, não realiza uma capacita o continuada dos seus profissionais em atividade, uma vez que foi constatada a ausência de continuidade e forma o dos professores sobre a temática ambiental;
- 3- Os funcionários técnicos administrativos não possuem um “fazer” e “agir” ambiental na desenvoltura de suas atividades, ou seja, realizam seus trabalhos diários, no entanto, a constru o socioambiental da institui o não   prioridades no trabalho.

4.6 Concep es prioritárias de Educa o Ambiental

Este t pico compreende por duas etapas: perfil socioambiental das a es e práticas da Universidade Federal de Campina Grande *campus sede* através dos sujeitos/atores e, por último, considerar a concep es prioritárias de EA.

Conforme descri es realizadas no trabalho, as variáveis são as seguintes:

- 1- EDUCA O AMBIENTAL E CURRÍCULO (DISCIPLINAS)
- 2- EDUCA O AMBIENTAL E ENSINO (SALA DE AULA)
- 3- EDUCA O AMBIENTAL E CAPACITA O
- 4- EDUCA O AMBIENTAL E SENSIBILIZA O AMBIENTAL
- 5- EDUCA O AMBIENTAL E PR XICA

Para uma melhor compreensão dos resultados encontrados na presente pesquisa, foi elaborada a Tabela 20 que apresenta as variáveis em como a disposi o percentual dos dados obtidos de acordo com sua categoria.

Reforçando que, no tocante aos alunos, funcionários e professores as análises foram baseadas na interpreta o dos questionários, nos quais continham questionamentos chaves que tornaram possível a quantifica o das respostas.

Tabela 20: Variáveis de análise sobre o perfil da instituição.

CATEGORIAS DE ANÁLISE	Total das análises por categorias		Variáveis da análise do perfil									
			Educação Ambiental e Currículo (disciplinas)		Educação Ambiental e Ensino (sala de aula)		Educação Ambiental e Capacitação		Educação Ambiental e Sensibilização Ambiental		Educação Ambiental e Prática	
	Nº Total	%	Nº Total	%	Nº Total	%	Nº Total	%	Nº Total	%	Nº Total	%
Fluxogramas	105	100	16	15,24	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA
Pesquisa	3640	100	NA	NA	NA	NA	NA	NA	120	3,3	NA	NA
Extensão	482	100	NA	NA	NA	NA	NA	NA	62	12,86	NA	NA
Alunos	101	100	96	95,05	17	16,83	NA	NA	10	9,90	67	66,34
Funcionários técnicos administrativos	25	100	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	11	44
Professores	40	100	26	65	6	15	1	2,5	17	42,50	21	52,50

Legenda: Nº Total: Número total dos entrevistados por categorias de análise
 %: composição percentual
 NA: Não se aplica

Com base nos dados apresentados, na Tabela 20 supracitada, de maneira simplista, foi possível identificar que:

- apenas 9,26% dos fluxogramas abordaram a EA;
- 3,3% dos trabalhos de pesquisa enquadram-se na perspectiva da EA com a sensibilização ambiental;
- 12,86% no total de 482 estudos de extensão contemplam a EA;
- 16,83% dos alunos identificam a existência de abordagem da EA em sala de aula;
- 9,90% dos discentes reconhecem o estímulo à sensibilização ambiental em sala de aula.
- Entre alunos funcionários e docentes, respectivamente 66,34%, 44% e 52,50% interesse em participar de uma Comissão Institucional de EA cujo objetivo é discutir, busca soluções e avaliar ações na área ambiental na instituição;

Dados com estes são preocupantes, pois, estes alunos serão profissionais que, infelizmente, não tiveram a oportunidade de estudar e vivenciar a EA durante o processo de formação, assim, o que esperar destes profissionais, e acima de tudo cidadãos, no tocante ao “fazer” e “agir” para mudança socioambiental na sociedade? Caberá a qualquer instituição de ensino, destacando o ensino superior, implantar uma política pública efetiva institucional para que possa ter uma continuidade das ações e práticas ambientais em todos os setores.

5. CONCLUSÃO

A partir dos resultados obtidos, foi identificado com a pesquisa que, na Universidade Federal de Campina Grande, existem entraves que dificultam a implementação da PNEA em seus cursos, projetos de pesquisa e extensão.

Sobre os fluxogramas dos 105 cursos de analisados, disponibilizado no site oficial da Instituição, foi constatado que apenas 9,26% destes, abordaram a Educação Ambiental. Em se tratando dos Projetos de Pesquisa e Extensão, o estudo detectou que 13% dos trabalhos desenvolvidos na Instituição, preconizaram a PNEA, e, no universo de 2681 dissertações no período de 2002 a 2015, 2,24% abordaram a temática ambiental de forma limitada.

A UFCG não contempla a dimensão ambiental nos currículos de formação de professores em todos os níveis e em todas as disciplinas, com base na PNEA, destacando a preocupação com resultados obtidos, uma vez que, a Universidade não apresentou com predominância no ensino, pesquisa ou extensão a dimensão ambiental, que por sua vez pode resultar, na fragilização do conhecimento crítico-reflexivo sobre o assunto, trazendo sobretudo consequências socioeconômicas e ambientais.

No tocante a percepção ambiental foi possível observar alguns dados: sobre a Política Nacional de Educação Ambiental 76,51% dos entrevistados afirmaram não conhecer a PNEA e apenas 23,49% a conhecia; o nível de informação sobre a temática ambiental da comunidade acadêmica foi de 24,70% para aqueles que se consideram bem informados, 69,28% consideram pouco informados e 6,02% não tinham conhecimento sobre o assunto.

Após o questionamento sobre a legislação ambiental, ou seja, formas que os entrevistados adquiriram conhecimentos sobre o assunto, 21,08% afirmaram ter sido a partir do rádio ou televisão, 24,10% na escola, 24,70% na internet, 3,61% através de revistas e 26,51% desconheciam as leis ambientais. Foi identificado que 89,76% dos entrevistados conseguiam visualizar algum problema ambiental na UFCG, 3,01% não identificam problemas e 7,23% não souberam responder.

A pesquisa revelou que o nível de percepção ambiental da comunidade acadêmica da UFCG é de 93,69%, sendo este considerado altíssimo, no entanto, se o índice obtido foi considerado satisfatório, como justificar a não implementação da PNEA na instituição?

No que se concerne ao nível de interesse da comunidade acadêmica em discutir, buscar soluções e avaliar as ações da área ambiental, 66,34% alunos, 44% dos funcionários técnicos administrativos e 52,50% dos docentes tiveram interesse em participar de uma comissão institucional de Educação Ambiental que trata sobre políticas internas na instituição e se mostraram solícitos em serem membros.

Como a EA deve ser um componente essencial e permanente da educação nacional, é de responsabilidade das instituições de ensino, promoverem a mesma de maneira integrada aos programas educacionais que desenvolvem. Neste contexto, a Universidade Federal de Campina Grande, deveria ter uma atenção especial e considerar as variáveis que são preconizadas na PNEA na elaboração de seus projetos em todas as suas esferas de atuação visto que, para formação profissional, é imprescindível que a temática seja abordada em todo contexto acadêmico, de forma continuada, permanente e interdisciplinar.

Por fim, a presente pesquisa evidenciou que a UFCG não possui uma Política Institucional fundamentada na Política Nacional de Educação Ambiental, seja no Ensino, Pesquisa e/ou extensão, uma vez que conforme apresentado, os cursos de graduação ainda não realizam abordagens sobre a temática, seja na sala de aula, nos componentes curriculares, em atividades não-formal, nos projetos de pesquisa e extensão de maneira satisfatória como preconiza a PNEA.

Conclui-se então que, mesmo demonstrando um altíssimo nível de percepção ambiental, a Instituição não utiliza recursos internos para potencializar e desenvolver ações, projetos, metodologias e práticas ambientais em suas atividades cotidianas. Assim, mesmo reconhecendo que a Universidade tem um importante papel social de transformação dos atores sociais, a UFCG deveria despertar na comunidade acadêmica a necessidade de uma maior conscientização para com o meio ambiente e seus problemas, tornando-os assim, os cidadãos multiplicadores da Educação Ambiental.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, B S de. **Socioeconômica Local com Índices de Felicidade e Percepção Ambiental: Um Estudo de Caso no Distrito da Ribeira – Cabaceiras (PB)**. 2013, 193 pg. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Paraíba.

ABREU, I. G.; ABREU, B. S.; Morais, P.S.A. Educação Ambiental e sustentabilidade: Exercício de Cidadania. In: SEABRA, G.; MENDONÇA, I. T. L. **Educação para a sustentabilidade e saúde global**. João Pessoa: Editora Universitária da UFCG, 2009.

ANGELIS NETO, G. **As deficiências nos instrumentos de gestão e os impactos ambientais causados por resíduos sólidos urbanos: O caso de Maringá-PR**. Universidade de São Paulo, 1999. Tese de Doutorado.

ANDRÉ, M; OLIVEIRA, M R. **Alternativas no ensino da didática**. São Paulo: Papirus, 1999.

ARANHA, M. A. **Filosofia da Educação**. S. Paulo: Moderna, 1996.

_____. **História da Educação**. 2ed. São Paulo:moderna,1996.

ASSMANN, H. **Reencantar a educação**. Rumo à sociedade aprendente. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ANDRADE, D. F. Implementação da educação ambiental em escolas: uma reflexão. **Revista eletrônica do mestrado em educação ambiental**, Rio Grande, v.4, out.-nov.-dez. 2000. Disponível em <<http://www.sf.dfis.furg.br/mea/remea/vol4/daniel.htm>>. Acesso em: 04 maio 2015.

AMORIM FILHO, O. B. **Os estudos da percepção como a última fronteira da gestão ambiental**. Disponível em www.ivairr.sites.uol.com.br/percepcaoambi.htm. acessado em 20/08/2014.

BARBIERI, J. C. **Desenvolvimento e Meio Ambiente: As Estratégias de Mudança da Agenda 21**. Petrópolis,Rj: Vozes, 1997.

BARACUHY, J. G. V. **Manejo integrado de micro bacias no semiárido nordestino: estudo de um caso**. 221p. Tese (Doutorado em Recursos Naturais). Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba, 2001.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, M. de L. T. **Educação Ambiental: um percurso em nosso cotidiano**. Rio de Janeiro: Ática, 2009.

BARBOSA, E. M. **Introdução ao direito ambiental**. Campina Grande: EDUFCG, 2007.

BAUMAN, Z. **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Trad. Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BERGMAN, M. **Análise da percepção ambiental da população ribeirinha do Rio Santo Cristo e de estudantes e professores de duas escolas públicas, município de Giruá, RS.** 2007. Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/10950>>. Acesso em 23 de março de 2011.

BECKER, Fernando. **Epistemologia do professor: o cotidiano da escola.** 7ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

BECK, U. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade.** São Paulo: Ed. 34, 2011

BRASIL. Constituição Federal. 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Política Nacional de Educação Ambiental. Lei 9.795 de 27 de abril de 1999. Brasília, 1999.

BROWN, L. R. **Eco-Economia: construindo uma economia para a terra.** Salvador. / UMA-Universidade Livre da Mata Atlântica, 2003.

CAPRA, F. **O ponto de mutação. A ciência, a sociedade e a cultura emergente.** São Paulo, Cultrix, 1982.

CAVALCANTI, C. (org). **Desenvolvimento e natureza.** 4.ed. São Paulo: Cortez: Recife-PE: Fundação Joaquim Nabuco, 2003.

CHAPANI, D. T. **Educação ambiental: ação-reflexão-ação no cotidiano de uma escola pública.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru.

CHRISTOFOLETTI, A. **Modelos para a análise de processos nos sistemas.** Modelagem de sistemas ambientais. São Paulo: Edgard Blucher, 1999a. p.77-111.

COLLADOS BAINES, C. **Capital natural y calidad de vida: una perspectiva regional.** Revista ambiente y desarrollo;15(4):68-79, dic. 1999.

CORAZZA, R. I. **Tecnologia e Meio Ambiente no Debate sobre os Limites do Crescimento: Notas à Luz de Contribuições Seleccionadas de Georgescu-Roegen.** Economia, Brasília (DF), v.6, n.2, p.435–461, Jul./Dez. 2005.

DIAS, G. F. **Educação ambiental: princípios e práticas.** 9ª ed. São Paulo: Gaia, 2004.

DIAS, R. **Gestão ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade – 2ed. –** São Paulo: Atlas, 2011.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: princípios e práticas.** 9a ed. São Paulo. Gaia, 2004.

EGRI, C. P.; PINFIELD, L. T. As organizações e a biosfera: ecologia e meio ambiente. In: CLEGG, S. R.; HARDY C.; NORD, W. R. **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1998.

FAGGIONATO, S. **Percepção ambiental**. Disponível em: www.educar.sc.usp.br/textos. Acessado em 19/09/2015.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1994

FERREIRA, L. C. **Ideias para uma sociologia da questão ambiental no Brasil – São Paulo**: Annablume, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FERNANDES, R. S.; SOUSA, V. J.; LARANJA, A. C.- **Percepção ambiental como instrumento de aprimoramento pedagógico para o ensino de meio ambiente em instituições de ensino**. Revista Linha Direta, ano 7, n. 71, fevereiro de 2004.

FORTES, C. C. **Interdisciplinaridade: origem, conceito e valor**. Revista Acadêmica Senac Online, v. 06, p. 01-01, 2009. Disponível em: <<http://www3.mg.senac.br/revistasenac>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2017.

GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais – Campinas, SP**: Papirus, 2004.

_____. **A dimensão ambiental na educação – Campinas, SP**: Papirus, 1995.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FERREIRA, C. M. A. **A questão ambiental nos livros didáticos do Ensino Fundamental II no Distrito da Ribeira – Cabaceiras/PB**. 2013. 90 f. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais, Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Campina Grande – PB.

GALIAZZI, M do C e FREITAS, J V de. **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. 2.ed. Ijuí: Ed.Unijuí, 2007

GUERRA, A. F. S. e TAGLIEBER, J. E. (Orgs.) **Educação Ambiental: fundamentos, práticas e desafios**. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2007 (p. 37-51).

GUIMARÃES, J. **Educação ambiental na educação de jovens e adultos (EJA)**. UTFPR, Pato Branco, v. 03, n. 2-3, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

HAMMES, V. S. **Julgar - percepção do impacto ambiental**. Volume 4. São Paulo: Editora Técnica Globo, 2007.

HENRIQUES, R. e TRAJBER, R. et al (Orgs). **Educação Ambiental: aprendizes de sustentabilidade**. Cadernos SECAD 1, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, março de 2007.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo de Educação Superior 2016**. Brasília: INEP, 2017.

IBRAHIM, F. I. D., **Educação Ambiental: Estudos dos problemas, Ações e instrumentos para o desenvolvimento da Sociedade**. 1. ed. São Paulo: Ética, 2014.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Epistemologia Ambiental**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LEIS, H. R. **A Modernidade Insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea**. Petrópolis, RJ: Vozes, Santa Catarina: UFSC, 1999.

LIMA, J. D. **Gestão dos Resíduos Sólidos Urbanos no Brasil**. João Pessoa: ABES. 2002.

LOUREIRO, C.F.B. Teoria crítica. In: FERRERO JÚNIOR, L.A. (org). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005, v.1. Disponível em www.mma.gov.br/port/sdi/ea/og/pog/arqs/encontros acesso em 11 nov 2016.

_____. **Trajetórias e fundamentos da educação ambiental**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LOUREIRO, C. F. B. TORRES, J. R.(org). **Educação ambiental: dialogando com Paulo Freire** – 1 ed-São Paulo: Cortez, 2014.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M.; E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANO, E. B.; PACHECO, E. A. V.; BONELLI, C. M. C. **Meio ambiente, poluição e reciclagem**. São Paulo: Edgard Blucher, 2005. 182 p.

MELGAR, M. J. A. **Educação Ambiental nas Empresas: Um estudo de caso na Fischer Fraiburgo Agrícola Ltda**. 2005. 100 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Pós-graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MINAYO, M. C. de S. (org) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.80p.

MININI, N. M. **Elementos para a introdução da dimensão ambiental na educação escolar – 1º grau**. Amazônia: uma proposta interdisciplinar de educação ambiental. Brasília, IBAMA, 1994.

MILLER JR, G. T. **Ciência ambiental**. Trad. Delitti, W.B.C. 11a ed. São Paulo, Thompson Learning Edições Ltda. 2007.

MORIN, Edgar. **O Método - A Natureza da Natureza**. 3ed. Trad. Maria Gabriela de Bragança. Publicações Europa-América, LDA, 2000.

_____. **A cabeça bem-feita: repensar a reformar, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2005

_____. **Os sete saberes necessários à Educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2005

NEPAM - Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais. **A questão ambiental: cenário de pesquisa. A experiência do ciclo de seminários do NEPAM**. Campinas, Unicamp, NEPAM, 1995

PERNAMBUCO, M. M. C. A. **Projeto ensino de ciências a partir da problemas da comunidade: uma experiência no Rio Grande do Norte**. Natal: UFRN, Brasília: capes/MEC/SPEC, 1983.

_____. **Significações e realidade: conhecimento**. In PONTUSCHKA, N. (org). *Ousadia no diálogo: interdisciplinaridade na escola pública*. São Paulo: Loyola, 2005, p.19-36.

PEREIRA, C. A. A. **Um panorama histórico-conceitual acerca das dimensões de qualidade de vida e do bem-estar subjetivo**. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 49 (4), 32-48. 1993.

PEQUENO, M. G. C. GUIMARÃES, J. P. **Educação ambiental no ensino superior: qual seu lugar nos processos de formação docente?** In: *Anais do Congresso Internacional da AFIRSE e V Colóquio Nacional Políticas Educacionais e Práticas Educativas*. João Pessoa. Paraíba. Brasil. 18-21 de Outubro de 2009

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. **Meio Ambiente e representação social**. São Paulo, Cortez, 1995.

RIBEIRO, S. E. da S. **Em busca do equilíbrio perdido com a natureza: a relação entre uma comunidade urbana em João Pessoa – PB com a mata, o rio e os novos projetos socioambientais**, UFPE, Recife, 2007 (Tese de Doutorado).

RICHARDSON, R. J. PERES, José Augusto de Souza. WANDERLEY, J. C. V. CORREIA, L. M. PERES, Maria de Holanda de Melo, **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ROCHA, J. S. M.; KURTZ, S. M. J. M. **Manual de manejo integrado de bacias hidrográficas**. 4ªed. – Santa Maria: Edições CCR/UFSM. 2001. 302p.

ROCHA, J. S. M. **Manual de projetos ambientais**. Santa Maria: Imprensa Universitária, 1997. 423p.

SACHS, I. **Estratégias de Transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente.** São Paulo, Studio Nobel e Fundação de Desenvolvimento Administrativo (FUNDAP), 1993.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SACHS, I. **Espaços, tempo e estratégias do desenvolvimento.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 1986.

SAUVÉ, L. **Uma cartografia das correntes em educação ambiental.** In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. Educação ambiental: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005. p.17-44.

SATO, M. **Educação ambiental.** São Carlos: RiMa, 2004.

SANTOS, I. E. **Manual de Métodos e Técnicas de Pesquisa.** – 8º ed. Ver., atual e ampl. – Niterói, RJ: Impetus, 2011.

SILVA, M. M. P. **Estratégias em educação ambiental.** 2000. Dissertação. 121p. (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente/PRODEMA). UFPB/UEPB. Campina Grande-PB

_____. **A Crise Ambiental.** In: Coletânea de textos didáticos/ UEPB – Campina Grande: 2003. V. X. Ciências Naturais. P. 102, 107.

_____. **Meio Ambiente; conceitos e concepções.** Curso Formação de agentes multiplicadores em educação ambiental- Fase I. Julho, 2011.

_____. **Curso de Agentes Multiplicadores em Educação Ambiental.** Fase II. Projeto de Extensão vinculado à Pró - Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários; 05.10.120.11- Aprovado no edital PROBEX 2011-2012 da Pró - Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários. Campina Grande-PB: UEPB, Outubro de 2011 (Curso de Extensão).

SILVA, R. M. A. **Entre o combate à seca e a convivência com o semi-árido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento** – Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2008.

SILVA, D. J. **Uma abordagem cognitiva ao planejamento estratégico do desenvolvimento sustentável.** 1998. 240 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SILVA, M. M. P. da; LEITE, V. D. **Estratégias para Realização de Educação Ambiental em Escolas do Ensino Fundamental.** Rev. eletrônica Mestrado em Educação Ambiental, v. 20, janeiro a junho de 2008.

SILVA, A. D. V. **Sustentabilidade no ensino superior: a emergência de uma universidade ambientalmente responsável.** In: GUERRA, A. F. S. & TAGLIEBER, J. E.

(Orgs.). Educação Ambiental: fundamentos, práticas e desafios. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2007, p.143-162.

SOTCHAVA, V. B. **O estudo de geossistemas**. Métodos em Questão, São Paulo, n. 16, 52 p., 1977.

SOUZA REGO, V.G. **Microbacia Hidrográfica como instrumento de Educação Ambiental na Articulação pela Revitalização do Riacho das Piabas/PB**. 2014. TESE. Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais – PPGRN/CTRN/UFCG, Campina Grande/PB, 2014, 114p.

_____. **Diagnostico e Prognostico socioeconômico e ambiental das nascentes do Riacho das Piabas/ PB**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais – PPGRN/CTRN/UFCG, Campina Grande/PB, 2010, 120p.

SUAREZ, M. L. H. **Política energética e desenvolvimento sustentável: taxa sobre o carbono para a mitigação de gases de efeito estufa no Brasil**. Tese (Doutorado em Engenharia). Faculdade de Engenharia, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Universidade Federal de Campina Grande. **Estatuto** / Universidade Federal de Campina Grande - Campina Grande: UFCG, 2004. 47p.

VILLAR, L. M.; ALMEIDA, A. J.; LIMA, M. C. A.; ALMEIDA, J. L. V.; SOUZA, L. F. PAULA, V. S. **Percepção ambiental no Noroeste Fluminense**. Esc. Anna Nery Revista de Enfermagem, Rio de Janeiro, 12 (2): 285-90, jun. 2008.

VILAS-BOAS, D. A. C. **Uma experiência em educação Ambiental: Re-Desenhando o espaço e as Relações Escolares**. 2002. 65f. Dissertação (Mestrado) – PRODEMA (Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2002.

VOLOCHEN, V. e BONATO, F. **Ativos e Passivos Ambientais em Sistemas Urbanos, Rurais e Rurbanos**. Universidade Tuiuti do Paraná. 23ª Semana do Geógrafo. 2007.

VEIGA, J. E. **Desenvolvimento Sustentável: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond. 2005.

WHYTE, A. V. T. **La perception de L'environment: lignes directrices méthodologiques pour les etudes sur le terrain**. Notes techniques du MAB5. Paris: UNESCO, 1978.

ZIONI, F. **Ciências Sociais e Meio Ambiente**. In: Educação, Saúde e Ambiente. Fundamentos para um desenvolvimento sustentável. Barueri, SP: Manole, 2005.

APENDICE A - QUESTIONÁRIO

FATOR SOCIOECONOMICO E RENDA FAMILIAR

COD 1 - IDADE	< 18
	19 - 30
	31 - 40
	41 - 50
	51 - 60
	61 - 70
COD 2 - SEXO	acima de 70 anos
	homem
COD 3- ESTADO CIVIL	mulher
	solteiro
	casado
	separado / divorciado
	viuvo
COD 4 - GRAU DE INSTRUÇÃO	Outros
	pós doutorado
	doutorado
	mestrado
	pós-graduação (lato-sensu)
	superior completo
	superior em andamento
	ensino médio completo
ensino médio incompleto	
COD 5 - Renda Familiar	menos R\$ 937,00
	de R\$ 1874,00 a R\$ 2811,00
	de R\$ 2811,00 a R\$ 3748,00
	de R\$ 3748,00 a R\$ 4685,00
	de R\$ 4685,00 a R\$ 6559,00
	acima de R\$ 6559,00

VIVENCIA NO CAMPUS

COD 6- Aproximadamente quantos anos frequenta a UFCG, campi Campina Grande?	menos de 1 ano
	entre 1 a 3 anos
	entre 3 a 6 anos
	entre 6 e 10 anos
	entre 10 e 15 anos
	Acima de 15 anos
COD 7- Quantos dias por semana frequenta a UFCG?	Cinco dias por semana
	quatro dias por semana
	três dias por semana
	dois dias por semana
	um dia por semana

MEIO AMBIENTE E UFCG

COD 8- Saberá informar se a UFCG tem alguma ação ou prática de conservação, recuperação ou melhoria do meio ambiente?	Sim
	Não
	Não sei informar
COD 9- Saberá informar se a UFCG sofreu ou sofre mudança no aspecto ambiental?	Sim
	Não
	Não sei responder
COD 10- Já participou de alguma palestra ou evento institucional relacionado ao meio ambiente na UFCG?	Sim
	Não
COD 11- Na UFCG questões ambientais são discutidas e/ou debatida entre seus amigos e/ou colegas de trabalho?	Sim
	Não
COD 12- Através de qual meio de comunicação são divulgadas as informações ambientais que acontecem na UFCG?	não há comunicação/divulgação
	via e-mail
	telefone
	conversas informais nos corredores da universidade
	redes sociais
	Site institucional
COD 13- Já participou de alguma atividade de sensibilização ambiental no campi da UFCG	Sim
	Não

PERCEPÇÃO AMBIENTAL

COD 14- Para você a prática de conservação do meio ambiente é:	não sei responder
	sem importância
	Importante
	pouco importante
	muito importante
COD 15- Conhece a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA)?	Sim
	Não
COD 16 - VOCÊ ACHA QUE SUA RESIDÊNCIA FAZ PARTE DO MEIO AMBIENTE?	Sim
	Não
	não sabe responder
COD 17 - VOCÊ CONSEGUE IDENTIFICAR ALGUM PROBLEMA AMBIENTAL NA UFCG?	Sim
	Não
	não sabe responder
COD 18 - VOCÊ ACHA QUE SUAS ATITUDES INTERFEREM NA SITUAÇÃO AMBIENTAL DA LOCALIDADE ONDE MORA?	Sim
	Não
	não sabe responder
COD 19 - VOCÊ ESTARIA DISPOSTO DE MUDAR SEU ESTILO DE VIDA PARA MELHORAR AS CONDIÇÕES DO MEIO AMBIENTE?	Sim
	Não
	não sabe responder
COD 20- QUEM VOCÊ ACHA QUE É RESPONSÁVEL PARA CUIDAR DO MEIO AMBIENTE?	cidadãos (cada um de nós)
	a sociedade
	o governo
COD 21 - VOCÊ SABE O QUE É MATA OU VEGETAÇÃO NATIVA?	Sim
	Não
COD 22 - VOCÊ SABE O QUE É MATA CILIAR?	Sim
	Não

COD 23 - VOCÊ ACHA IMPORTANTE CONSERVAR OS ANIMAIS E PLANTAS DA LOCALIDADE?	Sim
	Não
COD 24 - VOCÊ CONHECE ALGUMA LEI AMBIENTAL?	Sim
	não
COD 25 - AS LEIS QUE CONHECE, FICOU SABENDO POR MEIO DE:	tv e rádio
	Revistas
	Internet
	na escola
	desconhece leis ambientais
COD 26 - EM SE TRATAR DE ASSUNTOS AMBIENTAIS LOCAIS, REGIONAIS OU MUNDIAL, VOCÊ SE CONSIDERA UMA PESSOA:	bem informada
	pouco informada
	não tem conhecimento sobre o assunto
COD 27- DAS AÇÕES ABAIXO, VOCÊ ACREDITA QUE ESTA PODE PREJUDICAR O MUNDO? SIM NÃO NÃO SEI RESPONDER	desmatamento de
	Florestas
	poluição do ar
	poluição de rios, mares, açudes, etc
	aumento da quantidade de
	Lixo
	crescimento populacional
	construção de rodovias
COD 28 - VOCÊ ACHA QUE O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO PODE CONVIVER EM HARMONIA COM O MEIO AMBIENTE?	Sim
	Não
	não sei responder
COD 29 - VOCÊ AJUDARIA A RESOLVER PROBLEMAS AMBIENTAIS SIM NÃO NÃO SEI RESPONDER	contribuindo com auxílios financeiros
	realizando trabalhos voluntários
	participando de mutirões ambientais
COD 30 - PARA PRESERVAR O MEIO AMBIENTE, VOCÊ? SIM NÃO NÃO SEI RESPONDER	utilizaria praticas conservacionistas
	plantaria árvores
	separaria o lixo em casa
	buscaria tecnologias sustentáveis
	mudaria hábitos alimentares
COD 31 - VOCÊ? * SIM NÃO NÃO SEI RESPONDER	acumula louças e roupas para lavar
	aproveita a água da roupa lavada para outras finalidades
	evita o desperdício de Água
	guarda água da chuva
	verifica sempre se há vazamentos na encanação doméstica
COD 33 - VOCÊ PERCEBE O MEIO AMBIENTE COMO? *	um problema
	um recurso
	o lugar para se viver
	como a natureza
	o lugar onde vive o homem, os animais e as plantas

	não sei responder
COD 33 - VOCÊ ACREDITA NA MELHORIA DOS PROBLEMAS AMBIENTAIS *	sim
	Não
	não sei responder
COD 34 - VOCÊ CONSIDERA QUE OS ITENS ABAIXO FAZEM PARTE DO MEIO AMBIENTE? SIM NÃO NÃO SEI RESPONDER	o ser humano
	praças e parques
	os animais
	as ruas, calçadas,
	Estradas
	casas, prédios, fabricas
	sítios, chácaras, fazendas
	chuvas e ventos
	montanhas, morros,
	Plantações
COD 35 - VOCÊ OBTÊM INFORMAÇÕES SOBRE MEIO AMBIENTE POR MEIO DE? SIM NÃO NÃO SEI RESPONDER	livros
	revistas
	televisão
	jornais
	rádio
	internet
	outras fontes
COD 36 - VOCÊ CONVERSA COM SUA FAMÍLIA SOBRE ASSUNTOS DA ÁREA AMBIENTAL	Sim
	Não
	não sei responder
COD 37 - VOCÊ JÁ OUVIU FALAR EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL *	Sim
	Não
	não sei responder
COD 38 - VOCÊ ACHA QUE AINDA NOS RESTA TEMPO PARA MUDARMOS NOSSAS AÇÕES E MINIMIZARMOS OS IMPACTOS NEGATIVOS NO MEIO AMBIENTE? *	Sim
	Não
	não sei responder
COD 39- QUAL SEGUIMENTO VOCÊ ACHA QUE É O MAIOR RESPONSÁVEL PELOS DANOS AO MEIO AMBIENTE DE HOJE?	não sabe responder
	o setor comercial
	as atividades industriais
	o setor agrícola
	o governo
	a sociedade em geral

COD 40 - QUAL O TIPO DE RELACIONAMENTO ENTRE VOCÊ E A UFCG?	sou aluno <i>ir para a pergunta 41.</i>
	sou técnico administrativo (funcionário) <i>ir para a pergunta 57.</i>
	sou professor <i>ir para a pergunta 61.</i>

ALUNOS

41. CURSO QUE VOCÊ FAZ GRADUAÇÃO	Opção 1
COD 42. 48 A - Nas aulas, em sala de aula são abordados assuntos relacionados a temática ambiental pelos professores	Sim
	Não
COD 43.	com atividades práticas

49 A - Como a temática ambiental é abordada em sala de aula pelos professores?	apenas de forma teórica
	Não é abordada a temática ambiental em sala de aula
COD 44. 50 A - Como você avalia o seu conhecimento sobre Educação Ambiental?	Muito informado
	Pouco informado
	Não tenho conhecimento sobre o assunto
COD 45. 51 A - Você participou ou participa de algum projeto de extensão na UFCG?	Sim
	Não
COD 46. 52 A - O projeto de extensão que você participa ou participou aborda ou abordou questões referentes à Educação Ambiental?	Sim
	Não
	Não participo ou nunca participei de projetos de extensão na UFCG
COD 47. 53 A - Você participou ou participa de algum projeto de pesquisa na UFCG?	Sim
	Não
COD 48. 54 A - O projeto de pesquisa que você participa ou participou na UFCG aborda ou abordou a temática da Educação Ambiental?	Sim
	Não
	não participo ou nunca participei de nenhum projeto de pesquisa na UFCG
COD 49. 55 A - Como avalia as ações ambientais da UFCG?	Ótimo
	Bom
	Regular
	Ruim
	Péssimo
	desconheço ações ambientais na UFCG
COD 50. 56 A - Como você avalia a intensidade de abordagem ambiental no ensino de todos os componentes curriculares da UFCG no seu curso?	muito abordado
	pouco abordado
	não é abordada a questão ambiental nos componentes
COD 51. 57 A - Como avalia os projetos de pesquisa da UFCG na área Ambiental?	Ótimo
	Bom
	Regular
	Ruim
	Péssimo
	Não conheço os projetos de pesquisa da UFCG
COD 52. 58 A - Como avalia os projetos de extensão da UFCG na área Ambiental?	Ótimo
	Bom
	Regular
	Ruim
	Péssimo
	Não conheço os projetos de extensão da UFCG
COD 53. 59 A - Teria interesse em participar de uma Comissão Institucional de Educação Ambiental no campi Campina Grande - UFCG, cujo objetivo é discutir, buscar soluções e avaliar ações na área ambiental?	Sim
	Não
COD 54. 60 A - Qual grau de conhecimento que você adquiriu até agora sobre Educação Ambiental para sua formação profissional?	Muito informado
	Pouco informado
	Não tenho conhecimento sobre o assunto
COD 55. 61 A - O campi da UFCG, Campina	Sim
	Não

Grande, apresenta sinais de cuidado ambiental?	
COD 56. 62 A - Qual a área de atuação de seu curso?	SAÚDE - ENFERMAGEM <i>Pare de preencher este formulário.</i>
	EDUCAÇÃO - LICENCIATURAS <i>Pare de preencher este formulário.</i>
	EXATAS - ENGENHARIA AGRÍCOLA <i>Pare de preencher este formulário.</i>

FUNCIONÁRIOS

COD 57. 48 F - Como avalia o seu conhecimento sobre Educação Ambiental	Muito informado
	Pouco informado
	Não tenho conhecimento sobre o assunto
COD 58. 49 F - Como avalia as ações ambientais da UFCG?	Ótimo
	Bom
	Regular
	Ruim
	Péssimo
	desconheço ações ambientais na UFCG
COD 59. 50 F - O campi da UFCG, Campina Grande, apresenta sinais de cuidado ambiental?	Sim
	Não
	Desconheço cuidados ambientais na UFCG
COD 60. 51 F - Teria interesse em participar de uma Comissão Institucional de Educação Ambiental no campi Campina Grande - UFCG, cujo objetivo é discutir, buscar soluções e avaliar ações na área ambiental?	Sim <i>Pare de preencher este formulário.</i>
	Não <i>Pare de preencher este formulário.</i>

PROFESSORES

COD 61. UNIDADE ACADÊMICA DE SUA LOTAÇÃO *	
COD 62. 48 P - Qual a área de atuação de seu curso?	SAÚDE - ENFERMAGEM
	EDUCAÇÃO - LICENCIATURAS
	EXATAS - ENGENHARIA AGRÍCOLA
COD 63. 49 P - A UFCG oferece formação continuada para os professores na área da Educação Ambiental?	Sim
	Não
COD 64. 50 P - Já realizou alguma atividade de sensibilização ambiental no campi da UFCG com seus alunos?	Sim
	Não
COD 65. 51 P - Em suas aulas a temática ambiental é abordada?	Sim
	Não
COD 66. 52 P - Como você avalia o seu conhecimento sobre Educação Ambiental?	Muito informado
	Pouco informado
	Não tenho conhecimento sobre o assunto
COD 67. 53 P - Como você avalia o ensino da UFCG sobre questões relacionadas ao Meio Ambiente?	Ótimo
	Bom
	Regular
	Ruim

	Péssimo
COD 68. 54 P - Como avalia o ensino da UFCG na perspectiva da Educação Ambiental?	Ótimo
	Bom
	Regular
	Ruim
	Péssimo
COD 69. 55 P - Como avalia as ações ambientais na UFCG?	Ótimo
	Bom
	Regular
	Ruim
	Péssimo
	Desconheço ações ambientais na UFCG
COD 70. 56 P - Como você avalia a formação continuada na UFCG na área Ambiental?	Ótimo
	Bom
	Regular
	Ruim
	Péssimo
	Não existe
COD 71. 57 P - Saberá identificar algum programa e/ou atividades vinculadas à educação ambiental não-formal na UFCG?	Sim
	Não
	Não sei responder
COD 72. 58 P - O campi da UFCG, Campina Grande, apresenta sinais de cuidado ambiental?	Sim
	Não
COD 73. 59 P - Teria interesse em participar de uma Comissão Institucional de Educação Ambiental no campi Campina Grande - UFCG cujo objetivo é discutir, buscar soluções e avaliar ações na área ambiental?	Sim
	Não
COD 74. 60 P - É ou foi coordenador de algum projeto de pesquisa ou extensão na UFCG nos últimos 15 anos?	Sim <i>Ir para a pergunta 75.</i>
	Não <i>Pare de preencher este formulário.</i>
COORDENADOR DE PROJETO DE PESQUISA OU EXTENSÃO	
COD 75. 61 C - Em seus projetos de pesquisa passados ou vigente, a temática "Educação Ambiental" é ou foi abordada?	Sim
	Não
	Não desenvolvi ou desenvolvo atividades de pesquisa
COD 76. 62 C - Em seus projetos de extensão a temática "Educação Ambiental" é ou foi abordada?	Sim <i>Pare de preencher este formulário.</i>
	Não <i>Pare de preencher este formulário.</i>
	Não desenvolvi e nem desenvolvo atividades de extensão <i>Pare de preencher este formulário.</i>

ANEXO I – APROVAÇÃO DO PROJETO NO COMITE DE ÉTICA

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO - HUAC

**DECLARAÇÃO DE APROVAÇÃO DE PROJETO**

Declaro para fins de comprovação que foi analisado e aprovado neste Comitê de Ética em Pesquisa – CEP o projeto de número CAAE: 67107417.3.0000.5182, Número do Parecer: 2.065.100 intitulado: **POLITICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL (PNEA) NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-PB: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, NO PERÍODO DE 2002 A 2015.**

Estando o (a) pesquisador (a) ciente de cumprir integralmente os itens da Resolução nº. 466/ 2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que dispõe sobre Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos, responsabilizando-se pelo andamento, realização e conclusão deste projeto, bem como comprometendo-se a enviar por meio da Plataforma Brasil no prazo de 30 dias relatório do presente projeto quando da sua conclusão, ou a qualquer momento, se o estudo for interrompido.

Daniel Ferreira Gonçalves de Oliveira
Daniel Ferreira Gonçalves de Oliveira
Coordenador CEP/ HUAC

Campina Grande - PB, 18 de Maio de 2017.

Rua.: Dr. Carlos Chagas, s/ n, São José, Campina Grande – PB.
Telefone.: (83) 2101 – 5545. E-mail.: cep@huac.ufcg.edu.br

ANEXO II**TITULOS DAS DISSERTAÇÕES QUE APRESENTAM A TEMÁTICA AMBIENTAL**

2002

1. Indicadores para gerenciamento do uso da água no perímetro irrigado de Pirapora-MG
 2. Estudo da vulnerabilidade socioeconômico-ambiental e os riscos a desastre ENOS (el niño oscilações sul) no município de Picuí-Paraíba : um estudo de caso
 3. Construção social dos riscos e degradação ambiental: município de Sousa, um estudo de caso.
 4. Avaliação do impacto ambiental causado pela exploração da agropecuária em Boqueirão – Estado da Paraíba.
 5. Potencial de sustentabilidade da agricultura familiar de Cabaceiras, PB (1995 – 2001).
 6. O desenvolvimento sustentável da agricultura familiar sob condições adversas: o caso da comunidade de Caxeiro, em Juarez Távora, PB.
-

2003

1. A percepção dos riscos ambientais: do discurso midiático a vida cotidiana de populações da cidade de Campina Grande/PB
 2. O desenvolvimento sustentável e a produção sucro-alcooleira na Paraíba
 3. A lagoa é nossa mãe: um estudo sobre representações sociais de meio ambiente nas comunidades rurais do entorno da lagoa do Piató Assú / RN.
-

2004

1. Utilização de água residuária na produção de mudas de flamboyant.
-

2005

1. Índice de sustentabilidade ambiental para os perímetros irrigados Ayres de Sousa e Araras Norte
 2. Indicadores de sustentabilidade como apoio à gestão de recursos hídricos
 3. Diagnóstico da qualidade da água superficial e subterrânea na microbacia do riacho Angico, região do médio rio Paraíba.
-

2006

1. Cobrança pelo lançamento de efluentes: simulação para a Bacia do rio Paraíba – PB.

2. Determinação e análise de indicadores de desempenho e de sustentabilidade de seis açudes na bacia do rio Piancó - PB e de suas potenciais demandas.
 3. Avaliação do uso de biodiesel como alternativa para redução de emissões de poluentes gasosos em processos industriais.
 4. A influência da urbanização no clima da cidade de Campina Grande – PB.
-

2007

1. Estudo de viabilidade técnica da utilização do resíduo de caulim em blocos de vedação
 2. Utilização de resíduos sólidos no estudo da susceptibilidade do concreto asfáltico a presença da água.
 3. Diagnostico e classificação dos resíduos vítreos gerados no município de Campina Grande - PB
 4. Diagnostico da degradação ambiental do açude Bodocongó em Campina Grande - PB
 5. Degradação ambiental ao longo da alça sudoeste da cidade de Campina Grande, PB
-

2008

1. Processos sociais, estratégias produtivas e mudança ambiental em assentamentos de reforma agrária na região norte do Tocantins.
 2. Gerenciamento da demanda de água em áreas verdes pública: o caso de Campina Grande
 3. Limpeza química do PET pós-consumo visando uma reciclagem diferenciada
 4. Turismo, desenvolvimento sustentável e cultura: o caso de Cabaceiras.
 5. Impactos ambientais decorrentes das condições antropogênicas no município de São João do Cariri – PB.
 6. Vegetação de área degradada da caatinga por meio da semeadura ou transplante de mudas de espécies arbóreas em substrato enriquecido com matéria orgânica.
 7. Caracterização e processamento de resíduos vítreos visando à reciclagem no município de Campina Grande - PB
-

2009

1. Avaliação dos impactos socioeconômico e ambiental da agricultura familiar na microbacia hidrográfica do Oiti, Lagoa Seca – PB

2. Buscando construir sustentabilidade: o caso dos agricultores familiares do município de Alagoa Nova - PB, participantes da Feira Agropecuária de Campina Grande - PB/FEAGRO/CG
 3. Caracterização socioambiental do Pedregal III e IV - Campina Grande - PB: resultados da experiência de urbanização de favelas por meio do Programa Habitar Brasil/BID.
 4. A governança regional em turismo no município de Conde - PB: uma análise do seu processo de implantação e contribuições para a sustentabilidade.
 5. Arranjo produtivo local sustentável: o caso do setor de calçados de Campina Grande/PB
 6. Impactos do aumento do nível médio do mar em algumas capitais do nordeste brasileiro, e suas consequências ambientais.
 7. Resíduos sólidos urbanos e seus aspectos sociais, econômicos e ambientais: estudo de caso.
 8. Planejamento do uso racional dos recursos naturais da microbacia hidrográfica do riacho Val Paraíso - PB, através de mapeamento agroambiental.
-

2010

1. Avaliação das perspectivas socioeconômicas e ambientais do Açude Grande na cidade de Cajazeiras/PB: um estudo de caso
 2. Metodologia para recuperação de áreas degradadas no semiárido da Paraíba utilizando xique-xique (*Pilosocereus gounellei*) e a macambira (*Bromélia laciniosa*).
 3. Diagnostico situacional dos resíduos sólidos urbanos no município de Cuité - PB, através da aplicação do sistema de indicador de sustentabilidade pressão-estado-impacto-resposta (P-E-I-R).
 4. Turismo: conservação ambiental e fortalecimento econômico no município de Cabaceiras-PB
 5. Diagnostico e prognostico socioeconômico e ambiental das nascentes do Riacho das Piabas (PB)
 6. Imaginário social, semiárido e representações da natureza na obra Vidas Secas : interfaces entre literatura, ambiente e historia.
-

2011

1. Sistema de indicadores de sustentabilidade para atividade turística: uma proposta metodológica participativa aplicada no município do Conde/PB.
-

2012

1. Estudo da degradação ambiental no entorno da bacia hidráulica do açude Manoel Marcionílio, Taperoá – PB.
 2. Análise de risco aplicada a qualidade da água do sistema de abastecimento de Campina Grande (PB).
 3. Gerenciamento da demanda de água em ambientes de uso pública: o caso da Universidade Federal de Campina Grande
 4. Indicadores de políticas públicas educacionais no contexto do desenvolvimento sustentável.
 5. Estudo do gerenciamento dos resíduos dos serviços de saúde na atenção básica em Campina Grande-PB.
-

2013

1. Avaliação de mecanismos poupadores de água como suporte ao planejamento urbano em Campina Grande - PB
 2. Análise do potencial de reciclagem dos resíduos sólidos urbanos: viabilidade socioeconômica de cooperativas de catadores do município de Campina Grande-PB /
 3. Análise do processo de implementação e operação do aterro sanitário no município de Puxinanã - PB utilizando o sistema de indicador de sustentabilidade pressão-estado-impacto-resposta (P-E-I-R).
 4. Uso eficiente de água em campus universitário: o caso da Universidade Federal de Campina Grande.
-

2014

1. Direito educacional ambiental: um estudo de caso aplicado a uma escola pública do ensino médio de Campina Grande – PB
 2. Análise da degradação e do poder calorífico de resíduos sólidos urbanos
 3. Gestão de recursos hídricos: conflito pelo uso da água no açude Eptácio Pessoa - PB
-

2015

1. Análise dos aspectos ambientais dos resíduos sólidos na Universidade Federal de Campina Grande-UFCG Campus de Campina Grande

2. Diagnóstico e proposição de estratégias para a implantação do plano de gestão de resíduos sólidos com base no capital social no município de Picuí - PB
3. Gestão socioambiental e hídrica em comunidades rurais no agreste paraibano, semiárido brasileiro: os casos dos sítios KM 21 e Pedra Redonda
4. Percepção ambiental acerca dos resíduos sólidos domiciliares: um estudo com os moradores de São Sebastião de Lagoa de Roça – PB.

ANEXO III**TITULOS DAS TESES QUE APRESENTAM A TEMÁTICA AMBIENTAL**

2002

1. Avaliação do ambiente gerado pelo resfriamento adiabático em maternidade de suínos e determinação de modelos de previsão de parâmetros de conforto.
2. Conflitos entre a conservação e o uso da terra em comunidades rurais no entorno do Parque Nacional da Serra da Bocaina: uma análise interpretativa
3. Reciclagem de resíduos da serragem de granitos para uso como matéria-prima cerâmica

2003

1. Gestão de riscos a desastres enos (el niño oscilação sul) no semiárido paraibano : uma análise comparativa
2. Viabilidade econômica, com a valoração ambiental e social, de sistemas de coleta seletiva de resíduos sólidos domiciliares: estudo de caso: Joao Pessoa/PB
3. Necessidades hídricas, crescimento e desenvolvimento do algodoeiro herbáceo irrigado, cultivar BRS 201.
4. Necessidades hídricas, crescimento e desenvolvimento do abacaxizeiro nos tabuleiros de Santa Rita – PB.

2004

1. Contribuição ao estudo da durabilidade de blocos de concreto produzidos com a utilização de entulho da construção civil
2. O desastre seca x políticas públicas. O semiárido rural paraibano: um estudo de caso
3. Utilização de resíduos das indústrias de cerâmicas e de calçados na elaboração de materiais e produtos a base de cimento Portland reforçados com fibras de sisal
4. Utilização de terras úmidas no tratamento de águas superficiais poluídas: influencia do tipo de leito e de macrofitas
5. Análise e sugestões para diretrizes de uso das disponibilidades hídricas superficiais da bacia hidrográfica do rio Piancó, situado no Estado da Paraíba.

2005

1. Modelo de simulação para racionalização do uso da água em irrigação por sulco

2006

1. Construção de saberes e fazeres versus desastre desertificação: o caso da Universidade Camponesa
2007
1. Enriquecimento nutricional por bioconversão de resíduos agroindustriais para utilização na alimentação animal
2. Estudo da durabilidade de argamassas alternativas produzidas de resíduos de construção e granito
3. Viabilidade técnica, econômica e ambiental no reaproveitamento da água de lavagem de ETAs: estudo de caso ETA de Gravata - Campina Grande – PB.
4. Vulnerabilidade socioambiental de espaços socialmente marginalizados em áreas urbanas: caso da Vila dos teimosos em Campina Grande-PB.
2008
1. Estudo da durabilidade de argamassas utilizando cinzas e casca de arroz
2. O desastre da desertificação no município de Taperoá, Estado da Paraíba, Brasil.
3. Tratamento de lodos de tanques sépticos por compostagem para os municípios do semiárido paraibano: alternativa para mitigação de impactos ambientais
4. Sistema de indicadores para viabilização o desenvolvimento local sustentável: uma proposta de modelo de sistematização
5. Sistema de gestão do conhecimento para indicadores de sustentabilidade - SIGECIS: proposta de uma metodologia
6. Capacitação social como estratégia para restauração de rios: gestão adaptativa e sustentável
7. Modelo de gestão ambiental em resíduos sólidos para centrais de abastecimento, embasado no ciclo de Deming.
8. Degradação ambiental e risco a desastre desertificação nos municípios de Serra Branca e Coxixola (cariri paraibano) e Mirandela (Portugal): uma análise comparativa
2009
1. Estudo de um reator para eletroflotacao de águas residuais da indústria do petróleo visando sua reutilização
2. Inovação tecnológica e o meio ambiente: um estudo das empresas do setor de calçados de Campina Grande – Paraíba

3. Otimização do processo de produção da aguardente de algaroba e aproveitamento dos resíduos sólidos em produtos alimentares
4. Impacto das mudanças climáticas na produção das culturas de algodão e mamona e implicações na sustentabilidade do Estado da Bahia
5. Remediação de um argissolo contaminado por zinco e cobre com o uso da bentonita.

2010

1. Estudo da degradação ambiental na bacia do açude Soledade – PB
2. Laminas de irrigação com água residuária e adubação orgânica na cultura do algodão BRS safira
3. Uma proposta metodológica complexa para a gestão ambiental sustentável e georreferenciada do Jardim Botânico de João Pessoa
4. Análise da vegetação e organismos edáficos em áreas de caatinga sob pastejo e aspectos socioeconômicos e ambientais de São João do Cariri – PB

2011

1. A tessitura da responsabilidade social corporativa: desafios para o consumo e desenvolvimento sustentável
2. A viabilidade socioeconômica e ambiental das práticas agroecológicas: estudo de caso em Lagoa Seca, Paraíba.
3. Cultivo do cumaru (*Amburana cearenses*) em diversos sistemas de produção no semiárido
4. Desenvolvimento local: potencialidades e estratégias turísticas para o Cariri Paraibano
5. Estudo da durabilidade de blocos de solo-cimento com incorporação de casca de arroz
6. Reuso da água da piscicultura na irrigação da bananeira FHIA 18
7. Degradação ambiental e vulnerabilidades nos municípios de Araripina (PE), Crato e Barbalha (CE) e Marcolândia (PI) - Chapada do Araripe: um estudo comparativo.
8. Gestão de políticas públicas inovadoras e sustentabilidade no município de Campina Grande-PB: uma proposta de avaliação à luz das iniciativas democráticas e participativas.

2012

1. A chegada das águas: conflitos socioambientais e mudanças no mundo do trabalho rural provocadas pela formação de lagos artificial
2. Análise multicritério na determinação dos riscos à degradação ambiental da bacia hidrográfica do açude Cachoeira dos Alves, Itaporanga – PB.
3. Consumo hídrico e coeficiente de cultivo dual da cana-de-açúcar cultivada sob diferentes lâminas de irrigação
4. Desenvolvimento de compostos biodegradáveis EVA/resíduo de EVA/amido
5. Na mão e na contramão da política: a realização da política nacional de educação do campo em municípios do Cariri Paraibano
6. Viabilidade de aplicação do resíduo sólido polimérico (SBR) da indústria calçadista na confecção de elementos construtivos
7. Utilização de modelos digitais de elevação na análise da degradação ambiental do município de Soledade, PB.

2013

1. Avaliação do desempenho ambiental de Instituição de Ensino Superior: modelo com indicadores
2. Obtenção de etanol líquido neutro a partir dos resíduos (cabeça e cauda) oriundos da fabricação de cachaça por processo de destilação convencional e assistido por micro-ondas para obtenção de álcool gel
3. Análise de riscos à degradação ambiental utilizando avaliação multicritério espacial, no município de Boa Vista – PB.
4. Manejo de águas salinas e residuária na produção de flores de girassol em sistema hidropônico para regiões semiáridas

2014

1. A institucionalização da questão ambiental no Brasil: modernização ecológica e gestão racional de recursos nos projetos de transposição e revitalização do rio São Francisco
2. Contribuições de eco-inovação para a sustentabilidade da fruticultura de manga na região Submédio São Francisco.

2015

1. Geotecnologias para avaliação de impactos ambientais causados pela atividade mineradora na cidade de Pedra Lavrada – PB

2. Governança e sustentabilidade institucional das ações de combate à desertificação:
uma proposta metodológica de avaliação
3. Utilização do politereftalato de etileno (PET) em misturas asfálticas
4. Valores, atitudes ambientais e a prática de consumo de alimentos naturais.

Anexo IV

Tabelas detalhadas com dados quantitativos da UFCG, período 2017.1

Dados do período 2017.1

Curso	Campus	Alunos Matriculados	Professores	Ingressantes	Graduados	Disciplinas Ofertadas	Aprovação (%)
13201100 ADMINISTRAÇÃO - D	Campina Grande	219	36	44	19	57	64,36
13201200 ADMINISTRAÇÃO - N	Campina Grande	159	36	3	5	59	65,56
15101100 ARQUITETURA E URBANISMO - D	Campina Grande	175	32	0	27	43	65,84
13317100 ARTE E MÚSICA - D	Campina Grande	109	10	0	12	29	74,87
14102100 CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO - D	Campina Grande	613	67	93	32	71	73,23
13204100 CIÊNCIAS ECONÔMICAS - M	Campina Grande	319	33	53	10	57	73,45
13204200 CIÊNCIAS ECONÔMICAS - N	Campina Grande	77	31	0	8	34	75,45
13205100 CIÊNCIAS SOCIAIS (BAC) - D	Campina Grande	58	32	23	1	49	73,33
13205200 CIÊNCIAS SOCIAIS (BAC) - N	Campina Grande	1	16	0	0	14	43
13205110 CIÊNCIAS SOCIAIS (LIC) - D	Campina Grande	1	12	0	1	13	100
13205210 CIÊNCIAS SOCIAIS (LIC) - N	Campina Grande	72	45	0	2	56	76,15
13206100 COMUNICAÇÃO SOCIAL - D	Campina Grande	83	14	0	8	29	68,43
13206200 COMUNICAÇÃO SOCIAL - N	Campina Grande	65	14	0	14	21	66,97
11104120 DESIGN - D	Campina Grande	154	21	33	10	44	60,65
12204100 ENFERMAGEM - D	Campina Grande	153	47	23	29	61	63,37
15121100 ENGENHARIA AGRÍCOLA - D	Campina Grande	121	70	53	4	74	73,7
15122100 ENGENHARIA CIVIL - D	Campina Grande	520	151	63	44	75	67,69
15123100 ENGENHARIA DE ALIMENTOS - D	Campina Grande	128	54	42	11	52	73
11120100 ENGENHARIA DE MATERIAS - D	Campina Grande	167	93	24	6	59	69,66
15127100 ENGENHARIA DE MINAS - D	Campina Grande	178	67	33	12	69	73,37
11125100 ENGENHARIA DE PETRÓLEO - D	Campina Grande	154	74	43	7	51	68,82
11123100 ENGENHARIA DE PRODUÇÃO - D	Campina Grande	179	73	44	17	61	73,66
14123100 ENGENHARIA ELÉTRICA	Campina Grande	867	125	119	39	108	79,21
11124100 ENGENHARIA MECÂNICA - D	Campina Grande	314	83	43	27	63	73,60
11123100 ENGENHARIA QUÍMICA - D	Campina Grande	253	71	60	19	63	83,44
11124100 ESTATÍSTICA - D	Campina Grande	48	27	33	2	29	54,68
13314250 FILOSOFIA (BAC) - N	Campina Grande	37	13	19	2	16	45,38
13314210 FILOSOFIA (LIC) - N	Campina Grande	56	19	19	1	28	60,17
11105150 FÍSICA (BAC) - D	Campina Grande	24	43	17	1	45	67,61
11105110 FÍSICA (LIC) - D	Campina Grande	45	51	23	2	43	63,27
13318110 GEOGRAFIA (LIC) - D	Campina Grande	111	25	43	1	29	64,15
13318210 GEOGRAFIA (LIC) - N	Campina Grande	137	23	43	2	29	78,73
13329110 HISTÓRIA (LIC) - M	Campina Grande	125	43	44	5	52	68,57
19209110 HISTÓRIA (LIC) - M (PARFOR)	Campina Grande	13	6	0	0	6	100
13329210 HISTÓRIA (LIC) - N	Campina Grande	111	41	0	4	57	61,87
13310214 LETRAS - ESPANHOL (LICENCIATURA) - N	Campina Grande	41	12	0	0	23	67,14
13323110 LETRAS - LIBRAS (LIC) - D	Campina Grande	16	6	15	0	6	60,63
13313115 LETRAS - LÍNG. PORT. LÍNG. FRANC. ILICLO	Campina Grande	41	23	19	6	43	70,63
13310211 LETRAS - LÍNGUA E LIT. PORTUGUESA - N	Campina Grande	3	4	0	2	3	66,67
13310118 LETRAS - LÍNGUA INGLESA (LIC) - D	Campina Grande	66	14	24	2	25	60,33
13310210 LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA (LIC) - N	Campina Grande	66	25	0	6	41	62,65
13310110 LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA (LIC) - D	Campina Grande	92	24	37	9	43	62,15
11107150 MATEMÁTICA (BAC) - D	Campina Grande	21	44	13	0	35	62,64
11107110 MATEMÁTICA (LIC) - D	Campina Grande	57	57	23	4	43	56,67
19107110 MATEMÁTICA (LIC) - D (PARFOR)	Campina Grande	19	6	0	0	11	0
11107210 MATEMÁTICA (LIC) - N	Campina Grande	76	44	29	4	42	61,56
12025100 MEDICINA - D	Campina Grande	424	109	59	39	63	63,64
15128100 METEOROLOGIA - D	Campina Grande	66	60	36	5	43	62,66

Curso	Campus	Alunos Matriculados	Professores	Ingressantes	Graduados	Disciplinas Orientadas	Aprovação (%)
13311150 MÚSICA (BAC) - O	Campina Grande	28	15	0	6	45	88,89
13311110 MÚSICA (LIC) - O	Campina Grande	79	21	0	9	38	87,78
13312115 PEDAGOGIA (LIC) - M	Campina Grande	109	55	55	2	49	88,03
13312210 PEDAGOGIA (LIC) - N	Campina Grande	69	30	0	3	49	88,12
12000100 PSICOLOGIA - O	Campina Grande	84	13	49	0	19	83,17
12000200 PSICOLOGIA - N	Campina Grande	209	35	0	25	49	85,41

Dados dos centros, período 2017.1

Dados do período 2017.1

Centro	Campus	Alunos Matriculados	Professores	Ingressantes	Graduados
CCT - CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA	Campina Grande	1559	257	429	69
CCBS - CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE	Campina Grande	827	151	119	84
CH - CENTRO DE HUMANIDADES	Campina Grande	2125	242	425	139
CEEI - CENTRO DE ENGENHARIA ELÉTRICA E INFORMÁTICA	Campina Grande	1480	184	212	71
CTRN - CENTRO DE TECNOLOGIA E RECURSOS NATURAIS	Campina Grande	1165	213	229	103
CENTRO FARFOR	Campina Grande	33	20	0	0
CFP - CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES	Cajazeiras	1914	179	397	201
CCJS - CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS	Sousa	1409	85	313	65
GSTR - CENTRO DE SAÚDE E TECNOLOGIA RURAL	Patos	1145	124	178	63
CES - CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE	Ourém	1573	123	377	89
CDSA - CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMI-ÁRIDO	Sumé	851	80	245	33
CCTA - CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA AGROALIMENTAR	Pombal	887	74	184	48

Dados das Unidades Acadêmicas, período 2017.1

Dados do período 2017.1

Unidade Acadêmica	Campus	Alunos Matriculados	Professores	Carga Horária Ofertada	Matrículas Efetivas
13010000 AGRICULTURA E CONTABILIDADE	Campina Grande	731	29	2492	1563
13020000 ARTES	Campina Grande	413	35	7245	1702
15010000 CIÊNCIAS ATMOSFÉRICAS	Campina Grande	49	13	1090	100
12010000 CIÊNCIAS DA SAÚDE (UACS)	Campina Grande	150	47	2492	731
12005000 CIÊNCIAS MÉDICAS (UACM)	Campina Grande	404	103	18348	2297
11120000 DESENHO INDUSTRIAL	Campina Grande	153	19	2400	515
13030000 ECONOMIA E FINANÇAS	Campina Grande	511	20	3030	324
13040000 EDUCAÇÃO	Campina Grande	291	34	5100	1402
15020000 ENGENHARIA AGRÍCOLA	Campina Grande	118	25	1970	415
15030000 ENGENHARIA CIVIL	Campina Grande	994	41	5920	2949
15040000 ENGENHARIA DE ALIMENTOS	Campina Grande	117	12	1600	321
11060000 ENGENHARIA DE MATERIAIS	Campina Grande	314	18	1890	449
11110000 ENGENHARIA DE PETRÓLEO	Campina Grande	145	10	1350	302
11150000 ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	Campina Grande	690	18	2310	725
14040000 ENGENHARIA ELÉTRICA	Campina Grande	835	53	7020	2912
11050000 ENGENHARIA MECÂNICA	Campina Grande	323	28	3240	1119
11070000 ENGENHARIA QUÍMICA	Campina Grande	679	29	4000	1419
11940000 ESTATÍSTICA	Campina Grande	505	16	2130	585
11010000 FÍSICA	Campina Grande	1421	33	5745	2188
13060000 GEOGRAFIA	Campina Grande	305	15	2120	924
13040000 HISTÓRIA	Campina Grande	360	21	3060	541
12030000 HISTÓRIA (FARFOR)	Campina Grande	13	5	420	52
13070000 LETRAS	Campina Grande	1219	58	6720	2218
11090000 MATEMÁTICA	Campina Grande	2152	39	5928	2590
12010000 MATEMÁTICA (FARFOR)	Campina Grande	15	2	600	50
15100000 MINERAÇÃO E GEOLOGIA	Campina Grande	287	19	2190	243
12010000 PSICOLOGIA (UAFPS)	Campina Grande	273	29	7000	1439
14110000 SISTEMAS E COMPUTAÇÃO	Campina Grande	1254	37	5910	2337
13010000 SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA	Campina Grande	1055	47	5193	1543

Anexo V

Fluxogramas

PRE fluxogramas		Administração - D					CG	Curso
Contabilidade Geral	Estrutura e Análise de Balanço	Matemática Financeira	Administração Financeira I	Administração Financeira II	Contabilidade de Custos	Análise de Custos	Est. Superv. (Em)	
Introdução a Administração	Teoria Geral Administração I	Teoria Geral Administração II	Inferência Estatística	Administração Mercadológica I	Introdução à Filosofia	Mercado de Capitais		
Introdução a Sociologia	Sociologia das Organizações	Estatística Descritiva	Processo Decisório	Administração da Produção I	Administração Mercadológica II	Pesquisa Operacional		
Economia I	Economia II	Introdução a Psicologia	Psicologia das Organizações	Administração de Recursos Humanos I	Administração da Produção II	Orçamento Empresarial		
Matemática Aplicada A Administração I	Matemática Aplicada A Administração II	Legislação Social	Organização, Sist. e Métodos I	Organização, Sist. e Métodos II	Administração de Recursos Humanos II	Gerenciamento dos Suprimentos		
	Inst do Direito Publ e Privado		Legislação Tributária		Adm de Recursos Materiais e Patrimoniais	Métodos e Técnicas de Pesquisa I		

PRE fluxogramas		Administração - N					CG	Curso
Contabilidade Geral	Estrutura e Análise de Balanço	Matemática Financeira	Estatística Descritiva	Administração Financeira I	Administração Financeira II	Contabilidade de Custos	Pesquisa Operacional	Análise de Custos
Introdução a Administração	Teoria Geral Administração I	Teoria Geral Administração II	Sociologia das Organizações	Inferência Estatística	Administração Mercadológica I	Administração Mercadológica II	Orçamento Empresarial	Mercado de Capitais
Economia I	Língua Portuguesa	Introdução à Informática	Organização, Sist. e Métodos I	Processo Decisório	Administração da Produção I	Administração da Produção II	Introdução à Filosofia	Métodos e Técnicas de Pesquisa I
Matemática Aplicada A Administração I	Matemática Aplicada A Administração II	Inst do Direito Publ e Privado	Legislação Social	Psicologia das Organizações	Administração de Recursos Humanos I	Administração de Recursos Humanos II	Administração de Sistemas de Informação	
	Economia II		Introdução a Psicologia	Organização, Sist. e Métodos II	Legislação Tributária	Adm de Recursos Materiais e Patrimoniais	Gerenciamento dos Suprimentos	

PRE fluxogramas **Arquitetura e Urbanismo - D** ca Curso

Geometria Descritiva	Introdução a Arquitetura	Conforto Ambiental I	Teoria e Hist. da Arq. e do Urb. II	Teoria e Hist. da Arq. e do Urb. III	Teoria e Hist. da Arq. e do Urb. IV	Teoria e Hist. da Arq. e do Urb. V	Desenho de Detalhes Construtivos	Tecnologia do Ambiente Construído
Cálculo Diferencial e Integral I	Fund do Planejamento e do Desenho Urbano	Estudos Urbanos e Regionais I	Projeto Assistido Por Computador II	Projeto de Arquitetura III	Projeto de Arquitetura IV	Geotecnologias Aplicadas	Projeto de Arquitetura VI	Atelier Integ de Arq,Urb e Paisagem
Espaço, Forma e Plástica	Estética e História das Artes II	Projeto Assistido Por Computador I	Projeto de Arquitetura II	Estudos Urbanos e Regionais III	Estudos Urbanos e Regionais IV	Projeto de Arquitetura V	Pesq Cient em Arq. Urban e Paisagem	Introdução ao Trabalho de Conclusão de C
Estética e História das Artes I	Desenho Técnico e Arquitetônico	Projeto de Arquitetura I	Estudos Urbanos e Regionais II	Planejamento da Paisagem II	Instalações Prediais II	Estudos Urbanos e Regionais V	Tecnologias Sociais	
Estudos Socioeconômicos	Materiais de Construção I	Sistemas Estruturais I	Planejamento da Paisagem I	Instalações Prediais I	Conforto Ambiental III			
Desenho Artístico	Física Geral II	Teoria e Hist. da Arq. e do Urb. I	Sistemas Estruturais II	Ciências do Ambiente				
Física Geral I		Topografia	Conforto Ambiental II					

PRE fluxogramas **Arte e Mídia - D** ca Curso

Língua Portuguesa I	Língua Inglesa I	Fundamentos da Linguagem Visual I	Evolução das Artes Visuais I	Evolução das Artes Visuais II	Introdução a Direção	Direção I	Projeto Multimídia
Estética e História das Artes I	Introdução a Sociologia	Seminários de Integração III	Seminários de Integração IV	Projeto I	Projeto II	Projeto III	Marketing Cultural
Oficina Básica de Artes I	Estética e História das Artes II	Psicologia da Criatividade	Fundamentos da Linguagem Visual II	Evolução do Teatro e da Dança	Laboratório de Vídeo I	Som e Imagem: Mixagem	
Introdução À Informática	Oficina Básica de Artes II	Ferramentas de Desenho e Animação	Fundamentos Cient da Comunicação	Internet e Mídia	Música Incidental		
Metodologia e Técnica de Pesquisa	Percepção Musical	Padrão Midi	Infografia	Laboratório de Audio I			
Seminários de Integração I	Introdução À Tecnologia Musical	Acústica e Áudio	Oficina Básica de Fotografia e Cinema				
	Seminários de						

Seminários de Integração II

PRE fluxogramas		Ciência da Computação - D					CG	Curso
Leitura e Produção de Textos	Metodologia Científica	Álgebra Linear I	Métodos Estatísticos	Informática e Sociedade	Direito e Cidadania	Projeto em Computação I	Projeto em Computação II	
Cálculo Diferencial e Integral II	Fundamentos de Física Clássica	Fundamentos de Física Moderna	Paradigmas de Ling. de Programação	Laboratório de Engenharia de Software	Lab.De Intercon.De Redes de Computadores	Métodos e Software Numéricos		
Álgebra Vetorial e Geometria Analítica	Cálculo Diferencial e Integral II	Teoria da Computação	Lógica Matemática	Análise e Técnica de Algoritmos	Interconexão de Redes de Computadores	Aval.De Desempenho de Sistemas Discretos		
Programação I	Matemática Discreta	Estrutura de Dados e Algoritmos	Org.E Arquitetura de Computadores I	Compiladores	Sistemas Operacionais			
Introdução a Computação	Programação II	Gerência da Informação	Engenharia de Software I	Redes de Computadores	Banco de Dados II			
Laboratório de Programação I	Teoria dos Grafos	Lab.De Estrutura de Dados e Algoritmos	Sistemas de Informação I	Banco de Dados I	Inteligência Artificial I			
	Laboratório de Programação II	Probabilidade e Estatística	Lab.De Org.E Arquitetura de Computadores	Sistemas de Informação II				



PRE fluxogramas		Ciências Econômicas - M					CG	Curso
Introdução às Ciências Sociais	Economia Clássica	Economia Marxista I	Teoria Macroeconômica II	Teoria Macroeconômica III	Economia do Setor Público	Economia Brasileira Contemporânea II	Economia do Nordeste	Monografia
Português Instrumental	Métodos Quantitativos II	Teoria Microeconômica I	Economia Marxista II	Desenvolvimento Socio-Econômico I	Economia Monetária	Economia Industrial	Elaboração e Análise de Projetos	
Formação Econômica Geral	Sistemas Econômicos	Estatística Econômica	Teoria Microeconômica II	Economia Internacional I	Desenvolvimento Socio-Econômico II	História do Pensamento Econômico	Projeto de Monografia	
Introdução à Economia	Estatística	Formação Econômica do Brasil	Econometria I	Contabilidade e Análise de Balança	Economia Brasileira Contemporânea I	Agricultura e Desenvolvimento Econômico	Atividades Complementares Flexíveis	
Métodos Quantitativos I	Contabilidade Social	Teoria Macroeconômica I	Formação Econômica do Brasil II	Teoria Microeconômica III	Economia Internacional II	Métodos e Técnicas de Pesquisa em Economia		

PRE fluxogramas		Ciências Econômicas - N				CC 7	Curso	
Metodos Quantitativos I	Economia Classica	Economia Manista I	Teoria Macroeconomica II	Teoria Macroeconomica II	Economia do Setor Publico	Economia Brasileira Contemporanea II	Economia do Nordeste	Projeto de Monografia
Introdução As Ciências Sociais	Metodos Quantitativos II	Teoria Microeconomica I	Econometria I	Desenvolvimento Socio-Economico I	Economia Monetaria	Economia Industrial	Elaboração e Análise de Projetos	
Portugues Instrumental	Sistemas Economicos	Estatistica Economica	Economia Manista II	Economia Internacional I	Desenvolvimento Socio-Economico II	História do Pensamento Economico	Agricultura e Desenvolvimento Economico	
Formacao Economica Geral	Estatistica	Formacao Economica do Brasil I	Teoria Microeconomica II	Teoria Microeconomica II	Economia Brasileira Contemporanea I	Métodos e Técnicas de Pesq. em Economia	Atividades Complementares Flexíveis	
Introdução À Economia	Contabilidade Social	Teoria Macroeconomica I	Formacao Economica do Brasil II	Contabilidade e Análise de Balanço	Economia Internacional II			

PRE fluxogramas		Comunicação Social - D				CC	Curso
Arte, Estética e Comunicação	Interpretação e Produção de Texto II	Estado Polit Pub e Movimentos Sociais	Empreendedorismo e Sociedade	Práticas Educomunicativas em Web	Práticas Educomunicativas em Tv	Responsab Socia- Ambien em Educomunicacao	
Fundamentos da Educomunicação I	Sociologia da Comunicação	Recepção e Educação para os Meios	Arte-Educação	Gestão da Comunicação I	Estagio Supervisionado II	Atividades Complementares Flexíveis	
Práticas Laboratoriais em Multimídia	Fundamentos da Educomunicação II	Metodologia da Pesquisa em Comunicação	Mediação Tecnológica na Educação	Prat Educomunicativas em Audiovisual	Gestão da Comunicação II	Tcc	
Comunicação nos Espaços da Ed. Formal	Fotografia, Imagem e Sociedade	Práticas Educomunicativas em Rádio	Pesquisa de Opinião Pública	Comunicação e Diversidade Cultural	Pre-Projeto		
Interpretação e Produção de Textos I	Práticas Educomunicativas em Editoração	Práticas Educomunicativas em Fotografia	Linguagem Publica em Espaços Educativos	Estagio Supervisionado I			
Teorias da Comunicação	Comunicação, Ética e Cidadania						



PRE fluxogramas		Comunicação Social - N					cc	Curso
Práticas Laboratoriais em Multimídia	Interpretação e Produção de Texto II	Recepção e Educação para os Meios	Estado, Polít. Púb. e Movimentos Sociais	Empreendedorism o e Sociedade	Práticas Educomunicativas em Tv	Estagio Supervisionado II	Tcc	
Interpretação e Produção de Textos I	Sociologia da Comunicação	Comunicação nos Espaços da Ed. Formal	Metodologia da Pesquisa em Comunicação	Prat Educomunicativas em Audiovisual	Práticas Educomunicativas em Web	Gestão da Comunicação II		
Teorias da Comunicação	Fundamentos da Educomunicação II	Práticas Educomunicativas em Fotografia	Práticas Educomunicativas em Rádio	Arte-Educação	Gestão da Comunicação I	Responsab. Socio-Ambien. em Educomunicação		
Arte, Estética e Comunicação	Práticas Educomunicativas em Editoração	Comunicação, Ética e Cidadania	Comunicação e Diversidade Cultural	Mediação Tecnológica na Educação	Estagio Supervisionado I	Pre-Projeto		
Fundamentos da Educomunicação I	Fotografia, Imagem e Sociedade		Linguagem Pública em Espaços Educativos	Pesquisa de Opinião Pública		Atividades Complementares Flexíveis		

PRE fluxogramas		Design - D				cc	Curso
Projeto I	Projeto II	Projeto III	Projeto IV	Projeto V	Projeto VI	Atividades Complementares Flexíveis	
Desenho I	Desenho II	Computação Gráfica	Desenho Assistido Por Computador I	Desenho Assistido Por Computador II	Desenho Avançada	Trabalho de Conclusão de Curso	
História da Arte e do Design	História do Design Industrial	Análise de Formas	Metodologia Visual	Estética	Teorias do Design		
Expressão Tridimensional I	Expressão Tridimensional II	Teoria e Prática da Cor	Introdução à Sociologia e à Antropologia	Semiotica e Semântica do Produto	Empreendedorism o		
Materiais e Processos de Fabricação I	Materiais e Processos de Fabricação II	Modelos Tridimensionais	Ergonomia	Interação Usuário-Produto	Projeto de Tcc		
Técnicas de Apresentação de Projeto I	Registro e Análise da Imagem	Metodologia de Projeto	Metodologia Científica	Inovação em Design	Cultura Material		
Expressão Gráfica	Desenho Técnico	Técnicas de Apresentação de Projeto II					



PRE fluxogramas Enfermagem - D CG Curso

Anatomia	Histologia e Embriologia	Epidemiologia	Patologia	Saude da Criança e do Adolescente	Saude do Adulto I	Saude do Adulto II	Atenção ao Paciente Criança	Trabalho de Conclusão de Curso I
Anatomia (Prática)	Histologia e Embriologia (Prática)	Farmacologia	Semiologia e Semi-técnica II	Saude da Criança e do Adolescente(Prática)	Saude do Adulto I (Prática)	Saude do Adulto II (Prática)	Atenção ao Paciente Criança (Prática)	Estagio Curricular Supervisionado I
Bioquímica	Semiologia e Semi-técnica I	Farmacologia(Prática)	Semiologia e Semi-técnica II (Prática)	Saude da Mulher	Saude do Idoso	Saude Coletiva III	Ensino e Pesquisa em Saude II	
Bioquímica (Prática)	Semiologia e Semi-técnica I (Prática)	Microbiologia e Imunologia	Nutricao Aplicada a Enfermagem	Saude da Mulher (Prática)	Saude do Idoso (Prática)	Saude Coletiva II(Prática)	Ensino e Pesquisa em Saude II (Prática)	
Biotécica	Sistemizacao da Assat. de Enfermagem	Microbiologia e Imunologia(Prática)	Psicologia Geral		Gestao em Saude	Saude Mental		
Biologia Celular	Bioestatística	Parasitologia	Sociologia e Antropologia da Saude			Saude Mental(Prática)		

Saude Coletiva I	Etica e Legislação em Enfermagem	Parasitologia (Prática)
História da Enfermagem	Psicologia	Saude Coletiva II
Ensino e Pesquisa em Saude I	Genética	Saude Coletiva II (Prática)

PRE fluxogramas Engenharia Agrícola - D CG Curso

Calculo Diferencial e Integral I	Calculo Diferencial e Integral II	Fenomenos de Transportes	Hidraulica	Mecânica dos Solos Experimental	Sistemas de Producao Animal	Mecanizacao Agricola	Mecânica Agrícola	Autom. e Controle de Sistemas Agrícolas
Algebra Vetorial e Geometria Analitica	Solos Agrícolas	Física Experimental I	Equacoes Diferenciais Lineares	Mecânica dos Solos	Comunicação e Extensão Rural	Estruturas para Edificacoes Rurais	Projeto de Impactos Ambientais	Projeto de Engenharia Agrícola II
Int a Engenharia Agrícola	Topografia	Algebra Linear I	Hidraulica Experimental	Termodinamica	Ferrom. Impl. e Máquinas Agrícolas	Sistemas de Drenagem Agrícola	Saneamento Ambiental	Atividades Complementares
Expressao Grafica	Economia e Agronegocio	Aerofotogrametria	Resistencia dos Materiais	Hidrologia Aplicada	Materiais e Técnicas de Construção	Armazenamento de Produtos Agrícolas	Projeto de Engenharia Agrícola I	
Sociologia e Antropologia	Desenho Técnico Instrumental	Sistemas de Producao Vegetal	Sensoramento Remoto	Geoprocessamento	Sistemas de Irrigacao	Tratamento de Residuos I	Recuperacao de Areas Degradadas	
Química Analítica	Bioquímica	Poluição Ambiental	Manejo dos Recursos Naturais	Elementos de Máquinas Agrícolas	Prop. Físicas de Mat. Biológicas	Gestao Ambiental		

Microbiologia Ambiental	Fundamentos de Impactos Ambientais	Física Geral II	Adm. Rural e Empreendedorismo	Instalacoes Elétricas	Desastres Ambientais	Fontes Renováveis de Energia
Metodologia e Técnicas de Pesquisa	Física Geral I		Computação Aplicada	Estatística e Experimentação Agrícola	Estagio Supervisionado	

PRE fluxogramas Engenharia Civil - D								
CC		Curso						
Calculo Diferencial e Integral I	Calculo Diferencial e Integral II	Geologia Basica	Fisica Geral III	Fenomenos de Transportes	Hidraulica	Geotecnologias Aplicadas	Construcoes de Concreto Armado I	Projeto de Pesquisa Aplicada (Ppa)
Quimica Geral	Introdução À Ciência da Computação	Calculo Numerico	Fisica Experimental II	Introducao a Estatística	Mecânica dos Solos	Fundacoes e Empuxos de Terra	Administracao e Empreendedorism o	Saneamento Ambiental
Algebra Vetorial e Geometria Analitica	Fisica Geral II	Calculo Diferencial e Integral III	Introducao a Probabilidade	Mecanica dos Solidos	Mecânica dos Solos Experimental	Hidrologia Aplicada	Construcao Metalicas e de Madeira	Sistemas de Abastecimento de Agua
Metodologia de Pesq e Comunic Cientifica	Desenho Técnico e Arquitetônica	Topografia	Mecânica Geral	Fenomenos de Transportes Experimental	Hidraulica Experimental	Engenharia de Transportes	Tecnicas de Edificacoes	Gestao de Obras de Construcao Civil
Expressao Grafica	Direito para Engenharia	Fisica Experimental I	Arquitetura, Urbanismo e Acessibilidade	Materiais de Construcao II	Teoria das Estruturas	Instalacoes Hidraulicas Prediais	Sistema de Drenagem Urbana	
Laboratório de Quimica de Agua	Algebra Linear I	Fisica Geral II	Materiais de Construcao I	Ciências da Ambiente	Economia para Engenharia	Estabilidade das Construcoes	Estradas	
			Equacoes Diferenciais Lineares	Mat.De Construcao Experimental	Eletrotécnica Geral			



PRE fluxogramas Engenharia de Alimentos - D								
CC		Curso						
Calculo Diferencial e Integral I	Calculo Diferencial e Integral II	Calculo Numerico	Fisica Geral III	Eletrotécnica Geral		Formacoes de Empreendedores	Sociologia e Antropologia	
Quimica Geral	Fisica Experimental I	Calculo Diferencial e Integral III	Fisica Experimental II					
Algebra Vetorial e Geometria Analitica	Quimica Analitica	Equacoes Diferenciais Lineares	Mecânica Geral					
Expressao Grafica	Algebra Linear I	Fisico-Quimica						
Fisica Geral I	Quimica Orgânica I	Economia						
	Introdução À Ciência da Computação							
	Fisica Geral II							



PRE fluxogramas		Engenharia de Materiais - D				CC	Curso	
Calculo Diferencial e Integral I	Calculo Diferencial e Integral II	Fisica Geral III	Mecânica Geral	Caracterização de Materiais	Propriedades Mecânicas de Materiais	Administração	Propriedades dos Materiais Cerâmicos	Reciclagem de Materiais
Química Geral	Introdução À Ciência da Computação	Fisica Experimental II	Introducao a Probabilidade	Ensaio Mecanicos de Materiais	Transformacoes de Fases em Metais	Processamentos dos Materiais Cerâmicos	Processamento dos Materiais Poliméricos	Gestão da Qualidade
Laboratório de Química Geral	Química de Materiais	Calculo Diferencial e Integral III	Equacoes Diferenciais Lineares	Termodinamica de Solidos	Química de Polímeros	Estrutura e Propriedades de Polímeros	Ergonomia I	
Fisica Geral I	Algebra Linear I	Calculo Numerico	Ciência de Materiais	Expressao Grafica	Economia	Tratamentos Térmicos e Termoquímicos	Formacao de Empreendedores	
Algebra Vetorial e Geometria Analitica	Fisica Experimental I	Estruturas Cristalinas	Instituicoes do Direito	Fenomenos de Transporte	Materiais-Primas Cerâmicas	Ciências do Ambiente	Processamento de Materiais Metálicos	
Introdução À Engenharia de Materiais	Fisica Geral II	Metodologia e Técnicas de Pesquisa	Química Analitica	Introducao a Estatística	Eletrotécnica Geral			



PRE fluxogramas		Engenharia de Minas - D				CC	Curso	
Calculo Diferencial e Integral I	Calculo Diferencial e Integral II	Mecânica Geral	Introducao a Probabilidade	Fenomenos de Transportes	Geofísica	Engenharia Economica	Mineracao e Meio Ambiente	Atividades Complementares Flexíveis
Química Geral	Fisica Experimental I	Fisica Geral III	Desenho Técnico	Administração	Pesquisa Operacional	Tratamento de Minerios II	Economia Mineral	
Lingua Portuguesa	Algebra Linear I	Calculo Diferencial e Integral III	Resistencia dos Materiais I	Metodologia e Técnicas de Pesquisa	Higiene e Seguranca do Trabalho	Lavra de Minas Subteraneas	Tratamento de Minerios III	
Algebra Vetorial e Geometria Analitica	Geologia Geral	Introdução À Ciência da Computação	Geologia Estrutural	Mecânica das Rochas	Caracterização Tecnológica de Minerios	Lavra de Minas a Ceu Aberto	Ventilacao de Mina	
Fisica Geral I	Mineralogia	Expressao Grafica	Geologia Economica	Pesquisa Mineral	Tratamento de Minerios I	Geoestatística	Planejamento de Lavra	
Introducao a Engenharia de Minas	Fisica Geral II	Petrografia	Eletrotécnica Geral	Topografia Aplicada a Mineracao	Perfuracao e Desmonte de Rochas	Hidrogeologia		



PRE fluxogramas		Engenharia de Petróleo - D		CG	Curso			
Calculo Diferencial e Integral I	Calculo Diferencial e Integral II	Física Geral III	Mecânica Geral	Introducao a Estatística	Expressao Grafica	Administração	Ergonomia I	Economia do Petróleo.
Algebra Vetorial e Geometria Analítica	Física Experimental I	Física Experimental II	Calculo Avancada	Avaliação de Formações	Mecânica dos Fluidos	Diagnóstico e Remediação Ambiental	Gestão da Qualidade	Amaz. e Transp. Petróleo e Gás Natural
Física Geral I	Algebra Linear I	Calculo Diferencial e Integral II	Introducao a Probabilidade	Termodinamica Geral	Sistemas de Producao	Inglês	Análise e Manutenção de Dutos	Atividades Complementares Flexíveis
Química do Petróleo	Geologia do Petróleo	Calculo Numerico	Mecânica dos Rochos	Perfuracao de Pocos	Completação de Poços	Fluxo de Fluidos em Meias Porosas	Elevação Artificial	Engenharia de Reservatório
Geologia Geral	Introdução À Ciência da Computação	Metodologia e Técnicas de Pesquisa	Ensaio de Mater.P/A Ind de Petróleo Gas	Tecnologia de Refino I	Direito do Petróleo	Produção e Process de Gas. Natural		
Introdução À Engenharia de Petróleo	Física Geral II	Materiais para a Indústria do Petróleo	Geofísica	Equacoes Diferenciais Lineares	Eletrotécnica Geral	Escoamento Multifásico		

Estágio Integrado; TCC

PRE fluxogramas		Engenharia de Produção - D		CG	Curso			
Calculo Diferencial e Integral II	Introdução A Ciência dos Materiais	Calculo Diferencial e Integral III	Mecânica Geral II	Introducao a Estatística	Empreendedorism o	Engenharia Economica	Planejamento e Controle da Producao	Projeto de Fabrica e Lay Out
Química Geral	Calculo Diferencial e Integral II	Pesquisa Operacional	Calculo Numerico	Gestão da Informação	Gestão Ambiental	Inst do Direito P/ Eng de Producao	Gestão da Qualidade	Trabalho de Conclusao de Curso - Tcc/Ep
Lingua Portuguesa	Metodologia Científica	Introducao a Probabilidade	Física Geral III	Ciências do Ambiente	Controle Estatística de Qualidade	Psicologia das Organizações	Gestão da Manutencao	
Algebra Vetorial e Geometria Analítica	Algebra Linear I	Fundamentos de Economia	Economia da Producao	Organizacao do Trabalho	Ergonomia I	Planejamento e Projeto do Produto	Logística	
Introducao a Engenharia de Produção	Expressao Grafica	Física Experimental I	Sistema de Producao	Gestão da Inovação Tecnológica	Higiene e Seguranca do Trabalho I	Administração Estratégica	Custos da Produção	
Química Experimental	Física Geral I	Desenho Técnico e Arquitetônico	Introdução a Fenômenos de Transportes	Eletrotécnica Geral	Engenharia de Métodos			
Introdução À Ciência da Computação	Fundamentos da Administração	Física Geral II			Planej de Exp Aplica a Eng de Produção			

PRE fluxogramas									Engenharia Elétrica			CC	Curso	
Calculo Diferencial e Integral I	Física Geral II	Circuitos Lógicos	Variáveis Complexas	Análise de Sinais e Sistemas	Princípios de Comunicações	Sociologia Industrial	Economia	Engenharia Econômica						
Álgebra Vetorial e Geometria Analítica	Química	Lab. Circuitos Lógicos	Cálculo Numérico	Introdução À Ciência dos Materiais	Lab. Princípios de Comunicações	Sistemas Elétricos	Administração	Projeto de Engenharia Elétrica						
Expressão Gráfica	Física Experimental I	Mecânica Geral I	Mecânica Geral II	Processos Estocásticos	Arquitetura de Sistemas Digitais	Lab. Sistemas Elétricos	Eletrônica de Potência	Instituições do Direito						
Física Geral I	Álgebra Linear I	Lab. de Óptica Eleticidade e Magnetismo	Probabilidade e Estatística	Circuitos Elétricos II	Lab. Arquit. de Sistemas Digitais	Materiais Elétricos	Instalações Elétricas							
Ciências do Ambiente	Cálculo Diferencial e Integral II	Cálculo Diferencial e Integral III	Circuitos Elétricos I	Lab. Circuitos Elétricos II	Fenômenos de Transporte	Lab. Materiais Elétricos	Lab. Instalações Elétricas							
Introdução a Programação	Técnicas de Programação	Eleticidade e Magnetismo	Lab. Circuitos Elétricos I	Ondas e Linhas	Eletrônica	Máquinas Elétricas	Lab. Eletrônica de Potência							
Introdução a Engenharia Elétrica		Equações Diferenciais	Eletromagnetismo	Dispositivos Eletrônicos	Lab. Eletrônica	Laboratório de Máquinas Elétricas	Controle Digital							
		Lab. Eletromagnetismo	Lab. Dispositivos Eletrônicos	Conversão Eletromecânica	Controle Analógico	Lab. Controle Digital								
				Lab. Conversão Eletromecânica	Lab. Controle Analógico									

Estágio Integrado; Estágio Supervisionado

PRE fluxogramas									Engenharia Mecânica - D			CC	Curso	
Álgebra Vetorial e Geometria Analítica	Álgebra Linear I	Física Experimental I	Desenho de Máquinas	Mecânica dos Fluidos I	Lab. Mat. de Const. Mecânica	Transferência de Calor I	Transferência de Calor II	Máquinas de Elevação e Transportes						
Cálculo Diferencial e Integral II	Química	Mecânica Geral I	Termodinâmica Aplicada	Mecanismos	Planejamento Industrial	Elementos de Máquinas I	Análise de Investimentos	Máquinas Térmicas I						
Sociologia Industrial I	Física Geral I	Física Geral II	Materiais de Construção Mecânica I	Materiais de Construção Mecânica II	Mecânica dos Sólidos I	Máquinas Hidráulicas e Pneumáticas	Elementos de Máquinas II	Usinagem						
Instituições do Direito	Economia	Probabilidade e Estatística	Física Experimental II	Resistência dos Materiais I	Oficina Mecânica	Prog e Controle da Produção	Lab. de Máq. Hidr. Pneumáticas	Lab. de Calor e Fluidos						
Ciências do Ambiente	Cálculo Diferencial e Integral II	Cálculo Diferencial e Integral III	Mecânica Geral II	Metrologia	Cálculo Numérico	Tecnologia Mecânica I	Tecnologia Mecânica II	Trabalho de Conclusão de Curso						
			Equações Diferenciais Lineares	Introdução À Ciência da Computação	Mecânica dos Fluidos II									
				Eletrotécnica Geral	Dinâmica das Máquinas									

Estágio Integrado; Estágio Supervisionado

PRE fluxogramas		Engenharia Química - D						CG	Curso
Calculo Diferencial e Integral I	Calculo Diferencial e Integral II	Física Geral III	Química Analítica	Mecânica Geral	Calculo de Reatores I	Controle Estatístico de Processos	Análise Econômica de Processos	Gestão Ambiental	
Química Geral	Física Experimental I	Física Experimental II	Expressão Gráfica	Sociologia Industrial	Fenômenos de Transportes II	Calculo de Reatores II	Dinâmica de Processos	Controle de Processos	
Laboratório de Química Geral	Álgebra Linear I	Calculo Diferencial e Integral III	Cinética Química	Administração	Fenômenos de Transportes III	Laboratório de Engenharia Química IV	Otimização de Processos	Planejamento e Análise de Experimentos	
Álgebra Vetorial e Geometria Analítica	Laboratório de Química Orgânica	Equações Diferenciais Lineares	Laboratório de Engenharia Química I	Microbiologia	Laboratório de Engenharia Química III	Operações Unitárias II	Engenharia de Processos I	Engenharia de Processos II	
Física Geral I	Princípios e Cálculos da Eng. Química I	Métodos Numéricos para Eng. Química	Laboratório de Química Analítica	Fenômenos de Transportes I	Operações Unitárias I	Operações Unitárias III		Laboratório de Engenharia Química V	
Introdução À Engenharia Química	Química Orgânica	Princípios e Cálculos da Eng. Química II	Termodinâmica da Engenharia Química I	Laboratório de Engenharia Química II	Probabilidade e Estatística			Trabalho de Conclusão de Curso	
Informática Aplicada	Física Geral II		Eletrotécnica Geral	Termodinâmica da Engenharia Química II					

Estágio Integrado; Atividades complementares flexíveis

PRE fluxogramas		Estatística - D						CG	Curso
Calculo Diferencial e Integral I	Calculo Diferencial e Integral II	Calculo Diferencial e Integral III	Introdução À Análise Real	Amostragem I	Introd Aos Mod Lineares Generalizados	Análise de Séries Temporais	Estagio Supervisionado		
Inglês	Leitura e Prod de Textos Academicos I	Pesquisa Operacional	Introducao a Teoria Microeconomica	Inferencia Estatística II	Inferencia Bayesiana	Introdução À Análise de Sobrevivência	Trabalho de Conclusão de Curso		
Álgebra Vetorial e Geometria Analítica	Álgebra Linear I	Equações Diferenciais Lineares	Inferencia Estatística I	Análise de Regressão	Estatística Não Paramétrica	Laboratório de Estatística Aplicada	Atividades Complementares Flexíveis		
Matemática Finita	Probabilidade I	Probabilidade II	Probabilidade III	Pesquisa de Mercado	Planejamento de Experimentos				
Iniciação a Estatística	Análise Exploratória de Dados	Teoria das Matrizes e Aplicações	Introdução Aos Processos Estocásticos	Controle Estatístico de Processos	Estatística Multivariada I				
Introdução À Ciência da Computação	Introd a Banca de Dados e Miner de Dados	Estatística Computacional							

PRE fluxogramas		Filosofia (Bac) - N					CG	Curso
História da Filosofia Antiga I	História da Filosofia Antiga II	História da Filosofia Medieval I	História da Filosofia Medieval II	História da Filosofia Moderna I	História da Filosofia Moderna II	História da Filosofia Contemporânea I	Atividades Complementares Flexíveis	
Leitura e Prod de Textos Filosóficos I	Leitura e Prod de Textos Filosóficos II	Leitura e Prod de Textos Filosóficos III	Leitura e Prod de Textos Filosóficos IV	Filosofia Política I	Filosofia Política II	Projeto de Tcc	História da Filosofia Contemporânea II	
Metafísica I	Metafísica II	Ética I	Ética II	Estética I			Trabalho de Conclusão de Curso - Tcc	
Lógica I	Lógica II	Filosofia da Ciência I	Filosofia da Linguagem I					
Introdução À Filosofia	Teoria do Conhecimento							

PRE fluxogramas		Filosofia (Lic) - N					CG	Curso
Leitura e Prod de Textos Filosóficos I	Metafísica II	História da Filosofia Medieval I	Didática	História da Filosofia Moderna I	Prática do Ensino de Filosofia I	Estágio Supervisionado II	História da Filosofia Contemporânea II	Trabalho de Conclusão de Curso
Metafísica I	Leitura e Prod de Textos Filosóficos II	Ética I	História da Filosofia Medieval II	Filosofia Política I	Estágio Supervisionado I	Prática do Ensino de Filosofia II	Prática de Ensino de Filosofia III	Lab de Ensino-Aprendizagem de Filosofia III
Lógica I	Lógica II	Filosofia da Ciência I	Ética II	Estética I	História da Filosofia Moderna II	Lab de Ens Aprendizagem de Filosofia I	Lab de Ensino-Aprendizagem de Filosofia II	Estágio Supervisionado IV
História da Filosofia Antiga I	História da Filosofia Antiga II	Filosofia da Educação	Filosofia da Linguagem I	Metodologia do Ensino de Filosofia II		História da Filosofia Contemporânea I	Estágio Supervisionado III	Ativid Acadêmico-Científico-Culturais
		Psicologia Educacional	Metodologia do Ensino de Filosofia I					

PRE fluxogramas		Física (Lic) - D				CG	Curso
Tópicos de História e Ensino da Física	Prat. de Ens. da Física na Educ. Básica	Física Geral III	Física Geral IV	Física Matemática I	Estágio Superv. em Ensino da Física I	Estágio Superv. em Ensino da Física II	
Química Geral	Cálculo Diferencial e Integral II	Física Experimental II	Instrumentação para o Ensino da Física A	Metodologia e Prát do Ensino de Física	Mecânica Quântica I	Projeto Educacional B	
Cálculo Diferencial e Integral I	Física Experimental I	Projeto Educacional A	Química Orgânica I	Física Moderna	Ótica Física	Instrumentação para o Ensino da Física B	
Álgebra Vetorial e Geometria Analítica	Álgebra Linear I	Cálculo Diferencial e Integral III	Didática	Eletromagnetismo I	Termodinâmica		
Física Geral I	Política Educacional no Brasil	Psicologia Educacional	Mecânica Clássica I	Laboratório de Física Moderna			
Introdução À Ciência da Computação	Física Geral II	Equações Diferenciais Lineares	Cálculo Avançada				



PRE fluxogramas		Geografia (Lic) - D				CG	Curso
Língua Portuguesa	Geografia Econômica	Fundamentos para Estudo em Climatologia	Fundamentos para Estudo em Biogeografia	Didática	Informática Apl. ao Ensino de Geografia	Geografia Regional do Mundo	Estágio Curricular Supervisionada IV
Introdução a Sociologia	Temas e Métodos em Geografia	Fundamentos para Estudo em Pedagogia	Região e Regionalização	Psicologia Educacional	Geografia dos Recursos Hídricos	Sensoriamento Remoto e Geoprocessamento	Trabalho de Conclusão de Curso
História do Pensamento Geográfico	Fundamentos para Estudo em Geomorfologia	Fundamentos para Estudo em Geog Agrária	Prática de Ensino em Geografia	Política Educacional no Brasil	Metodologia do Ensino em Geografia	Geografia Cultural	Ativ. Acadêmica-Científica-Culturais
Fundamentos para Estudo em Geologia	Cartografia e Estudos Correlatos	Fundamentos para Estudo em Geog Urbana	Projeto de Pesquisa	Estágio Curricular Supervisionada I	Geografia da Paraíba	Estágio Curricular Supervisionada III	
Met. Do Trab. Cient. As Normas do Prod. Text	Elementos e Dinâmicas Demográficas	Geografia Política		Geografia Regional do Brasil	Estágio Curricular Supervisionada II		
Estudo de Campo	Leitura e Prod De Textos em Geografia	Formação Territorial do Brasil		Prod E Inst De Rec. Didat. Em Geografia			



PRE fluxogramas		Geografia (Lic) - N					CC	Curso
Língua Portuguesa	Teoria e Métodos em Geografia	Estudo de Campo	Geografia Econômica	Política Educacional no Brasil	Didática	Informática Apl. ao Ensino de Geografia	Estágio Curricular Supervisionado IV	Trabalho de Conclusão de Curso
Introdução à Sociologia	Fundamentos para Estudo em Geomorfologia	Fundamentos para Estudo em Climatologia	Geografia Política	Estágio Curricular Supervisionado I	Psicologia Educacional	Geografia dos Recursos Hídricos	Geografia Regional do Mundo	Ativ. Acadêmico-Científico-Culturais
História do Pensamento Geográfico	Cartografia e Estudos Correlatos	Fundamentos para Estudo em Pedagogia	Formação Territorial do Brasil	Geografia Regional do Brasil	Geografia da Paraíba	Projeto de Pesquisa	Sensoreamento Remoto e Geoprocessamento	Prod. E. Inst. De Rec. Didat. Em Geografia
Fundamentos para Estudo em Geologia	Elementos e Dinâmicas Demográficas	Fundamentos para Estudo em Geog. Agrária	Fundamentos para Estudo em Biogeografia	Prática de Ensino em Geografia	Estágio Curricular Supervisionado II	Estágio Curricular Supervisionado III	Metodologia do Ensino em Geografia	
Met. Do Trab. Cient. As Normas da Prod. Text	Leitura e Prod. De Textos em Geografia	Fundamentos para Estudo em Geog Urbana	Região e Regionalização				Geografia Cultural	

PRE fluxogramas		História (Lic) - D					CC	Curso
Pré-História	Introdução à Economia Política	História Moderna Ocidental	História do Brasil I	História Contemporânea I	História Contemporânea II	História do Brasil IV		
História Antiga Oriental		História Medieval Oriental	História da América I	História do Brasil II	História Contemporânea III	Historiografia Brasileira		
História Antiga Ocidental		História Medieval Ocidental	História Econômica do Brasil	História da América II	História do Brasil III	História do Nordeste		
Introdução ao Estudo da História		História Moderna Oriental	Civilização Ibérica	História da Paraíba I	História da América III	Didática		
Teoria da História		História Econômica Geral		Hist. do Pens. Pol. e Soc. Geral	História da Paraíba II			
				Psicologia Educac./Adolescência	Hist. do Pens. Pol. e Soc. Brasil			
					Psic. Educacional/Aprendizagem			



PRE fluxogramas **História (Lic) - D (Parfor)** CO Curso

Pré-História	Introdução a Economia Política	História Medieval Oriental	História do Brasil I	Psicologia Educac/Adolescência	Psic Educacional/Aprendizagem	Didática	
História Antiga Oriental		História Medieval Ocidental	História da América I	História Contemporânea I	História Contemporânea II	História do Brasil IV	
História Antiga Ocidental		História Moderna Oriental	História Econômica do Brasil	História do Brasil II	História Contemporânea III	Historiografia Brasileira	
Introdução ao Estudo da História		História Moderna Ocidental	Civilização Ibérica	História da América II	História do Brasil III	História do Nordeste	
Teoria da História		História Econômica Geral		História da Paraíba I	História da América III		
				Hist do Pens Pol e Soc Geral	História da Paraíba II		
					Hist do Pens Pol e Soc Brasil		



PRE fluxogramas **História (Lic) - N** CO Curso

Pré-História	Frances	História Medieval Ocidental	História Moderna Ocidental	História Contemporânea I	História Contemporânea II	História Contemporânea III	Met. De Ens. De Hist. no I e II G
História Antiga Oriental	Inglês	História Moderna Oriental	Estrut Func Ens M G	História do Brasil II	História do Brasil III	História do Brasil IV	Prat Ens Hist na Esc I e II G
Introdução ao Estudo da História	História Antiga Ocidental	História Econômica Geral	História do Brasil I	História da América II	História da América III	Historiografia Brasileira	
Língua Portuguesa	História Medieval Oriental	Civilização Ibérica	História da América I	História da Paraíba I	História da Paraíba II	História do Nordeste	
Introdução a Economia Política		Tópicos Especiais em História	Teoria da História	Hist do Pens Pol e Soc Geral	Hist do Pens Pol e Soc Brasil	Didática	
			História Econômica do Brasil	Psicologia Educac/Adolescência	Psic Educacional/Aprendizagem		



PRE fluxogramas							Letras - Espanhol (Licenciatura) N		CC	Curso
Introdução a Linguística	Estudos de Oralidade e Escrita	Leitura e Escrita: Teorias Socio-Cognitiv	Leitura e Escrita: Teorias Sociointerac.	Est de Língua Esp em Cursos Livres (Adol)	Língua Espanhola VI	Origem e Form da Língua Hispano-Americana				
Teoria do Texto Poético	Teoria da Narrativa	Estudos Linguísticos Contemporâneos	Planejamento e Avaliação	T e Prát de Comp e Prod Oral em Líng Esp	Est de Líng Esp em Cursos Livres (Adulto)	Variação e Mudança na Língua Espanhola				
Fundamentos da Prática Educativa	Língua Espanhola II	Paradigmas de Ensino	Linguística Aplicada ao Ens Espanhol-Lo	Cultura Hispanica	Literatura Espanhola: Moderna e Contempor	P de L e Est de Text Acad em L Espanhola				
Língua Espanhola I	Política Educacional no Brasil	Língua Espanhola II	Língua Espanhola IV	Língua Espanhola V	Prat de L e Esc de Text Não Acad em L Esp	Espanhol Histórico				
Psicologia Educacional	Psicologia da Adolescência								Língua Espanhola: Das Origens ao Barroco	

PRE fluxogramas							Letras - Líng. Port./Líng. Franc. (Lic)-D		CC	Curso
Introdução a Linguística	Estudos de Oralidade e Escrita	Estudos Linguísticos Contemporâneos	Fonética e Fonologia da Língua Francesa	Cultura Francesa	Língua Francesa VI	Metodologia da Pesquisa em Linguística	Teorias e Prát de Trad em Líng Francesa			
Leitura e Escrita: Teorias Socio-Cognitiv	Leitura e Escrita: Teorias Sociointerac.	Fonética e Fonol da Língua Portuguesa	Língua Francesa IV	Sintaxe Oracional	Narrativa Bras Moderna e Contemporânea	Metodologia da Pesquisa em Literatura	Narrativa Francesa			
Teoria do Texto Poético	Teoria da Narrativa	Morfologia do Vocabulo	Linguística Aplicada ao Ens de Frances-Lo	Estagio de Língua Port: Ensino Fundamental	Estag de Líng Franc: Inic e Intermediário	Língua Latina	Filologia Romanica			
Fundamentos da Prática Educativa	Língua Francesa II	Paradigmas de Ensino	Morfologia de Clases	T e P de Compr e Prod Oral em L Francesa	P L e Esc de Text Não Acad em Líng Franc	Metodologia da Pesq. Em Líng. Estrangeira				
Psicologia Educacional	Política Educacional no Brasil	Poesia Bras: Da Líl Col ao Pre-Madernismo	Planejamento e Avaliação	Língua Francesa V	Sintaxe Interacional	Prat de L e Esc de Text Acad em Líng Fran				
Língua Francesa I	Psicologia da Adolescência	Língua Francesa III	Semântica e Pragmática	Poesia Francesa	Estagio de Literatura: Ensino Fundamental	Literatura Comparada Brasil/Franca				
						Língua Francesa VII				



PRE fluxogramas

Letras - Língua Inglesa (Lic) - D

CG

Curso

Introdução a Linguística	Estudos de Oralidade e Escrita	Estudos Linguísticos Contemporâneos	Fonética e Fonologia da Língua Inglesa	Língua Inglesa V	Est de Ling Ing: 3ª e 4ª ciclos do Ens Fund	Metodologia da Pesquisa em Linguística	Teatro Elizabethano e Poesia Romântica
Teoria do Texto Poético	Teoria da Narrativa	Paradigmas de Ensino	Língua Inglesa IV	Teorias e Prát de Leit em Língua Inglesa	Lit Norte-Americana Mod e Contemporânea	Metodologia da Pesquisa em Literatura	Est de Língua Inglesa: 1ª e 2ª anos Médio
Fundamentos da Prática Educativa	Língua Inglesa II	Língua Inglesa III	Linguística Aplicada ao Ens de Inglês-LE	Literatura Ing Moderna e Contemporânea	Sintaxe da Língua Inglesa	Metodologia da Pesq Em Ling. Estrangeira	
Língua Inglesa I	Política Educacional no Brasil	Teorias e Prát de Comp Oral em Ling Ingl	Planejamento e Avaliação	e de L Ing. Educ Inf e 1 e 2 C do Ens Fun		Semântica e Pragmática da Língua Inglesa	
Psicologia Educacional	Psicologia da Adolescência	Psicologia da Infância	Teorias e Prát de Prod Oral em Ling Ingl			Teorias e Prát de Escr. em Ling. Inglesa	

PRE fluxogramas

Letras - Língua Portuguesa (Lic) - N

CG

Curso

Introdução a Linguística	Estudos de Oralidade e Escrita	Estudos Linguísticos Contemporâneos	Poesia Bras: Da Lit Cl ao Pre-Modernismo	Literatura Infância-Juvenil	Crítica Literária	Metodologia da Pesquisa em Linguística	Língua Latina
Leitura e Escrita: Teorias Socio-Cognitiv	Leitura e Escrita: Teorias Socio-Interac.	Fonética e Fonol da Língua Portuguesa	Morfologia de Classes	Sintaxe Oracional	Sintaxe Interoracional	Metodologia da Pesquisa em Literatura	Poesia Portuguesa Lírica e Épica
Teoria do Texto Poético	Teoria da Narrativa	Morfologia do Vocabulo	Planejamento e Avaliação	Poesia Brasileira Moderna		Narrativa Bras: Da Lit Cl ao Pre-Modern	Narrativa Brasileira Moderna
Fundamentos da Prática Educativa	Política Educacional no Brasil	Paradigmas de Ensino	Semântica e Pragmática	Estagio de Língua Port: Ensino Fundamental		Estagio de Literatura: Ensino Fundamental	
Psicologia Educacional	Psicologia da Adolescência						

PRE fluxogramas		Letras-Língua Portuguesa (Lic) - D						CG	Curso
Introdução a Linguística	Estudos de Cratidade e Escrita	Estudos Linguísticos Contemporâneos	Literatura Infanto-Juvenil	Sintaxe Oracional	Sintaxe Interacional	Metodologia da Pesquisa em Linguística	Narrativa Port:Da Era Med ao Neo-Realism		
Leitura e Escrita:Teorias Socio-Cognitiv	Leitura e Escrita:Teorias Sociointerac.	Fonética e Fonol da Língua Portuguesa	Morfologia de Classes	Poesia Brasileira Moderna	Narrativa Brasileira Moderna	Metodologia da Pesquisa em Literatura	Estágio de Língua Port: Ensino Médio		
Teoria do Texto Poético	Teoria da Narrativa	Morfologia do Vocabulo	Narrativa Bras:Da Lit Cl ao Pre-Modern	Estágio de Língua Port:Ensino Fundamental	Estágio de Literatura:Ensino Fundamental	Língua Latina	Filologia Românica		
Fundamentos da Prática Educativa	Política Educacional no Brasil	Paradigmas de Ensino	Planejamento e Avaliação			Poesia Portuguesa Lírica e Épica			
Psicologia Educacional	Psicologia da Adolescência	Poesia Bras:Da Lit Cl ao Pre-Modernismo	Semântica e Pragmática			Crítica Literária			

PRE fluxogramas		Licenciatura Indígena - D		CG	Curso
Prática de Leitura e Produção Textual I	História Indígena				Estágio Supervisionado I
Introdução À Informática	Geografia I				
Seminário de Introdução ao Curso	Direito Indígena				
Raça,Natureza e Cultura(Int.A Antropol)	História Geral I				
Psicologia da Aprendizagem	Pedagogia da Atenção				
História do Brasil					



PRE fluxogramas		Matemática (Bac) - D				CG	Curso
Calculo Diferencial e Integral I	Calculo Diferencial e Integral II	Fisica Geral II	Equacoes Diferenciais Lineares	Fundamentos da Geom Euclidiana Plana	Análise II	Projeto de Pesquisa	Trabalho de Conclusão de Curso
Lógica Aplicada À Matemática	Expressão Grafica	Calculo Diferencial e Integral II	Calculo Avancado	Análise I	Álgebra II	Análise III	Equacoes Diferenciais Ordinárias
Algebra Vetorial e Geometria Analítica	Fisica Geral I	Fundamentos de Matemática	Estruturas Algébricas	Álgebra I	Algebra Linear II	Int a Geometria Diferencial	Atividades Complementares Flexíveis
Introdução À Ciência da Computação	Algebra Linear I	Fisica Experimental I	Introdução Aos Métodos Numéricos	Funcoes de Uma Variavel Complexa			Topologia dos Espacos Metricos
Leitura e Prod de Textos Academicos I	Leitura e Prod de Textos Academicos II	Introducao a Probabilidade	Introducao a Estatistica				

PRE fluxogramas		Matemática (Lic) - D				CG	Curso
Lógica Aplicada À Matemática	Calculo Diferencial e Integral I	Calculo Diferencial e Integral II	Calculo Diferencial e Integral III	Estruturas Algébricas	Prática de Ensino de Matemática III	Análise Matemática para Licenciatura	Estagio Supervisionado III
Leitura e Prod de Textos Academicos I	Metadologia do Ensino da Matemática I	Metadologia do Ensino da Matemática II	Equacoes Diferenciais Lineares	Prática de Ensino de Matemática II	Estagio Supervisionado I	Prática de Ensino de Matemática IV	
Matem P/ a Ens Medio I Uma Abord Critica	Expressão Grafica	Fundamentos da Geom Euclidiana Plana	Leitura e Prod de Textos Academicos II	Fisica Experimental I	Introdução À História da Matemática	Estagio Supervisionado II	
Algebra Vetorial e Geometria Analítica	Didatica	Fundamentos de Matemática	Laboratório de Ensino de Matemática	Introducao a Probabilidade	Introducao a Estatistica		
Introdução À Ciência da Computação		a Computador Como Instrumento de Ensino	Prática de Ensino de Matemática I	Fisica Geral II			
Psic Educacional/Apre ndizagem			Fisica Geral I				
Algebra Linear I							



PRE fluxogramas								Matemática (Lic) - D (Parfor)		ca	Curso
Álgebra Vetorial e Geometria Analítica	Cálculo Diferencial e Integral I	Cálculo Diferencial e Integral II	Física Geral I	Física Experimental I	Introdução A História da Matemática	Análise Matemática para Licenciatura	Estágio Supervisionado III				
Álgebra Linear I	Expressão Gráfica	Fundamentos da Geom Euclidiana Plana	Equações Diferenciais Lineares	Física Geral II	Prática de Ensino de Matemática II	Prática de Ensino de Matemática IV					
Lógica Aplicada À Matemática	Didática	Fundamentos de Matemática	Cálculo Diferencial e Integral III	Estruturas Algébricas	Estágio Supervisionado I	Estágio Supervisionado II					
Matem P/ o Ens Médio I/ Uma Abord Crítica	Metodologia do Ensino da Matemática I	o Computador Como Instrumento de Ensino	Laboratório de Ensino de Matemática	Prática de Ensino de Matemática II	Introdução a Estatística						
Psic Educacional/ Aprendizagem	Libras	Metodologia do Ensino da Matemática II	Prática de Ensino de Matemática I	Introdução a Probabilidade							
Leitura e Prod de Textos Acadêmicos I			Leitura e Prod de Textos Acadêmicos II								
Introdução À Ciência da Computação											



PRE fluxogramas								Matemática (Lic) - N		CG	Curso
Metodologia do Ensino da Matemática I	Cálculo Diferencial e Integral I	Cálculo Diferencial e Integral II	Cálculo Diferencial e Integral III	Introdução a Probabilidade	Estruturas Algébricas	Prática de Ensino de Matemática III	Análise Matemática para Licenciatura	Estágio Supervisionado III			
Lógica Aplicada À Matemática	Metodologia do Ensino da Matemática II	Álgebra Linear I	Fundamentos da Geom Euclidiana Plana	Leitura e Prod de Textos Acadêmicos II	Introdução a Estatística	Estágio Supervisionado I	Prática de Ensino de Matemática IV	Atividades Acadêmico-Científ.-Culturais			
Matem P/ o Ens Médio I/ Uma Abord Crítica	Leitura e Prod de Textos Acadêmicos I	Fundamentos de Matemática	o Computador Como Instrumento de Ensino	Laboratório de Ensino de Matemática	Prática de Ensino de Matemática II	Introdução À História da Matemática	Estágio Supervisionado II				
Álgebra Vetorial e Geometria Analítica	Introdução À Ciência da Computação	Didática		Prática de Ensino de Matemática I	Física Geral I		Física Experimental I				
Expressão Gráfica	Psic Educacional/ Aprendizagem				Física Geral II						

PRE fluxogramas								Medicina - D		CG	Curso
Etica e Relações Humanas	Sistema Endócrino-Reprodutor	Sistema Respiratório	Saúde Coletiva II	Saúde Coletiva III	Imunologia Clínica	Ginecologia	Práticas Complementares Fixeiras	Estágio Curricular em Cirurgia			
Bioquímica Molecular e Metabólica	Metodologia Científica e Inform. Médica	Sistema Digestório	Psicologia Médica	Cardiologia	Neurologia	Obstetrícia	Oftalmologia	Estágio Curricular em Saúde Coletiva			
Bioestatística	Epidemiologia	Sistema Urinário	Iniciação ao Exame Clínico	Pneumologia	Reumatologia	Atenção À Saúde da Criança e do Adolesc.	Otorrinolaringologia				
Introdução ao Curso	Sist. Cardiovascular, Linf e Hematológica	Saúde Coletiva I	Genética Médica	Gastroenterologia	Endocrinologia e Metabolologia	Atenção ao Paciente Cirúrgico I	Ortopedia e Traumatologia				
Fundamentos da Anatomia Humana	Sistema Nervoso	Mecanismos de Agressão e Defesa	Processos Patológicos Gerais	Hematologia	Doenças Infecciosas e Parasitárias	Saúde Coletiva IV	Urologia				
Biologia Celular e Tissular	Sistema Locomotor	Farmacologia		Dermatologia	Nefrologia		Atenção ao Paciente Oncológico				
Genese e Desenvolvimento					Deontologia		Atenção À Saúde Mental				

Biofísica e Fisiol. Molecular e Celular; Urgência e Emergência; Imagem Medicina Legal

PRE fluxogramas								Música (Bac) - D		CG	Curso
Língua Inglesa I	Apreciação Musical	Prática Interpretativa III	Laboratório de Audio I	Marketing Cultural	Economia da Cultura	Projeto Musical III	Trabalho de Conclusão de Curso				
Língua Portuguesa	Percepção Musical II	História da Música Ocidental II	Música de Câmara II	Prod de Eventos Artísticos e Culturais	Projeto Musical II	Análise III	Improvisação II				
Percepção Musical I	Harmonia I	Contraponto I	Contraponto II	Prática Interpretativa V	Literatura e Repertório I	Prática Interpretativa VII	Literatura e Repertório II				
Canto Coral I	Canto Coral II	Dicção Lírica I	Dicção Lírica II	Forum de Composição III	Análise II	Literatura e Repertório II	Análise IV				
Metodologia e Técnica de Pesquisa	Introdução À Tecnologia Musical	Harmonia II	História da Música Ocidental III	Composição III	Música de Câmara IV	Improvisação I	Prática Interpretativa VIII				
Prática Interpretativa I	História da Música Ocidental I	Instrumentação e Orquestração I	Composição II	Projeto Musical I	Prática de Conjunto II	Música Eletroacústica II	Regência VI				
	Prática Interpretativa II	Forum de Composição I	Forum de Composição II	Teoria Pós-Tonal	Prática Interpretativa VI	Literatura Composicional III	Direção Artística				

PRE fluxogramas **Música (Bac) - D** **ca** Curso

Pesquisa em Música	Composições I	Harmonia II	Prat. Composicionais Contemporâneas I	Coro de Câmara II	Composições V	Movagem de Audio e Video
	Piano Complementar I	Instrumentação e Orquestração II	História da Música Brasileira	Literatura Vocal I	Forum de Composição V	Literatura Composicional III
	Música de Câmara I	Pedagogia do Instrumento	Análise I	Música Eletroacústica I	Regência V	Composições VI
	Acústica e Audio	Prática Interpretativa IV	Pedagogia Vocal	Prat. Composicionais Contemporâneas II	Bibliotecas e Cines	Forum de Composição VI
	Percepção Musical III	Canto Coral IV	Música de Câmara III	Composições IV	Produção Musical	Literatura Vocal III
	Canto Coral II	Percepção Musical IV	Regência II	Literatura Composicional I	Concepção Sonora para Audiovisual	
	Regência I	Regência II	Prática de Conjunto I	Forum de Composições IV	Literatura Vocal II	

Introdução ao Marketing Cultural	Coro de Câmara I	Síntese e Amostragem
Piano Complementar II	Laboratório de Audio II	Elaboração de Projetos Culturais
		Propriedade Intelectual
		Regência IV
		Empreendedorism

PRE fluxogramas **Música (Lic) - D** **ca** Curso

Introdução e Técnica de Pesquisa	Percepção Musical II	Prática Interpretativa III	Metodologia do Ensino de Música II	Projeto Musical I	Sociologia da Educação	Didática	Estagio Curricular Supervisionado IV
Prática Interpretativa I	Harmonia I	História da Música Ocidental II	Contraponto II	História da Música Brasileira	Projeto Musical II	Estagio Curricular Supervisionado III	Trabalho de Conclusão de Curso
Percepção Musical I	Canto Coral II	Metodologia do Ensino de Música I	História da Música Ocidental III	Etnomusicologia	Estagio Curricular Supervisionado II	Educação Musical Especial	Ativ. Acadêmico-Científico-Culturais
Língua Portuguesa	Introdução À Tecnologia Musical	Contraponto I	Harmonia III	Introdução a Regência	Prática de Conjunto II	Oficina de Const. de Instrum. Alternativos	Psicologia da Adolescência
Apreciação Musical	História da Música Ocidental I	Harmonia II	Pedagogia do Instrumento	Prática de Conjunto I	Técnica Vocal	Projeto Musical III	
Canto Coral I	Prática Interpretativa II	Instrumentação e Orquestração I	Prática Interpretativa IV	Estagio Curricular Supervisionado I			
	Pesquisa em Música	Percepção Musical III	Canto Coral IV	Filosofia da Educação			

Canto Coral III; Percepção Musical IV

PRE fluxogramas								Pedagogia (Lic) - M		CG	Curso
Introdução À Filosofia	Fundamentos Filosóficos da Educação	Matemática Elementar	Matemática I E. Inf. e An. In. E. Fund.	Ciências II E. Inf. e Anos In. E. Fund.	Geografia II Ed Inf e Anos Inic Ens Fund	Língua Mat II Edu Inf Anos Inic Ens Fund	Estagio Supervisionado II				
Introdução À Psicologia da Educação	Fundamentos Sociológicos da Educação	Fundamentos Psicológicos da Educação II	Matemática II E. Inf. e Anos In. E. Fund.	História II Ed. Inf. e An. In. En. Fund.	Língua Mat I Edu Inf Anos Inic Ens Fund	Arte na Educ Inf e Anos Inic do Ens Fund	Trabalho de Conclusão de Curso				
Fundamentos Econômicos da Educação	Fundamentos Psicológicos da Educação I	Fundamentos Linguísticos	Ciências I E. Inf. e Anos In. E. Fund.	Processos de Alfabetização e Letramento	Ed. Física Ed. Inf. Anos Inic. Ens. Fund.	Educação Especial	Seminário em Educação IV				
Fundamentos Históricos da Educação I	Fundamentos Políticos da Educação	Política e Gestão Educacional	História I Ed. Inf. e An. In. En. Fund.	Estagio Supervisionado I	Fundamentos da Educação Infantil	Estagio Supervisionado II	Conteúdos Complementares Flexíveis				
Leitura e Produção Textual	Fundamentos Históricos da Educação II	Educação de Jovens e Adultos	Geografia I Ed Inf e Anos Inic Ens Fund	Seminário em Educação I	Seminário em Educação II	Seminário em Educação III					
Cultura e Educação	Análise e Produção de Textos Acadêmicos	Introdução a Pesquisa Educacional	Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem		Pesquisa Educacional II	Ensino de Língua Portuguesa de Surdos					
Introdução a Sociologia	Corpo, Brinquedo e Educação	Didática	Teorias do Currículo		Literatura Infantil						

Avaliação dos Processos Educacionais; Pesquisa Educacional I

PRE fluxogramas								Pedagogia (Lic) - N		CG	Curso
Introdução À Filosofia	Fundamentos Históricos da Educação I	Introdução À Psicologia da Educação	Fundamentos Psicológicos da Educação I	Fundamentos Psicológicos da Educação II	Matemática II E. Inf. e Anos In. E. Fund.	Ciências II E. Inf. e Anos In. E. Fund.	Geografia II Ed Inf e Anos Inic Ens Fund	Arte na Educ Inf e Anos Inic do Ens Fund			
Fundamentos Econômicos da Educação	Fundamentos Filosóficos da Educação	Fundamentos Políticos da Educação	Matemática Elementar	Matemática I E. Inf. e An. In. E. Fund.	Ciências I E. Inf. e Anos In. E. Fund.	Geografia I Ed Inf e Anos Inic Ens Fund	Seminário em Educação II	Educação Especial			
Leitura e Produção Textual	Fundamentos Sociológicos da Educação	Fundamentos Históricos da Educação II	Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem	Processos de Alfabetização e Letramento	História I Ed. Inf. e An. In. En. Fund.	História II Ed. Inf. e An. In. En. Fund.	Educação de Jovens e Adultos	Estagio Supervisionado II			
Cultura e Educação	Análise e Produção de Textos Acadêmicos	Fundamentos Linguísticos	Política e Gestão Educacional	Ed. Física Ed. Inf. Anos Inic. Ens. Fund.	Língua Mat I Edu Inf Anos Inic Ens Fund	Língua Mat II Edu Inf Anos Inic Ens Fund	Pesquisa Educacional II	Seminário em Educação III			
Introdução a Sociologia	Corpo, Brinquedo e Educação	Didática	Introdução a Pesquisa Educacional	Avaliação dos Processos Educacionais	Estagio Supervisionado I	Fundamentos da Educação Infantil	Literatura Infantil	Teorias do Currículo			
				Pesquisa Educacional I	Seminário em Educação I			Ensino de Língua Portuguesa de Surdos			

Estagio Supervisionado III; Trabalho de Conclusão de Curso
Seminário em Educação IV

Cursos UFCG		Arquitetura e Urbanismo - D							CC	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período		
Geometria Descritiva	Introdução a Arquitetura	Conforto Ambiental I	Teoria e Hist. da Arq. e do Urb. II	Teoria e Hist. da Arq. e do Urb. III	Teoria e Hist. da Arq. e do Urb. IV	Teoria e Hist. da Arq. e do Urb. V	Desenho de Detalhes Construtivos	Tecnologia do Ambiente Construído		
Cálculo Diferencial e Integral I	Fund do Planejamento e do Desenho Urbano	Estudos Urbanos e Regionais I	Projeto Assistido Por Computador II	Projeto de Arquitetura III	Projeto de Arquitetura IV	Geotecnologias Aplicadas	Projeto de Arquitetura VI	Atelier Integ de Arq, Urb e Paisagismo		
Espaco, Forma e Plastica	Estética e História das Artes II	Projeto Assistido Por Computador I	Projeto de Arquitetura II	Estudos Urbanos e Regionais III	Estudos Urbanos e Regionais IV	Projeto de Arquitetura V	Pesq Cient em Arq, Urban e Paisagismo	Introdução ao Trabalho de Conclusão do C		
Estética e História das Artes I	Desenho Técnico e Arquitetônico	Projeto de Arquitetura I	Estudos Urbanos e Regionais II	Planejamento da Paisagem II	Instalacoes Prediais II	Estudos Urbanos e Regionais V	Tecnologias Sociais			
Estudos Socioeconomicos	Materiais de Construção I	Sistemas Estruturais I	Planejamento da Paisagem I	Instalacoes Prediais I	Conforto Ambiental III					
Desenho Artístico	Física Geral II	Teoria e Hist. da Arq. e do Urb. I	Sistemas Estruturais II	Ciências do Ambiente						

Cursos UFCG		Comunicação Social - D					CC	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período		
Arte, Estética e Comunicação	Interpretação e Produção de Texto II	Estado, Polít Pub e Movimentos Sociais	Empreendedorismo e Sociedade	Práticas Educomunicativas em Web	Práticas Educomunicativas em Tv	Responsab Socio-Ambien em Educomunicação		
Fundamentos da Educomunicação I	Sociologia da Comunicação	Recepção e Educação para os Meios	Arte e Educação	Gestão da Comunicação I	Estágio Supervisionado II	Atividades Complementares Flexíveis		
Práticas Laboratoriais em Multimídia	Fundamentos da Educomunicação II	Métodologia da Pesquisa em Comunicação	Mediação Tecnológica na Educação	Prat Educomunicativas em Audiovisual	Gestão da Comunicação II	Tcc		
Comunicação nos Espaços da Ed. Formal	Fotografia, Imagem e Sociedade	Práticas Educomunicativas em Rádio	Pesquisa de Opinião Pública	Comunicação e Diversidade Cultural	Pre - Projeto			
Interpretação e Produção de Textos I	Práticas Educomunicativas em Editoracao	Práticas Educomunicativas em Fotografia	Línguaem Públic em Espacos Educativos	Estágio Supervisionado I				
Teorias da Comunicação	Comunicação, Ética e Cidadania							

Cursos UFCG		Engenharia Química - D		CC	Curso			
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período
Cálculo Diferencial e Integral I	Cálculo Diferencial e Integral II	Física Geral III	Química Analítica	Mecânica Geral	Cálculo de Reatores I	Controle Estatístico de Processos	Análise Econômica de Processos	Gestão Ambiental
Química Geral	Física Experimental I	Física Experimental II	Expressão Gráfica	Sociologia Industrial	Fenômenos de Transportes II	Cálculo de Reatores II	Dinâmica de Processos	Controle de Processos
Laboratório de Química Geral	Álgebra Linear I	Cálculo Diferencial e Integral III	Cinética Química	Administração	Fenômenos de Transportes III	Laboratório de Engenharia Química IV	Otimização de Processos	Planejamento e Análise de Experimentos
Álgebra Vetorial e Geometria Analítica	Laboratório de Química Orgânica	Equações Diferenciais Lineares	Laboratório de Engenharia Química I	Microbiologia	Laboratório de Engenharia Química III	Operações Unitárias II	Engenharia de Processos I	Engenharia de Processos II
Física Geral I	Princípios e Cálculos da Eng. Química I	Métodos Numéricos para Eng. Química	Laboratório de Química Analítica	Fenômenos de Transportes I	Operações Unitárias I	Operações Unitárias III		Laboratório de Engenharia Química V
Introdução à Engenharia Química	Química Orgânica	Princípios e Cálculos da Eng. Química II	Termodinâmica da Engenharia Química I	Laboratório de Engenharia Química II	Probabilidade e Estatística			Trabalho de Conclusão de Curso

PRE fluxogramas		Música (Lic) - D		CC	Curso		
Metodologia e Técnica de Pesquisa	Percepção Musical II	Prática Interpretativa III	Metodologia do Ensino de Música II	Projeto Musical I	Sociologia da Educação	Didática	Estágio Curricular Supervisionado IV
Prática Interpretativa I	Harmonia I	História da Música Ocidental II	Contraponto II	História da Música Brasileira	Projeto Musical II	Estágio Curricular Supervisionado III	Trabalho de Conclusão de Curso
Percepção Musical I	Canto Coral II	Metodologia do Ensino de Música I	História da Música Ocidental III	Etnomusicologia	Estágio Curricular Supervisionado II	Educação Musical Especial	Ativ. Acadêmico-Científico-Culturais
Língua Portuguesa	Introdução À Tecnologia Musical	Contraponto I	Harmonia III	Introdução a Regência	Prática de Conjunto II	Oficina de Const. de Instrum. Alternativos	Psicologia da Adolescência
Apreciação Musical	História da Música Ocidental I	Harmonia II	Pedagogia do Instrumento	Prática de Conjunto I	Técnica Vocal	Projeto Musical III	
Canto Coral I	Prática Interpretativa II	Instrumentação e Orquestração I	Prática Interpretativa IV	Estágio Curricular Supervisionado I			
	Pesquisa em Música	Percepção Musical III	Canto Coral IV	Filosofia da Educação			



PRE fluxogramas		Letras- Língua Portuguesa (Lic) - D				CG	Curso
Introdução a Linguística	Estudos de Oralidade e Escrita	Estudos Linguísticos Contemporâneos	Literatura Infanta-Juvenil	Sintaxe Oracional	Sintaxe Interoracional	Metodologia da Pesquisa em Linguística	Narrativa Port:Da Era Med ao Neo-Realism
Leitura e Escrita:Teorias Socio-Cognitiv	Leitura e Escrita:Teorias Sociointerac.	Fonética e Fonal da Língua Portuguesa	Morfologia de Classes	Poesia Brasileira Moderna	Narrativa Brasileira Moderna	Metodologia da Pesquisa em Literatura	Estagio de Língua Port: Ensino Medio
Teoria do Texto Poético	Teoria da Narrativa	Morfologia do Vocabulo	Narrativa Bras:Da Lit Col ao Pre-Modern	Estagio de Língua Port:Ensino Fundamenta	Estagio de Literatura:Ensino Fundamental	Língua Latina	Filologia Romanica
Fundamentos da Prática Educativa	Política Educacional no Brasil	Paradigmas de Ensino	Planejamento e Avaliação			Poesia Portuguesa Lírica e Épica	
Psicologia Educacional	Psicologia da Adolescência	Poesia Bras:Da Lit Col ao Pre-Modernismo	Semântica e Pragmática			Crítica Literária	

PRE fluxogramas		Física (Lic) - D				CG	Curso
Tópicos de História e Ensino da Física	Prot. de Ens. da Física na Educ. Básica	Física Geral III	Física Geral IV	Física Matemática I	Estágio Superv. em Ensino da Física I	Estágio Superv. em Ensino da Física II	
Química Geral	Cálculo Diferencial e Integral II	Física Experimental II	Instrumentação para o Ensino da Física a	Metodologia e Prát ao Ensino de Física	Mecânica Quântica I	Projeto Educacional B	
Cálculo Diferencial e Integral I	Física Experimental I	Projeto Educacional a	Química Orgânica I	Física Moderna	Ótica Física	Instrumentação para o Ensino da Física B	
Álgebra Vetorial e Geometria Analítica	Álgebra Linear I	Cálculo Diferencial e Integral III	Didática	Eletromagnetismo I	Termodinâmica		
Física Geral I	Política Educacional no Brasil	Psicologia Educacional	Mecânica Clássica I	Laboratório de Física Moderna			
Introdução À Ciência da Computação	Física Geral II	Equações Diferenciais Lineares	Cálculo Avançado				

PRE fluxogramas		Ciências Biológicas (Lic) - M				CZ	Curso
Biologia Celular	Anatomia Humana	Biofísica	Metod e Inst no Ens de C. e Biologia	Anatomia e Morfologia Vegetal	Sistemática de Fanerogamas	Fisiologia Vegetal	Trabalho de Conclusão de Curso
Língua Portuguesa	Metodologia Científica Aplicada a Biologia	Zoologia dos Invertebrados I	Botânica Criptogâmica	Zoologia dos Vertebrados I	Zoologia dos Vertebrados II	Microbiologia	Estágio Supervisionado IV
Embriologia	Histologia	Fisiologia Humana	Zoologia dos Invertebrados II	Ecologia de Comunidades	Meio Ambiente e Sociedade	Projeto de Pesquisa	
Fundamentos de Química	Psicologia da Educação	Didática	Ecologia Geral	Evolução Biológica	Estágio Supervisionado II	Estágio Supervisionado III	
Física para Ciências Biológicas	Introdução À Filosofia	Bioquímica	Bioestatística	Estágio Supervisionado I	Política Educacional		
Introdução a Sociologia	Geologia Geral	Matemática Básica	Genética	Língua Brasileira de Sinais			

PRE fluxogramas		Enfermagem - D					CZ	Curso
Biologia Celular	Psicologia da Educação I	Farmacologia	Semiologia e Semiotec. de Enfermagem II	Enfermagem Clínica I	Sociologia da Educação I	Sociologia Aplicada a Saúde	Estágio Superv. I - Rede Básica de Saúde	Tcc
Anatomia Humana	Antropologia Filosófica	Imunologia	Deontologia e Ética Profissional	Enfermagem Psiquiátrica	Enfermagem Clínica II	Enf. Em Saúde da Criança e do Adolescente	Estágio Superv. II - Rede Hospitalar	
Histologia	Fisiologia	Semiologia e Semiotec. de Enfermagem I	Saúde Mental	Enfermagem Cirúrgica I	Enfermagem Cirúrgica II	Enfermagem em Emergência e em Cti		
Bioquímica	Microbiologia	Bases Técnicas e Metod. da Enfermagem	Biostatística	Enfermagem em Saúde Coletiva I	Enfermagem em Saúde da Mulher	Administração Aplicada a Enfermagem II		
História da Enfermagem	Parasitologia	Patologia Geral	Ecologia e Saúde	Filosofia da Educação I	Administração Aplicada a Enfermagem I	Enfermagem em Saúde do Adulto e do Idoso		
Embriologia	Genética	Biofísica	Psicologia Aplicada a Saúde		Enfermagem em Saúde Coletiva II			
Metodologia da Pesquisa	Epidemiologia							



PRE fluxogramas		Física (Lic) - N					CZ	Curso
Psicologia da Educação	Didática	Calc Dif e Integ dos Func de Varias Vari	Fundamentos da Mecânica Clássica II	Estágio Supervisionado I	Física Experimental II	Ens da Fis P/ Jovens e Adult na Educ Bas	Fundamentos da Química Orgânica	
Política Educacional	Educação Etnocultural e Diversidade	Fundamentos da Mecânica Clássica I	Educações Diferenciais	Fundamentos da Termodinâmica e da Óptica	Fundamentos da Eletromagnetismo	Estágio Supervisionado II	Física Moderna e Contemporânea I	
Geometria Analítica e Álgebra Linear	Calc Dif e Integ dos Func de Uma Variave	Inform e Ens das Cienc Nat na Educ Basic	Física Experimental I	Mecânica Geral	Prática do Ens da Física no Ens Médio II	Eletromagnetismo	Estágio Supervisionado III	
Int e Prát do Ens da Fis na Educ Básica	Semin de Hist e Filosóf dos C. Naturais	Prát. Ens. Física no Ens. Fundamental	Inst. P/ o Ens. da Física na Ed. Básica	Prática do Ens da Física no Ens Médio I	Termodinâmica	Língua Brasileira de Sinais	Óptica	
Química Geral I	Ecologia Geral		Seminário de Pesquisa em Ens. da Física					

PRE fluxogramas		Geografia (Licenciatura) - M						CZ	Curso
Introdução a Sociologia	Educação Ambiental	Geomorfologia	Geografia Agrária	Geografia Regional do Brasil	Pedagogia	Prática de Ensino em Geografia Física	Geografia do Turismo		
Introdução À Filosofia	Climatologia	Geografia Urbana	Biogeografia	Geografia da Paraíba	Teoria e Método da Geografia	Estág Curricular Superv em Geografia III	Introdução ao Geoprocessamento		
Evolução do Pensamento Geográfico	Geografia Econômica	Prática de Ensino em Cartografia	Geografia Física do Brasil	Prática de Ensino em Geografia Humana	Prat de Ens em Geog Regional do Brasil	Psic da Des e da Aprendiz na Adolescência	Estág Curricular Superv em Geografia IV		
Metodologia Científica	Geografia da População	Psicologia da Educação	Geohidrologia	Estág Curricular Superv em Geografia I	Estág Curricular Superv em Geografia II	Língua Brasileira de Sinais I-Libras II	Trabalho de Conclusão de Curso - Tcc		
Língua Estrangeira	Geologia Geral	Didática	Geografia do Espaço Mundial		Língua Brasileira de Sinais I - Libras I	Projeto de Pesquisa			
Língua Portuguesa	Cartografia Geral		Estrutura e Funcionamento do Ens Básico						



PRE fluxogramas		Geografia (Licenciatura) - N						CZ	Curso
Introdução a Sociologia	Educação Ambiental	Geografia Econômica	Geografia Urbana	Geografia Agrária	Biogeografia	Geohidrologia	Teoria e Método da Geografia	Geografia do Espaço Mundial	
Introdução À Filosofia	Climatologia	Geografia da População	Geografia da Paraíba	Pedagogia	Geografia Física do Brasil	Prática de Ensino em Geografia Humana	Prat de Ens em Geog Regional do Brasil	Estág Curricular Superv em Geografia IV	
Evolução do Pensamento Geográfico	Geologia Geral	Geomorfologia	Psicologia da Educação	Prática de Ensino em Geografia Física	Geografia Regional do Brasil	Estág Curricular Superv em Geografia II	Estág Curricular Superv em Geografia III	Língua Brasileira de Sinais I - Libras I	
Metodologia Científica	Cartografia Geral	Prática de Ensino em Cartografia	Didática	Estrutura e Funcionamento do Ens Básico	Estág Curricular Superv em Geografia I		Psic da Des e da Aprendiz na Adolescência	Projeto de Pesquisa	
Língua Portuguesa	Língua Estrangeira								

Geografia do Turismo

Introdução ao Geoprocessamento

Trabalho de Conclusão de Curso – Tcc

Língua Brasileira de Sinais Ii-Libras II

PRE fluxogramas		História (Lic) - M						C2 Curso	
Psicologia da Educação	História Antiga I	História Antiga II	História Medieval II	História Moderna II	História do Brasil III	História Contemporânea II	História do Brasil V		
Pré-História	Teoria da História I	História Medieval I	História Moderna I	História da América II	História Contemporânea I	História do Brasil IV	História da Paraíba II		
Introdução Aos Estudos Históricos	Teoria do Ensino da História	Historiografia Brasileira I	História da América I	História do Brasil II	Projeto de Pesquisa IV	História da Paraíba I	História Contemporânea III		
Língua Brasileira de Sinais	Metodologia do Ensino da História	Projeto de Pesquisa I	História do Brasil I	Projeto de Pesquisa III	Estagio Supervisionado II	Estagio Supervisionado III	Estagio Supervisionado IV		
Fundamentos do Pensamento Sociológico	Didática		Projeto de Pesquisa II	Estagio Supervisionado I		Tópicos Especiais em História da África	Trabalho de Conclusão de Curso (Tcc)		
Fundamentos do Pensamento Filosófico									



PRE fluxogramas		História (Lic) - N						C2 Curso	
Psicologia da Educação	História Antiga I	História Antiga II	História Medieval II	História Moderna II	História do Brasil III	História do Brasil IV	História Contemporânea II	História da Paraíba II	
Pré-História	Teoria da História I	História Medieval I	História Moderna I	História da América II	Projeto de Pesquisa IV	História Contemporânea I	História do Brasil V	História Contemporânea II	
Introdução Aos Estudos Históricos	Fundamentos do Pensamento Sociológico	Teoria do Ensino da História	História da América I	História do Brasil II	Estagio Supervisionado I	Estagio Supervisionado II	História da Paraíba I	Estagio Supervisionado IV	
Língua Brasileira de Sinais	Didática	Historiografia Brasileira I	História do Brasil I	Projeto de Pesquisa III	Metodologia do Ensino da História		Estagio Supervisionado III		
Fundamentos do Pensamento Filosófico		Projeto de Pesquisa I	Projeto de Pesquisa II						

TCC; Tópicos Especiais em História da África

PRE fluxogramas		Letras - Língua Inglesa (Lic) - D				Curso	
Fundamentos do Pensamento Filosófico	Língua Portuguesa	Fonética da Língua Inglesa	Didática	Língua Inglesa V	Est. Curricular Superv. I: Língua Inglesa	Est. Curricular Superv. III: Língua Inglesa	Estágio Curricular Supervisionado IV
Fundamentos do Pensamento Sociológicos	Língua Inglesa II	Língua Inglesa III	Língua Brasileira de Sinais	Literatura Inglesa: Narrativa	Língua Inglesa VI	Estudos da Tradução II	Trabalho de Conclusão de Curso
Língua Inglesa I	Linguística II	Psicologia da Educação	Língua Inglesa IV	Linguíst. Aplic. ao Ens. de Ling. Inglesa II	Estudos da Tradução I	Língua Inglesa VII	
Linguística I	Teoria da Literatura II	Literatura Inglesa: Poesia	Literatura Inglesa: Drama	Literatura Norte-Americana: Narrativa	Literatura Comparada	Introdução a Novas Mídias	
Teoria da Literatura I	Leit. e Prod. de Textos em Ling. Inglesa I	Literatura Norte-Americana: Poesia	Linguística Aplic. ao Ens. de Ling. Ing. I	Est. Curricular Superv. I: Língua Inglesa			
Texto e Discurso	Organização e Prát. da Pesq. Científica	Leit. e Prod. de Textos em Ling. Inglesa II	Literatura Norte-Americana: Drama				

PRE fluxogramas		Letras - Língua Portuguesa (Lic) - M				Curso	
Língua Inglesa Instrumental	Linguística II	Morfologia da Língua Portuguesa	Morfossintaxe da Língua Portuguesa	Estágio Curricular Supervisionado I	Sintaxe da Língua Portuguesa II	Literatura Brasileira V	Trabalho de Conclusão de Curso
Linguística I	Teoria da Literatura II	Leitura e Produção de Gêneros I	Didática	Linguíst. Aplic. ao Ens. de Língua Portuguesa	Estágio Curricular Supervisionado II	Estágio Curricular Supervisionado III	Estágio Curricular Supervisionado IV
Teoria da Literatura I	Organização e Prát. da Pesq. Científica	Literatura Brasileira I	Língua Brasileira de Sinais	Literatura Brasileira II	Literatura Brasileira IV	História da Língua Portuguesa	
Texto e Discurso	Fonem. e Fonologia da Língua Portuguesa	Literatura Portuguesa II	Leitura e Produção de Gêneros II	Literatura Clássica	Metodologia do Ens. de Língua Portuguesa	Introdução a Novas Mídias	
Fundamentos do Pensamento Filosófico	Literatura Portuguesa I	Língua Latina II	Literatura Brasileira II	Sintaxe da Língua Portuguesa I			
Fundamentos do Pensamento Sociológicos	Língua Latina I	Psicologia da Educação	Literatura Portuguesa III				

PRE fluxogramas

Letras - Língua Portuguesa (Lic) - N

CZ

Curso

Língua Inglesa Instrumental	Linguística II	Literatura Portuguesa I	Literatura Brasileira I	Língua Brasileira de Sinais	Didática	História da Língua Portuguesa	Introdução a Novas Mídias
Linguística I	Teoria da Literatura II	Língua Latina I	Literatura Portuguesa II	Literatura Brasileira II	Estágio Curricular Supervisionado I	Literatura Clássica	
Teoria da Literatura I	Organização e Prática da Pesquisa Científica	Morfologia da Língua Portuguesa	Língua Latina II	Literatura Portuguesa III	Literatura Brasileira III	Estágio Curricular Supervisionado II	
Texto e Discurso	Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa	Leitura e Produção de Gêneros I	Morfossintaxe da Língua Portuguesa	Língua Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa	Sintaxe da Língua Portuguesa II	Literatura Brasileira IV	
Fundamentos do Pensamento Filosófico	Fundamentos do Pensamento Sociológico	Psicologia da Educação	Leitura e Produção de Gêneros II	Sintaxe da Língua Portuguesa I			

PRE fluxogramas

Letras - Língua Vernácula (Lic) - M

CZ

Curso

Língua Inglesa Instrumental
Texto e Discurso
Fundamentos do Pensamento Filosófico
Fundamentos do Pensamento Sociológico

PRE fluxogramas **Matemática (Lic) - D** CZ Curso

Língua Portuguesa	Desenho Geométrico I	Geometria Euclidiana Espacial	Cálculo Diferencial e Integral III	Álgebra Linear	Equações Diferenciais Aplicadas	Fundamentos da Mecânica Clássica II	Língua Brasileira de Sinais
Psicologia da Educação	Didática	Metodologia do Ensino de Matemática I	Introdução a Teoria dos Números	Estruturas Algébricas	Estágio Curricular Supervisionado II	Estágio Curricular Supervisionado III	Estágio Curricular Supervisionado IV
Matemática para o Ensino Médio	Educação Etnicorracial e Diversidade	Inst. Pz Ens. de Matemática	Introdução À História da Matemática	Prat Ens Mat no Ens Med e de Jov e Adult	Língua Inglesa Instrumental	Análise Matemática I	
Trigonometria e Números Complexos	Cálculo Diferencial e Integral I	Política Educacional	Prat de Ens de Matemática no Ens Fundamental	Estágio Curricular Supervisionado I	Ecologia Geral	Probabilidade e Estatística	
Lógica Aplicada À Matemática	Geometria Euclidiana Plana	Introdução À Ciência da Computação	Metodologia do Ensino de Matemática II	Filosofia da Educação Matemática	Fundamentos da Mecânica Clássica I		
Informática no Ensino de Matemática	Álgebra Vetorial e Geometria Analítica	Cálculo Diferencial e Integral II	Matemática Financeira				



PRE fluxogramas **Medicina - D** CZ Curso

Introdução a Medicina	Saúde da Família e Comunitária I	Sistema Urinário	Ingles Instrumental	Saúde da Família e Comunitária IV	Clinica Cirúrgica I	Saúde da Família e Comunitária VI	Saúde da Família e Comunitária VII	estágio Superv. em Clínica Médica II
Fundamentos de Anatomia Humana	Agentes Agressores e Mecan de Defesa I	Saúde da Família e Comunitária II	Psicologia Médica	Clinica Médica I	Doenças Infecciosas e Parasitárias	Clinica Médica III	Etica, Bioética e Medicina Legal	Estágio Supervisionado Clínica Cirúrgica
Genese e Desenvolvimento	Sistema Nervoso	Agentes Agressores e Mecan de Defesa II	Saúde da Família e Comunitária III	Cirurgia Ambulatorial	Saúde da Família e Comunitária V	Clinica Cirúrgica II	Saúde da Criança e do Adolescente	Estágio Superv Saúde Coletiva II
Iniciação Científica	Sistemas Endócrino e Reprodutor	Sist Cardiov Hematopoiética e Linfático	Alterações Gen e Dist do Ciclo Celular	Anestesiologia	Clinica Médica II	Urgência e Terapia Intensiva	Saúde da Mulher	Estágio Superv. em Clínica Médica I
Princ. Físicos e Químicos do Ser Humano		Sistema Respiratório	Semiologia	Diagnostico Por Imagem		Cursos e Administração	Clinica Médica e Cirúrgica	Estágio Supervisionado Pediatria I
Biologia e Fisiologia Celular e Tecidual		Sistema Digestório	Farmacologia				Seminário de Pesquisa	Estágio Superv Ginecologia e Obst
		Sistema Locomotor e Tegumentar					Atividades Complementares Resúmenes	Estágio Supervisionado Pediatria II



PRE fluxogramas		Pedagogia (Licenciatura) - M						CZ	Curso
Introdução a Sociologia	História da Educação I	História da Educação II	Políticas para Educação Básica	Educação, Cultura e Diversidade	Gestão Escolar	Fund. e Met. do Ensino de Geografia	Estágio Sup nos Anos Inic do Ens Fundam	Tcc (Monografia)	
Introdução À Filosofia	Filosofia da Educação I	Psicologia da Educação III	Curículo e Escola	Arte e Educação	Seminários Temáticos I	Fund. e Met. do Ensino de História	Pesquisa em Educação II		
Metodologia Científica	Sociologia da Educação I	Fund. e Metodologia da Ed. Infantil I	Fund. e Metodologia da Ed. Infantil II	Avaliação da Aprendizagem	Educação Popular e Pedagogia Freireana	Pesquisa em Educação I			
Leitura e Produção Textual	Psicologia da Educação II	Filosofia da Educação II	Didática	Estágio Sup. em Educação Infantil	Ética e Educação	Seminários Temáticos II			
Sociedade Contemporânea e Pedagogia	Teorias da Educação	Sociologia da Educação II	Educação Inclusiva	Fund e Met do Ensino de Ling Portuguesa	Fund. e Met. do Ensino de Matemática				
Psicologia da Educação I	Iniciação ao Estudo Linguístico			Libras	Fund. e Met. do Ensino de Ciências				
				Tecnologias e Educação	Pionejamento e Projetos Est. em Educaç				

PRE fluxogramas		Química (Lic) - N						CZ	Curso
Língua Inglesa Instrumental	Didática	Política Educacional	Química Orgânica II	Físico-Química II	Química Experimental P/ Educação Básica	Química de Coordenação	Probabilidade e Estatística		
Língua Portuguesa	Cálculo Diferencial e Integral I	Química Orgânica I	Físico-Química I	Tópicos em Química Ambiental	Química Inorgânica Descritiva	Metodologia do Ensino de Química	Metodologia Científica		
Psicologia da Educação	Química Geral II	Química Orgânica Experimental	Instrumentação para o Ensino de Química	Química Analítica Qualitativa	Química Analítica Quantitativa	Geologia Geral	Estágio Curricular Sup em Química I		
Química Geral I	Química Geral Experimental II	Cálculo Diferencial e Integral II	Fundamentos da Mecânica Clássica II	Bioquímica	Inform e Ens das Cien Nat na Educ Básica	Fundamentos do Eletromagnetismo			
Química Geral Experimental I	Tópicos em História da Química		Biologia Celular		Prática de Ensino de Química I	Prática de Ensino de Química II			
	Fundamentos de Química Orgânica								

Cursos UFCCG		Ciências Contábeis - N		SS		Curso		
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período
Contabilidade Introdutória	Contabilidade Intermediária	Contabilidade Avançada	Análise das Demonstrações Contábeis	Auditoria	Contabilidade de Custos	Contabilidade Gerencial	Contabilidade e Educação Ambiental	Gestão Atuarial
Fundamentos de Administração	Matemática Financeira	Direito Social Trab e Previdenciário	Direito Comercial	Contabilidade Pública	Est. Sup. - Cont e Auditoria Governamental	Controladoria	Direitos Humanos e Educação Especial	Perícia Contabil
Fundamentos de Economia	Met. e Técnicas de Pesquisa Científica	Estatística Aplicada a Contabilidade	Est. Sup. - Fiscal e Pessoal	Direito Tributário e Financeiro	Gestão Financeira	Estágio Superv. - Auditoria Contabil	Ética Profissional	Trabalho de Conclusão de Curso
Matemática Básica		Fundamentos de Informática	Métodos Quant Aplic a Contabilidade	Est. Sup. - Contabilidade Financeira	Sistemas de Informações Gerenciais		Gestão Estratégica	
Portugues Instrumental		Sociologia Organizacional	Teoria da Contabilidade	Modelos de Gestão			Pesquisa Aplicada	

Cursos UFCCG		Serviço Social - M		SS		Curso	
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período
Introdução ao Serviço Social	Serviço Social I	Antropologia	Serviço Social III	Serviço Social IV	Debate Contemporâneo do Serviço Social	Serviço Social e Processo de Trabalho	Atividades Complementares Flexíveis
Sociologia I	Teoria Política Moderna	Serviço Social II	Questão Social no Brasil	Política Social II	Pesquisa em Serviço Social	Seminário de Monografia	Política de Previdência Social
Filosofia	Filosofia Política	Teoria Política Contemporânea	Movimentos Sociais	Metodologia da Pesquisa	Política de Assistência Social	Planejamento Social	Trabalho de Conclusão de Curso
Psicologia Social	Sociologia II	Direito e Legislação Social	Trabalho e Sociabilidade	Ética Profissional	Política de Prof a Criança e ao Adolesc.	Seminário Temático II	Política de Saúde no Brasil
Formação Social do Brasil	Influências Filosóficas no Serv Social	Economia Política e Serviço Social	Política Social I	Seguridade Social do Brasil	Seminário Temático I	Estágio Curricular Supervisionado II	
Metodologia do Trabalho Acadêmico					Estágio Curricular Supervisionado I		

Cursos UFCG		Administração - N							SS	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período		
Matemática Básica	Matemática Financeira	Teoria Geral das Organizações	Contabilidade de Custos	Contabilidade Gerencial	Administração da Produção II	Empreendedorismo	Estágio Curricular Supervisionado I	Estágio Curricular Supervisionado II		
Met. e Técnicas de Pesquisa Científica	Teoria Geral da Administração II	Fundamentos de Marketing	Administração de Rec. Mat e Patrimoniais	Administração da Produção I	Pesquisa Operacional	Administração Financeira II	Administração Pública	Jogos de Empresas		
Teoria Geral da Administração I	Redação Empresarial	Contabilidade Básica	Administração de Pessoas I	Administração de Pessoas II	Administração de Sist de Informação II	Administração Logística	Elaboração de Projeto de Pesquisa	Trabalho de Conclusão de Curso		
Introdução à Informática	Filosofia	Análise Econômica I	Administração de Marketing	Administração de Sist de Informação I	Administração Financeira I	Elaboração e Análise de Projetos	Ética Profissional	Atividades Complementares Flexíveis		
Sociologia e Antropologia	Psicologia Organizacional	Estatística	Análise Econômica II	Direito Empresarial	Comportamento Organizacional		Administração de Serviços			
	Instituições de Direito Público e Privado						Planejamento e Administração Estratégica			

Cursos UFCG		Ciências Contábeis - N							SS	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período		
Contabilidade Introdutória	Contabilidade Intermediária	Contabilidade Avançada	Análise das Demonstrações Contábeis	Auditoria	Contabilidade de Custos	Contabilidade Gerencial	Contabilidade e Educação Ambiental	Gestão Atuarial		
Fundamentos de Administração	Matemática Financeira	Direito Social Trab e Previdenciário	Direito Comercial	Contabilidade Pública	Est. Sup. - Cont e Auditoria Governamental	Controladoria	Direitos Humanos e Educação Especial	Perícia Contábil		
Fundamentos de Economia	Met. e Técnicas de Pesquisa Científica	Estatística Aplicada a Contabilidade	Est. Sup. - Fiscal e Pessoal	Direito Tributário e Financeiro	Gestão Financeira	Estágio Superv. - Auditoria Contábil	Ética Profissional	Trabalho de Conclusão de Curso		
Matemática Básica		Fundamentos de Informática	Métodos Quant Aplic a Contabilidade	Est. Sup. - Contabilidade Financeira	Sistemas de Informações Gerenciais		Gestão Estratégica			
Português Instrumental		Sociologia Organizacional	Teoria da Contabilidade	Modelos de Gestão			Pesquisa Aplicada			

Cursos UFCG		Serviço Social - M						SS	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período		
Introdução ao Serviço Social	Serviço Social I	Antropologia	Serviço Social III	Serviço Social IV	Debate Contemporâneo do Serviço Social	Serviço Social e Processo de Trabalho	Atividades Complementares Flexíveis		
Sociologia I	Teoria Política Moderna	Serviço Social II	Questão Social no Brasil	Política Social II	Pesquisa em Serviço Social	Seminário de Monografia	Política de Previdência Social		
Filosofia	Filosofia Política	Teoria Política Contemporânea	Movimentos Sociais	Metodologia da Pesquisa	Política de Assistência Social	Planejamento Social	Trabalho de Conclusão de Curso		
Psicologia Social	Sociologia II	Direito e Legislação Social	Trabalho e Sociabilidade	Ética Profissional	Política de Prof a Criança e ao Adolesc	Seminário Temático II	Política de Saúde no Brasil		
Formação Social do Brasil	Influências Filosóficas no Serv Social	Economia Política e Serviço Social	Política Social I	Seguridade Social do Brasil	Seminário Temático I	Estágio Curricular Supervisionado II			
Metodologia do Trabalho Acadêmico					Estágio Curricular Supervisionado I				

Cursos UFCG		Ciências Biológicas (Lic) - D						PT	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período		
História, Filosofia e Metod. da Ciência	Evolução	Fundamentos de Geologia e Pedologia	Microbiologia	Língua Brasileira de Sinais	Paleont., Paleocologia e Hist da Terra	Genética do Proc. Evol e da Conserv. Biolo	Programa de Saúde		
Sistemática e Biogeografia	Flora Local	Didática para o Ensino de Cienc. e Biol.	Anatomia Animal Comparada	Fisiologia Vegetal	Fisiologia Animal Comparada	Imunologia	Estágio Supervisionado IV		
Sociologia e Antropologia da Educação	Física para Ciências Biológicas	Biol. e Sist. de Algas Briof. e Pteridof.	Genética Molecular	Biologia e Sistem. de Plantas Fanerogamas	Estágio Supervisionado II	Estágio Supervisionado III	Trabalho de Conc. de Curso - Tcc (Monografia)		
Meio Ambiente Físico e Ecossistemas	Psicologia da Educação	Ecologia Geral	Biofísica	Método e Prát do Ens de Cien e Biologia	Parasitologia		Atividades Complementares Flexíveis		
Matemática Aplicada à Biologia	Biologia Celular e Molecular	Genética Básica	Biologia e Sistemática de Invertebrados	Instrumentação para o Ensino de Ciências	Instrumentação para o Ens de Biologia				
Morfologia e Anatomia Vegetal	Tec. de Coleta e Prep. de Mater. Zoológico	Bioestatística	Estrutura e Func do Ens Fund e Medio	Biologia e Sistemática de Cordados					

Cursos UFCG		Ciências Biológicas (Lic) - N							PT	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período		
História, Filosofia e Metod. da Ciência	Psicologia da Educação	Evolução	Ecologia Geral	Didática para o Ensino de Cienc. e Biol.	Fisiologia Vegetal	Língua Brasileira de Sinais	Ecologia de Populações e Comunidades	Paleont., Paleocologia e Hist da Terra		
Sistemática e Biogeografia	Biologia Celular e Molecular	Flora Local	Anatomia Animal Comparada	Biol. e Sist. de Algas Briof. e Pteridof.	Microbiologia	Método e Prát do Ens de Cien e Biologia	Estágio Supervisionado II	Genética do Proc. Evol e da Conserv. Biolo		
Sociologia e Antropologia da Educação	Fundamentos de Geologia e Pedologia	Física para Ciências Biológicas	Genética Básica	Bioestatística	Estrutura e Func do Ens Fund e Medio	Instrumentação para o Ensino de Ciências	Parasitologia	Imunologia		
Morfologia e Anatomia Vegetal	Tec. de Coleta e Prep. de Mater. Zoológico	Meio Ambiente Físico e Ecossistemas	Biofísica	Genética Molecular	Biologia e Sistem. de Plantas Fanerogamas	Estágio Supervisionado I	Instrumentação para o Ens de Biologia	Estágio Supervisionado III		
Química Geral e Orgânica	Matemática Aplicada à Biologia	Hist e Emb Anim. Com Enf nos Vertebrados	Bioquímica	Biologia e Sistemática de Invertebrados	Biologia e Sistemática de Cordados	Fisiologia Animal Comparada				

Cursos UFCG		Engenharia Florestal - D							PT	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período		
Fund para Cálculo Diferencial e Integral	Cálculo Diferencial e Integral	Metodologia Científica e Tecnológica	Fisiologia Vegetal	Política e Legislação Florestal	Introdução à Economia	Produtos Energéticos Madeira	Estruturas de Madeira	Avaliação e Perícias Rurais		
Informática	Ecologia Geral	Bioquímica Vegetal	Genética Básica	Biologia e Prod de Sementes Florestais	Comunicação e Extensão Rural	Economia e Administração Florestal	Manejo de Áreas Silvestres	Construções Rurais		
Morfologia e Anatomia Vegetal	Expressão Gráfica	Termodinâmica	Estrutura Anatômica e Química da Madeira	Ecossistemas Florestais	Mecanização Florestal	Implantação e Manut de Povoam Florestais	Sistemas Agroflorestais	Gestão Empresarial e Marketing		
Filosofia e Ética Profissional	Mecânica	Zoologia Geral	Hidrologia Básica	Entomologia Florestal	Nutrição de Essências Florestais	Manejo de Bacias Hidrográficas	Sist de Inform Geog Aplica C. Florestal	Proteção Contra Incêndios Florestais		
Química Geral	Microbiologia Geral	Dendrologia	Pedologia e Física dos Solos	Meteorologia e Climatologia Florestal	Prop. Físicas e Mecânicas da Madeira	Tecnol e Indus de Prod Florestais	Manejo e Conservação dos Solos	Recuperação de Áreas Degradadas		
	Química Analítica	Topografia	Fotogrametria e Fotointerpretação	Patologia Florestal	Hidráulica	Colheita e Transporte Florestal	Manejo Florestal			

Cursos UFCG		Medicina Veterinária - D							PT	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período		
Histologia Geral e Embriologia	Bioestatística	Farmacologia	Parasitologia Veterinária	Meios e Métodos de Diagnósticos	Pat. e Clí. Médica de Caninos e Felinos	Patologia e Clínica Médica de Ruminantes	Economia e Administração Rural	Epidemiol. das Doenças Infect. Contagiosas		
Química Biológica	Anat Topográfica dos Anim Domésticos II	Bioclimatologia	Oficina Interdisciplinar I	Anestesiologia e Tec Cirúrgica Veterin.	Pat. e Clí. Médica de Equídeos e Suínos	Reprodução e Obstetria de Ruminantes	Produção de Ruminantes	Epidemiologia das Doenças Parasitárias		
Introdução à Biologia Molecular e Celular	Estágio Supervisionado I	Estágio Supervisionado II	Patologia Animal	Anatomia Topográfica Aplicada	Reprod. e Obst. de Caninos e Felinos	Biotécnica da Reprodução	Produção de Aves e Suínos	Zoonoses e Saúde Pública		
Anat Topográfica dos Anim Domésticos I	Sociologia Rural	Fisiologia Veterinária	Microbiologia Veterinária		Reprod. e Obst. de Equídeos e Suínos	Patologia Cirúrgica Veterinária	Melhoramento Animal	Tec e Insp Prod Orig Anim (Leite e Deriv)		
Bioquímica Aplic. à Medicina Veterinária	Informática	Deontologia	Imunologia Veterinária		Epidemiologia	Pesquisa Aplicada	Farragicultura	Tec e Insp Prod Orig Anim (Carne e Deriv)		
Ecologia	Histologia Veterinária		Nutrição Animal							

Cursos UFCG		Odontologia - D							PT	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período		
Biologia Celular e Molecular	Anatomia Topográfica (Cabeça e Pescoço)	Patologia Geral	Pré - Clínica Multidisciplinar II	Pré - Clínica Multidisciplinar III	Estágio Superv em Sist Pub de Saúde II	Clínica Multidisciplinar II	Clínica Multidisciplinar III	Traumat e Recost Buco - Maxilo - Facial		
Anatomia Geral	Fisiologia Humana	Epidemiologia Odontológica	Bioquímica e Fisiologia Bucal	Estágio Sup em Sist Público de Saúde I	Propedeutica Estomatologica IV	Pré - Clínica Multidisciplinar V	Clínica Infantil II	Est. Sup. em Clín. Multidisciplinar III		
Histologia Geral e Embriologia	Bioquímica Geral	Parasitologia	Propedeutica Estomatologica II	Odontologia Legal e Deontologia	Clínica Multidisciplinar I	Clínica Infantil I	Est. Sup. em Clín. Multidisciplinar II	Est. Sup. em Clín. Multidisciplinar IV		
Biofísica	Hist. e Emb. Odontologica e de Sistemas	Farmacologia Geral	Materiais Dentários	Ética e Legislação Odontologia	Pré - Clínica Multidisciplinar IV	Est. Sup. em Clín. Multidisciplinar I		Elab do Proj do Trab de Conc de Curso		
Antropologia Cultural e Humana	Microbiologia	Microbiologia Bucal	Terapeutica e Anestesiologia	Propedeutica Estomatologica III				Estágio Sup em Sist Público de Saúde III		
Saúde Coletiva I	Saúde Coletiva II	Pré - Clínica Multidisciplinar I		Inglês Instrumental				Odontogeriatría		

Cursos UFCG		Ciências Biológicas (Lic) - D						CT	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período		
Biologia Celular	Embriologia e Histologia	Anatomia Humana Básica	Ecologia Geral	Ecologia de Ecossistemas Aquáticos	Ecologia de Ecossistemas Terrestres	Estágio Superv em Ensino de Biologia II	Trabalho de Conclusão de Curso		
Fundamentos de Química	Morfologia e Anatomia Vegetal	Sistemática de Fanerógamas	Fisiologia Vegetal	Genética Geral	Genética de Populações e Evolução	Paleontologia	Estágio Superv em Ensino de Biologia III		
Zoologia dos Invertebrados I	Zoologia dos Invertebrados II	Zoologia dos Cordados I	Zoologia dos Cordados II	Microbiologia	Geologia	Met. Científica para o Ens. da Biologia	Língua Brasileira de Sinais		
Botânica Criptogâmica	Bioquímica Geral	Física e Biofísica	Fisiologia Animal Comparada	Instrumentação no Ensino de C. Biológicas	Recursos Tec para o Ens de C. Biológicas	Legislação da Educação Básica			
Prática em Ensino de C. Biológicas I	Matemática Básica	Bioestatística	Prática em Ensino de C. Biológicas IV	Psicologia e Educação	Estágio Superv em Ensino de Biologia I	Avaliação e Aprendizagem			
Língua Portuguesa	Prática em Ensino de C. Biológicas II	Prática em Ensino de C. Biológicas III	Filosofia e Sociologia da Educação		Planejamento em Educação				

Cursos UFCC		Ciências Biológicas (Lic) - N							CT	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período		
Biologia Celular	Morfologia e Anatomia Vegetal	Língua Portuguesa	Fisiologia Vegetal	Ecologia Geral	Ecologia de Ecossistemas Aquáticos	Ecologia de Ecossistemas Terrestres	Estágio Superv em Ensino de Biologia I	Estágio Superv em Ensino de Biologia II		
Fundamentos de Química	Zoologia dos Invertebrados II	Anatomia Humana Básica	Zoologia dos Cordados II	Microbiologia	Genética Geral	Genética de Populações e Evolução	Paleontologia	Trabalho de Conclusão de Curso		
Zoologia dos Invertebrados I	Embriologia e Histologia	Sistemática de Fanelógamas	Fisiologia Animal Comparada	Instrumentação no Ensino de C. Biológicas	Recursos Tec para o Ens de C. Biológicas	Geologia	Legislação da Educação Básica	Avaliação e Aprendizagem		
Botânica Criptogâmica	Bioquímica Geral	Zoologia dos Cordados I	Prática em Ensino de C. Biológicas IV	Filosofia e Sociologia da Educação	Psicologia e Educação	Met. Científica para o Ens. da Biologia	Planejamento em Educação			
Prática em Ensino de C. Biológicas I	Prática em Ensino de C. Biológicas II	Prática em Ensino de C. Biológicas III	Matemática Básica	Bioestatística	Física e Biofísica					

Cursos UFCC		Enfermagem - D							CT	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período		
História da Enfermagem	Genética Geral	Saúde Coletiva I	Informática Aplicada à Saúde	Enfermagem na Saúde do Idoso	Enfermagem na Saúde do Adulto II	Processo de Trabalho em Saúde	Enfermagem Cirúrgica II	Estágio Supervisionado em Enfermagem I		
Seminário Integrador I	Epidemiologia e Saúde	Ética, Legislação e Bioet. em Enfermagem	Métodologia da Assistência em Enfermagem	Antropologia da Saúde	Enfermagem Obstétrica	Primeiros Socorros	Cuidados Críticos			
Anatomia Humana	Biofísica	Saúde Ambiental	Português	Enfermagem na Saúde da Mulher	Humanização em Saúde	Enfermagem em Neonatol e Saúde da Criança	Enferm na Saúde do Escolar e do Adolesc.			
Bioquímica Geral	Patologia Geral	Parasitologia Humana	Farmacologia Aplicada a Enfermagem	Psicologia e Saúde	Enfermagem em Oncologia	Enfermagem Cirúrgica I	Saúde e Sociedade			
Métodologia Científica Aplicada à Saúde	Seminário Integrador II	Farmacologia Geral	Semiologia e Semiotécnica II	Embriologia	Atenção Integral a Saúde do Homem	Educação em Saúde	Enfermagem na Saúde do Trabalhador			
Biologia Celular	Fisiologia	Semiologia e Semiotécnica I	Saúde Mental	Adm e Gestão em Serviços de Saúde I	Adm e Gestão em Serviços de Saúde II	Enfermagem em Psiquiatria				

Cursos UFCC		Farmácia - D							CT	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período		
Química Geral e Inorgânica	Química Orgânica I	Fundamentos de Biologia Molecular	Química Orgânica Experimental	Espectroscopia de Compostos Orgânicos	Imunologia Clínica	Tecnologia de Cosméticos	Cont. Qual. Física - Quim. Medic. e Cosm.	Estágio Superv. II [Análise Clínica]		
Matemática Básica	Química Analítica I	Química Analítica II	Psicologia e Saúde	Química Analítica Instrumental	Micologia e Virologia Clínica	Hematologia Clínica	Cont de Qual Microbiol de Medic e Cosm.			
Genética Geral	Biofísica	Bioquímica II	Patologia Geral	Atenção Farmacêutica	Parasitologia Clínica	Bioquímica Clínica	Controle de Qualidade de Alimentos			
Introdução a Farmácia	Bioestatística	Fundamentos de Físico - Química	Gestão Farmacêutica	Fitoterapia	Farmácia Hospitalar	Tecnologia Farmacêutica	Estágio Supervisionado I			
Anatomia Humana	Saúde e Sociedade	Parasitologia Humana	Química Farmacêutica I	Química Farmacêutica II	Enzimologia Industrial	Tecnologia de Alimentos				
Métodologia Científica Aplicada à Saúde	Bioquímica I	Química Orgânica II	Bromatologia Geral	Farmacologia II	Farmacotécnica II	Deontologia Farmacêutica				

Cursos UFCC								Física (Lic) - D	CT	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período			
Cálculo Diferencial e Integral I	Física II	Física Experimental II	Física Experimental III	Física Experimental IV	Estágio Curricular Supervisionado I	Língua Brasileira de Sinais	Atividades Acadêmico - Científico - Culturais			
Física I	Algoritmos e Linguagens de Programação	Prof. de Ens. II - Termodinâmica e Ondas	Prática de Ens. III - Eletromagnetismo	Álgebra Linear para Física	Inglês Instrumental	Mecânica Quântica	Estágio Curricular Supervisionado III			
Introdução à Pesquisa em Física	Física Experimental I	Instrumentação II - Termodinâmica e Ondas	Instrumentação III - Eletromagnetismo	Física Moderna I	Eletromagnetismo	Laboratório de Física Moderna	Trabalho de Conclusão de Curso			
Álgebra Vetorial e Geometria Analítica	Prát. de Ensino I - Mecânica	Química Geral	Termodinâmica	Prática de Ensino IV - Ótica	Física Moderna II	História e Filosofia da Física				
Introdução à Prática em Ens. de Física	Instrumentação I: Mecânica	Cálculo Diferencial e Integral III	Física IV	Instrumentação IV - Ótica		Estágio Curricular Supervisionado II				
Psicologia e Educação	Cálculo Diferencial e Integral II	Física III	Equações Diferenciais Ordinárias	Mecânica Clássica						

Cursos UFCC									Física (Lic) - N	CT	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período			
Cálculo Diferencial e Integral I	Física II	Física Experimental II	Química Geral	Termodinâmica	Álgebra Linear para Física	Mecânica Clássica	Laboratório de Física Moderna	Língua Brasileira de Sinais			
Física I	Psicologia e Educação	Prof. de Ens. II - Termodinâmica e Ondas	Física Experimental III	Física Experimental IV	Física Moderna I	Física Matemática	História e Filosofia da Física	Mecânica Quântica			
Introdução à Pesquisa em Física	Física Experimental I	Instrumentação II - Termodinâmica e Ondas	Prática de Ens. III - Eletromagnetismo	Equações Diferenciais Ordinárias	Algoritmos e Linguagens de Programação	Estágio Curricular Supervisionado I	Estágio Curricular Supervisionado II	Estágio Curricular Supervisionado III			
Álgebra Vetorial e Geometria Analítica	Prát. de Ensino I - Mecânica	Cálculo Diferencial e Integral III	Instrumentação III - Eletromagnetismo	Prática de Ensino IV - Ótica	Inglês Instrumental	Física Moderna II	Eletromagnetismo	Trabalho de Conclusão de Curso			
Introdução à Prática em Ens. de Física	Instrumentação I: Mecânica	Física III	Física IV	Instrumentação IV - Ótica							
	Cálculo Diferencial e Integral II	Planejamento em Educação	Avaliação e Aprendizagem	Legislação da Educação Básica							

Cursos UFCC								Matemática (Lic) - D	CT	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período			
Álgebra Vetorial e Geometria Analítica	Cálculo Diferencial e Integral I	Geometria Euclidiana	Física Geral e Experimental I	Física II	Análise na Reta	Introdução as Variáveis Complexas	Língua Brasileira de Sinais			
Psicologia e Educação	Língua Portuguesa	Cálculo Diferencial e Integral II	Cálculo Diferencial e Integral III	Cálculo Diferencial e Integral IV	Estruturas Algébricas	Introdução à História da Matemática	Atividades Acadêmico - Científico - Culturais			
Fundamentos de Matemática	Desenho Geométrico	Estatística Descritiva	Probabilidade e Inferência Estatística	Equações Diferenciais Ordinárias	Introdução Aos Métodos Numéricos	Estágio Supervisionado II	Trabalho de Conclusão de Curso			
Introd. a Lógica e a Ling. Matemática	Introdução a Teoria dos Números	Álgebra Linear I	Metodologia do Ensino da Matemática III	Algoritmos e Linguagens de Programação	Laboratório de Ensino de Matemática	Filosofia e Sociologia da Educação	Estágio Supervisionado III			
Informática Aplicada ao Ensino	Metodologia do Ensino da Matemática I	Avaliação e Aprendizagem	Computador no Ensino da Matemática	Ens da Matem. Atraves da Res. de Problemas	Estágio Supervisionado I					
	Planejamento em Educação	Metodologia do Ensino da Matemática II	Metodologia Científica	Legislação da Educação Básica						

Cursos UFCG		Matemática (Lic) - N							CT	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período		
Álgebra Vetorial e Geometria Analítica	Cálculo Diferencial e Integral I	Desenho Geométrico	Cálculo Diferencial e Integral III	Física Geral e Experimental I	Física II	Análise na Reta	Estágio Supervisionado I	Estágio Supervisionado II		
Psicologia e Educação	Língua Portuguesa	Cálculo Diferencial e Integral II	Metodologia do Ensino da Matemática III	Cálculo Diferencial e Integral IV	Equações Diferenciais Ordinárias	Estruturas Algébricas	Introdução as Variáveis Complexas			
Fundamentos de Matemática	Metodologia Científica	Álgebra Linear I	Geometria Euclidiana	Probabilidade e Inferência Estatística	Algoritmos e Linguagens de Programação	Introdução Aos Métodos Numéricos	Introdução à História da Matemática			
Introd. a Lógica e a Ling. Matemática	Metodologia do Ensino da Matemática I	Metodologia do Ensino da Matemática II	Estatística Descritiva	Computador no Ensino da Matemática	Ens da Matem. Atraves da Res. de Problemas	Laboratório de Ensino de Matemática				
Informática Aplicada ao Ensino		Planejamento em Educação	Avaliação e Aprendizagem	Introdução a Teoria dos Numeros	Filosofia e Sociologia da Educação	Legislação da Educação Básica				

Cursos UFCG		Nutrição - D							CT	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período			
Informática Aplicada à Saúde	Microbiologia e Imunologia	Avaliação Nutricional	Nutrição e Ciclo de Vida I	Tecnologia de Alimentos	Nutrição Experimental	Prat em Gestão de Unid de Alim Coletiva	Estag Sup em Unidades de Alim Coletiva			
Anatomia Humana Basica	Epidemiologia	Microbiologia dos Alimentos	Técnica Dietética	Nutrição e Ciclo de Vida II	Nutrição e Ciclo da Vida III	Prática em Nutrição Clínica	Estágio Superv. em Nutrição Clínica			
Metodologia Científica Aplicada à Saúde	Saúde e Sociedade	Antropologia da Nutrição	Bioquímica dos Alimentos	Dietética	Análise Sensorial de Alimentos	Estag Sup em Saúde Coletiva	Trabalho de Conclusão de Curso			
Parasitologia Humana	Bioestatística	Patologia Geral	Higiene e Legislação Sanitária de Alimen	Gestão de Unid de Alimentação Coletiva I	Ética, Bioética e Orient Profissional					
Citologia	Genética	Bioquímica da Nutrição	Fisiopatologia da Nutrição	Farmacologia Aplicada a Nutrição	Gestão de Unid de Alimentação Coletiva II					
Química de Biomolécula	Bioquímica	Bromatologia Geral	Nutrição em Saúde Coletiva	Nutrição em Atividade Física	Projeto de Pesquisa em Nutrição					

Cursos UFCG		Nutrição - N							CT	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período		
Anatomia Humana Basica	Parasitologia Humana	Bioquímica da Nutrição	Nutrição e Ciclo de Vida I	Tecnologia de Alimentos	Nutrição e Ciclo da Vida III	Nutrição em Atividade Física	Vigilancia Nutricional e Saúde Publica	Prática em Nutrição Clínica		
Informática Aplicada à Saúde	Microbiologia e Imunologia	Epidemiologia	Técnica Dietética	Nutrição e Ciclo de Vida II	Análise Sensorial de Alimentos	Nutrição Experimental	Projeto de Pesquisa em Nutrição	Estag Sup em Unidades de Alim Coletiva		
Citologia	Psicologia e Saúde	Patologia Geral	Avaliação Nutricional	Dietética	Ética, Bioética e Orient Profissional	Prática em Saúde Coletiva	Introdução a Gastronomia	Atividades Complementares Flexíveis		
Química de Biomolécula	Bioestatística	Metodologia Científica Aplicada à Saúde	Microbiologia dos Alimentos	Higiene e Legislação Sanitária de Alimen	Gestão de Unid de Alimentação Coletiva I	Gestão de Unid de Alimentação Coletiva II	Dietoterapia II			
Introdução a Nutrição	Bioquímica	Saúde e Sociedade	Bioquímica dos Alimentos	Fisiopatologia da Nutrição	Farmacologia Aplicada a Nutrição	Dietoterapia I	Prat em Gestão de Unid de Alim Coletiva			
Embriologia e Histologia	Fisiologia Humana	Bromatologia Geral	Antropologia da Nutrição	Nutrição em Saúde Coletiva	Educação Nutricional					

Cursos UFCG		Química (Lic) - D		CT	Curso		
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período
História da Química	Cálculo Diferencial e Integral I	Química Orgânica I	Física II	Química Inorgânica Experimental	Instrumentação no Ensino de Química	Química Ambiental	Atividades Acadêmico - Científico - Culturais
Química Geral I	Informática Aplicada ao Ensino	Química Experimental	Química Inorgânica de Coordenação	Química Orgânica Experimental	Cinética Química	Língua Brasileira de Sinais	Estágio Superv. em Ensino de Química III
Introdução à Prática em Ens. de Química	Inglês Instrumental	Física Geral e Experimental I	Química Orgânica II	Química Analítica II	Estágio Superv. em Ensino de Química I	Estágio Superv. em Ensino de Química II	Trabalho de Conclusão de Curso
Princípios de Segurança em Laboratórios	Química Geral II	Química Inorgânica Descritiva	Química Analítica I	Físico - Química II	Química Analítica Experimental	Bioquímica Geral	
Metodologia Científica	Pesquisa no Ensino de Química	Filosofia e Sociologia da Educação	Físico - Química I	Estatística Descritiva	Físico - Química Experimental		
Álgebra Vetorial e Geometria Analítica	Legislação da Educação Básica	Cálculo Diferencial e Integral II	Metodologia do Ensino de Química I	Planejamento em Educação	Avaliação e Aprendizagem		

Cursos UFCG		Química (Lic) - N		CT	Curso			
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período
Química Geral I	Cálculo Diferencial e Integral I	Química Orgânica I	Física Geral e Experimental I	Física II	Físico - Química I	Físico - Química II	Cinética Química	Atividades Acadêmico - Científico - Culturais
Introdução à Prática em Ens. de Química	História da Química	Química Experimental	Química Inorgânica Descritiva	Química Inorgânica de Coordenação	Química Inorgânica Experimental	Instrumentação no Ensino de Química	Físico - Química Experimental	Estágio Superv. em Ensino de Química III
Princípios de Segurança em Laboratórios	Informática Aplicada ao Ensino	Inglês Instrumental	Química Orgânica II	Química Analítica I	Química Analítica II	Estágio Superv. em Ensino de Química I	Língua Brasileira de Sinais	Trabalho de Conclusão de Curso
Metodologia Científica	Psicologia e Educação	Pesquisa no Ensino de Química	Metodologia do Ensino de Química I	Química Orgânica Experimental	Estatística Descritiva	Química Analítica Experimental	Estágio Superv. em Ensino de Química II	
Álgebra Vetorial e Geometria Analítica	Química Geral II	Cálculo Diferencial e Integral II	Filosofia e Sociologia da Educação	Química Ambiental	Avaliação e Aprendizagem		Bioquímica Geral	
Legislação da Educação Básica		Planejamento em Educação		Metodologia do Ensino de Química II				

Cursos UFCG		Ciências Sociais (Lic) - N		SM	Curso		
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período
Introdução a Sociologia	Informática Básica	Psicologia e Educação	Sociologia Brasileira	Curriculo e Escola	Estado e Políticas Públicas	Espanhol I	Língua Brasileira de Sinais
Prat. de Leitura e Produção de Textos	Sociologia e Educação	Teoria Sociológica II	Teoria Antropológica II	Teoria Política II	Sociologia Contemporânea	Avaliação dos Processos Educacionais	História e Cultura Afro - Brasileira
Introdução a Antropologia	Teoria Sociológica I	Teoria Antropológica I	Pensamento Político Brasileiro	Antropologia Brasileira	Sociedades Camponesas	Oficina de Projeto de Pesquisa	Atividades Complementares Flexíveis
Introdução à Ciência Política	Teoria do Conhecimento	Teoria Política I	Lab de Pesq e Prat Pedag em C Sociais III	Sociologia Rural	Lab de Pesq e Prat Pedag em C Sociais V	Sociologia do Desenvolvimento	Estágio Curricular Supervisionado II
Fund. de Pesquisa em Ciências Sociais	Lab de Pesq e Prat Pedag em C Sociais I	Lab de Pesq e Prat Pedag em C Sociais II	Pol. Educ. e Educação Básica no Brasil	Lab de Pesq e Prat Pedag em C Sociais IV	Tecnologia Educ e Proc de Aprendizagem	Estágio Curricular Supervisionado I	Trabalho de Conclusão de Curso
			Didática			Francês I	

Cursos UFCG		Agroecologia - D		SM	Curso	
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período
Lab Pesq e Ext em Des Rural I	Química Analítica Aplicada	Horticultura Básica	Agroec Aplic ao Cultivo de Oleícolas	Tecnologia de Alimentos	Administração e Empreendedorismo	Estágio Curricular Supervisionado
Informática Básica	Metodologia da Pesquisa e Seminários	Zootecnia Aplicada	Agroecologia Animal	Construções e Máquinas Rurais	Certificação de Sistemas Agroecológicos	Trabalho de Conclusão de Curso
Biologia do Semiarido	Ecologia do Semiarido	Impactos e Recup de Areas Degradadas	Irigação e Drenagem	Lab de Diagnose e Uso do Solo	Laboratório de Proc de Prod Agropecuario	Atividades Complementares Flexíveis
Hidrologia e Climatologia do Semiarido	Anato - Fisiologia Vegetal	Manejo Agroec de Doencas de Plantas	Agroec Aplic ao Cultivo de Frutíferas	Uso Sustentavel da Biodiversidade	Etologia	
Introdução a Agroecologia	Microbiologia Geral e do Solo	Manejo Agroecologico de Pragas	Agroec Aplic ao Cult de Plantas Aliment	Direito Agrario e Ambiental	Elaboração e Aval. de Proj. Econômicos	
Solos do Semiarido	Entomologia Geral	Pedologia e Classificacao dos Solos	Lab de Prod de Defensivos Agroecologicos			

Cursos UFCG		Gestão Pública - N		SM	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período
Instituições de Direito Pub e Privado	Informática Básica	Gestão de Pessoas na Adm Pública	Logística e Patrimonio na Adm Pública	Gestão Pública Sustentavel	Trabalho de Conclusão de Curso
Teoria Política do Estado	Administração Estratégica	Direito Administrativo	Fundamentos de Sociologia	Direito Tributario	Elab de Proj e Capt de Recurs Públicos
Prat. de Leitura e Produção de Textos	Metodologia Científica	Estatística Básica	Teoria Geral do Processo	Gestão das Organ do Terceiro Setor	Estágio Supervisionado
Fundamentos e Teorias da Administração	Lab de Pesquisa em Políticas Públicas I	Cont Internos e Externos da Gest Pública	Federalismo Fiscal	Projeto de Pesquisa	Atividades Complementares Flexíveis
Fundamentos da Economia	Matemática Financeira	Ética		Avaliação de Políticas Públicas	
	Direito Constitucional	Padroes de Rel Executivo - Legislativo			

Cursos UFCG		Educação do Campo (Lic) - D		SM	Curso		
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período
Antropologia e Educação	Informática Básica	Psicologia e Educação	Introdução à Biologia Molecular e Celular	Teoria Sociologica I	Teoria Sociologica II	Sociologia Rural	Trabalho de Conclusão de Curso
Introdução à Filosofia	Filosofia e Educação	Tecnologia Educ e Proc de Aprendizagem	Lab de Pes e Prat Ped em Ed do Campo IV	Microbiologia Básica	Introdução à Química Inorgânica	Etnologia Indígena no Brasil	Estágio Curricular Supervisionado IV
Introdução a Sociologia	Sociologia e Educação	Didática	Inglês I	Introdução à Química Geral	Educação de Jovens e Adultos	Estágio Curricular Supervisionado III	Met do Ens de C. Hum e Soc no Ens Medio
Fundamentos Históricos da Educação	Cultura Corporal	Introdução Às Ciências da Natureza	Curriculo e Escola	Língua Brasileira de Sinais	História e Cultura Afro - Brasileira	Geografia da Paraíba	Met do Ens de C. Exat e da Nat no Ens Med
Pesquisa em Educação	Educação do Campo	Introdução Às Ciências Humanas e Sociais	Educação Especial	Avaliação dos Processos Educacionais	Estágio Curricular Supervisionado II	História da Paraíba	Met do Ens de L. Est no Ens Fund e Medio
Prat. de Leitura e Produção de Textos	Pol. Educ. e Educação Básica no Brasil	Introdução Aos Estudos de Ling e Codigos	Gestão dos Processos Educativos	Estágio Curricular Supervisionado I	Cartografia Geral	Met do Ens de C. Hum e Soc no Ens Fundam	Atividades Acadêmico - Científico - Culturais

	Física Geral I	Física Geral II	Anatomia e Fisiologia Humana	Exat e ou Nat no Ens Fund
	Matemática na Educação Básica II	Matemática na Educação Básica III	Geometria Plana, Espacial e Analítica	Literatura Infantil
	Fundamentos da Ciência da Linguagem	Fund Fonet e Fonolog da Língua Portuguesa	Aspect Morfosintáticos da L Portuguesa	Pedagogia do Teatro
	Teoria da Literatura	Literatura Brasileira	Processos de Alfabetização e Letramento	Ed. Física no Ens. Fund. e Ens. Médio
	Espanhol I	Educação Musical	Oficina de Artes Visuais	Met Ens de Ling Part no Ens Fund e Medio
		Introdução a Sociolinguística	Literatura e Cultura Popular	
		Inglês II	Introdução à Física Geral III	

Cursos UFCG		Eng. de Biotecnologia e Bioprocessos - D						
SM		Curso						
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período
Int. a Eng. de Biotec. e Bioprocessos	Cálculo Diferencial e Integral II	Uso Sustentavel da Biodiversidade	Física Geral III	Química Analítica Aplicada	Resistencia dos Materiais	Farmacobiotecnologia	Recuperação e Purificação de Bioprocessos	Administração e Empreendedorismo
Biologia Celular e Molecular	Álgebra Linear	Equações Diferenciais Lineares	Física Experimental	Melhoramento Vegetal	Fundamentos de Engenharia Genética	Melhoramento Animal	Instrumentação e Controle de Processos	Gestão da Qualidade
Cálculo Diferencial e Integral I	Física Geral I	Probabilidade e Estatística	Termodinâmica	Mecânica Geral	Cultura de Celulas Animais	Cinética e Cálculo de Bioreatores	Relação Ciência, Tecnologia e Sociedade	Tratamento de Efluentes
Introdução à Ciência da Computação	Desenho Técnico	Física Geral II	Físico - Química	Fenômenos de Transporte	Cultura de Tecidos Vegetais	Modelagem e Simulação	Planejamento Experimental	Biotecnologia Ambiental
Química Geral	Genética Molecular	Programação	Bioquímica	Enzimologia e Tecnologia da Fermentação	Toxicologia	Imunologia Geral e Vacinologia	Bioinformática	Projeto de Indústria de Bioprocessos
Química Experimental	Introdução à Ciência dos Materiais	Química Orgânica	Lab. de Bioquímica e Biologia Molecular	Eleticidade Básica	Operações Unitárias		Biomateriais	Direito e Ética

Cursos UFCG		Engenharia de Biosistemas - D						
SM		Curso						
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período
Biologia Celular e Molecular	Cálculo Diferencial e Integral II	Química Analítica Aplicada	Física Geral III	Bioquímica	Resistencia dos Materiais	Laboratório de Hidráulica	Processamento de Sinais em Biosistemas	Gestão Ambiental
Cálculo Diferencial e Integral I	Metodologia Científica	Introdução à Ciência dos Materiais	Programação	Físico - Química dos Solos	Microbiologia	Hidrologia Aplicada	Biocombustíveis	Agricultura de Precisão
Introdução à Ciência da Computação	Prof. de Leitura e Produção de Textos	Equações Diferenciais Lineares	Mecânica Geral	Fenômenos de Transporte	Princípios de Bioclimatologia	Economia	Qualidade de Água	Tratamento de Águas Residuárias
Química Geral	Álgebra Linear	Probabilidade e Estatística	Física Experimental	Inst. Elétricas e Eficiência Energética	Geoprocessamento	Biodireito	Controle em Processos Agropecuarios	Zootecnia de Precisão
Química Experimental	Desenho Técnico	Botânica	Genese e Morfologia dos Solos	Agrometeorologia	Administração e Empreendedorismo	Automação	Climatização e Autom. em Amb. Protegidos	Tecnologia de Secagem e Armazenamento
Int. a Eng. de Biosistemas	Física Geral I	Física Geral II	Termodinâmica	Anatomia Vegetal	Operações Unitárias	Grandes Cultivos	Drenagem Agrícola	Irrigação

Cursos UFGC		Engenharia de Produção - D							SM	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período		
Química Geral	Álgebra Linear	Probabilidade e Estatística	Equações Diferenciais Lineares	Resistência dos Materiais	Planejamento e Controle da Produção I	Planejamento e Controle da Produção II	Planejamento Estratégico	Automação		
Biologia Celular e Molecular	Física Geral I	Física Geral II	Direito	Ergonomia	Engenharia de Métodos	Pesquisa Operacional I	Gestão da Qualidade	Estratégias de Mercados Agroindustriais		
Cálculo Diferencial e Integral I	Desenho Técnico	Introdução à Ciência dos Materiais	Administração para Engenharia	Termodinâmica	Gestão Ambiental	Planejamento e Projeto de Produto	Custos da Produção	Projeto de Fábrica e Layout		
Química Experimental	Metodologia Científica	Introdução a Zootecnia	Mecânica Geral	Organização do Trabalho	Sistemas Agroindustriais	Gestão da Informação	Gestão, Inovação e Empreendedorismo	Controle Estatístico de Qualidade		
Int. a Eng. de Produção	Prat. de Leitura e Produção de Textos	Cálculo Diferencial e Integral III	Física Geral III	Engenharia Econômica	Higiene e Segurança do Trabalho	Logística e Distribuição	Pesquisa Operacional II	Gestão da Manutenção		
Sociologia e Cidadania	Cálculo Diferencial e Integral II	Programação	Física Experimental		Eletrotécnica		Simulação de Sistemas	Gestão de Projetos		

Cursos UFGC		Agroecologia - D					SM	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período		
Lab. Pesq. e Ext. em Des. Rural I	Química Analítica Aplicada	Horticultura Básica	Agroec. Aplic. ao Cultivo de Oleícolas	Tecnologia de Alimentos	Administração e Empreendedorismo	Estágio Curricular Supervisionado		
Informática Básica	Metodologia da Pesquisa e Seminários	Zootecnia Aplicada	Agroecologia Animal	Construções e Máquinas Rurais	Certificação de Sistemas Agroecológicos	Trabalho de Conclusão de Curso		
Biologia do Semiarido	Ecologia do Semiarido	Impactos e Recup. de Áreas Degradadas	Irrigação e Drenagem	Lab. de Diagnóstico e Uso do Solo	Laboratório de Prod. Agropecuária	Atividades Complementares Flexíveis		
Hidrologia e Climatologia do Semiarido	Anato - Fisiologia Vegetal	Manejo Agroec. de Doenças de Plantas	Agroec. Aplic. ao Cultivo de Frutíferas	Uso Sustentável da Biodiversidade	Etologia			
Introdução a Agroecologia	Microbiologia Geral e do Solo	Manejo Agroecológico de Pragas	Agroec. Aplic. ao Cult. de Plantas Aliment.	Direito Agrário e Ambiental	Elaboração e Aval. de Proj. Econômicos			
Solos do Semiarido	Entomologia Geral	Pedologia e Classificação dos Solos	Lab. de Prod. de Defensivos Agroecológicos					

Cursos UFGC		Agronomia - D							PL	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período		
Cálculo	Estatística Básica	Bioquímica	Microbiologia Geral	Genética na Agricultura	Entomologia Geral	Construções Rurais	Comunicação e Extensão Rural	Economia e Administração Rural		
Citologia e Histologia Vegetal	Metodologia Científica	Ecologia Geral	Agroecologia	Fertilidade do Solo	Entomologia Agrícola	Fitopatologia Agrícola	Biologia e Cont. de Plantas Daninhas	Farragicultura		
Desenho Técnico	Morfologia e Anatomia Vegetal	Mecânica e Termodinâmica	Agrometeorologia	Fotogrametria e Fotointerpretação	Manejo e Conservação do Solo	Fruticultura Geral	Fruticultura Tropical	Silvicultura		
Informática	Química Analítica	Sistemática Vegetal	Atributos e Classificação do Solo	Irrigação e Drenagem	Melhoramento de Plantas	Olericultura Geral	Grandes Culturas	Tecnologia de Prod. Agropecuárias		
Química Geral	Zoologia	Estatística Experimental	Hidráulica Agrícola	Máquinas e Mecanização Agrícola	Nutrição Mineral de Plantas	Produção e Tecnologia de Sementes	Produção de Hortaliças			
Agricultura Geral	Genese do Solo	Topografia	Fisiologia Vegetal	Microbiologia e Bioquímica do Solo	Zootecnia Geral	Sociologia Rural				

Cursos UFCG		Engenharia Ambiental - D							PL	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período		
Desenho Técnico	Estatística Básica	Química Analítica	Química Analítica Experimental	Laboratório de Física	Cartografia	Tratamento de Água de Abastecimento	Gestão Ambiental	Planejamento e Gestão de Rec Hídricos		
Cálculo I	Ecologia Geral	Estatística Experimental	Equações Diferenciais Lineares	Qualidade da Água	Hidráulica Aplicada	Economia Ambiental	Recursos Naturais e Energias Renováveis	Hidrogeologia		
Geometria Analítica e Álgebra Linear	Física I	Topografia	Termodinâmica	Conservação de Solo e Água	Sociologia	Rec de Areas Degrad e Bioremediação	Gerenciamento de Resíduos Sólidos	Legislação e Direito Ambiental		
Introdução a Engenharia Ambiental	Cálculo II	Física II	Física III	Teoria Geral da Administração	Análise da Água	Polução Atmosférica	Tratamento de Águas Residuárias	Avaliação de Impactos Ambientais		
Metodologia Científica	Geologia Geral	Cálculo III	Microbiologia Ambiental	Cálculo Numérico	Climatologia Ambiental	Hidrologia Aplicada	Geoprocessamento			
Biologia	Química Orgânica	Bioquímica Geral	Atributos Físicos e Químicos do Solo	Fenômenos de Transporte I	Princípios e Estrat da Educ Ambiental	Saneamento Ambiental				

Cursos UFCG		Engenharia Civil - D		PL	Curso
1º Período	2º Período	3º Período			
Química Geral	Desenho Técnico	Ciências do Ambiente			
Cálculo I	Geologia Geral	Introdução a Administração			
Geometria Analítica e Álgebra Linear	Cálculo II	Mecânica Geral I			
Desenho Básico e Geometria Descritiva	Física I	Física II			
Introdução a Engenharia Civil	Probabilidade e Estatística	Cálculo III			
Introdução a Programação		Metodologia Científica			

Cursos UFCG		Engenharia de Alimentos - D							PL	Curso
1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período		
Desenho Técnico	Estatística Básica	Estatística Experimental	Microbiologia Geral	Laboratório de Física	Princípios e Estrat da Educ Ambiental	Operações Unitárias II	Tecnologia de Grãos e Cereais	Controle de Processos		
Cálculo I	Química Analítica	Física II	Equações Diferenciais Lineares	Microbiologia de Alimentos	Análise Sensorial	Trat Biolog de Resíduos Agroindustriais	Instalações Industriais e Refrigeração	Planejamento e Proj na Ind de Alimentos		
Geometria Analítica e Álgebra Linear	Física I	Físico - Química	Termodinâmica	Princípios de Conservação de Alimentos	Operações Unitárias I	Controle de Qualidade na Ind de Alimentos	Operações Unitárias III	Tecnologia de Produção de Bebidas		
Metodologia Científica	Cálculo II	Cálculo III	Física III	Empreendedorismo na Engenharia	Bioquímica de Alimentos	Tecnologia de Leite e Derivados	Tecnologia de Carne, Ovos e Peixes			
Citologia e Histologia	Química Orgânica	Química Analítica Experimental	Química de Alimentos I	Cálculo Numérico	Química de Alimentos II	Tecnologia de Produtos Hortícolas	Tecn de Mater e Embalagens P/ Alimentos			
Introdução à Engenharia de Alimentos	Economia e Adm na Ind de Alimentos	Bioquímica Geral	Análise de Alimentos	Fenômenos de Transporte I	Higiene na Indústria de Alimentos	Fundamentos de Nutrição	Bioengenharia			